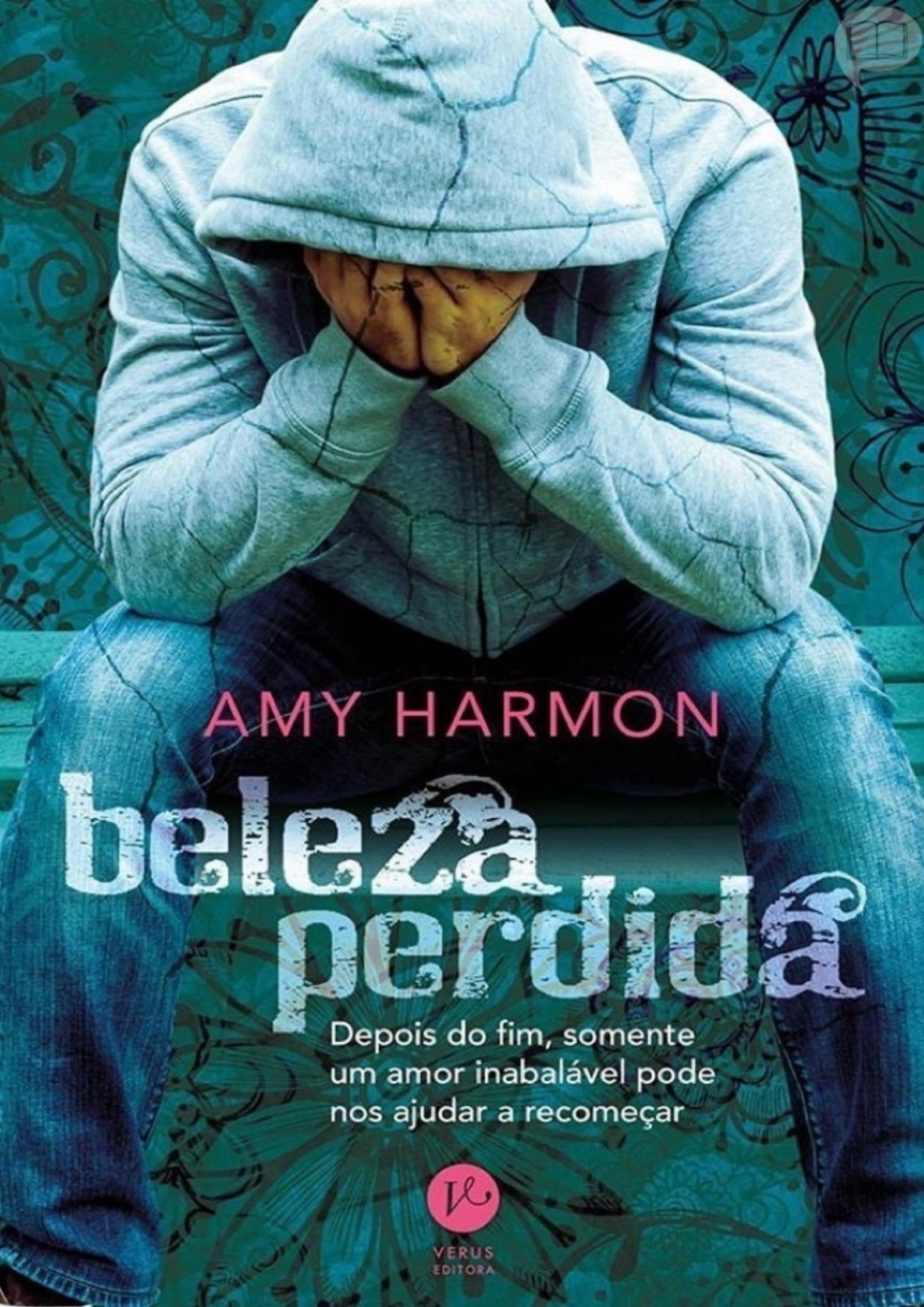




AMY HARMON

beleza perdida

Depois do fim, somente
um amor inabalável pode
nos ajudar a recomeçar



VERUS
EDITORA



Ambrose Young é lindo — alto e musculoso, com cabelos que chegam aos ombros e olhos penetrantes. O tipo de beleza que poderia figurar na capa de um romance, e Fern Taylor saberia, pois devora esse tipo de livro desde os treze anos. Mas, por ele ser tão bonito, Fern nunca imaginou que poderia ter Ambrose... até tudo na vida dele mudar.

Beleza perdida é a história de uma cidadezinha onde cinco jovens vão para a guerra e apenas um retorna. É uma história sobre perdas — perda coletiva, perda individual, perda da beleza, perda de vidas, perda de identidade, mas também ganhos incalculáveis. É um conto sobre o amor inabalável de uma garota por um guerreiro ferido.

Este é um livro profundo e emocionante sobre a amizade que supera a tristeza, sobre o heroísmo que desafia as definições comuns, além de uma releitura moderna de A Bela e a Fera, que nos faz descobrir que há tanto beleza quanto ferocidade em todos nós...

*Eu sou uma só,
Mas ainda sou uma.
Eu não posso fazer tudo,
Mas ainda posso fazer algumas coisas;
E porque não posso fazer tudo,
Não irei me recusar a fazer algo
Que posso fazer.*

- Edward Everett Hale

Prólogo

— Os gregos antigos acreditavam que após a morte, todas as almas, sejam boas ou ruins, iriam descer ao submundo, o reino de Hades, nas profundezas da Terra, e habitariam ali por toda a eternidade —, Bailey leu em voz alta, os olhos voando pela página.

— O submundo era guardado do mundo vivo por Cérbero um enorme cão vicioso de três cabeças, uma cauda de serpente como um dragão, e cabeças de cobras que revestiam suas costas. — Bailey estremeceu com a imagem que veio à sua mente, imaginando como Hércules se sentira quando viu o animal pela primeira vez, sabendo que tinha que dominar o animal com nada além de suas próprias mãos.

— Era a tarefa final de Hércules, seu trabalho final a realizar, e que seria a missão mais difícil de todas. Hércules sabia que, uma vez que descesse ao submundo, enfrentando monstros e fantasmas, demônios e criaturas místicas de todos os tipos ao longo de seu caminho, ele poderia nunca ser capaz de voltar para a terra dos vivos.

— Mas a morte não o assustava. Hércules havia enfrentado a morte muitas vezes, e ansiava pelo dia em que também seria entregue a sua servidão interminável. Então Hércules estava, secretamente, esperando ver no reino de Hades as almas dos entes queridos que tinha perdido, e agora, para quem pagaria penitência.

Super Estrela ou Super Herói

Primeiro dia de aula - Setembro de 2001

O ginásio da escola estava tão barulhento que Fern teve de se inclinar para baixo ao lado da orelha de Bailey e gritar para ser ouvida. Bailey era mais do que capaz de manobrar a cadeira de rodas através da multidão de alunos, mas Fern o empurrava para que pudessem ficar juntos mais facilmente.

— Você vê Rita? — Ela gritou, os olhos agitados. Rita sabia que tinha que se sentar na arquibancada inferior, a fim de Bailey se sentar perto delas. Bailey apontou, e Fern seguiu seu dedo para onde Rita estava acenando freneticamente, fazendo seus seios saltarem e seu fofo cabelo loiro balançar descontroladamente ao redor de seus ombros. Eles fizeram o seu caminho até ela, e Fern deixou Bailey assumir o controle de sua cadeira quando subiu até a segunda fila, sentando logo atrás de Rita, assim Bailey poderia posicionar sua cadeira no final do banco.

Fern odiava comícios. Ela era pequena e tendia a ser empurrada e esmagada não importando onde sentasse, e tinha pouco interesse em aplaudir e bater os pés. Suspirou, acomodando-se para a meia hora de gritos, música alta, e jogadores de futebol em frenesi.

— Por favor, levantem para o Hino Nacional —, uma voz explodiu, e o microfone gritou em protesto, levando as pessoas a se encolher e tapar os ouvidos, mas efetivamente acalmou o ginásio.

— Temos algo especial para hoje, meninas e meninos. — Connor O'Toole, também conhecido como Beans, estava segurando o microfone com um sorriso malicioso no rosto. Beans estava sempre aprontando

alguma coisa, e tinha a atenção de todos instantaneamente. Era parte Irlandês, parte hispânico, e seu nariz-torneado, olhos castanhos brilhantes e sorriso diabólico estavam em desacordo com a sua coloração acinzentada. E ele era um conversador, então era óbvio que aproveitava seu tempo ao microfone.

— Seu amigo e meu, Ambrose Young, perdeu uma aposta. Ele disse que se nós ganhássemos o nosso primeiro jogo, iria cantar o Hino Nacional para esta assembleia animada. — Suspiros foram ouvidos, e o volume na arquibancada se levantou imediatamente.

— Mas nós não apenas vencemos o primeiro jogo, vencemos o nosso segundo jogo também! — O público gritou e pisou seus pés. — Então, por ser um homem de palavra, aqui está Ambrose Young, cantando o Hino Nacional —, disse Beans e acenou com o microfone em direção ao seu amigo.

Beans era pequeno. Embora estivesse no último ano, era um dos menores jogadores da equipe e era mais adequado ao wrestling^[1] do que ao futebol. Ambrose também estava no último ano. Mas não era pequeno. Ele elevou-se acima de Beans - um de seus bíceps era quase tão grande quanto a cabeça de Beans - e ele parecia um daqueles caras na capa de um romance. Até mesmo seu nome soava como um personagem de uma leitura quente. E Fern sabia. Tinha lido milhares delas. Macho Alfa, abdominais apertados, olhares ardentes, felizes para sempre. Mas ninguém nunca tinha realmente se comparado com Ambrose Young. Não na ficção ou nem mesmo na vida real.

Para Fern, Ambrose Young era absolutamente belo, um deus grego entre os mortais, o cara dos contos de fadas e telas de cinema. Ao contrário dos outros meninos, ele usava o cabelo escuro em ondas que roçavam os ombros, ocasionalmente empurrava-o de volta para que não caísse em seus olhos castanhos, amarrando fortemente. A ponta quadrada de sua esculpida mandíbula impedia de ser bonito demais, isso e o fato de que tinha 1,92 cm, pesava 98 Kg com a idade de dezoito anos, e tinha um

esculpido corpo com músculos de seus ombros até as suas panturrilhas bem torneadas.

O rumor era que a mãe de Ambrose, Lily Grafton, tinha se enroscado com um modelo italiano de roupas íntimas, em Nova York, durante sua busca para encontrar a fama. Ela foi rapidamente desmascarada quando ele descobriu que estava carregando um filho dele. Chutada e grávida, ela foi para casa e acabou nos braços reconfortantes de seu velho amigo, Elliott Young, que de bom grado se casara com ela e saudara seu bebê seis meses depois. A cidade dava especial atenção para o bebê e mais tarde ao menino bonito quando cresceu, especialmente quando o diminuto, loiro, Young Elliott acabara tendo um filho musculoso, com cabelos e olhos escuros e uma construção digna de, bem, um modelo de roupa íntima. Quatorze anos depois, quando Lily deixou Elliott Young e se mudou para Nova York, ninguém ficara surpreso que Lily estivesse voltando para encontrar o verdadeiro pai de Ambrose. A surpresa veio quando, aos quatorze anos de idade, Ambrose ficara em Hannah Lago, com Elliott.

Por esse tempo, Ambrose já era um objeto na pequena cidade, e as pessoas especulavam que fora a razão pela qual ele ficou. Ele poderia jogar um dardo como um guerreiro mítico e cortar os adversários no campo de futebol, como se fossem feitos de papel. Ele armou a sua equipe da liga júnior para um campeonato do distrito e podia enterrar uma bola de basquete desde que tinha quinze anos. Todas essas coisas eram notáveis, mas em Hannah Lake, Pensilvânia, onde a cidade fechara suas lojas para duelos locais e seguiam os rankings estaduais como números vencedores da loteria, onde a luta era uma obsessão que rivalizava com o futebol no Texas, foi a capacidade de Ambrose no tatame, que fez dele uma celebridade.

A multidão ficou instantaneamente quieta quando Ambrose pegou o microfone, à espera do que, com certeza, seria um hino bem hilariante. Ambrose era conhecido por sua força, sua boa aparência e sua capacidade atlética, mas ninguém nunca o tinha ouvido cantar. O silêncio estava

saturado com vertiginosa expectativa. Ambrose empurrou o cabelo para trás e, em seguida, enfiou a mão no bolso como se estivesse desconfortável. Então fixou os olhos na bandeira e começou a cantar.

— Oh, diga que você pode ver pela luz adiantada do alvorecer... — Mais uma vez, houve um suspiro audível da plateia. Não porque era ruim, mas porque era maravilhoso. Ambrose Young tinha uma voz que completava o pacote. Era suave e profunda e incrivelmente rica. Se o chocolate preto pudesse cantar, soaria como Ambrose Young. Fern estremeceu quando a voz dele a circulou como uma âncora, alojando-se no fundo de sua barriga, puxando-a para baixo. Ela fechou os olhos atrás dos óculos de lentes grossas, e deixou que o som jorrasse em cima dela. Era incrível.

— Sobre a terra dos livres... — A voz de Ambrose alcançou o cume, e Fern sentiu como se tivesse escalado o Everest, sem fôlego, efervescente e triunfante. — E o lar dos bravos! — A torcida vibrava em torno dela, mas Fern ainda estava pendurada na mesma nota final.

— Fern — A voz de Rita a puxou para fora. Ela empurrou a perna de Fern. Fern ignorou. Fern estava tendo um momento. Um momento com, em sua opinião, a mais bela voz do planeta.

— Fern teve seu primeiro orgasmo. — Uma das amigas de Rita riu. Os olhos de Fern se abriram para ver Rita, Bailey e Cindy Miller olhando para ela com grandes sorrisos em seus rostos. Felizmente, os aplausos e os vivas impediram que as pessoas ao seu redor ouvissem a avaliação humilhante de Cindy.

Pequena e pálida, com cabelo vermelho brilhante e características esquecíveis, Fern sabia que era o tipo de garota facilmente esquecida, facilmente ignorada, e nunca sonhada. Ela tinha flutuado ao longo da infância, sem drama e com pouco alarde, fundamentada em uma perfeita consciência de sua própria mediocridade.

Como Zacarias e Isabel, pais de João Batista da bíblica, os pais de Fern

foram muito além de suas idades férteis, quando de repente se viram criando uma família. Com cinquenta anos, Joshua Taylor, pastor popular na pequena cidade de Hannah Lake, ficou mudo quando sua esposa há 15 anos, entre lágrimas, lhe disse que ia ter um bebê. Seu queixo caiu no chão, suas mãos tremiam, e se não fosse pela alegria serena estampada no rosto de 45 anos de sua mulher Rachel, ele poderia ter pensado que ela estava fazendo uma brincadeira pela primeira vez em sua vida. Fern nasceu sete meses depois, um milagre inesperado, e toda a cidade comemorou com o casal bem-amado. Fern achou irônico que ela fosse considerada um milagre desde que sua vida tinha sido tudo, menos milagrosa.

Fern tirou os óculos e começou a limpá-los na barra de sua camiseta, efetivamente cegando-se aos rostos divertidos ao seu redor. Deixe-os rir. Porque a verdade era que ela se sentia eufórica e tonta tudo de uma vez só, do jeito que ela, às vezes, se sentia depois de uma cena de amor particularmente satisfatória em seu romance favorito. Fern Taylor amava Ambrose Young, o amara desde que tinha dez anos de idade e ouvir a sua voz cantando um tipo muito diferente de música, e naquele momento, ele chegara a um novo nível de beleza, e Fern ficou cambaleando e atordoada que um menino pudesse ser dotado de tanto talento.



Agosto de 1994

Fern foi até a casa de Bailey, entediada, tendo terminado todos os livros que ela tinha pego na biblioteca na semana anterior. Ela encontrou Bailey sentado como uma estátua nos degraus de cimento que levava à sua porta da frente, olhos fixos em algo na calçada em frente a ele. Saiu do seu devaneio apenas quando o pé de Fern por pouco não amassou o objeto de seu fascínio. Ele gritou e Fern gritou quando viu a enorme aranha marrom a apenas alguns centímetros de seus pés.

A aranha continuou em seu caminho, atravessando lentamente o longo trecho de concreto. Bailey disse que a tinha seguido por meia hora, nunca

ficando muito perto, porque afinal de contas, era uma aranha e era nojento. Era a maior aranha que Fern já tinha visto. Seu corpo era do tamanho de uma moeda, mas com as pernas desengonçadas era facilmente tão grande quanto uma moeda de cinquenta centavos, e Bailey parecia impressionado com ela. Afinal de contas, ele era um menino, e era nojento.

Fern sentou ao lado dele, observando a aranha tomar seu tempo cruzando calçada da frente de Bailey. A aranha serpenteava como um homem velho em um passeio, sem pressa, sem medo, sem nenhum objetivo aparente em mente, um cidadão temperado com, membros delgados longos, desdobrando cuidadosamente cada perna a cada vez que dava um passo. Eles assistiram, encantados com sua beleza aterrorizante. O pensamento pegou Fern de surpresa. Era linda, embora a assustasse.

— Ela é legal—, ela ficou maravilhada.

— Dããh! Ela é incrível —, disse Bailey, seus olhos nunca vacilando. — Eu gostaria de ter oito pernas. Me pergunto porque o Homem Aranha não conseguiu oito pernas quando foi mordido por essa aranha radioativa. Deu-lhe grande visão e força e a capacidade de fazer teias. Por que as mais pernas não? Hey! Talvez veneno da aranha cure distrofia muscular, e se eu deixar esse cara me morder vou ficar grande e forte — Bailey falou coçando o queixo como se estivesse realmente considerando.

— Hmm. Eu não iria arriscar. — Fern estremeceu. Voltaram ao transe, mais uma vez, e nenhum deles percebeu o menino que chegava pela calçada, em sua bicicleta.

O menino viu Bailey e Fern sentados tão imóveis, tão silenciosos, que seu interesse foi imediatamente despertado. Ele desceu da bicicleta e colocou-a sobre a grama, seguindo seus olhares para onde uma enorme aranha marrom se arrastava ao longo da calçada em frente da casa. A mãe do menino ficava petrificada com aranhas. Ela sempre o fazia matá-las imediatamente. Ele matara tantas que não tinha medo delas mais. Talvez Bailey e Fern estivessem com medo. Talvez eles estivessem morrendo de

medo, tão assustados que não conseguiam nem se mexer. Ele poderia ajudá-los. Ele correu até a calçada e esmagou a aranha sob seu grande tênis branco. Pronto.

Dois pares de olhos horrorizados o fitaram.

— Ambrose! — Bailey gritou, horrorizado.

— Você a matou! — Fern sussurrou, chocada.

— Você a matou! — Bailey gritou, empurrando-se sobre os pés e tropeçando na calçada. Ele olhou para a bagunça marrom que tinha ocupado a última hora de sua vida.

— Eu precisava de seu veneno! — Bailey ainda estava em suas próprias fantasias de curas de aranha e super-heróis. Em seguida, Bailey surpreendeu a todos por explodir em lágrimas.

Ambrose ficou boquiaberto com Bailey, e depois observou quando ele caminhou com as pernas bambas até os degraus e entrou em sua casa, batendo a porta atrás de si. Ambrose fechou a boca e enfiou as mãos nos bolsos de sua bermuda.

— Sinto muito —, disse ele a Fern. — Eu pensei... Pensei que estivessem com medo. Vocês estavam apenas sentados ali olhando para ela. Eu não tenho medo de aranhas. Eu só estava tentando ajudar.

— Devemos enterrá-la? — Perguntou Fern, seus olhos tristes por trás dos óculos grande.

— Enterrá-la? — Ambrose perguntou atordoado. — Ela era um animal de estimação?

— Não. Acabamos de nos conhecer —, disse Fern séria. — Mas talvez vá fazer Bailey se sentir melhor.

— Por que ele está tão triste?

— Porque a aranha está morta.

— E daí? — Ambrose não estava tentando ser um idiota. Simplesmente

não entendia. E a pequena cabeça vermelha, com os cabelos bagunçados e encaracolados, estava em uma espécie de pânico. Ele a tinha visto antes na escola e sabia o nome dela. Mas não a conhecia. Perguntou-se se era especial. Seu pai disse que ele tinha que ser bom para as crianças que eram especiais, porque elas não poderiam mudar o jeito que eram.

— Bailey tem uma doença. Faz os músculos fracos. Poderia matá-lo. Não gosta quando as coisas morrem. É difícil para ele —, disse Fern simplesmente e honestamente. Ela realmente parecia meio inteligente. De repente, os acontecimentos no campo de luta antes do verão fizeram sentido para Ambrose. Bailey não podia lutar, porque tinha uma doença. Ambrose se sentiu mal de novo.

Ambrose sentou-se ao lado de Fern. — Eu vou ajudá-la a enterrar.

Fern levantou e correu pela grama, para sua própria casa, antes que as palavras deixassem sua boca. — Eu tenho uma caixinha perfeita! Veja se você pode raspá-la da calçada —, gritou por cima do ombro.

Ambrose usou um pedaço da casca do canteiro de flores para recolher os restos da aranha. Fern estava de volta em trinta segundos. Segurou a caixa branca, de anel, aberta enquanto Ambrose depositava a corajosa aranha no algodão intocado. Fern colocou a tampa e fez um gesto para ele, solenemente. Ele a seguiu até seu quintal e, juntos, escavaram punhados de terra em um canto do jardim.

— Isso deve ser grande o suficiente—, disse Ambrose, pegando a caixa da mão de Fern e colocando-a no buraco. Eles olharam para a caixa branca.

— Devemos cantar? — Perguntou Fern.

— Eu só sei de uma canção de aranha.

— A Dona Aranha?

— Sim.

— Eu sei essa, também. — Juntos Fern e Ambrose cantaram a canção, sobre a aranha que era derrubada por uma enxurrada e tinha uma segunda

chance para subir, quando o sol saísse novamente.

Quando a música acabou, Fern colocou a mão em Ambrose. —Devemos dizer uma pequena oração. Meu pai é um pastor. Eu sei como, então vou dizer.

Ambrose se sentiu estranho segurando a mão de Fern. Estava úmida e suja de cavar a sepultura e ela era muito pequena. Mas antes que ele pudesse protestar, ela estava falando, com os olhos fechados bem apertados, o rosto em concentração.

— Pai Celestial, estamos agradecidos por tudo o que você criou. Amamos ver esta aranha. Ele era legal e nos fez feliz por um minuto antes de Ambrose esmagá-la. Obrigada por fazer mesmo as coisas feias bonitas. Amém.

Ambrose não tinha fechado os olhos. Ele estava olhando para Fern. Ela abriu os olhos e sorriu docemente, deixando cair sua mão. Ela começou a empurrar a sujeira sobre a caixa branca, cobrindo-a completamente e socando-a para baixo. Ambrose encontrou algumas pedras e as colocou em uma forma de A para a aranha. Fern acrescentou algumas rochas na forma de um B na frente do A de Ambrose

— O que seria o B? — Ambrose se perguntou em voz alta. Pensou que talvez a aranha tivesse um nome e não sabia.

— Bonita Aranha —, disse ela simplesmente. — É assim que eu vou me lembrar dela.

Tenha Coragem

Setembro de 2001

Fern amava o verão, os dias de descanso e as longas horas com Bailey e seus livros, mas na Pensilvânia era absolutamente impressionante. Ainda estavam no final da temporada, em meados de setembro, mas as folhas já tinham começado a mudar, e Hannah Lake fora inundada de salpicos de cor misturadas, com o verde profundo do verão desaparecendo. A escola começaria nessa estação. Eram veteranos agora, o topo da pilha, um ano e só, antes da vida real começar.

Mas para Bailey, a vida real era agora, neste instante, porque cada dia era um flash. Ele não ficava mais forte, ficava mais fraco, não se aproximava da idade adulta, chegava mais perto do fim, por isso não olhava para a vida da maneira que todos os outros faziam. Tinha se tornado muito bom em viver o momento, sem olhar muito longe para o que podia vir.

A doença de Bailey tinha tirado a sua capacidade de levantar os braços até a altura do peito, o que tornava impossível fazer todas as pequenas coisas que as pessoas faziam todos os dias, sem pensar duas vezes. Sua mãe tinha se preocupado por ele permanecer na escola. A maioria das crianças com Distrofia Muscular não passam dos vinte e um anos, e os dias de Bailey estavam contados. Estar exposto à doença em uma base diária era uma preocupação, mas a incapacidade de Bailey para tocar seu rosto, na verdade, o protegia de germes que o resto das crianças conseguiam se lambuzar, e raramente perdia um dia de escola. Se ele segurasse uma prancheta em seu colo, conseguiria, mas prender a prancheta era estranho e se escorregasse e caísse, não poderia se inclinar para recuperá-la. Era muito mais fácil trabalhar em um computador ou deslizar sua cadeira de

rodas para perto de uma mesa e descansar as mãos em cima. A Escola Hannah Lake High era pequena e não muito bem financiada, mas com um pouco de ajuda e alguns ajustes para a rotina normal, Bailey iria terminar o ensino médio, e provavelmente iria terminar como o melhor de sua classe.

O segundo horário, pré-cálculo, estava cheia de veteranos. Bailey e Fern sentavam na parte de trás de uma mesa alta o suficiente para Bailey utilizar, e Fern era a sua ajudante voluntária, embora ele a ajudasse mais na classe do que o contrário. Ambrose Young e Grant Nielson sentavam-se no fundo da sala também e Fern ficava com cócegas para estar tão perto de Ambrose, mesmo que ele não soubesse que ela existia. Um metro de distância de onde ela estava sentada, apertado em uma mesa que era muito pequena para alguém do seu tamanho.

O Sr. Hildy estava atrasado para a aula. Estava sempre atrasado para sua aula no segundo horário, e ninguém se importava realmente. Ele não tinha um primeiro horário de aula e você poderia geralmente encontrá-lo na parte da manhã com uma xícara de café em frente à TV na sala dos professores. Mas nessa terça-feira, entrou em classe e sentou em frente à TV que estava pendurada no canto da sua sala de aula, a esquerda do quadro. As TVs eram novas, os quadros-negros e o professor antigos, por isso ninguém prestou muita atenção a ele enquanto estava olhando para a tela, assistindo uma reportagem sobre um acidente de avião. Eram 9h00.

— Silêncio, por favor! — Sr. Hildy latiu, e a sala relutantemente obedeceu. A imagem na tela era de dois edifícios altos. Um tinha fumaça e fogo preto esvoaçante por todo o lado.

— Isso é Nova York, Sr. Hildy? — Alguém perguntou da primeira fila.

— Ei, não é Knudsen em Nova York?

— Esse é o World Trade Center —, disse Sr. Hildy. — Isso não era um avião suburbano, não me importa o que eles estão dizendo.

— Olhe! Há outro!

— Outro avião?

Houve um suspiro coletivo.

— Puta que p — A voz de Bailey sumiu e Fern fechou a mão sobre a boca, enquanto todos eles assistiam outro avião chocar-se do lado da outra torre, a torre que não estava em chamas.

Os apresentadores estavam reagindo bem como os alunos da turma - chocados, confusos, lutando por algo inteligente para dizer enquanto olhavam com crescente horror o que não era claramente um acidente.

Não houve atividades de cálculo naquele dia. Em vez disso, na aula de matemática do Sr. Hildy, os alunos assistiram a história se desenrolar.

Talvez o Sr. Hildy considerasse os veteranos com idade suficiente para ver as imagens que apareciam na frente deles, para ouvir a especulação.

Sr. Hildy era um velho, veterano do Vietnã, ele não media palavras, e não podia tolerar a política. Ele assistiu com seus alunos como a América foi atacada e não piscou um olho. Mas tremia por dentro. Ele sabia, talvez melhor do que ninguém, que custo teria. Seriam vidas jovens. A guerra estava por vir. De jeito nenhum não viria depois de algo assim. De jeito nenhum.

— Knudson não está em Nova York? —, perguntou alguém. — Ele disse que sua família estava indo ver a Estátua da Liberdade e um monte de outras coisas. — Landon Knudson era o vice-presidente do corpo estudantil, um membro da equipe de futebol, e alguém que era bem querido e bem conhecido em toda da escola.

— Brosey, sua mãe não vive em Nova York? — Perguntou Grant, de repente, os olhos arregalados com a ideia súbita.

Os olhos de Ambrose estavam fixos na TV, seu rosto sério. Ele acenou com a cabeça uma vez. Seu estômago estava quente de pavor. Sua mãe não só vivia em Nova York, ela trabalhava como secretária em uma agência de publicidade que estava localizada na Torre Norte do World Trade Center.

Ele continuou dizendo a si mesmo que ela estava bem, seu escritório ficava em um piso inferior.

— Talvez você devesse ligar para ela. — Grant parecia preocupado.

— Eu tenho tentado. — Ambrose levantou seu telefone celular, o que ele não deveria ter em sala de aula, mas o Sr. Hildy não protestou. Todos eles assistiram quando Ambrose tentou novamente.

— Ocupado. Todo mundo provavelmente está tentando fazer ligações.

— Ele fechou o telefone. Ninguém falou. O sinal tocou, mas todos permaneceram em seus lugares. Algumas crianças começaram a aparecer para o terceiro horário, mas a notícia foi se espalhando por toda a escola e a programação regular não era páreo para o drama. Os alunos que chegavam sentavam em cima das mesas, ficavam contra a parede e olhavam a tela, juntamente com todos os outros.

E, em seguida, a Torre Sul entrou em colapso. Estava lá e depois não estava. Ela se dissolveu em uma nuvem enorme que varreu para baixo e para fora, branca suja, grossa e gordurosa, erizada de detritos, densa, com a devastação. Alguém gritou e todo mundo estava falando e apontando. Fern estendeu a mão e pegou a mão de Bailey. Um casal de meninas começou a chorar.

O rosto de Sr. Hildy era como giz com o qual ganhava a vida escrevendo. Ele olhou para seus alunos amontoados em sua sala de aula e desejou que nunca tivesse ligado a TV. Eles não precisavam ver isso. Jovens, inexperientes, inocentes. Sua boca se abriu para tranquilizá-los, mas sua intolerância para com besteira roubou-lhe a fala. Não havia nada que pudesse dizer que não seria uma mentira deslavada ou que não iria assustá-los mais. Não era real. Não podia ser. Era uma ilusão, um truque de mágica, apenas fumaça e espelhos. Mas a torre foi embora. A segunda torre a ser atingida, a primeira a ir para baixo. Demorou apenas 56 minutos entre o impacto e o colapso.

Fern se agarrou a mão de Bailey. A nuvem ondulante de fumaça e

poeira parecia o recheio do velho urso de pelúcia de Fern. Era um brinde do carnaval, cheio de algodão barato, distorcido e sintético. Ela dera um tapinha na cabeça Bailey com ele e o braço direito tinha rasgado, vomitando penugem branca difusa em todas as direções. Mas este não era um carnaval. Era um beco sujo, com ruas labirínticas, uma cidade cheia de pessoas cobertas de cinzas. Como zumbis. Mas esses zumbis choravam e gritavam por socorro.

Quando ouviram a notícia de que um avião havia caído em Shanksville - apenas a 65 milhas de Hannah Lake - os estudantes começaram a sair da sala de aula, incapazes de suportar mais. Correram para fora da escola em massa, precisando de garantias de que o mundo não tinha terminado em Hannah Lake, precisando de suas famílias. Ambrose Young se aboletara na sala do Sr. Hildy e viu a Torre Norte descer uma hora depois de a Torre Sul entrar em colapso. Sua mãe ainda não estava respondendo. Como poderia, quando ele não conseguia nada, apenas um zumbido estranho no ouvido quando tentava ligar? Ele foi para a sala de wrestling. Lá no canto, no lugar onde se sentia mais seguro, sentado no tatame, ele vagamente rolou e fez uma oração estranha. Estava desconfortável pedindo a Deus por qualquer coisa quando tão obviamente tinha as mãos cheias. Quando engasgou um amém, tentou ligar para a sua mãe mais uma vez.

Julho de 1994

No alto das arquibancadas marrons frágeis, Fern e Bailey sentaram-se chupando os picolés roxos que haviam furtado do freezer na sala dos professores, olhando para os corpos se contorcendo e lutando no tatame, com o fascínio dos excluídos. O pai de Bailey, o treinador de wrestling do ensino médio, estava segurando seu acampamento anual da juventude de wrestling, e nenhum deles estava participando; meninas não eram encorajadas a lutar, e a doença de Bailey começou a enfraquecer os seus membros de forma significativa.

Basicamente, Bailey nasceu com toda a força que teria, por isso, seus

pais tiveram que considerar cuidadosamente de quanta atividade deveria participar sem que seus músculos fossem feridos. Em uma pessoa normal, os músculos que são feridos reparam-se e reconstroem-se mais fortes do que antes, que é o que cria músculos maiores. Os músculos de Bailey não poderiam reconstruir-se. Mas se ele não conseguisse atividade suficiente, os músculos que tinha enfraqueceriam mais rapidamente. Desde a idade de quatro anos, quando foi diagnosticado com distrofia muscular de Dushenne, a mãe de Bailey tinha monitorado as atividades de Bailey como um sargento, fazendo-o nadar com um colete salva-vidas, mesmo que Bailey pudesse navegar a água como um peixe, dizendo-lhe a hora de dormir, hora de descansar e de fazer passeios; mantendo a vida de seu filho ocupada, para que ele pudesse evitar uma cadeira de rodas pelo maior tempo possível. E eles estavam batendo as chances até agora. Aos dez anos de idade, a maioria das crianças com distrofia já estavam em cadeira de rodas, mas Bailey ainda estava andando.

— Eu posso não ser tão forte como Ambrose, mas ainda acho que poderia vencê-lo —, disse Bailey, seus olhos se estreitaram no jogo abaixo deles. Ambrose Young se destacou com um polegar dorido. Ele estava na mesma classe que Bailey e Fern, mas já tinha onze anos, muito velho para seu ano escolar e ficara vários centímetros mais alto do que todas as outras crianças de sua idade. Ele estava brigando com alguns dos meninos da equipe de wrestling do ensino médio que estavam ajudando com o acampamento, e estava se segurando. O treinador Sheen estava olhando para ele do lado de fora, gritando instruções e parava a ação de vez em quando para demonstrar um golpe ou um movimento.

Fern bufou e lambeu seu picolé roxo, desejando que tivesse um livro para ler. Se não fosse o picolé, teria saído há muito tempo. Meninos suados não a interessavam muito.

— Você não poderia vencer Ambrose, Bailey. Mas não se sinta mal. Eu não poderia vencê-lo também.

Bailey olhou para Fern com indignação, girando tão rápido que seu

picolé pingando escorregou de sua mão e saltou fora do joelho magro. — Posso não ter grandes músculos, mas sou super inteligente e sei todas as técnicas. Meu pai me mostrou todos os movimentos, e ele diz que tenho uma grande mente para luta! — Bailey repetiu, com a boca voltada para baixo em uma careta irritada, seu picolé esquecido.

Fern deu um tapinha em seu joelho e continuou lambendo seu picolé.

— Seu pai diz isso porque te ama. Assim como a minha mãe me diz que eu sou bonita porque ela me ama. Eu não sou bonita... e você não pode bater em Ambrose, amigo.

Bailey se levantou de repente e cambaleou um pouco, fazendo com que o estômago de Fern revirasse de medo, quando imaginou ele caindo da arquibancada.

— Você não é bonita! — Bailey gritou, fazendo Fern ferver instantaneamente. — Mas meu pai nunca mentiria para mim como sua mãe faz. É só esperar! Quando for um adulto, eu vou ser o mais forte, o melhor lutador do Universo!

— Minha mãe diz que você vai morrer antes de ser um adulto! — Fern gritou de volta, repetindo as palavras que tinha ouvido seus pais dizerem quando não achava que ela estava ouvindo.

O rosto de Bailey contraiu, e ele começou a descer as arquibancadas, pendurado na grade quando balançou e cambaleou até o fundo. Fern sentiu as lágrimas se levantarem em seus olhos e contraiu o rosto assim como Bailey. E seguiu atrás dele, mesmo que se recusasse a olhar para ela de novo. Ambos choraram todo o caminho para casa, Bailey pedalando sua bicicleta o mais rápido que podia, nunca olhando para Fern, nunca reconhecendo sua presença. Fern andava ao lado dele e continuando a limpar o nariz com as mãos pegajosas.

O rosto dela era uma bagunça com ranho e picolé roxo quando soluçando confessou à mãe o que dissera. A mãe de Fern fez silêncio, tomou-a pela mão e caminharam para a casa de Bailey.

Tia Angie, a mãe de Bailey, estava segurando Bailey no colo e falando baixinho com ele, na varanda da frente, quando Fern e sua mãe subiram as escadas. Rachel Taylor deslizou na cadeira de balanço ao lado e puxou Fern no colo também. Angie olhou para Fern e sorriu um pouco, vendo o rosto manchado de lágrimas listrado com roxo. O rosto de Bailey estava escondido em seu ombro. Fern e Bailey eram um pouco velhos demais para sentar-se no colo de suas mães, mas a ocasião parecia exigir isso.

— Fern, — Tia Angie disse suavemente. — Eu estava apenas dizendo a Bailey que é verdade. Ele vai morrer. — Fern imediatamente começou a chorar de novo, e sua mãe a puxou contra seu peito. Fern podia sentir o coração de sua mãe batendo sob sua bochecha, mas o rosto de sua tia ficou sereno, e ela não chorou. Parecia ter chegado a uma conclusão que levaria anos para Fern aceitar. Bailey passou os braços em torno de sua mãe e chorou.

Tia Angie esfregou as costas de seu filho e beijou-lhe a cabeça. — Bailey? Você vai me ouvir por um minuto, meu filho?

Bailey ainda estava chorando quando levantou o rosto e olhou para a mãe e, em seguida, olhou para Fern, carrancudo como se ela tivesse causado tudo o que iria acontecer.

— Você vai morrer, e eu vou morrer, e Fern vai morrer. Você sabia, Bailey? Tia Rachel vai morrer também. — Angie olhou para a mãe de Fern e sorriu desculpando-se, incluindo-a na previsão sombria.

Bailey e Fern entreolharam-se em horror, de repente chocados além das lágrimas.

— Todo ser vivo morre, Bailey. Algumas pessoas vivem mais do que os outros. Sabemos que a sua doença, provavelmente, tornará sua vida mais curta do que de alguns. Mas nenhum de nós nunca sabemos quanto tempo a nossa vida vai ter.

Bailey olhou para ela, parte do horror e desespero relaxou de sua expressão. — Como vovô Sheen?

Angie assentiu, colocando um beijo em sua testa. — Sim. Vovô não tinha distrofia muscular. Mas ele teve um acidente de carro, não foi? Ele nos deixou mais cedo do que ele queria, mas é assim que é a vida. Nós não podemos escolher quando vamos ou como vamos. Nenhum de nós sabe. — Angie olhou seu filho diretamente nos olhos e repetiu com firmeza. — Você pode me ouvir, Bailey? Nenhum de nós podemos.

— Então Fern poderia morrer antes de mim —, perguntou Bailey, esperançoso.

Fern sentiu um estrondo de risos no peito de sua mãe e olhou para ela com espanto. Rachel Taylor estava sorrindo e mordendo o lábio. Fern, de repente compreendeu o que a tia Angie estava fazendo.

— Sim! — Fern pulou, balançando a cabeça, seus cachos saltando com entusiasmo. — Eu poderia me afogar na banheira quando fosse tomar meu banho hoje. Ou talvez vá cair da escada e quebrar o meu pescoço, Bailey. Eu poderia até ser esmagada por um carro quando estiver andando de bicicleta amanhã. Veja? Você não tem que ficar triste. Estamos todos indo para o túmulo, mais cedo ou mais tarde!

Angie e Rachel estavam rindo, e Bailey tinha um enorme sorriso se espalhando por todo o rosto e imediatamente se juntou a ela — Ou talvez você vá cair da árvore no seu quintal, Fern. Ou talvez você vá ler tantos livros que sua cabeça vá explodir!

Angie colocou os braços firmemente em torno de seu filho e deu uma risadinha. — Eu acho que isso é o suficiente, Bailey. Nós não queremos a cabeça de Fern explodindo, não é?

Bailey olhou para Fern, e todo mundo podia ver que ele estava considerando isso a sério. — Não. Acho que não. Mas eu ainda espero que ela morra antes de mim. — Então ele desafiou Fern para uma luta em seu gramado da frente, onde tranquilamente ganhou em cerca de cinco segundos. Quem diria? Talvez ele realmente pudesse ter batido em Ambrose Young.



2001

Nos dias e semanas que se seguiram aos ataques de 11/09, a vida voltou ao normal, mas era como se algo estivesse errado, como uma camisa favorita usada do avesso - ainda sua camisa, ainda reconhecível, mas esfregando em todos os lugares errados, as costuras reveladas, a etiqueta pendurada para fora, as cores apagadas, as palavras para trás. Mas, ao contrário da camisa, o sentido de errado não poderia ser corrigido. Seria permanente, o novo normal.

Bailey assistia ao noticiário com partes iguais de fascínio e horror, batendo distraído em seu computador, enchendo as páginas com suas observações, registrando a história, documentando as imagens e as tragédias intermináveis em suas próprias palavras. Onde Fern sempre perdera-se no romance, Bailey se perdia na história. Mesmo quando criança mergulhava em histórias do passado e envolvia-se no conforto da sua atemporalidade, de sua longevidade. Lia sobre o Rei Arthur, que vivera e morrera há mais de mil anos e sobre sua imortalidade, e para um menino que sentia as areias do tempo escorregando em uma contagem regressiva sem fim, a imortalidade era um conceito inebriante.

Bailey mantinha religiosamente um diário, durante o tempo que tivesse para escrever. Seus diários preenchiam uma prateleira em sua estante, onde estavam as histórias de outros homens, que revestiam a parede, como destaques de uma jovem vida, os pensamentos e sonhos de uma mente ativa. Mas, apesar de sua obsessão com a captura de história, Bailey era o único que parecia levar tudo na esportiva. Ele não estava mais com medo ou mais emocional do que fora. Continuou a desfrutar das coisas que sempre gostara, provocar Fern do jeito que sempre fizera e quando Fern não aguentava mais da história envolvendo na tela da televisão, foi o único a falar com ela fora do precipício emocional onde todos pareciam estar oscilando.

Era Fern que se encontrava mais perto das lágrimas, mais temerosa, mais sensível e não era a única. Um sentimento que permeava de indignação e tristeza se intrometeu na vida diária. A morte tornou-se muito real, e na classe sênior da Hannah Lake High School, havia ressentimento misturado com o medo. Era o último ano! Era para ser o melhor momento de suas vidas. Eles não queriam ter medo.

— Eu só queria que a vida fosse mais parecida com meus livros, — Fern reclamou, tentando içar sua mochila e a de Bailey em seus ombros estreitos quando deixaram a escola no fim do dia. — Principais personagens nunca morrem nos livros. Se o fizessem, a história seria arruinada, ou mais.

— Todo mundo é um personagem principal para alguém —, teorizou Bailey, serpenteando o seu caminho através do corredor ocupado para a saída mais próxima e para a tarde de novembro. — Não existem personagens menores. Pense como Ambrose deve ter se sentido ao ver as notícias na sala de aula do Sr. Hildy, sabendo que sua mãe trabalhava em uma dessas torres. Ele estava sentado ali, observando tudo isso na TV, provavelmente querendo saber se ele estaria assistindo a morte de sua mãe. Ela pode ser um personagem secundário para nós, mas para ele, ela é uma atriz principal.

Fern meditou, sacudindo a cabeça com a lembrança. Nenhum deles tinha um conhecido entre o pessoal do 9/11, só Ambrose Young. Ele tinha ficado tão composto, tão quieto, sentado na aula de matemática, discando repetidamente um número que nunca tinha sido respondido. Nenhum deles sequer suspeitou. O treinador Sheen encontrou-o na sala de luta cinco horas após as torres desabarem, depois de todos os outros há muito terem ido para casa.

— *Eu não posso encontrá-la, treinador —. Ambrose sussurrou, como se temesse que o esforço de elevar o tom cedesse seu controle. — Eu não sei o que fazer. Ela trabalhava na torre norte. Ela já se foi. E se ela se foi?*

— Seu pai está se perguntando onde você está. Você já falou com ele?

— Não. Ele deve estar ficando louco também. Ele finge que não a ama mais. Mas eu sei que ama. Não quero falar com ele até que tenha uma boa notícia.

O treinador Sheen se sentou ao lado do garoto que treinava e colocou o braço em volta de seus ombros. Se Ambrose não estava pronto para ir para casa, iria esperar por ele. Ele falou sobre coisas aleatórias - sobre a próxima temporada, sobre os caras do peso de Ambrose, sobre os pontos fortes das equipes em seu distrito. Fez estratégias com Ambrose sobre seus companheiros de equipe, distraindo-o com coisas sem importância, enquanto os minutos passavam. E Ambrose manteve suas emoções sob controle até que seu telefone tocou um alarme estridente, tornando-os de assalto e alcançando seus bolsos.

— Filho? — A voz de Elliott era alta o suficiente para Mike Sheen ouvi-lo através do telefone, e seu coração apertou com medo das palavras que seriam ditas. — Ela está bem, Brosey. Ela está bem. Ela está vindo para cá.

Ambrose tentou falar, para agradecer a seu pai pela a notícia bem-vinda, mas não foi capaz de responder. Levantando-se sobre seus pés, entregou o seu telefone para o treinador. Em seguida, vacilou, andou vários passos e sentou-se mais uma vez. Mike Sheen disse a Elliot que estavam a caminho de casa, fechou o telefone, e colocou o braço em volta dos ombros trêmulos de seu lutador estrela. Não houve lágrimas, mas Ambrose balançou como se estivesse com febre, como se tivesse sido acometido de paralisia, e Mike Sheen preocupado por um segundo que a emoção e o estresse do dia o pusesse verdadeiramente doente. Depois de um tempo, o tremor maníaco aliviou, e juntos eles saíram da sala, apagando as luzes por trás deles e fechando a porta de uma tarde agonizante, grato que em um dia de tragédia sem precedentes, tinha sido concedida uma prorrogação.

— Meu pai está preocupado com Ambrose —, disse Bailey. — Ele diz que ele parece diferente, e está distraído. Tenho notado que, embora ele

trabalhe tão duro como sempre tem, na prática, algo diferente acontece.

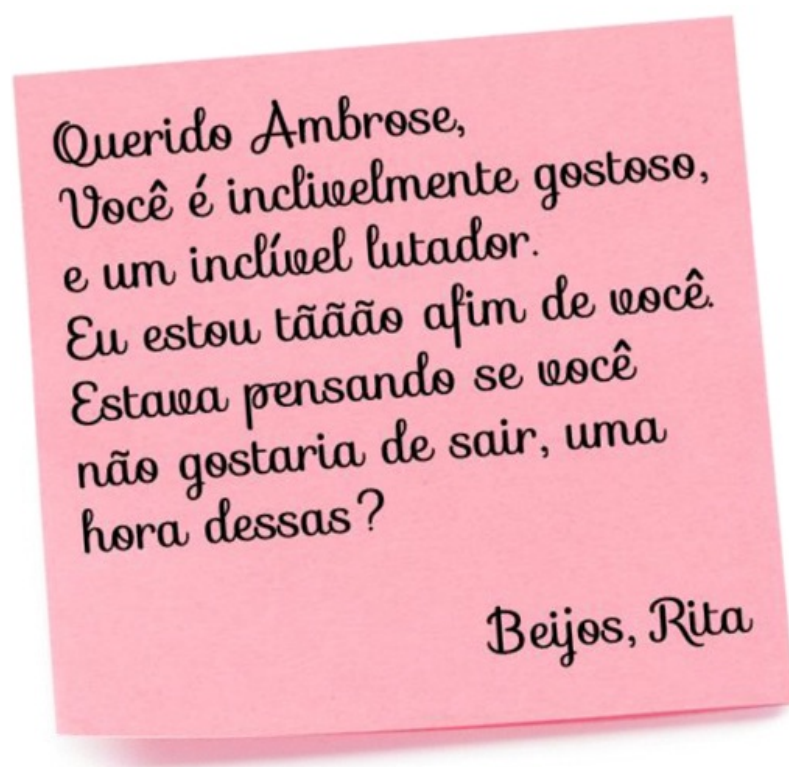
— A temporada de Wrestling só começou há duas semanas. — Fern defendeu Ambrose mesmo que não precisasse. Ambrose não tinha apoiador maior do que Bailey Sheen.

— Mas 11 de setembro foi há dois meses, Fern. E ele ainda não é o mesmo.

Fern olhou para o céu cinzento completamente nublado acima de suas cabeças, tumultuoso com a tempestade prevista. As nuvens estavam aumentando e os ventos tinha apenas começado a bater. Ela estava chegando.

— Nenhum de nós é, Bailey. E acho que nunca vamos ser.

Crie um Disfarce



Fern torceu o nariz para a cartinha infantil e olhou para o rosto esperançoso de Rita. Fern não era a única que tinha notado Ambrose. Talvez porque ele estivesse tão envolvido com wrestling, constantemente viajando e praticando, com muito pouco tempo de inatividade, ele não teve muitas namoradas. Sua indisponibilidade fazia dele uma mercadoria ainda mais quente, e Rita tinha decidido que iria atrás dele. Ela mostrou a Fern o bilhete que tinha escrito para ele, em papel cor-de-rosa, completando com corações e um monte de perfume.

— Hum, isso é bom, Rita. Mas você não quer ser original?

Rita deu de ombros e olhou confusa. — Eu só quero que ele goste de mim.

— Mas você escreveu-lhe um bilhete porque quer chamar a atenção

dele, certo?

Rita assentiu enfaticamente. Fern olhou para o rosto angelical de Rita, a forma como seu longo cabelo loiro balançava nos ombros magros e seios perfeitos e sentiu uma pontada de desespero. Ela tinha certeza de que Rita já tinha a atenção de Ambrose.

— *Ela é uma criança tão bonita.*

Fern ouviu a mãe falando da cozinha, conversando com a tia Angie que se sentara ao lado da porta de tela assistindo Bailey e Rita sentados nos balanços no quintal de Fern. Fern precisara usar o banheiro, mas tinha entrado pela garagem em vez da porta de tela para que pudesse ver a tartaruga que ela e Bailey tinham capturado no riacho naquela manhã. Ela estava em uma caixa cheia de folhas e tudo mais que uma tartaruga poderia querer. Não se movera e Fern se perguntou se talvez eles tivessem cometido um erro de levá-la de sua casa.

— *Ela quase não parece real. — A mãe de Fern balançara a cabeça, tirando a atenção de Fern da tartaruga. — Aqueles olhos azuis brilhantes e aquelas características de boneca perfeita.*

— *E esse cabelo! É branco da raiz às pontas. Acho que nunca vi nada como isso — disse Angie. — E no entanto ela é marrom, como pode ser? Ela tem uma rara combinação de cabelos brancos e pele dourada.*

Fern ficou sem jeito no corredor, ouvindo as duas mulheres falarem sobre Rita, sabendo que sua mãe e sua tia achavam que ela ainda estava no quintal. Rita mudou-se para Hannah Lake no verão. Rachel Taylor e sua mãe que era esposa do pastor da congregação, foram as primeiras a acolher a jovem mãe e sua filha de dez anos de idade. Em pouco tempo, arranjaram encontros para almoço e convidaram Rita para vir brincar com Fern. Fern gostara de Rita. Ela era doce, feliz e disposta a fazer tudo o que Fern estivesse fazendo. Ela não tinha uma imaginação muito boa, mas Fern tinha o suficiente para as duas.

— *Eu acho que Bailey foi atingido. — Angie riu. — Ele não piscou uma só*

vez desde que pôs os olhos nela. É engraçado como as crianças são atraídas para a beleza assim como o resto de nós. Antes que você perceba, vai começar a demonstrar suas habilidades de wrestling e vou ter que encontrar uma maneira de distraí-lo, bendizei o seu coração. Ele implorou a Mike para deixá-lo participar do acampamento de luta novamente. Todo ano é a mesma coisa. Ele implora, chora, e nós temos que tentar explicar por que ele não pode.

Houve silêncio na cozinha enquanto Angie parecia perdida em seus pensamentos e Rachel preparava sanduíches para as crianças, incapazes de proteger Angie das realidades da doença de Bailey.

— Fern parece gostar de Rita, não é? — Angie mudou de assunto com um suspiro, mas seus olhos ficaram fixos em seu filho balançando para trás e para frente, falando sem parar para a linda loirinha ao lado dele. — É bom para ela ter uma amiga. Ela passa o tempo todo com Bailey, mas vai precisar de uma amiga quando ficar mais velha.

Foi a vez de Rachel suspirar. — Pobre Fernie.

Fern tinha virado a caminhar de volta pelo corredor em direção ao banheiro, mas parou abruptamente. Pobre Fernie? Perguntou-se com uma sacudida se tinha alguma doença, uma doença como a de Bailey e que sua mãe não tinha contado a ela. — Pobre Fernie — soou sério. Ela ouviu atentamente.

— Ela não é bonita do jeito que é Rita. Seus dentes vão precisar de algum reparo importante, mas ainda é muito pequena e não perdeu a maioria de seus dentes de leite. Talvez quando todos os dentes permanentes crescerem nela, não seja tão ruim. No ritmo que está crescendo, vai estar usando aparelho quando tiver vinte e cinco. — A mãe de Fern riu. — Eu me pergunto se ela ficaria com ciúmes de Rita. Mas até agora, parece ignorar as suas diferenças físicas.

— Nossa pequena e engraçada, Fernie —, disse Angie, com um sorriso em sua voz. — Você não pode encontrar uma criança melhor do que Fern.

Agradeço todos os dias por ela. Ela é uma bênção para Bailey. Deus sabia o que estava fazendo quando fez a família, Rachel. Deu-lhes um ao outro. Tal misericórdia.

*Mas Fern estava presa ao chão. Ela não ouvira a palavra bênção. Ela não parara para refletir sobre o que significava ser uma das misericórdias de Deus. **Ela não era bonita.** As palavras soavam em sua cabeça, como potes e panelas sendo empurrados e batidos. **Ela não era bonita. Pequena e engraçada Fernie. Ela não era bonita. Pobre Fernie.***

— Fern — Rita gritou seu nome e acenou com a mão na frente do rosto de Fern. — Olá? Onde você foi? O que devo dizer?

Fern sacudiu a memória antiga. Engraçado como algumas coisas prendiam-se em você.

— E se você disser algo como, “*Mesmo quando você não está por perto, você é tudo que vejo. Você é tudo o que penso. Eu me pergunto, o seu coração tão bonito como o seu rosto? A sua mente é tão fascinante quanto o feixe de músculos sob sua pele? É possível que possa pensar em mim também?*” — Fern fez uma pausa e olhou para Rita.

Os olhos de Rita estavam arregalados. — Oh, isso é bom. Você escreveu isso em um de seus romances? — Rita era uma das únicas pessoas que sabiam que Fern escrevia histórias de amor e sonhava em tê-las publicadas.

— Eu não sei. Provavelmente. — Fern sorriu timidamente.

— Aqui! Anote, — Rita gritou, tirando um papel e um lápis e empurrando-os nas mãos de Fern.

Fern tentou lembrar o que dissera. Saiu ainda melhor da segunda vez. Rita riu e dançou para cima e para baixo quando Fern terminou o bilhete de amor com um floreio. Ela assinou o nome de Rita dramaticamente. Em seguida, entregou o bilhete para Rita, que puxou um pouco de perfume de sua mochila, deu no papel uma espreitada, dobrou-o e dirigiu-o para

Ambrose.

Ambrose não respondeu imediatamente. Na verdade, levou alguns dias. Mas no quarto dia, havia um envelope no armário de Rita. Ela abriu-o com as mãos trêmulas. Ela leu em silêncio, com a testa franzida e agarrou o braço de Fern, como se estivesse lendo um bilhete de loteria premiado.

— Fern! Ouça! — Ela respirava.

“Ela anda na beleza, como a noite

De climas sem nuvens e céus estrelados;

E tudo o que é melhor do escuro e brilhante

Conheço em seu aspecto e seus olhos;”

As sobrancelhas de Fern subiram e desapareceram sob sua longa franja.

— Ele é quase tão bom escritor quanto você, Fern!

— Ele é melhor —, disse Fern secamente, soprando um cacho perdido fora de seus olhos. — O cara que escreveu isso é melhor de qualquer maneira.

— Ele acabou de assinar com um A, — Rita sussurrou. — Ele me escreveu um poema! Eu não posso acreditar!

— Uh, Rita? É de Lord Byron. É muito famoso.

O rosto de Rita caiu, e Fern correu para consolá-la.

— Mas é incrível que Ambrose cite... Lord Byron... em uma carta...para você, eu quero dizer —, ela tranquilizou hesitante. Na verdade, era muito legal. Fern não achava que muitos caras de dezoito anos de idade, regularmente citassem a famosa poesia a belas garotas. Ela, de repente, estava muito impressionada. Rita estava.

— Nós temos que escrever de volta! Devemos escrever um poema famoso, também?

— Talvez. — Fern ponderou, com a cabeça inclinada para o lado.

— Eu poderia fazer o meu próprio poema. — Rita parecia duvidosa por alguns segundos. Em seguida, seu rosto se iluminou e ela abriu a boca para falar.

— Não comece com as rosas são vermelhas, violetas são azuis! — Fern advertiu, sabendo intuitivamente o que estava por vir.

— Droga —, Rita fez beicinho, fechando a boca novamente. — Eu não ia dizer violetas são azuis! Eu ia dizer, “as rosas são vermelhas e, por vezes rosas. Eu realmente gostaria de te beijar, eu acho”.

Fern riu e deu um tapa em sua amiga. — Você não pode dizer isso depois que lhe enviou *Ela Anda na Beleza*.

— O sino vai tocar. — Rita bateu seu armário fechado. — Por favor, escreva algo para mim, Fern? Pooooor favor! Você sabe que eu não vou ser capaz de chegar a nada de bom! — Rita viu a hesitação de Fern e pediu docemente até Fern que cedeu. E foi assim que Fern Taylor começou a escrever cartas de amor para Ambrose Young.



1994

— *O que está fazendo?* — Fern perguntou, estatelando-se na cama de Bailey e olhando ao redor de seu quarto. Havia passado um tempo desde que tinha estado lá. Eles geralmente ficavam do lado de fora ou na sala da família. Seu quarto tinha muita parafernália, principalmente de Penn State^[2] e tudo sobre seus feitos. Intercaladas com as imagens azuis e brancas de seus atletas favoritos, fotos de sua família fazendo isso e aquilo, e pilhas de livros infantis sobre tudo, desde história a esportes e mitologia grega e romana.

— *Eu estou fazendo uma lista —, disse Bailey brevemente, sem levantar os olhos de sua tarefa.*

— *Que tipo de lista?*

— *Uma lista de todas as coisas que eu quero fazer.*

— *O que você tem até agora?*

— *Não vou dizer.*

— *Por quê?*

— *Porque algumas são particulares —, disse Bailey, sem rancor.*

— *Tudo bem. Talvez eu faça uma lista também, e não vou te dizer o que está nela também.*

— *Vá em frente. — Bailey riu. — Mas provavelmente posso adivinhar tudo o que você vai escrever.*

Fern pegou um pedaço de papel da mesa de Bailey e pegou uma caneta em um porta-trecos com pedras e miudezas que estavam em seu criado-mudo. Escreveu uma lista na parte superior e olhou para ele.

— *Você não vai me dizer nada de sua lista? —, ela perguntou humildemente depois de olhar para o papel por vários minutos sem chegar a alguma coisa emocionante.*

Bailey suspirou, uma fungada enorme que mais parecia um pai perturbado do que um menino de dez anos de idade. —Tudo bem. Mas algumas das coisas na minha lista eu provavelmente não vou fazer de imediato. Podem ser coisas que farei quando estiver mais velho... mas ainda quero fazê-las. Vou fazê-las! — Disse enfaticamente.

— *Tudo bem. Diga-me apenas uma —, Fern implorou. Apesar de ser uma menina com boa imaginação, realmente não conseguia pensar em nada que quisesse fazer, talvez porque tivesse novas aventuras todos os dias nos livros que lia e que viviam os personagens das histórias que escrevia.*

— *Eu quero ser um herói. — Bailey olhou para Fern gravemente, como*

se estivesse divulgando informações altamente confidenciais. — Eu não sei de que tipo ainda. Talvez como Hércules ou Bruce Baumgartner.

Fern sabia quem era Hércules e sabia quem fora Bruce Baumgartner também, simplesmente porque ele era um dos lutadores favoritos de Bailey, e de acordo com Bailey, um dos melhores pesos pesados de todos os tempos. Ela olhou para seu primo, em dúvida, mas não expressou sua opinião. Hércules não era real e Bailey nunca seria tão grande e forte como Bruce Baumgartner.

— E se não puder ser um herói assim, então talvez pudesse salvar alguém —, Bailey continuou, sem saber da falta de fé de Fern. — Então poderia ter minha foto no jornal e todo mundo saberia quem eu sou.

— Eu não quero que todos saibam quem sou —, disse Fern depois de pensar. — Eu quero ser uma escritora famosa, mas acho que vou usar um pseudônimo. Um pseudônimo é um nome que você usa quando você não quer que todos saibam quem você realmente é —, disse apenas no caso de Bailey não estava ciente.

— Então você pode manter sua identidade em segredo, como o Super-Homem —, ele sussurrou, como se a narrativa de Fern tivesse acabado de chegar a um novo nível de legal.

— E ninguém nunca vai saber que sou eu —, disse Fern suavemente.



Essas não eram cartas típicas de amor. Eram cartas de amor porque Fern derramara seu coração e alma nelas, e Ambrose parecia fazer o mesmo, respondendo com uma honestidade e uma vulnerabilidade que não tinha previsto. Fern não compreendia todas as coisas que ela/Rita falavam sobre ele, não elogiavam e falavam sobre sua aparência, seu cabelo, sua força, seu talento. Ela poderia ter feito, mas estava mais interessada em todas as coisas que não conhecia. Então escolhera cuidadosamente suas palavras e perguntas trabalhadas que permitiriam seu acesso a seus

pensamentos mais íntimos. Ela sabia que era uma farsa. Mas não se conteve.

Tudo começou com perguntas simples. As coisas fáceis como azedo ou doce, inverno ou outono, pizza ou tacos. Mas então ele desviou para algo mais profundo, pessoal, revelador. Ida e volta, perguntando e respondendo, e sentindo um pouco como se estivesse se despindo - removendo as coisas sem importância em primeiro lugar, o casaco, os brincos, o boné de beisebol.

Em pouco tempo, os botões foram desfeitos, zíperes foram deslizando para baixo, e as roupas foram caindo no chão. O coração de Fern vibrando e sua respiração ficando curta com cada barreira cruzada, cada peça de roupa imaginária descartada.

Perdido ou sozinho? Ambrose disse sozinho, e Fern respondeu: — *Eu prefiro muito mais estar perdida com você do que sozinha, sem você, então eu escolho perdida com uma advertência.* — Ambrose respondeu: — *Não há ressalvas* —, ao que Fern respondeu: — *Então, perdida, porque sozinha é permanente, e o perdido pode ser encontrado.*

Iluminação pública ou semáforos? Fern: *Postes me fazem sentir segura.* Ambrose: *Semáforos me inquietam.*

Ninguém ou nada? Fern: *Eu prefiro ser ninguém em casa do que alguém em outro lugar.* Ambrose: *Eu prefiro estar em lugar nenhum. Ser ninguém quando espera-se que você seja alguém é chato...* Fern: *Como você sabe? Você já foi ninguém?* Ambrose: *Todo mundo que é alguém se torna ninguém no momento que falham.*

Inteligente ou bonito? Ambrose afirmou inteligente, mas depois passou a dizer-lhe o quão bonita ela (Rita) era. Fern alegou bonita e passou a dizer a Ambrose quão inteligente ele era.

Antes ou Depois? Fern: *Antes, a antecipação é geralmente melhor do que a coisa real.* Ambrose: *Depois. A única coisa real, quando bem feito, é sempre melhor do que um devaneio.* Fern não sabia, funcionaria para ela?

Passou como um flash.

Canções de amor ou poesia? Ambrose: *nas canções de amor você obtém o melhor de ambos, é poesia com música. E você não pode dançar a poesia.* Ele, então, fez uma lista de suas músicas favoritas. Era uma lista impressionante, e Fern passou uma noite fazendo um CD mix de todas elas.

Fern disse poesia e o mandou de volta alguns dos poemas que tinha escrito. Era arriscado, tola, e estava completamente nua a este ponto no jogo, mas seguiu adiante.

Adesivos ou lápis de cor? Velas ou lâmpadas? Igreja ou escola? Sinos ou assobios? Velho ou novo? As perguntas continuaram, as respostas voavam, e Fern lia cada letra muito lentamente, empoleirada no vaso sanitário do banheiro das garotas e depois passava o resto do dia na escola elaborando uma resposta.

Ela mandava Rita ler cada carta, e a cada carta, Rita ficava cada vez mais confusa, tanto pelas coisas que Ambrose estava dizendo como com as respostas que Fern estava dando. Mais de uma vez ela protestou: — Eu não sei do que vocês estão falando! Você não pode simplesmente falar sobre o seu abdômen? Ele tem um abdômen incrível, Fern. — Em pouco tempo, Rita estava entregando as cartas para Fern com um dar de ombros e entregava-as de volta para Ambrose com desinteresse completo.

Fern tentou não pensar no abdômen de Ambrose ou o fato de que Rita estava intimamente familiarizada com ele. Cerca de três semanas após a primeira carta de amor, ela caminhava e ao virar na esquina entre as salas, precisando buscar uma coisa qualquer de seu armário, viu Rita encostada no armário, seus braços em volta de Ambrose. Ele a beijava como se tivessem acabado de descobrir que tinham lábios... e línguas. Fern suspirou e virou-se imediatamente, retirando-se na direção que havia chegado. Por um momento pensou que estivesse doente, e engoliu a náusea subindo em sua garganta. Mas não era uma dor de estômago que a fez mal, era um coração perturbado. E ela realmente tinha apenas a si mesma para culpar.

Perguntou-se se suas cartas simplesmente fizeram Ambrose amar Rita mais, fazendo uma paródia de tudo o que ela revelara sobre si mesma.

Conhecendo Hércules

Só levou um pouco mais de um mês antes da farsa ser descoberta. Rita estava agindo de forma engraçada. Não encontrando o olhar de Fern quando esta lhe entregou o bilhete de amor para Ambrose que tinha gostado de escrever. Os olhos de Rita apagados fitavam a mão estendida de Fern, estreitou os olhos para o papel cuidadosamente dobrado como se fosse algo a temer. Ela não fez nenhum movimento para pegá-lo da mão de Fern.

— Hum. Na verdade, eu não preciso disso, Fern. Nós terminamos. Acabou.

— Vocês terminaram? — perguntou Fern, horrorizada. — O que aconteceu? Você está... bem?

— Sim. Não é grande coisa. Quero dizer, realmente. Ele estava ficando estranho.

— Estranho? Como? — Fern de repente sentiu que iria chorar, como se tivesse sido despejada, bem assim, e tentou manter a voz firme. Rita deve ter ouvido alguma coisa, porém, porque suas sobrancelhas se ergueram sob sua franja varrida.

— Está tudo bem realmente, Fern. Ele era meio chato. Quente, mas chato.

— Chato ou estranho? Normalmente estranho não é chato, Rita. — Fern estava completamente confusa e ficando um pouco irritada que Rita tivesse deixado Ambrose ficar longe delas.

Rita suspirou e encolheu os ombros, mas desta vez encontrou os olhos de Fern, com um pedido de desculpas em seu olhar. — Ele descobriu que eu

não estava escrevendo as cartas, Fern. As cartas realmente não soavam como eu. — Foi a vez de Rita fazer um olhar acusador. — Eu não sou tão inteligente como você é, Fern.

— Você disse que era eu? — Fern guinchou, alarmada.

— Bem... — Rita se afastou, olhando para longe novamente.

— Oh, meu Deus! Você disse. — Fern pensou que fosse desmaiar ali mesmo no corredor lotado. Apertou a testa no metal frio do armário e forçou-se a ficar calma.

— Ele não iria largar isso, Fern. Estava tão chateado! Foi um pouco assustador.

— Você tem que me contar tudo. Como seu rosto ficou quando você disse que era eu? — Fern sentiu a bile subir.

— Ele parecia um pouco... surpreso. — Rita mordeu o lábio e brincou com o anel em seu dedo, desconfortável. Fern adivinhou – surpreso – era um eufemismo. — Eu sinto muito, Fern. Ele queria que eu lhe desse todas as cartas que ele escreveu a você – quer dizer a mim – que seja. Mas eu não as tenho, Fern. Dei todas a você.

— Disse a ele isso também? — Fern lamentou, com as mãos pairando em torno de sua boca em horror.

— Uh, sim. — Rita estava tremendo agora, sua miséria evidente em seu rosto bonito. A briga com Ambrose devia tê-la perturbado mais do que estava disposta a admitir. — Eu não sabia mais o que fazer.

Fern virou-se e correu para o banheiro das meninas, fechando-se em um box, a mochila no colo, com a cabeça em cima. Ela apertou os olhos fechados, liberando as lágrimas, castigando-se por se colocar nesta situação. Ela tinha dezoito anos! Velha demais para se esconder em um banheiro. Mas não poderia enfrentar pré-cálculo agora. Ambrose estaria lá, e ela não achava que seria mais tão invisível.

A pior parte foi que cada palavra tinha sido real. Cada palavra tinha

sido verdadeira. Mas ela tinha escrito as letras como se tivesse um rosto como o de Rita e um corpo como o dela também, como se fosse uma mulher que poderia conquistar um homem com sua figura e sorriso e mantê-lo com um cérebro. E essa parte era uma mentira. Ela era pequena e comum. Feia. Ambrose se sentiria como um idiota pelas palavras que ele lhe dissera. Suas palavras tinham sido palavras para uma menina bonita. Não Fern.

* * *

Fern esperou fora da sala de wrestling. Ela tinha colocado as cartas que Ambrose tinha escrito para Rita em um grande, envelope pardo. Bailey tinha oferecido para devolver todas as cartas no treino. Bailey soubera o tempo todo sobre o jogo que Fern e Rita tinham jogado. Ele disse que seria discreto e apenas daria a Ambrose depois que o treino tivesse acabado.

Bailey era um membro honorário da equipe, o estatístico e ajudante do treinador, e participava do treino de luta livre todos os dias. Mas Bailey tinha um certo problema com discrição, e Fern não queria piorar a situação e constranger Ambrose na frente de seus companheiros de equipe. Então esperou, encolhendo em um corredor perto, observando a porta da sala de wrestling, esperando que o treino terminasse.

Um por um, os meninos saíam em diferentes estados, vestidos ou se despindo, sapatos de wrestling pendurados nos ombros, as camisas pra fora mesmo que tivesse dez graus lá fora. Eles realmente não notavam Fern. E pela primeira vez ela estava feliz por sofrer de invisibilidade. Então Ambrose saiu, obviamente, de banho tomado, porque o seu longo cabelo estava molhado, penteado para trás de seu rosto. Felizmente, ele caminhava ao lado de Paul Kimball e Grant Nielson. Paulie era doce e sempre tinha sido bom para Fern, e Grant estava em várias de suas aulas e era um pouco mais nerd do que seus amigos. Ele não ia fazer uma grande cena sobre ela querer falar com Ambrose.

Ambrose congelou ao vê-la ali, e o sorriso que estava jogando em torno de seus lábios dissolvido em uma linha dura. Seus amigos pararam

quando Ambrose parou, olhando ao redor em confusão, obviamente não acreditando, mesmo por um segundo, que era por Fern que ele tinha parado.

— Ambrose? Posso falar com você por um minuto? — Perguntou Fern, sua voz fraca, até mesmo para seus próprios ouvidos. Ela esperava que não precisasse repetir.

Bastou um breve sinal com o queixo e os amigos de Ambrose receberam a mensagem, andando sem ele, olhando Fern com curiosidade.

— Eu vou pegar uma carona com Grant então, Brosey —, Paulie falou.

— Vejo você amanhã.

Ambrose acenou e seus amigos se foram, mas seus olhos fixavam logo acima da cabeça de Fern, como se estivesse ansioso para ficar longe dela. Fern se viu desejando que esse confronto tivesse chegado uma semana depois. Ela tiraria seu aparelho na segunda-feira. Usara-os durante três longos anos. Se tivesse sabido que isso ia acontecer, podia ter tentado domar seu cabelo. E teria colocado seus prendedores, estava com seu cabelo encaracolado arrepiado em todas as direções, os óculos empoleirados no nariz, vestindo uma camisa que tinha usado durante anos, não porque era bonita, mas porque era aconchegante. De lã grossa em um tom pálido de azul que não contribuía em nada para sua pele ou o quadro todo. Tudo isso passou pela sua mente enquanto ela respirava fundo e segurava o envelope grande para cima na frente dela.

— Aqui. Todas as cartas que você enviou a Rita. Aqui estão elas.

Ambrose estendeu a mão e pegou-as, a raiva piscando em seu rosto. E os seus olhos encontraram os dela, então, prendendo-a contra a parede.

— Então você deu boas risadas, não é?

— Não. — Fern estremeceu ao som infantil de sua voz. Combinava com sua figura infantil e com a cabeça baixa.

— Por que você fez isso?

— Eu fiz uma sugestão. Isso foi tudo. Pensei que estava ajudando Rita. Ela gostava de você. Em seguida, ficou fora de controle, eu acho. Eu sou... Sinto muito. — E ela sentia. Desesperadamente. Pena que tudo estava acabado. Pena que nunca mais veria sua caligrafia no papel de novo, leria seus pensamentos, conhecendo-o melhor a cada linha.

— Sim. Tanto faz —, disse ele. Ela e Rita o tinham machucado e envergonhado. E o coração de Fern doía. Ela não tivera a intenção de machucá-lo. Ela não tivera a intenção de constrangê-lo. Ambrose caminhou em direção à saída, sem outra palavra.

— Você gostava delas? — Ela desabafou.

Ambrose voltou-se, seu rosto incrédulo.

— Quer dizer, até que descobriu que eu as escrevia. Será que você gostava delas? As cartas? — Ele já a desprezava. Ela poderia muito bem fugir. Mas precisava saber.

Ambrose balançou a cabeça, atônito, como se não pudesse acreditar que ela tivesse a ousadia de perguntar. Ele correu uma mão pelo cabelo molhado e deslocou seu peso em desconforto.

— Eu amei suas cartas, — Fern continuou, as palavras saindo como uma represa que havia estourado. — Eu sei que elas não foram feitas para mim. Mas eu amava. Você é engraçado. E inteligente. E me fez rir. Até me fez chorar uma vez. Gostaria que fosse por mim. Então, eu só estava me perguntando se você gostou das coisas que eu escrevi.

Houve um abrandamento em torno de seus olhos, o olhar firme, envergonhado que ele tinha desde que a havia visto parada no corredor esperando por ele.

— Por que isso importa? — Ele perguntou suavemente.

Fern lutou para encontrar as palavras. Ela fazia questão. Mesmo não sabendo que era ela, se gostava de suas cartas isso significava que gostava dela. Em algum nível. Não é?

— Por causa... Escrevi-as. E eu queria dizer tudo aquilo. — E lá estava ele. Suas palavras encheram o corredor vazio, saltando fora dos armários vazios e pisos de linóleo como uma centena de bolas saltitantes, impossível de ignorar ou evitar. Fern sentia-se nua e fraca, completamente exposta na frente do menino por quem tinha se apaixonado.

Sua expressão era tão surpresa quanto a dela deveria ser.

— Ambrose! Brosey! Cara, você ainda está aqui? — Beans esgueirou-se ao virar a esquina, como se tivesse acabado de cair em cima deles. Mas Fern soube imediatamente que ele tinha ouvido cada palavra. Podia vê-lo em seu sorriso. Devia pensar que estava salvando seu amigo de ser assaltado, ou pior, um convite para o baile por uma garota feia.

— Ei, Fern. — Beans agiu surpreso ao vê-la ali. Ela ficou surpresa que soubesse o nome dela. — Eu preciso de uma carona, Brose. Meu caminhão não quer ligar.

— Sim. Claro. — Ambrose balançou a cabeça, e Beans agarrou-o pela manga empurrando-o para fora da porta. O rosto de Fern ardeu de vergonha. Ela pode ser comum. Mas não era estúpida.

Ambrose deixou-se afastar, mas depois parou. De repente, caminhou de volta para ela e entregou-lhe o envelope que ela tinha lhe dado apenas alguns minutos antes. Beans esperava, a curiosidade voando em seu rosto.

— Aqui. Eles são seus. Só... não os compartilhe. Ok? — Ambrose sorriu brevemente, apenas um toque tímido de seus lábios bem formados.

E então se virou e saiu com Beans em seus calcanhares. E Fern segurou o envelope e se perguntou o que aquilo significava.



— Coloque uma touca sobre o cabelo, filho, — Elliott Young lembrou pacientemente enquanto Ambrose largava a engrenagem da porta dos fundos da padaria e se dirigia até a pia para lavar-se.

Ambrose puxou o cabelo para trás com as duas mãos e envolveu um

elástico em torno dele para que ficasse fora de seu rosto e menos propenso a cair na massa de bolo ou massa de biscoito. Seu cabelo ainda estava úmido da chuva depois do treino. Ele puxou uma touca sobre o rabo de cavalo escuro e vestiu um avental, envolvendo-o ao redor de seu torso a maneira que Elliott havia lhe ensinado há muito tempo.

— Onde é que você me quer, papai?

— Comece com os rolos. A massa está pronta para sair. Eu tenho que terminar de decorar este bolo. Eu disse a Daphne Nielson que estaria pronto às seis e meia, e são seis agora.

— Grant disse algo sobre treino e bolo. Ele disse que achava que estava perto o suficiente do peso que seria capaz de roubar uma fatia.

O bolo era para o irmão pequeno de Grant, Charlie, um bolo de aniversário com os personagens do Hércules animados no topo por três camadas de chocolate. Era bonito e fantasioso, com apenas a cor e o caos suficiente para agradar a um menino de seis anos de idade. Elliott Young era bom com detalhes. Seus bolos sempre pareciam melhores do que as imagens que as pessoas poderiam olhar no grande livro de bolos posicionado em frente a padaria em um pedestal. Mesmo as crianças gostavam de folhear as páginas laminadas, apontando para o bolo que eles queriam para o seu grande dia.

Ambrose havia tentado decorar algumas vezes, mas suas mãos eram grandes e as ferramentas eram pequenas e, embora Elliott fosse um professor paciente, Ambrose simplesmente não tinha o toque. Ele podia fazer uma decoração muito básica, mas ele era muito melhor em panificação, sua força e tamanho, mais adequado para o trabalho sem muitos detalhes.

Ele atacou a massa crescente com competência, amassar, rolar e dobrar cada monte em um rolo perfeito, sem pensamento e com uma velocidade considerável. Nas maiores padarias havia máquinas que faziam o que ele estava fazendo, mas ele não se importava com o ritmo da

operação, enchendo as enormes folhas com rolos feitos à mão. O cheiro do primeiro lote de rolos no forno o estava matando. Trabalhar na padaria durante a temporada de wrestling era tortura.

— Concluído. — Elliott se afastou do bolo e verificou o relógio.

— Parece bom —, disse Ambrose, seus olhos sobre os músculos salientes do herói mítico de pé em cima do bolo com os braços erguidos. — O verdadeiro Hércules usava uma pele de leão, no entanto.

— Ah, é? — Elliott riu. — Como você sabe disso?

Ambrose deu de ombros. — Bailey Sheen disse-me uma vez. Ele costumava ter uma queda por Hércules.

Bailey tinha um livro apoiado em seu colo. Quando Ambrose olhou por cima do ombro para ver o que era, viu várias fotos de um guerreiro lutando contra o que parecia ser monstros míticos. Algumas dessas imagens poderiam ter sido enquadradas e colocadas na sala de wrestling. O guerreiro parecia que estava lutando com um leão de um lado e um javali em outro. Isso era provavelmente por que Sheen estava lendo; Ambrose não conhecia ninguém que sabia mais sobre wrestling do que Bailey Sheen.

Ambrose sentou nas esteiras ao lado da cadeira de Bailey e começou a amarrar os sapatos de wrestling.

— O que acha da leitura, Sheen?

Bailey olhou para cima, assustado. Ele estava tão absorto em seu livro que ainda não tinha notado Ambrose. Olhou para Ambrose por um minuto, os olhos demorando em seu longo cabelo e a camiseta que estava para fora. Meninos de quatorze anos de idade eram notórios por não se preocupar com roupas e cabelo, mas a mãe de Bailey não o teria deixado sair de casa assim. Em seguida, Bailey lembrou que Lily Young não morava com Ambrose mais, e Bailey percebeu que era a primeira vez que via Ambrose todo o verão. Mas Ambrose ainda tinha aparecido para o acampamento de wrestling, do treinador Sheen, assim como fazia a cada verão.

— *Eu estou lendo um livro sobre o Hércules* —, disse Bailey tardiamente.

— *Eu já ouvi falar dele.* — Ambrose terminou de amarrar os sapatos e encarou enquanto Bailey virou a página.

— *Hércules era o filho do deus grego, Zeus* —, disse Bailey. — *Mas sua mãe era um ser humano. Era conhecido por sua força incrível. E foi enviado em um monte de missões para matar todos estes monstros diferentes. Derrotou o touro de Creta. Matou um leão dourado, cuja pele era imune a armas mortais. Matou uma hidra de nove cabeças, cavalos carnívoros foram capturados, e os pássaros com bicos de bronze comedores de homens, penas metálicas e cocô tóxico, destruídos.* — Ambrose gargalhou e Bailey sorriu.

— *Isso é o que a história diz! Hércules era incrível, cara! Meio deus, meio mortal, todo herói. Sua arma favorita era um porrete, e ele sempre usava a pele do leão, o leão de ouro que ele matou em sua primeira missão.* — Bailey estreitou os olhos, estudando Ambrose. — *Você meio que se parece com ele, agora que o seu cabelo está crescendo. Deve mantê-lo assim, deixe crescer ainda mais. Talvez vá torná-lo ainda mais forte, como Hércules. Além disso, não o deixa parecer fraco. Os caras que lutam com você vão fazer xixi nas calças quando o virem chegando.*

Ambrose puxou o cabelo que tinha negligenciado desde a última primavera. Com sua mãe se fora e havia dois solteiros na casa, ele tinha perdido um monte de coisas que costumava considerar como certo. Seu cabelo era a menor de suas preocupações.

— *Você sabe muito, não é mesmo, Sheen?*

— *Sim. Sei. Quando você não pode fazer muito, apenas ler e estudar, aprende algumas coisas, e gosto de ler sobre caras que sabiam uma coisa ou duas sobre wrestling. Veja este!* — Bailey apontou para a página. — *Hércules em sua primeira missão. Parece que está trabalhando sua inclinação no leão, não é?*

Ambrose balançou a cabeça, mas seus olhos foram atraídos para uma outra imagem. Era uma foto de outra estátua, mas esta mostrava apenas o

rosto e o peito do herói. Hércules parecia sério, triste até, e sua mão tocava-lhe o coração, quase como se fosse machucá-lo.

— Sobre o que é essa imagem?

Bailey franziu o rosto e contemplou a imagem como se não tivesse certeza.

— É chamada de “Rosto de um herói” —, Bailey leu a legenda. Olhou para Ambrose. — Acho que não foi tudo diversão e brincadeiras, ser um campeão.

Ambrose leu em voz alta sobre o ombro de Bailey. — Hércules foi o mais famoso de todos os antigos heróis, e o mais amado, mas muitos se esquecem que seus doze trabalhos foram realizados como penitência. A deusa Hera fez com que perdesse sua mente e em seu estado enlouquecido, ele matou sua esposa e filhos. Aflito e cheio de culpa, Hércules procurou formas de equilibrar a balança e aliviar sua alma atormentada.

Bailey gemeu: — Isso é estúpido. Se eu fizesse uma escultura chamada “Rosto do Herói” eu não a faria triste. Daria-lhe um rosto como esse. — Bailey mostrou os dentes e deu a Ambrose um olhar meio louco. Com sua aparência de cachos castanhos claros, olhos azuis e bochechas rosadas, Bailey não aparentava a face comum muito bem. Ambrose bufou e com um aceno rápido para Bailey, apressou-se a juntar-se aos outros lutadores já esticando nas esteiras. Mas não pode tirar o rosto bronzeado e enlutado de Hércules fora de sua cabeça.

— Bem, é tarde demais para fazer uma pele de leão de fondant, mas acho que vai passar no escrutínio —. Elliott sorriu. — Eu tenho um outro bolo para terminar, e depois vamos sair. Você precisa chegar em casa. Não quero que se atrase.

— Você é o único que tem hora para voltar hoje à noite —, disse Ambrose amigavelmente. Elliott Young organizara suas horas para que pudesse estar em casa à noite, o que significava que estaria de volta na padaria por volta das duas da manhã. E sairia às sete, quando a Sra. Luebke

viesses para seu turno e estaria de volta outra vez por volta das três da tarde, quando o seu turno terminasse, trabalhando até sete ou oito horas da noite, de novo. Na maioria dos dias, Ambrose teria que se juntar a ele após o treino, para o trabalho ir um pouco mais rápido.

— Sim. Mas eu não estou tentando manter minhas notas altas e indo para o treino de wrestling antes e depois da escola. Você não tem sequer qualquer momento para sua namorada bonita.

— Namorada bonita está fora —, Ambrose murmurou.

— Ah, é? — Elliott Young procurou o rosto do filho pelos os sinais de perigo e não o achou. — O que aconteceu?

Ambrose deu de ombros. — Vamos apenas dizer que ela não era a garota que eu achava que era.

— Ahh, — Elliot suspirou. — Desculpe, Brosey.

— Bonita ou inteligente? — Ambrose perguntou a seu pai depois de uma longa pausa, nunca quebrando o ritmo com os rolos.

— Inteligente —, Elliott respondeu imediatamente.

— Sim, certo. É por isso que você escolheu a mãe, né? Porque ela era tão feia!

Elliott Young pareceu ferido por um instante e Ambrose se desculpou imediatamente. — Desculpe, pai. Eu não quis dizer isso.

Elliott balançou a cabeça e tentou sorrir, mas Ambrose poderia dizer que estava ferido. Ambrose estava realmente enrolado hoje. Primeiro Fern Taylor, agora seu pai. Talvez teria que começar a fazer penitência como Hércules. Pensamentos do campeão triste se levantaram em sua mente. Ele não tinha pensado sobre ele em anos, mas as palavras de Bailey tocara sua mente como se tivesse acontecido ontem.

“Eu acho que ser campeão não é só diversão e brincadeiras, hein?”

— Pai?

— Sim, Brosey?

— Você vai ficar bem quando eu me for?

— Você quer dizer para a Universidade? Claro, claro. Sra. Luebke vai me ajudar, e a mãe de Paul Kimball, Jamie, chegou hoje e preencheu um pedido de trabalho em tempo parcial. Acho que vou contratá-la. Dinheiro é sempre um problema, mas com uma bolsa de estudos wrestling e com um pouco de aperto aqui e ali, acho que é factível.

Ambrose não disse nada. Ele não sabia se “for” significava faculdade. Significava só... ir.

Dome um Leão

O letreiro em frente aos escritórios da cidade, na esquina da Main e Center, dizia *Força! Acabe com eles, Ambrose!* Não dizia *Vão lutadores!* Ou *Vão Lakers!* Apenas *Acabe com eles, Ambrose!* Jesse imediatamente teve problemas com o cartaz, mas os outros meninos no ônibus não pareceram se importar. Ambrose era um deles. Ele era o capitão do time. Todos pensavam que iria levá-los para outro Campeonato Estadual, e isso era tudo o que importava para eles.

Mas Ambrose estava tão incomodado com o cartaz quanto Jesse. Ele tentou minimizar da forma como sempre fazia. Eles estavam a caminho de Hershey, Pensilvânia para o Torneio do Estado, e Ambrose não podia esperar até que tivesse acabado. Então, talvez pudesse respirar por um tempo, pensar um pouco, ter um pouco de paz, apenas por um tempo.

Se a luta fosse apenas o que acontecia na esteira e na sala de wrestling, ele amaria o esporte. Ele amava o esporte. Amava a técnica, a história, a sensação de estar no controle do resultado, do jeito que sentia ao executar o golpe perfeito. Amava a simplicidade do esporte. Amava a batalha. Ele simplesmente não gostava dos fãs gritando, os elogios ou o fato de que as pessoas estavam sempre a falar de Ambrose Young como se fosse algum tipo de máquina.

Elliott Young tinha levado Ambrose por todo o país para lutar. Desde que Ambrose tinha cerca de oito anos, Elliott havia investido o último centavo para fazer de seu filho um campeão, não porque Elliott precisasse que fosse, mas por causa de seu talento, Ambrose merecia esse tipo de incentivo. E Ambrose tinha amado essa parte também. Estar com o pai, ser apenas um dos milhares de lutadores em qualquer final de semana,

disputando o primeiro lugar no pódio de medalhas. Mas, nos últimos anos, como Ambrose ganhou atenção nacional e Hannah Lake Township percebeu que tinha uma estrela em suas mãos, tinha deixado de ser divertido. Tinha definhado seu amor.

Sua mente na ponta voltou para o recrutador do exército que tinha entrado na escola no mês passado. Ele não tinha sido capaz de tirar a visita de sua mente. Como todo o país, queria alguém para pagar pela morte de 3.000 pessoas em 11/09. Queria justiça para as crianças que perderam suas mães ou pais. Lembrou-se da sensação de não saber se sua própria mãe estava bem. O Voo 93 tinha caído não muito longe, apenas um pouco mais de uma hora de carro de Hannah Lake, trazendo a realidade do ataque para muito perto de casa.

Os EUA estavam no Afeganistão, mas algumas pessoas pensaram que o Iraque estava próximo. Alguém tinha que ir. Alguém tinha que lutar. Se não ele, então quem? E se ninguém fosse? Será que isso aconteceria de novo? Ele não se deixava pensar sobre isso na maioria das vezes. Mas agora estava ansioso e nervoso, seu estômago vazio e sua mente cheia.

Iria comer depois da pesagem. Tinha dificuldade de chegar a 90 Kg e teve que perder peso para chegar lá. Seu peso natural estava mais próximo de 97Kg. Mas lutar abaixo lhe dava uma vantagem. A categoria ia até 90 e ele tinha de 97 quilos de poder despojado e pura musculatura magra apenas. Sua altura era incomum no mundo do wrestling. Sua envergadura e o comprimento de seu torso e pernas criavam alavancagem onde seus adversários tinham que contar com a força. Mas ele tinha isso também nas pernas. E tinha sido imbatível por quatro temporadas.

Sua mãe queria que ele fosse um jogador de futebol, por ser tão grande para sua idade. Mas o futebol tornou-se o segundo violino da primeira vez que ele assistiu as Olimpíadas. Era agosto de 1992, Ambrose tinha sete anos, e John Smith ganhou sua segunda medalha de ouro em Barcelona, derrotando um lutador do Irã na final. Elliott Young tinha dançado ao redor da sala, um pequeno homem que tinha encontrado o seu

próprio consolo no tatame. Era um esporte que saudava a grandes e pequenos, e embora ele não fosse um candidato sério, Elliott Young amava o esporte e compartilhou seu amor com o filho. Naquela noite, eles lutaram ao redor do tapete na sala da família, Elliott mostrando a Ambrose o básico e prometendo-lhe que iria inscrevê-lo junto ao treinador Sheen para o acampamento de luta, na semana seguinte.

O ônibus estremeceu e empurrou, acertando um buraco antes de se arrastar pela rodovia, deixando Hannah Lake para trás. Quando voltasse para casa estaria feito, acabado. Mas, então, a loucura iria realmente começar e ele teria de esperar para tomar uma decisão sobre por qual faculdade lutar, o que estudar e se podia suportar a pressão por tempo indeterminado. Agora só se sentia cansado. Ele pensou em perder. Se perdesse será que tudo isso iria embora?

Ele balançou a cabeça com firmeza e Beans pegou o movimento e franziu a testa em confusão, pensando que Ambrose estava tentando lhe dizer alguma coisa. Ambrose olhou para fora da janela, dispensando-o. Ele não iria perder. Isso não iria acontecer. Ele não iria deixar.

Sempre que Ambrose era tentado a desistir, o apito explodia e ele começava a lutar, e o competidor nele não poderia perder ou desistir e deixar tudo na esteira. O esporte merecia tanto. Seu pai, o seu treinador, sua equipe, a cidade. Eles mereciam isso, também. Ele só queria que houvesse uma maneira de deixar tudo para trás... apenas por um tempo.



— Bem vindo a Hershey, Pensilvânia, o lugar mais doce da Terra, e bem-vindos ao Centro Giants onde nós estamos ao vivo no primeiro dia de 2002, para os campeonatos de wrestling do ensino médio —, a voz do locutor soou na enorme arena que estava lotada de pais e lutadores, amigos e fãs, todos vestidos com as cores da sua escola, cartazes erguidos, esperanças realizadas. Bailey e Fern estavam posicionados em lugares de primeira: mesmo no chão da arena com os tapetes que foram espalhados

de um lado para o outro.

De acordo com Bailey, por vezes, estar em uma cadeira de rodas tinha suas vantagens. Além disso, sendo filho do treinador e o status de ajudante dava-lhe um trabalho a ser feito, e Bailey sabia tudo sobre como fazê-lo. O trabalho de Fern era ajudar Bailey com dados de manutenção, bem como certificar-se que tinha comida e um conjunto de pernas e mãos e informar Sheen de quando Bailey precisasse de uma pausa para o banheiro ou algo que ela não poderia fornecer. Eles tinham até uma técnica.

Eles planejavam intervalos entre rounds, mapeado todos os dias antes de começar. Às vezes era Angie a assistente, às vezes uma das irmãs mais velhas de Bailey, mas na maioria das vezes era Fern ao lado de Bailey. Nos intervalos no banheiro, Bailey enchia seu pai com a classificação da equipe, os pontos, as corridas individuais, enquanto seu pai o ajudava a fazer as coisas que não poderia fazer por si mesmo.

Entre todos eles, com o treinador Sheen fazendo o trabalho pesado quando era necessário, Bailey nunca tinha perdido um torneio. O treinador Sheen tinha ganhado um pouco de notoriedade e mais do que um pouco de respeito por toda a comunidade de wrestling quando equilibrou as responsabilidades de sua equipe com as necessidades de seu filho. O treinador Sheen sempre alegava que levava a melhor parte do acordo, pois Bailey tinha uma mente incrível para fatos e números e havia se tornado indispensável.

Bailey tinha testemunhado a cada um dos jogos de Ambrose em cada um de seus torneios estaduais. Bailey gostava de ver Ambrose lutar mais do que qualquer outra pessoa na equipe, e gritou quando Ambrose derrubou seu adversário no tatame em sua primeira partida do torneio. De acordo com Bailey, ele não deveria ser um concorrente. Ambrose era muito superior em todos os sentidos, mas esses primeiros jogos foram sempre alguns dos mais assustadores, e todos estavam ansiosos para tirá-lo do caminho.

Em sua primeira luta, Ambrose foi compensado com um garoto de Altoona que era muito melhor do que o seu recorde. Ele conquistara o terceiro lugar em seu distrito, podendo se afirmar suas horas extras pelo que demonstrava as gengivas. Ele estava no último ano, estava com fome e todo mundo queria derrubar o campeão do pedestal. Para piorar as coisas, Ambrose não era ele mesmo. Parecia cansado, distraído, mesmo doente.

Quando a luta começou, mais da metade dos olhos na arena estavam fixos sobre a ação no canto esquerdo, embora houvesse quase uma dúzia de outras lutas acontecendo ao mesmo tempo. Ambrose estava no seu normal, ofensivo, golpeando primeiro, movendo-se mais, sempre fazendo contato, mas estava fora de seu jogo. Iniciou seus golpes muito atrás e, em seguida, não finalizava quando poderia ter marcado. O grande garoto de Altoona ganhou confiança como os primeiros dois minutos ao fim o placar estava empatado em zero. Dois minutos com Ambrose Young, com ele todo amarrado era algo para se orgulhar. Ambrose deveria estar com dor, mas ele não estava sentindo nada, e todo mundo que olhava sabia.

O apito começou a segunda rodada e foi mais do mesmo, exceto talvez pior. Ambrose continuou tentando agitar alguma coisa, mas suas tentativas foram hesitantes, e quando seu oponente escolheu o chão e não foi capaz de obter uma fuga, foi Ambrose 0, o Leão de Altoona 1. Bailey gritou e gemeu no banco, e no final do segundo período com o placar ainda no 0x1, Bailey começou a fazer esforços para obter a atenção de Ambrose.

Ele começou a cantar — Hércules! Hércules! Hercules!

— Ajude-me, Fern —, ele insistiu. Fern não era muito de cantar ou torcer, mas estava começando a se sentir mal, como se algo estivesse errado com Ambrose. Ela não queria que ele perdesse desta forma. Então, ela se juntou a Bailey no canto. Alguns dos fãs estavam sentados perto do canto e sem muita insistência, eles entraram na onda também.

— Hércules, Hércules, Hércules, — eles rugiram, entendendo que o semideus de Hannah Lake estava prestes a ser detonado. Ambrose Young

estava perdendo.

Com vinte segundos para o fim da partida, o árbitro parou o jogo para o segundo tempo, porque o Leão de Altoona precisava ajustar a fita nos dedos. Porque era a segunda vez que a ação havia sido interrompida, Ambrose seria capaz de escolher sua posição em cima, em baixo ou neutro, para terminar o jogo.

Bailey tinha manobrado até a beira da esteira ao lado das duas cadeiras designadas para os treinadores de Hannah Lake. Ninguém reclamou. Vantagens de estar em uma cadeira de rodas. Você disfarçava muito mais do que de outra maneira.

— Hércules —, ele gritou para Ambrose, e Ambrose balançou a cabeça em descrença. Ele estava ouvindo seus treinadores, mas não ouvia realmente. Quando Bailey interrompeu as instruções frenéticas cessaram e três pares de olhos frustrados se voltaram contra ele.

— O que você está gritando, Sheen? — Ambrose estava dormente. Em 20 segundos a sua chance de ser tetracampeão iria virar fumaça. E ele não conseguia sacudir a letargia, a sensação de que nada disso era real.

— Lembra-se de Hércules? — Bailey exigia. Realmente não era uma pergunta, a maneira como ele empurrara a declaração em Ambrose.

Ambrose parecia incrédulo e mais do que um pouco confuso.

— Lembre-se da história sobre o leão? — Bailey insistiu, impaciente.

— Não... — Ambrose ajustou seu capacete e olhou para o seu adversário que ainda estava recebendo os dedos envoltos enquanto seus treinadores davam instruções para ele e tentava não parecer eufórico sobre o rumo dos acontecimentos.

— Esse cara é um leão também. Um leão da montanha Altoona, certo? As flechas de Hércules não estavam resolvendo com o leão. Seus movimentos não estão funcionando.

— Obrigado, cara —, Ambrose murmurou secamente, e voltou-se para

caminhar de volta para o centro do tapete.

— Você sabe como Hércules venceu o leão? — Bailey levantou a voz para ser ouvido.

— Não, eu não —, disse Ambrose por cima do ombro

— Ele era mais forte do que o leão. Ele pegou nas costas do leão, e acabou com ele! — Bailey gritou atrás dele.

Ambrose olhou para Bailey e algo cintilou em seu rosto. Quando o árbitro pediu que Ambrose tomasse posição, ele escolheu o topo. Seus fãns engasgaram, todo o município de Hannah Lake engasgou, Elliott Young amaldiçoava e os queixos dos treinadores de Ambrose caíram junto com seus estômagos e suas esperanças para outro título da equipe. Era como se Ambrose quisesse perder. Você não escolhe o topo quando está por baixo, perdendo por um com vinte segundos para o fim do jogo. Tudo que Altoona tinha que fazer era não se virar ou pior ainda, fugir e começar um outro ponto que ele iria ganhar a luta.

Quando o apito soou, era como se alguém ligasse a câmera lenta. Até mesmo os movimentos de Ambrose pareciam lentos e precisos. Seu adversário mexia-se, tentando empurrar para cima e para fora, mas em vez disso encontrou-se em um golpe tão apertado que esqueceu por um momento sobre os vinte segundos no relógio, sobre o jogo que era seu para ganhar, e sobre a glória que viria. Respirou fundo quando seu rosto foi empurrado pela primeira vez no tapete e seu braço esquerdo foi arrancado de debaixo dele. O golpe cresceu ainda mais apertado e ele pensou em bater no tapete com a mão direita, a forma como os caras do UFC faziam quando estavam desistindo. Suas pernas dispararam, movendo-se para alavancarem e seu braço esquerdo estava enfiado passando pela sua axila direita. Ele sabia o que estava acontecendo. E não havia absolutamente nada que pudesse fazer a respeito.

Lentamente, precisamente, Ambrose envolveu-se em torno de seu oponente, prendeu suas pernas quando ele derrubou o leão em suas costas,

nunca liberando a pressão. Na verdade, os braços de Ambrose tremiam com a quantidade de poder que exercia. E, em seguida, a contagem começou, um, dois, três, quatro, cinco. Três pontos para trás. Ambrose pensou em Hércules e o leão com o velocino de ouro e se esticou e derrubou o leão de Altoona um pouco mais. Com dois segundos restantes no relógio, o árbitro deu um tapa no tatame.

Fim.

Os espectadores foram à loucura, e toda a cidade de Hannah Lake alegou que tinha acreditado nele o tempo todo. O treinador Sheen olhou para o filho e sorriu, Elliott Young lutou contra as lágrimas, Fern descobriu que suas unhas foram retalhadas, e Ambrose ajudou o seu adversário a ficar em pé. Ele não rugiu ou saltou para os braços de seu treinador, mas quando olhou para Bailey havia alívio em seu rosto, e um pequeno sorriso brincava em seus lábios.

O conto sobre sua primeira luta se espalhou como fogo, e o canto de Hércules acompanhou Ambrose em volume crescente de uma luta para a outra, fornecendo forragem para seus fãs de longa data e esquentando toda uma nova leva. Ambrose não vacilou o resto do torneio. Era como se tivesse flertado com a derrota e decidido que não era para ele. No momento em que pegou o tatame na final, sua última partida em sua carreira sem precedentes de wrestling do ensino médio, toda a arena rugiu o nome Hércules.

Mas depois que dominou sua última luta e o árbitro levantou o braço direito na vitória, após os locutores irem à loucura com a especulação sobre o que viria em seguida para o incrível Ambrose Young, o tetracampeão estadual encontrou um canto tranquilo e sem alarde, deslizou sua camisa ao redor da cintura, puxou sua camiseta azul Hannah Lake Wrestling real, e cobriu a cabeça com a toalha. Seus amigos o encontraram lá quando tudo acabou e as medalhas foram sendo entregues.

Veja o Mundo

Foi no meio do nada, apenas uma grande cratera no chão. Mas os destroços haviam sido eliminados. As pessoas diziam que papel carbonizado, detritos, pedaços de roupas e bagagem, quadros de alguns dos assentos e metal retorcido tinham sido dispersos e espalhados ao redor do acidente em um raio de oito quilômetros e para a área arborizada ao sul da cratera. Algumas pessoas disseram que havia pedaços de destroços nas copas das árvores e no fundo de um lago nas proximidades. Um fazendeiro ainda encontrou um pedaço da fuselagem em seu campo.

Mas não havia nenhum resto lá agora. Tudo tinha sido varrido. As câmeras, as equipes forenses, a fita amarela, tudo se foi. Os cinco meninos pensaram que poderiam ter problemas para chegar perto, mas ninguém estava lá para impedi-los de levar o carro velho de Grant fora da estrada e rodar até onde eles sabiam que iriam encontrar o lugar onde o Voo 93 colidiu com a Terra da Pensilvânia.

Havia uma cerca ao redor da área, 12 km de cerca de arame com flores murchas presas em arbustos, cartazes e bichos de pelúcia encravados aqui e ali. Fazia sete meses desde 11/09, e a maioria dos cartazes e as velas, os presentes e os bilhetes tinham sido removidos por voluntários, mas havia algo sobre o lugar que era sombrio para cinco meninos de dezoito anos de idade ouvindo o vento que sussurrava através das árvores próximas.

Era março, e embora o sol já espiasse brevemente o início do dia, a primavera não tinha encontrado o sul da Pensilvânia, e os dedos frágeis do inverno encontrava o seu caminho através de suas roupas para a pele de Young já picada com a memória da morte que pairava no ar.

Eles ficaram ao lado da cerca, que ligava as estacas através dos furos e

olhando através das fendas para ver o que poderiam tirar fora da cratera na terra, marcando o local de descanso de quarenta pessoas, que nenhum deles jamais havia conhecido. Mas eles sabiam que alguns de seus nomes, algumas de suas histórias, e eles foram respeitosos e silenciosos, cada um envolvido em seus próprios pensamentos.

— Eu não posso ver nada —, Jesse finalmente admitiu depois de um longo silêncio. Ele tinha planos com a namorada, Marley, e, embora sempre estivesse disposto para uma noite com os meninos, de repente desejava que tivesse ficado em casa neste momento. Ele estava com frio e dar uns amassos era muito mais divertido do que olhar para fora em um campo escuro, onde um grupo de pessoas havia morrido.

— Shhh! — Grant vaiou, nervoso com a perspectiva de captura e interrogatório. Ele tinha certeza que dirigir até Shanksville por um capricho fora uma ideia estúpida. Então ele reclamou e advertiu mas tinha vindo de qualquer maneira, como sempre fazia.

— Você pode não ser capaz de ver nada... mas... você sente isso? — Paulie tinha os olhos fechados, o rosto erguido para o ar, como se estivesse realmente ouvindo algo que o resto deles não podia. Paulie era o sonhador, o sensível, mas ninguém discutiu com ele neste momento. Havia algo lá, algo brilhava quase sagrado na calma, mas que não era assustador. Estava estranhamente calmo, mesmo na escuridão fria.

— Alguém precisa de uma bebida? Eu preciso de uma bebida, —

Beans sussurrou após o outro longo trecho de silêncio. Ele pescou em sua jaqueta e tirou um frasco, alegremente elevando-o ao memorial. — Não se importem se eu fizer.

— Eu pensei que você não estava bebendo mais! — Grant franziu a testa.

— A temporada acabou, homem, e eu estou bebendo oficialmente de novo —, declarou alegremente Beans, tomando um longo gole e limpando seu sorriso com as costas da mão. Ele ofereceu a Jesse, e Jesse de bom

grado tomou um gole, estremecendo enquanto o líquido queimou o caminho para o estômago.

O único que não parecia ter nada a dizer era Ambrose. Mas isso não era anormal. Ambrose falava raramente, e quando o fazia, a maioria das pessoas ouvia. Na verdade, ele era a razão pela qual eles estavam ali, no meio do nada em um sábado à noite. Desde que o recrutador do exército tinha chegado à escola, Ambrose não tinha sido capaz de pensar em outra coisa. Os cinco se sentaram na fileira de trás do auditório, rindo, fazendo piadas sobre treinamento de campo ser um passeio no parque comparado às práticas de wrestling do treinador Sheen. Exceto Ambrose. Ele não riu ou fez piadas. Ele ouviu em silêncio, com os olhos escuros fixos no recrutador, sua postura tensa, as mãos cruzadas no colo.

Eram todos veteranos, e todos iriam se formar em um par de meses.

A temporada de Wrestling havia terminado há duas semanas, e eles já estavam inquietos - talvez mais do que nunca - porque não haveria mais temporadas, nada de treinar, sem mais lutas para sonhar, sem vitórias para desfrutar. Eles acabaram. Concluído... exceto para Ambrose que tinha sido altamente recrutado por várias escolas e que tivera os registros acadêmico e o atlético para ir para Penn State com um pacote completo. Ele era o único que tinha uma saída.

Eles estavam à beira de uma enorme mudança, e nenhum deles, nem mesmo Ambrose, especialmente não Ambrose, estava animado com a perspectiva. Mas se ou não eles escolhessem dar um passo em direção ao desconhecido, o desconhecido ainda viria, o precipício ainda os engoliria por inteiros, e a vida que eles conheciam teria acabado. E todos eles tinham se tornado muito conscientes do fim.

— O que estamos fazendo aqui, Brosey? — Jesse finalmente disse o que todos tinham pensado. Como resultado, quatro pares de olhos se estreitaram no rosto de Ambrose. Era um cara forte, um cara mais propenso à introspecção do que brincadeira. Era um rosto pelo qual as

meninas eram atraídas e os caras secretamente cobiçavam. Ambrose Young sempre foi um cara dos caras, porém, e seus amigos sempre se sentiam mais seguros em sua presença, como se só por estar perto dele, um pouco de seu brilho iria passar para eles. E não era apenas o seu tamanho ou boa aparência ou o cabelo de Sansão que ele usava em seus ombros, desafiando o estilo ou o fato de que ele se preocupava com Sheen. Era o fato de que a vida tinha sorrido para Ambrose Young, desde o início, e ao vê-lo, você acreditava que sempre seria assim. Havia algo de reconfortante nisso.

— Eu me inscrevi —, disse Ambrose, suas palavras cortadas e finais.

— Para quê? Universidade? É. Sabemos, Brosey. Não se gabe. — Grant riu, mas o som estava aflito. Não teria havido bolsas de estudo para Grant Nielson, se tivesse terminado no topo da sua classe. Grant era um bom lutador, não um grande lutador, e a Pensilvânia era conhecida por seus lutadores. Você tinha que ser um grande lutador para conseguir uma bolsa de estudos. E não havia dinheiro em alguma conta poupança para a faculdade. Grant iria ficar lá, mas ele teria que trabalhar o seu caminho... lentamente.

— Nah. Não para a escola. — Ambrose suspirou, e o rosto de Grant se torceu em confusão.

— Pu-ta Merda. — Beans disse as palavras em um longo suspiro. Ele podia estar bêbado, mas o garoto não era lento. — O recrutador! Eu vi você falando com ele. Você quer ser um soldado?

Houve inaladas de choque quando Ambrose Young encarou os olhares atônitos dos seus quatro melhores amigos. — Eu nem sequer disse a Elliott. Mas vou. Só estou querendo saber se algum de vocês quer vir comigo.

— Então, o quê? Você nos trouxe aqui para suavizar-nos? Fazer-nos sentir todo patriótico ou algo assim? — Disse Jesse. — Porque isso não é o suficiente, Brosey. Inferno, o que você está pensando, cara? Você poderia ter uma perna arrancada ou algo assim. Então, como você vai lutar? Em seguida, acabou! Você fez isso! Você foi aceito na maldita Penn State. O quê?

Você quer os Hawkeyes? Eles o aceitarão, você sabe. Um cara grande que se move como um cara de noventa quilos que luta como se tivesse setenta? O que você quer agora, Brose? Não é qualquer um que pode vencer você, cara! Você tem que ir para a Universidade!

Jesse não parara de falar enquanto eles deixavam o memorial improvisado e afastavam-se para a rodovia. Jesse havia sido campeão estadual também, como Ambrose. Mas Ambrose não o tinha feito apenas uma vez. Quatro vezes campeão estadual, invicto nos últimos três anos, o primeiro lutador Pensilvânia a ganhar um campeonato estadual como um calouro nos pesos superiores. Ele tinha sido peso pesado quando calouro.

Sua única derrota veio no início do ano nas mãos do campeão estadual reinante, que estava no último ano. Ambrose o prendeu no tatame. Essa vitória o colocou no livro dos recordes.

Jesse levantou as mãos e xingou, deixando solta uma série de obscenidades que fazia até mesmo Beans, Sr. Boca-suja, se sentir um pouco desconfortável. Jesse mataria para estar na posição de Ambrose.

— Você tem tudo isso, cara! — Disse ele de novo, balançando a cabeça. Beans entregou a Jesse o frasco e bateu-lhe nas costas, tentando acalmar seu amigo incrédulo.

Eles rodaram em silêncio mais uma vez. Grant estava ao volante como de hábito. Ele nunca bebia e tinha-se designado o motorista e desde que todos começaram a dirigir, apesar de Paulie e Ambrose não terem participado do conforto que Beans tinha para oferecer naquela noite.

— Eu vou —, disse Grant em voz baixa.

— O quê? — Jesse gritou, derramando o que restava no frasco na frente de sua camisa.

— Eu vou —, Grant repetiu. — Eles vão me ajudar a pagar a escola, certo? Isso é o que o recrutador disse. Tenho que fazer alguma coisa. Com certeza não quero plantar para o resto da minha vida. No ritmo que estou

economizando dinheiro, vou terminar a faculdade quando tiver quarenta e cinco anos.

— Você jurou, Grant, — Paulie sussurrou. Ele nunca tinha ouvido falar que Grant jurara. Nunca. Nenhum deles tinha.

— Estava na maldita hora, — Beans uivou, rindo. — Em seguida, só tenho que levá-lo para transar! Ele não pode ir para a guerra sem conhecer o prazer de um corpo de mulher. — Beans disse isso em sua melhor voz de amante latino, estilo Don Juan. Grant apenas suspirou e balançou a cabeça.

— E você, Beans? — Ambrose perguntou com um sorriso.

— Eu? Oh, eu sei tudo sobre o prazer de um corpo de mulher, — Beans continuou em Inglês acentuado, balançando as sobrancelhas.

— O exército, Beans. O exército. E sobre isso?

— Claro. Diabos, sim. Tanto faz. — Beans concordou com um encolher de ombros. — Eu não tenho nada melhor para fazer

Jesse gemeu alto e colocou a cabeça entre as mãos.

— Paulie —, perguntou Ambrose, ignorando a angústia de Jesse. — Você vai?

Paulie parecia um pouco indeciso, entre sua lealdade a seus amigos em ir para a guerra com a sua autopreservação. — Brose... Eu sou um amante. Não um lutador —, disse ele a sério. — A única razão pela qual lutava era estar com vocês, e vocês sabem o quanto eu odiava. Eu não posso imaginar o combate.

— Paulie? — Beans interrompeu.

— Sim, Beans?

— Você pode não ser um lutador, mas você não é um amante. Você precisa transar, também. Caras de uniforme transam. Muito.

— Assim como estrelas do rock, e eu sou muito melhor com uma guitarra do que com uma arma —, Paulie rebateu. — Além disso, você sabe

que a minha mãe nunca deixaria. — O pai de Paul havia sido morto em um acidente de mineração quando tinha nove anos de idade e sua irmã mais nova era um bebê. Sua mãe havia se mudado de volta para casa, para Hannah Lake, com seus dois filhos pequenos para estar mais perto de seus pais e acabou ficando.

— Você pode ter odiado wrestling, Paulie. Mas você era bom nisso. Você vai ser um bom soldado, também.

Paulie mordeu o lábio, mas não respondeu e o carro ficou em silêncio, cada menino perdido em seus próprios pensamentos.

— Marley quer se casar —, disse Jesse, após um longo período de calmaria. — Eu a amo, mas... tudo está se movendo tão rápido, droga. Eu só quero lutar. Certamente alguma escola no Oeste quer um garoto negro que gosta de gente branca, né?

— Ela quer se casar? — Beans estava atordoado. — Temos apenas dezoito anos! É melhor você vir conosco, Jess. Você tem que crescer um pouco antes de deixar Marley colocar uma coleira em você. Além disso, você conhece o ditado: irmãos antes de mulheres.

Jesse suspirou em sinal de rendição. — Ah, inferno. A América precisa de mim. Como posso dizer não?

Gemidos e risos se seguiram. Jesse sempre teve um ego muito inflado.

— Ei, o exército tem uma equipe de luta livre? — Jesse parecia quase alegre com o pensamento.

— Paulie? — Perguntou Ambrose novamente. Paulie era o solitário, e de todos, seria o mais difícil para ele deixar para trás. Esperava que não precisasse.

— Eu não sei, cara. Eu acho que tenho que crescer um dia. Aposto que meu pai estaria orgulhoso de mim se o fizesse. Meu bisavô serviu na Segunda Guerra Mundial. Eu simplesmente não sei. — Ele suspirou. — Juntar-me ao exército parece ser uma boa maneira de me matar.

Dance com uma Garota

Não havia um hotel de luxo ou um local elegante em qualquer lugar perto de Hannah Lake para ter o baile, então o colégio Hannah Lake teve que decorar seu ginásio com centenas de balões, luzes cintilantes, fardos de feno, árvores falsas, tendas, ou qualquer que seja o tema ditado.

O tema deste ano era “Eu Espero Que Você Dance”, uma música inspiradora que não oferecia nenhuma inspiração no que diz respeito às ideias de decoração. Assim, as luzes brilhantes e balões e tendas fizeram outra aparição em mais um Baile de formatura de Hannah Lake, e quando Fern sentou-se ao lado de Bailey, olhando para o chão do ginásio cheio de casais rodando, se perguntava se a única coisa que havia mudado em 50 anos fora o estilo dos vestidos.

Fern brincou com o decote de seu próprio vestido, alisando a mão sobre as dobras cremosas, balançando as pernas, observando a forma como a saia drapeada arrastava no chão, emocionada com o toque de brilho de ouro quando o tecido refletia a luz. Ela e sua mãe tinham encontrado o vestido em uma ponta de estoque em um Dillards em Pittsburg. Havia tido o valor abaixado uma e outra vez, provavelmente porque era um vestido feito para uma menina pequena em uma cor que não era moda entre as meninas. Mas o cinza-amarronzado parecia bom para ruivas, e o vestido parecia maravilhoso em Fern.

Ela posou para fotos com Bailey na sala de estar da Taylor com o corpete puxado para cima em torno de seu queixo da forma como sua mãe gostava, mas dois segundos depois que deixou a casa, ela empurrou o decote de babados de seus ombros e se sentiu quase bonita pela primeira vez em sua vida.

Fern não tinha sido convidada para o grande baile. Bailey não convidara ninguém. Ele brincou dizendo que não queria fazer qualquer garota temer ir para sua formatura. Disse com um sorriso, mas havia um lampejo de algo triste em seu rosto. A auto piedade não era o estilo de Bailey, e seu comentário surpreendeu Fern. Então ela perguntou a Bailey se ele iria com ela. Baile foi, afinal poderiam ficar em casa de mau humor por não terem encontros ou poderiam ir juntos. Eles eram primos, e era completamente idiota, mas ser bobo era melhor do que ser um perdedor. E não era como se ir ao baile juntos pudesse causar problemas de imagem. Ambos eram a epítome dos nerds, literalmente no caso de Bailey, figurativamente no de Fern. Não seria uma noite de romance, mas Fern tinha um vestido para sua formatura e um acompanhante também, mesmo se não fosse um convencional.

Bailey estava vestido com um smoking preto com uma camisa branca preguiçosa e uma gravata preta. Seus cachos estavam cheios de mousse e artisticamente penteados, fazendo-o parecer um pouco como Justin{3} do N'Sync... pelo menos foi isso que pensou Fern. Casais balançavam para trás e para frente, com os pés mal se movendo, braços fechados em torno de si.

Fern tentou não imaginar como seria a sensação de ser pressionada contra alguém especial, dançando em seu baile de formatura. Ela desejou que brevemente estivesse com alguém que pudesse abraçá-la. Fern sentiu um lampejo de remorso e olhou para Bailey culpada, mas seus olhos estavam presos em uma menina com um vestido rosa brilhante e um cabelo loiro que caía em cascata. Rita.

Becker Garth segurava-a firmemente e acariciava seu pescoço, sussurrando para ela enquanto se moviam, seu cabelo escuro em forte contraste com seus cabelos claros. Becker, que tinha mais confiança do que merecia e uma arrogância que alguns homens menores desenvolviam a partir de uma necessidade de fazer-se parecer maior, tinha vinte e um e era velho demais para um baile de formatura do ensino médio. Mas Rita estava nos primeiros estágios da paixão, e o olhar sonhador em seu rosto quando

olhava para ele a fazia mais bonita ainda.

— Rita parece tão bonita. — Fern sorriu, feliz por sua amiga.

— Rita sempre parece bem —, disse Bailey, seus olhos ainda mantidos em cativo. Algo em seu tom de voz fez o coração de Fern se contrair. Talvez fosse o fato de que ela, Fern, nunca se sentira bonita. Talvez fosse o fato de que Bailey havia notado e fora capturado por algo que Fern achava que ele era imune, a algo que achava que ele colocaria pouco valor. Agora, ali estava ele, seu primo, seu melhor amigo, seu parceiro no crime, tão seduzido como todo o resto. E se Bailey Sheen se apaixonara por um rosto bonito, não havia esperança para Fern. Ambrose Young certamente nunca olharia para uma pessoa tão simples.

Ela sempre voltava para Ambrose.

Ele estava lá, cercado por seus amigos. Ambrose, Grant, e Paulie pareciam ter vindo sem acompanhantes, para grande desespero das meninas veteranas da classe, que estavam sentadas em casa, porque não foram convidados para o seu baile de formatura. Resplandecentes em smokings pretos como Young. Bonitos, penteados e barbeados, celebravam com todos e ninguém em particular.

— Eu vou pedir a Rita para dançar —, disse Bailey, de repente, sua cadeira de rodas cambaleando pelo chão como se tivesse apenas tropeçado sobre a decisão e que estava indo antes de perder a coragem.

— O-o quê? — Fern gaguejou. Ela sinceramente esperava que Becker Garth não fosse um idiota. Observou com partes iguais de fascínio e medo quando Bailey andou até o lado Rita, enquanto ela e Becker voltavam de mãos dadas para andar pelo do chão.

Rita sorriu para Bailey e riu de alguma coisa que ele disse. Deixe isso para Bailey, ele definitivamente não estava com pouco charme. Becker fez uma careta e passou direto por Bailey, como se não valesse a pena parar, mas Rita baixou a mão e, sem esperar pela permissão de Becker, sentou-se cautelosamente no colo de Bailey enrolado os braços ao redor de seus

ombros. A nova música pulsou nos alto-falantes, Missy Elliott *Get Ur Freak On*, e Bailey fez seu giro de cadeira de rodas em círculos, girando e girando, até que Rita estava rindo e agarrando-se a ele, seu cabelo era uma onda loira sobre o peito magro.

Fern balançava a cabeça com a música, balançando no lugar, rindo de seu amigo audacioso. Bailey era destemido. Especialmente considerando Becker Garth ficar parado na pista de dança, os braços cruzados, infeliz, à espera da música acabar. Se Fern fosse uma menina bonita, poderia ousar ir até lá e tentar distraí-lo, talvez pedir-lhe para dançar, para que Bailey pudesse ter o seu momento sem Becker supervisionando. Mas ela não era.

Então, ela roía a unha e esperava pelo melhor.

— Ei, Fern.

— Uh... oi Grant. — Fern se endireitou, escondendo as unhas irregulares no colo. Grant Nielsen tinha as mãos enfiadas nos bolsos como se estivesse tão confortável em um smoking como estava de calça jeans. Ele sorriu para ela e jogou a cabeça para a pista de dança.

— Quer dançar? Bailey não se importa, certo? Uma vez que está dançando com Rita?

— Claro! Okay! — Fern se levantou um pouco rápido demais e balançou nos saltos de três polegadas que a fazia ter impressionantes 1,65.

Grant sorriu de novo, e sua mão disparou para estabilizá-la.

— Você está bonita, Fern. — Grant pareceu surpreso. Seus olhos percorriam sobre ela e se estabeleceram em seu rosto, seus olhos se estreitaram, como se estivesse tentando descobrir o que estava diferente.

A música mudou cerca de vinte segundos depois que começaram a dançar, Fern pensou que era tudo o que teria, mas Grant curvou seus braços ao redor de sua cintura quando uma balada começou e parecia feliz com a parceria para uma outra canção. Fern girou a cabeça ao redor para ver se Bailey tinha abandonado Rita, só para descobrir que ele não tinha.

Estava fazendo voleios ao redor dos outros dançarinos, a cabeça de Rita em seu ombro e imitando a dança lenta o melhor que podiam. Becker estava de pé perto de uma tigela de ponche, com a boca torcida e com o rosto vermelho.

— Sheen vai levar porrada, se não for cuidadoso. — Grant riu, seguindo o olhar de Fern.

— Estou mais preocupada com a Rita —, disse Fern, percebendo de repente o que era. Becker a deixava nervosa.

— Sim. Talvez esteja certa. Você teria que ser muito perturbado para bater numa criança em cadeira de rodas. Além disso, se Garth o tocar, o pau iria quebrar solto. Nenhum lutador aqui permitiria isso.

— Por causa do treinador Sheen?

— Sim. E por causa de Bailey. Ele é um de nós.

Fern sorriu, feliz em saber que o sentimento era mútuo. Bailey amava cada membro da equipe de luta livre e considerava-se da equipe: assistente técnico, mascote, personal trainer, estatístico, todo um guru wrestling.

Em seguida Paulie pediu Fern para dançar. Ele era um doce, distraído e Fern dançou com ele, mas quando Beans aproximou-se e convidou-a para a pista de dança, Fern começou a pensar se talvez ela não era o alvo de uma piada particular, ou pior, uma aposta. Talvez Ambrose seria o próximo, e então todos iriam pedir-lhe para posar com eles em uma imagem, rindo ruidosamente de sua farsa no baile. Como se ela fosse um espetáculo de circo.

Mas Ambrose nunca pediu a ela para dançar. Ele nunca pediu a ninguém. Ele levantou a cabeça e ombros acima da maioria da multidão, com o cabelo puxado para trás com força em um rabo elegante em sua nuca, acentuando as planícies e vales de seu belo rosto, o amplo conjunto de seus olhos escuros, sobrancelhas retas e a forte mandíbula. A única vez que ele pegou Fern olhando para ele, franziu a testa e olhou para o lado e

Fern perguntou o que ela tinha feito.

No caminho para casa, Bailey estava estranhamente quieto. Alegou fadiga, mas Fern sabia que não era isso.

—Você está bem, B?

Bailey suspirou e Fern encontrou seu olhar no espelho retrovisor.

Bailey nunca seria capaz de dirigir, e nunca sentara-se no banco da frente. Sempre que ele e Fern cruzavam em torno da cidade, Fern pedia a van de Sheen porque era adaptada para o uso de cadeira de rodas. O assento do meio da van fora puxado para fora de modo que Bailey poderia conduzir sua cadeira de rodas até uma rampa, no fim do veículo. Em seguida, suas rodas eram travadas e era ele amarrado com cintos que estavam ancorados no chão para que não tombasse em sua cadeira. Arrastar-se pela Main Street não era muito divertido com Bailey no banco de trás, mas Fern e Bailey estavam acostumados com isso e às vezes Rita vinha para que Fern não se sentisse como uma motorista.

— Nah. Esta noite é uma daquelas noites, Fernie.

— O excesso de realidade?

— Isso, muita realidade.

— Eu também —, disse Fern suavemente, e sentiu a garganta estreitar contra a emoção que subia em seu peito. Às vezes a vida parecia particularmente injusta, excessivamente dura, e além do suportável.

— Você parecia que estava se divertindo. O grupo dos caras pediu-lhe para dançar, certo?

— Você que pediu-lhes para dançar comigo, Bailey? — A ideia bateu nela.

— Sim... Eu o fiz. Tudo bem? — Bailey pareceu ferido e Fern suspirou. Perdoou-o instantaneamente.

— Claro. Foi muito divertido.

— Ambrose não pediu, porém, não é?

— Não.

— Eu sinto muito, Fern. — Bailey estava bem ciente dos sentimentos de Fern por Ambrose e seu desespero após o fracasso com as cartas de amor.

— Você acha que há alguma maneira de alguém como Ambrose se apaixonar por alguém como eu? — Fern pegou o olhar de Bailey no espelho novamente, sabendo que ele iria entender.

— Só se ele tiver sorte.

— Oh, Bailey. — Fern balançou a cabeça, mas o amava por dizê-lo... e ainda mais por realmente querer dizer isso. Ela e Bailey tinham concordado que não estavam prontos para ir para casa, assim cruzavam para cima e para baixo na escura Main Street, as janelas escuras dos negócios refletindo os faróis brilhantes da velha van azul e as perspectivas sombrias do par solitário. Depois de um tempo, Fern estacionou na rua principal e dirigiu-se para casa, de repente cansada e pronta para o conforto simples de sua própria cama.

— É difícil chegar a um acordo às vezes —, disse Bailey abruptamente. Fern esperou que ele continuasse.

— É difícil chegar a termos que lidar com o fato de que você não será amado do jeito que você quer ser amado.

Por um momento, Fern achou que estava falando sobre ela e Ambrose. Mas então percebeu que ele não estava falando de amor não correspondido... não realmente. Estava falando sobre sua doença. Estava falando sobre Rita.

Ele estava falando sobre as coisas que nunca poderia dar a ela e as coisas que ela nunca iria querer dele. Porque estava doente. E não ficaria melhor.

— Há momentos em que eu acho que não aguentarei mais. — A voz de

Bailey tremia e parou de falar tão de repente como tinha começado.

Os olhos de Fern se encheram com lágrimas simpáticas, e ela as enxugou quando estacionou a van na garagem escura de Sheen, a luz automática piscando em cima dava boas-vindas ao sono. Ela deslizou o carro na garagem, destravou o cinto de segurança, e se virou em sua cadeira, olhando para seu primo. O rosto de Bailey parecia abatido nas sombras, e Fern sentiu um lampejo de medo, lembrou que ele não estaria ao seu lado para sempre, nem estaria ao lado dela por muito tempo. Ela estendeu a mão e agarrou sua mão.

— Há momentos assim, Bailey. Vezes em que você não acha que não pode aguentar mais. Mas, então, descobre que pode. Você sempre consegue. Você é teimoso. Vai respirar fundo, engolir um pouco mais, resistir um pouco mais, e, eventualmente, vai ter o seu segundo fôlego —, disse Fern, seu sorriso vacilante e os olhos marejados contradizendo suas palavras encorajadoras.

Bailey assentiu, concordando com ela, mas havia lágrimas em seus olhos também. — Mas há momentos em que você só precisa reconhecer a merda, Fern, sabe?

Fern assentiu, apertando segurando sua mão um pouco mais apertado. — Sim. E isso é bom, também.

— Você só precisa reconhecê-la. Enfrente a merda. — A voz de Bailey ficou mais forte, estridente mesmo. — Aceitar a verdade nela. Possuí-la, chafurdar nela, tornar-se um na merda. — Bailey suspirou, o clima pesado esvaindo com sua insistência em palavrões. Xingar podia ser muito terapêutico.

Fern sorriu palidamente. — Tornar-se merda?

— Sim! Se isso é o que é preciso.

— Eu tenho sorvete Rocky Road. Parece um pouco com cocô. Podemos tornar-nos um com o Rocky Road em vez disso?

— Ele se parece um pouco como uma merda. Nozes e tudo mais.
Conte-me mais

— Você é doente, Bailey!

Bailey gargalhou enquanto Fern subia na traseira, soltava os cintos que seguravam sua cadeira e empurrava a porta de correr aberta.

— Bailey?

— Sim?

— Eu te amo.

— Eu também te amo, Fern.



Naquela noite, depois que seu vestido cintilante foi posto de lado, seus cachos soltos da torção complicada, e seu rosto limpo, livre da maquiagem,

Fern ficou nua na frente do espelho e olhou-se em avaliação franca. Ela crescera um pouco, não? Estava quase com 1,58 cm. Não era pequena. Ela ainda era magra, mas pelo menos não parecia ter doze anos mais.

Sorriu para si mesma, admirando os dentes brancos em linha reta pelos quais sofreu tanto tempo. Seu cabelo estava se recuperando do desastre do verão passado. Convencida de que o cabelo mais curto seria mais controlável, tinha dirigido até Connie, na Hair Funde, para cortá-lo curto como um menino. Talvez não tivesse sido curto o suficiente, porque tinha saltado para fora de sua cabeça, como uma afrodescendente, e ela passou a maior parte de seu último ano parecendo Annie da peça da Broadway, acentuando ainda mais a sua pequena pessoa. Agora, quase tocava os ombros e podia forçá-lo em um rabo de cavalo. Prometeu a si mesma que não iria cortá-lo novamente. Iria deixá-lo crescer até alcançar sua cintura, esperando que o peso de um cabelo mais longo relaxasse as ondas. Pensava em Nicole Kidman em Dias de Trovão. Nicole Kidman era uma bela ruiva. Mas também era alta. Fern suspirou e tirou seu pijama. Elmo{4} olhou para ela de frente de sua prateleira.

— Elmo te ama —, ela disse para si mesma em sua melhor imitação estridente da voz do boneco. Talvez fosse hora de pegar algumas roupas novas, talvez um novo estilo. Talvez ficaria mais velha e não usaria o pijama do Elmo. Ela deveria comprar um jeans que se encaixaria e algumas camisetas que, na verdade, revelariam que já tinha seios... não mais uma tábua.

Mas ela ainda era feia? Ou ela tinha sido feia por tanto tempo que todo mundo já a tinha marcada em suas mentes? Todo mundo, ou seja, os caras que iam para a escola. Todos, significando: Ambrose.

Sentou-se na sua pequena escrivaninha e ligou seu computador. Estava trabalhando em um novo romance. Um novo romance com o mesmo enredo. Em todas as suas histórias, ou o príncipe se apaixonava por uma plebeia, a estrela do rock perdia seu coração para uma fã, o presidente caía de amor pela humilde professora, ou o bilionário tornava-se obcecado com a balconista. Havia um tema lá, um padrão que Fern não queria examinar muito de perto. E, geralmente, Fern poderia facilmente imaginar-se no papel do interesse amoroso feminino. Ela sempre escrevia na primeira pessoa e dava-se membros longos, corpo curvilíneo, seios grandes e olhos azuis. Mas hoje à noite seus olhos continuavam se desviando para o espelho, para seu próprio rosto pálido com um punhado de sardas.

Durante muito tempo, se sentou, olhando para a tela do computador. Pensou no baile de formatura, o jeito que Ambrose a ignorou. Pensou na conversa depois e na rendição de Bailey com a *merda*, mesmo que fosse apenas uma entrega temporária. Ela pensou sobre as coisas que não entendia e da forma como se sentia sobre si mesma. E então começou a digitar, a escrever, a derramar seu coração na página.

Se Deus fez todos os rostos, ele riu quando me fez?

Ele fez as pernas que não podem andar e olhos que não podem ver?

Será que ele enrolou o cabelo em cima de minha cabeça até que ela se rebelasse em um desafio selvagem?

Será que ele fechou os ouvidos do surdo para torná-lo mais dependente?

O jeito que eu sou é coincidência ou apenas uma reviravolta do destino?

Se ele me fez assim, está tudo bem culpá-lo pelas coisas que odeio?

Pelas sardas que parecem piorar a cada vez que vejo um espelho,

Pela feiura que eu vejo em mim, Pelo o ódio e o medo.

Será que ele nos esculpe para o seu prazer, por uma razão que eu não posso ver?

Se Deus fez todos os nossos rostos, ele riu quando me fez?

Fern suspirou e apertou imprimir. Quando sua impressora barata cuspiu o poema, Fern o prendeu na parede, empurrando um adesivo por meio da página branca. Então se arrastou para a cama e tentou apagar as palavras que repetia em sua cabeça. *Se Deus fez todos os nossos rostos, se Deus fez todos os nossos rostos...*

Festejar Muito

Ambrose não gostava de álcool. Ele não gostava da bagunça em sua cabeça ou o medo de fazer algo monumentalmente estúpido e envergonhar a si mesmo, seu pai, ou sua cidade. O treinador Sheen não autorizava nenhum álcool durante a temporada. Não havia desculpas. Se você fosse pego bebendo estava fora da equipe, e pronto. Nenhum deles arriscaria a luta por uma bebida.

Para Ambrose, wrestling era a coisa para o ano todo. Ele estava sempre treinando, sempre competindo. Lutava durante o futebol, mesmo que estivesse na equipe do ensino médio para ambos os esportes. E porque estava sempre treinando, nunca bebia.

Mas não estava treinando mais, porque não estava lutando. Acabou. E a cidade estava em um pânico silencioso. Cinco de seus meninos iriam para a guerra. A notícia se espalhou como fogo e as pessoas professavam orgulho e davam tapinha nas costas dos meninos, dizendo-lhes que apreciavam seu sacrifício e seu serviço, mas por baixo de tudo isso estava o horror. Elliott tinha abaixado a cabeça quando Ambrose deu a notícia para ele.

— É isso que você realmente quer fazer, meu filho? — Ele perguntou. Quando Ambrose disse que era, Elliott deu-lhe um tapinha na bochecha e disse: — Eu te amo, Brosey. E eu vou apoiá-lo em tudo o que fizer. — Mas Ambrose o tinha pego de joelhos várias vezes, em lágrimas, rezando. Ele tinha a sensação de que seu pai estava fazendo todos os tipos de negócios com Deus.

O treinador Sanders na Penn State tinha dito que respeitava a escolha de Ambrose. — Deus, Pátria, família, luta, — disse para Ambrose. Ele disse

que se Ambrose sentia que deveria servir o seu país, era o que deveria fazer.

Após a formatura, o Sr. Hildy, seu professor de matemática tinha o puxado de lado e pedira uma palavra. Sr. Hildy era um veterano do Vietnã. Ambrose sempre o respeitara, sempre admirara a forma como ele se comportava e dava as aulas.

— Ouvi dizer que você se inscreveu para a guerra. Você sabe que vai ser chamado logo, não é? Você vai ser enviado para fora mais rápido do que pode dizer Saddam Hussein. Você percebe isso? — Sr. Hildy perguntou, com os braços cruzados, suas espessas sobrancelhas grisalhas, levantadas em dúvida.

— Eu sei.

— Por que você está indo?

— Por que você foi?

— Fui convocado —, disse Hildy sem rodeios.

— Então você não teria ido se tivesse uma escolha?

— Não. Mas eu não mudaria isso também. As batalhas que disputei, lutaria novamente. Eu lutaria por minha família, minha liberdade de dizer o que diabos eu quero, e para os caras com quem lutei ao lado. Isso, acima de tudo. Você luta para os caras com quem você serve. No meio de um tiroteio, isso é tudo que você pensa.

Ambrose balançou a cabeça como se entendesse.

— Mas eu só estou dizendo a você agora. Os sortudos são aqueles que não voltam. Você está me ouvindo?

Ambrose balançou a cabeça novamente, chocado. Sem outra palavra, o Sr. Hildy foi embora, mas deixou dúvidas para trás, e Ambrose experimentou seus primeiros escrúpulos. Talvez estivesse cometendo um grande erro. A dúvida o fez irritado e inquieto. Ele foi atingido. Talvez não voltasse.

Os EUA e seus aliados estavam no Afeganistão. O Iraque era o próximo. Todo mundo sabia disso. Ambrose e seus amigos entrariam para a formação básica em setembro. Ambrose desejava que fosse amanhã. Mas isso era no que todos eles concordavam.

Naquele verão, foi um inferno. Beans parecia decidido a beber até a morte, e Jesse poderia muito bem ter casado pelo tempo que gastou com seus amigos. Grant era o agricultor, Paulie, escrevia músicas intermináveis sobre sair de casa e virar um chorão. Ambrose passou todo o seu tempo na padaria ou levantando pesos. E o verão arrastou-se.

Agora, ali estavam eles, na noite de sábado, dois dias antes de partirem para o acampamento Sill, em Oklahoma, e estavam todos no lago comemorando com cada criança do município. Havia refrigerante e cerveja, balões, caminhões com portas traseiras baixadas, e alimentos em cada turno. Algumas crianças nadavam, algumas dançavam na beira da água, mas a maioria só falava e ria, sentados ao redor da fogueira, relembando e tentando embalar como uma última lembrança de verão para lembrar através dos anos vindouros.

Bailey Sheen estava lá. Ambrose tinha ajudado Jesse a içar sua cadeira e levá-lo até o lago onde poderia misturar-se e conviver. Fern estava com ele, como de costume. Ela não estava usando seus óculos e seu cabelo encaracolado fora domado em uma trança com algumas mechas enrolando em torno de seu rosto. Ela não se comparava a Rita, mas era bonita, Ambrose teve que admitir, e muito. Estava com um vestido florido e chinelos, e por mais que tentasse, ele se viu olhando para ela durante toda a noite. Não sabia o que havia nela. Poderia ter começado algo com qualquer uma das meninas que ele chamava de amigas e que gostariam de dar a ele algo especial. Mas sexo casual nunca tinha sido a dele, e não iria começar agora. E ele continuou olhando para Fern.

Acabou bebendo mais cerveja do que deveria, foi puxado para dentro do lago por um bando de caras da equipe de luta livre, e perdeu o momento em que Fern partiu. Ele viu a velha van azul de Sheen afastar, esmagando

todo o cascalho e sentiu um toque de arrependimento passar por ele.

Ele estava molhado, louco, um pouco bêbado e não se divertia como todos. Ficou ao lado do fogo tentando espremer a água de suas vestes, e se perguntou se o arrependimento que sentia sobre Fern era apenas a sua maneira de cavar em seus calcanhares, no último momento, pegando algo para agarrar quando sua antiga vida escorregava à distância e o futuro amanhecia, assustador e novo.

Deixou o fogo secar o pior da água da calça jeans e camiseta e deixou a conversa fluir em torno dele. As chamas pareciam o cabelo de Fern. Ele xingou em voz alta, fazendo com que Beans pausasse no meio da introdução de um novo jogo. Ele se levantou de repente, derrubando a cadeira no gramado frágil, afastou-se do fogo, sabendo que devia apenas ir embora, sabendo que não era ele mesmo. Era um idiota. Girara os polegares durante todo o verão sem uma maldita coisa para fazer. Agora, lá estava ele, na noite anterior, ao seu último dia na cidade, e estava apenas descobrindo que poderia gostar de uma garota que tinha tudo, mas que se jogara para ele há mais de seis meses antes.

Ele havia estacionado no topo da colina, e os carros que estavam pertos do seu estavam vazios. Bom. Poderia simplesmente fugir. Estava miserável, sua virilha estava molhada, a camisa estava dura, e ele estava todo amassado. Se dirigiu até o morro só para parar em suas trilhas. Fern estava escolhendo o seu caminho para baixo, o caminho para o lago. Ela estava de volta. Ela sorriu enquanto se aproximou dele e tocou uma mecha de seu cabelo que tinha se soltado e estava enrolando no pescoço.

— Bailey deixou seu boné e eu me ofereci para voltar depois que o deixei. Queria dizer adeus. Falei com Paulie e Grant, mas não consegui falar com você. Espero que tudo bem se eu te escrever, às vezes. Gostaria que as pessoas me escrevessem... se eu fosse partir... provavelmente nunca saberei, mas você sim —, ela foi ficando cada vez mais nervosa enquanto falava, e Ambrose percebeu que não tinha dito uma palavra. Ele apenas olhava para ela.

— Sim. Sim, eu gostaria —, ele correu para colocá-la à vontade. Correu os dedos pelo cabelo úmido por muito tempo. Amanhã o cabelo iria embora. Seu pai disse que ia fazer a barba para ele. Não adiantava esperar até segunda-feira. Não tinha o cabelo curto desde que Bailey Sheen disse que ele parecia com Hércules.

— Você está todo molhado. — Ela sorriu. — Você provavelmente deve voltar para o fogo.

— Você quer ficar por aqui, talvez conversar por um minuto? — Perguntou Ambrose. Ele sorriu como se não fosse grande coisa, mas seu coração batia como se fosse a primeira garota que ele já tinha falado. Desejou de repente que tivesse um pouco mais de cerveja para dar mais coragem.

— Você está bêbado? — Fern estreitou os olhos para ele, lendo seus pensamentos. Isso fez Ambrose triste, que ela achasse que não gostaria de tê-la ao redor, a menos que ele estivesse bêbado.

— Hey Ambrose! Fern! Venham aqui! Estamos começando um novo jogo. Precisamos de mais um par de jogadores, — Beans chamou de onde se agachava perto do fogo.

Fern avançou, animada por estar sendo incluída. Beans não tinha sido exatamente agradável para Fern ao longo dos anos. Ele geralmente ignorava meninas que não achava terem boa aparência. Ambrose seguia um pouco mais lentamente. Ele não queria jogar jogos estúpidos, e se Beans estava comandando o show, era certeza que seria ruim ou estúpido.

Descobriu que o novo jogo não era nada novo. Era a mesma versão antiga do girar a garrafa que vinham jogando desde que tinham treze anos e precisavam de uma desculpa para beijar a garota sentada ao lado deles. Mas Fern parecia decidida sobre a coisa toda, com os olhos castanhos arregalados e as mãos apertadas em seu colo. Ambrose percebeu que ela provavelmente nunca tinha jogado girar a garrafa. Não era como se viesse para qualquer uma das suas festas. Ela não tinha sido convidada. Além

disso, era a filha do pastor. Provavelmente nunca tinha feito metade das coisas que todos os outros sentados ao redor do fogo tinha feito, várias vezes.

Ambrose colocou a cabeça entre as mãos, esperando que Beans não fizesse algo que pudesse envergonhar Fern ou tornar necessário dar-lhe uma porrada. Ele realmente não queria tensão no seu relacionamento com ele no treinamento de campo.

Quando a garrafa pousou em Fern, Ambrose prendeu a respiração. Beans sussurrou para a garota ao lado dele, a menina que tinha girado a garrafa. Ambrose encarou Beans e esperou que o machado caísse.

— Verdade ou desafio, Fern? — Beans provocou. Fern parecia petrificada. Como deveria estar. Ela mordeu o lábio quando doze pares de olhos a viam lutar com a escolha.

— Verdade —, ela deixou escapar. Ambrose relaxou. A verdade era mais fácil. Além disso, você sempre poderia mentir.

Beans sussurrou novamente, e a menina riu.

— Você escreveu ou não cartas de amor para Ambrose no ano passado e fingiu que eram de Rita?

Ambrose sentiu-se mal. Fern engasgou ao lado dele, e os olhos dela saltaram para o seu, a escuridão e as chamas dançantes faziam seu olhar negro em seu rosto pálido.

— Hora de ir para casa, Fern. — Ambrose levantou-se e puxou Fern ao lado dele. — Estamos fora. Vejo vocês perdedores em seis meses. Não me esqueçam muito. — Ambrose virou, apertando a mão de Fern e puxando-a atrás dele. Sem virar a cabeça, ele ergueu a mão esquerda, mostrou o dedo para o amigo. Podia ouvir o riso atrás dele. Beans ia se ferrar. Ambrose não sabia quando, não sabia como, mas ele ia.

Quando as árvores se fecharam em torno deles, escondendo-os de vista da praia, Fern puxou a mão dele e correu na frente.

— Fern! Espere.

Ela continuou correndo em direção aos carros estacionados, e Ambrose se perguntou por que ela não diminuía, só por um minuto. Correu para alcançá-la, chegando a ela quando apertou a maçaneta da porta da van azul de Sheen.

— Fern — Ele agarrou seu braço e ela lutou. Agarrou ambos os braços e puxou-a de encontro a ele com raiva, querendo que olhasse para ele. Seus ombros estavam tremendo, e ele percebeu que ela estava chorando. Ela estava correndo para fugir para que não a visse chorar.

— Fern, — ele respirou, impotente.

— Apenas me deixe ir! Eu não acredito que disse a eles. Eu me sinto tão estúpida.

— Eu disse a Beans, naquela noite, na noite em que nos viu conversando no corredor. Eu não deveria ter dito. Eu sou o único estúpido.

— Isso não importa. O colegial acabou. Você está indo embora. Beans está partindo. Eu não me importo se eu nunca visse qualquer um de vocês novamente. — Fern enxugou as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Ambrose deu um passo para trás, chocado com a veemência em sua voz, a certeza em seus olhos. E isso o assustou.

Então, ele a beijou.

Foi duro, e definitivamente não foi consensual. Ele segurou o rosto de Fern entre as mãos e apertou-a contra a porta da velha, van azul que dirigia para transportar Bailey por aí. Ela era o tipo de garota que não se importava em aparecer em uma festa dirigindo uma minivan adaptada para uma cadeira de rodas. O tipo de garota que tinha vertigem apenas por ser convidada para jogar um jogo estúpido. O tipo de garota que tinha voltado para dizer adeus a ele, um garoto que a tinha tratado como lixo. E ele a desejava, mais desesperadamente do que jamais tinha desejado nada antes, que se lembrasse.

Ele tentou suavizar sua boca contra a dela, tentou dizer a que estava arrependido, mas ela ficou congelada em seus braços, como se não pudesse acreditar, depois de tudo o que tinha acontecido, que ele pensasse que poderia quebrar seu coração e dar-lhe um beijo também.

— Eu sinto muito, Fern, — Ambrose sussurrou contra sua boca. — Eu sinto muito.

De alguma forma, essas palavras derreteram o gelo que o beijo não poderia, e Ambrose sentiu um suspiro de rendição contra seus lábios. As mãos de Fern subiram até seu bíceps, segurando-o enquanto ele a segurava, e ela abriu a boca debaixo dele, permitindo-o entrar. Suavemente, com medo de esmagar a segunda chance frágil que ela tinha lhe dado, ele moveu os lábios contra os dela, tocando sua língua com a dele suavemente, deixando-a explorá-lo. Ele nunca tinha pisado com tanto cuidado ou tentado tão terrivelmente fazer isso direito. E quando ela se afastou, ele deixou-a ir. Seus olhos estavam fechados, mas havia manchas de lágrimas em seu rosto e seus lábios pareciam machucados onde ele inicialmente pressionara com muita força, desesperado por apagar sua vergonha.

Então, ela abriu os olhos. Dor e confusão cruzaram seu rosto por um instante enquanto ela olhava para baixo. Em seguida, sua mandíbula se apertou e ela virou as costas para ele. Sem dizer uma palavra, subiu na van e foi embora.

Seja Um Bom Amigo

A campainha tocou às oito na manhã de sábado, e o som dela casou tão perfeitamente com o sonho de Fern que ela sorriu em seu sono, levantando o rosto para o belo homem de uniforme, que tinha acabado de dizer, *Aceito*. Levantara o véu e pressionara seus lábios nos dela.

— Eu sinto muito, Fern, — ele sussurrou, assim como o tinha feito no lago. — Eu sinto muito —, disse de novo.

Fern o beijou freneticamente, não querendo desculpas. Ela queria beijos. Muitos deles, e abraços também, e em algum lugar no seu subconsciente sabia que era tudo um sonho e estaria acordando logo, e todas as oportunidades de beijar se derreteriam em Nunca-Nunca-Vai-Acontecer-na-Terra.

— Eu sinto muito, Fern!

Fern suspirou, impaciência desfocando o fato de que não era a voz de Ambrose mais.

— Eu sinto muito por acordá-la, Fern, mas eu preciso te mostrar uma coisa. Você está acordada?

Fern abriu os olhos turvos, melancolicamente aceitando o fato de que não estava em uma igreja, que não tinha soado os sinos do casamento, e Ambrose estava a centenas de quilômetros de distância em Fort Sill.

— Fern? — Rita estava de pé sobre o pé de sua cama e, sem aviso, abriu o zíper de suas calças e desceu em torno de seus quadris, então levantou a camisa e deixou o elástico do sutiã exposto. Rita ficou com as mãos nos quadris e gritou: — Está vendo?

Fern olhou as curvas finas e a extensão da pele nua sob os seios cheios de Rita, sonolenta, desejando que Rita esperasse pelo mesmo mais alguns minutos para invadir seu quarto e começar a tirar a roupa. Seus olhos estavam pesados e garotas curvilíneas não eram seu tipo. Ela ansiava por um homem de uniforme. Levantou as sobrancelhas em questionamento para Rita e murmurou: — Huh?

— Olha, Fern! — Rita apontou com ambas as mãos para a parte debaixo de sua barriga, logo abaixo do umbigo. — Está enorme! Eu não vou ser capaz de esconder mais. O que vou fazer?

Não estava enorme. Era um estômago suavemente arredondado que se projetava levemente acima da pequena calcinha de renda preta. Fern tinha o mesmo par que ela escondido no fundo da sua gaveta e só usava quando tinha que escrever uma cena de amor, como a que tinha escrito ontem à noite... o que tinha sido apenas um par de horas atrás. Mas Rita não ia sair e deixá-la voltar à terra dos sonhos, por isso Fern levantando um braço cansada, empurrou os bagunçados cachos de seus olhos para que pudesse ter uma melhor perspectiva sobre a questão de Rita. Inclinou a cabeça para um lado e outro, seus olhos treinados na barriga da amiga.

— Você está grávida, Rita? — Ela engasgou, o nevoeiro de ter sido subitamente acordada de um sono profundo fazendo-a lenta para a piada.

Rita colocou sua camisa e fechou as calças apressadamente, como se agora que Fern tivesse adivinhado o segredo que estava ansiosa para esconder mais uma vez.

— Rita?

— Sim. Eu estou. — Rita desabou sobre a cama, sentando nos pés de Fern no processo. Ela se desculpou quando Fern deixou os dedos dos pés livres e imediatamente começou a chorar.

— Você vai se casar? — Fern deu um tapinha nas costas de sua amiga enquanto falava suavemente, da forma como sua mãe fazia quando Fern chorava.

— Becker não sabe. Ninguém sabe! Eu ia terminar com ele, Fern. Agora não posso.

— Por quê? Pensei que você era louca por Becker.

— Eu era. Eu sou. Mais ou menos. Mas ele se move tão rápido. Sinto que não posso pará-lo. Eu só queria dar um tempo. Talvez ir para a faculdade ou algo assim. Eu até pensei em ser babá... talvez até mesmo na Europa... uma au pair{5}. Isso é como eles chamam. Não é legal? Eu queria ser uma au pair. Agora não posso —, Rita repetia e chorava mais.

— Você sempre foi muito boa com as crianças. — Fern lutou para encontrar palavras que confortassem a amiga. — Então você só terá uma para você, agora. E pode não ser capaz de ir para a Europa agora. Mas talvez você pudesse abrir uma creche... ou poderia ir para a escola para ser uma professora. Seria uma grande educadora infantil. Você é tão bonita e agradável, todas as crianças te amam.

Fern tinha pensado em deixar a cidade também, talvez ir para a faculdade, ir a algum lugar onde pudesse começar uma vida nova, livre de velhos estereótipos. Mas não conseguia deixar Bailey. E queria ser uma escritora, uma escritora de romance, e poderia fazer isso em Hannah Lake, vivendo ao lado de Bailey, tão facilmente como poderia fazê-lo em Veneza, Itália, Paris, França.

— Como isso aconteceu? — Rita lamentou.

Fern olhou para ela sem entender. — Eu sei todas as palavras da canção de Grease II sobre a reprodução. Você gostaria que eu a cantasse lentamente? — Perguntou Fern, tentando fazer com que Rita risse em vez de chorar.

— Muito engraçado, Fern —, disse Rita, mas sorriu um pouco quando Fern começou a cantar sobre flores e abelhas de uma forma muito séria, suavemente. Rita ainda se juntou para um par de versos, a atração da música brega se mostrava irresistível, mesmo nesse momento dramático.

— Não diga a Bailey, tudo bem, Fern? — Rita disse quando a música acabou e Fern acariciava seus cabelos.

— Rita! Por quê? Ele é o nosso melhor amigo. Ele vai saber mais cedo ou mais tarde, e, em seguida, vai perguntar por que você mesma não lhe disse.

— Ele sempre me fez sentir como se eu fosse especial... você sabe? Então, quando eu estrago e faço algo estúpido, sinto que vou deixá-lo para baixo. Ou talvez só esteja me deixando para baixo e colocando a culpa em cima dele —, respondeu Rita, enxugando as lágrimas de suas bochechas e respirando fundo como se estivesse se preparando para pular na piscina.

— Mas isso é a coisa legal sobre amizade. Não se trata de ser perfeito, ou mesmo ser merecedor. Nós te amamos e você nos ama, por isso vamos estar lá para você. Eu e Bailey.

— Eu te amo, Fern. Muito. E Bailey, também. Só espero não fazer uma merda tão grande que acabe te perdendo. — Ela abraçou Fern ferozmente, segurando-a com tanta força que Fern não poderia duvidar de sua gratidão ou afeto. Fern a abraçou de volta e sussurrou em seu ouvido: — Isso nunca vai acontecer, Rita.



1994

— *Por que não temos mais bebês, mãe? Bailey tem irmãs mais velhas. Eu gostaria de ter uma irmã mais velha.*

— *Não sei por que, Fern. Tentei ter mais filhos, mas às vezes, nos é dado algo tão especial, tão maravilhoso, que é o suficiente.*

— *Hmm. Assim, uma de mim é suficiente?*

— *Sim. Você sempre foi o suficiente* —, Rachel Taylor riu de sua pequena de dez anos de idade, com o cabelo vermelho selvagem e os dentes tortos que eram grandes demais para sua boca, fazendo-a parecer como se

estivesse prestes a saltar para longe em uma clareira na floresta.

— Mas eu preciso de um irmão ou irmã, mãe. Preciso de alguém que eu possa cuidar e ensinar coisas.

— Você tem Bailey.

— Sim. Eu tenho. Mas ele me ensina coisas mais do que eu o ensino. E ele é um primo, e não um irmão.

— Ele não é só da família, ele é um amigo especial. Quando tia Angie e eu descobrimos que estávamos esperando bebês, ficamos muito felizes juntas. Eu não achava que poderia ter filhos, e Angie tinha suas duas filhas mais velhas e sempre quis um menino. Bailey nasceu antes de você, mas apenas por alguns dias. E depois que você nasceu. Ambos eram os bebês milagrosos, pequenos presentes preciosos de Deus.

— Eu acho que ter Bailey é quase tão bom quanto ter um irmão. — Fern franziu o nariz, pensativa.

— Você sabe que Jesus tinha um amigo muito especial? Seu nome era João. A mãe de João, Elizabeth, era mais velha, como eu. Ela não achava que poderia ter filhos também. Depois de Elizabeth descobriu que ia ter um bebê, Maria, mãe de Jesus, veio visitá-la. Eles eram da família também, como Angie e eu. Quando Elizabeth viu Maria, ela sentiu um chute de seu bebê no estômago. Maria estava grávida de Jesus, e mesmo assim, os bebês tiveram uma ligação especial, assim como você e Bailey.

— João Batista, não é? — Perguntou Fern. Ela sabia bem todas as histórias da Bíblia. Pastor Joshua e Rachel garantiram isso.

— Sim.

— Não foi João que teve a cabeça cortada? — Perguntou Fern em dúvida. Rachel gaguejou, rindo. Conversando sobre um problema na história.

— Sim. Teve. Mas isso não é realmente o que queria com minha história.

— E Jesus foi morto também.

— Sim. Sim, foi.

— É uma coisa boa que eu sou uma menina e não um cara chamado João. E é uma coisa boa que Jesus já tenha vindo e Bailey não tenha que salvar o mundo. Caso contrário, ser amigos especiais poderia não ser uma coisa tão boa.

Rachel suspirou. Deixou Fern absorver a lição em sua cabeça. Com uma última tentativa de salvar um momento de aprendizado, ela disse: — Às vezes, ser amigos especiais vai ser difícil. Às vezes, você vai sofrer por seu amigo. A vida nem sempre é fácil e as pessoas podem ser cruéis.

— Assim como os caras que cortaram a cabeça de João?

— Sim. Como isso —, disse Rachel, engasgando com a alegria inapropriada que obstruía sua garganta. Ela preparou-se e tentou novamente desejando um grande final, envolvendo tudo isso em um bom lembrete do sacrifício do Salvador. — Bons amigos são difíceis de encontrar. Eles cuidam um do outro e ajudam um ao outro, e às vezes, eles até morrem por seus amigos, como Jesus que morreu por todos nós.

Fern assentiu com a cabeça solenemente, e Rachel deu um suspiro de alívio. Ela não tinha certeza de que a rodada fora ganha, ou se Fern tinha aprendido alguma coisa com ela. Pegou o cesto de roupa suja e se dirigiu para a relativa segurança e tranquilidade da máquina de lavar. Fern chamou depois.

— Então você acha que eu vou morrer por Bailey... ou você acha que Bailey vai morrer por mim?

Seja Um Soldado

A banda da escola tocou algumas canções patrióticas que o Sr. Morgan, o professor de música, havia certamente passado para eles. Fern conhecia todos. Ela desejou que ainda estivesse na escola para que pudesse tocar junto com o seu clarinete. Seria dar-lhe algo para fazer além de arrepiar-se e amontoar-se com os pais, batendo palmas junto com as músicas observando a tentativa patética de um desfile vagueando pela rua principal. A cidade inteira estava lá, mas março na Pensilvânia é um momento terrível para um desfile. As estradas tinham estado cobertas e o tempo tinha firmado até agora, mas a tempestade de neve ameaçava fazer o dia apropriadamente cinza para o grande dia. Os meninos tinham acabado o treinamento básico e sua unidade havia sido convocada, apenas isso. Eles estariam entre os primeiros soldados que iriam diretamente para o Iraque.

Fern soprou em seus dedos gelados e suas bochechas estavam vermelhas como seu ardente cabelo. E, em seguida, os soldados chegaram.

Eles estavam vestidos com botas de deserto e boinas como tampas confortáveis em suas cabeças tosquiadas. Fern se viu pulando para cima e para baixo, tentando pegar um vislumbre de Ambrose. A unidade fora formada por recrutas de toda a porção sudoeste na Pensilvânia. Os soldados estavam fazendo seu caminho através de várias pequenas cidades em comboios formados por uma longa série de veículos militares, Humvees^[6], e um tanque ocasional apenas para teatro. Cada soldado misturado com o outro, um enxame deles, e Fern perguntou se isso era de algum modo misericordioso, tirar sua individualidade assim, dizer adeus era tão pessoal.

E então Ambrose estava lá, marchando para a direita em sua direção,

perto o suficiente para tocar. Seu cabelo tinha ido embora. Seu cabelo bonito. Mas seu rosto não fora alterado, sua mandíbula forte, lábios perfeitos, pele lisa, olhos escuros. Depois daquela noite no lago, ela havia passado por todas as etapas. A raiva, a humilhação, a raiva de novo. E então sua raiva havia desaparecido quando se lembrava de como se sentia ao tê-lo pressionado em sua boca.

Ambrose a tinha beijado. Ela não entendia por que ele a beijara. Não se deixou acreditar que era porque tinha de repente se apaixonado por ela.

Não parecia assim. Não parecia amor. Parecia um pedido de desculpas. E depois de semanas de ioiô entre constrangimento e fúria, decidiu que podia aceitar seu pedido de desculpas. Com a aceitação veio o perdão, e com o perdão, todos os velhos sentimentos que nutria por tanto tempo se arrastaram de volta para os seus lugares familiares em seu coração, e a raiva se dissipou como um sonho desagradável.

Fern tentou gritar, tentou ser corajosa desta vez, mas sua voz apenas chiou em um grito tímido, seu nome levado de seus lábios, logo que foi lançado. Seus olhos fixos a frente, sem saber de seu olhar em seu rosto e da tentativa de chamar a atenção dele. Ele era mais alto do que os homens ao seu redor, tornando-o fácil de seguir quando continuou descendo a rua.

Ela não viu Paulie, Grant, Beans ou Jesse, mas viu Marley, a namorada grávida de Jesse mais tarde no Frosty Freeze, com o rosto manchado de lágrimas, sua barriga saliente no casaco inchado que não servia mais. Fern sentiu um breve flash de ciúme. O drama de ser deixada para trás por um soldado bonito era quase delicioso em sua tragédia, tanto que Fern foi para casa e escreveu uma história totalmente nova sobre dois amantes separados pela guerra.

E então eles se foram, através do mar, em um mundo de calor e areia, um mundo que não existe de verdade, não para Fern, pelo menos. E talvez não para o povo de Hannah Lake, simplesmente porque era tão distante, tão distante de tudo o que sabiam. E a vida continuou como antes. A cidade

orava, amava, feria e vivia. As fitas amarelas que Fern tinha ajudado a prender ao redor das árvores pareceram alegres e frescas por cerca de duas semanas. Mas o granizo da primavera arrancou continuamente os arcos alegres com gelo afiado, garras geladas, e em pouco tempo as fitas se renderam ao vento rasgado e cansado. E o relógio corria calmamente.



Seis meses se passaram. Nesse tempo, Rita teve um menino e Marley Davis teve seu bebê também, um menino que ela chamou de Jesse, como seu pai. Fern acrescentou um novo capítulo no seu romance sobre amantes devastados pela guerra e deu-lhes uma criança, uma menina chamada Jessie. Ela não se conteve. Sempre que Marley entrava na loja, Fern tinha vontade de abraçar seu bebê e só podia imaginar como Jesse devia se sentir, milhares de quilômetros de distância. Ela escreveu cartas para Ambrose, escreveu sobre os acontecimentos em Hannah Lake, as coisas engraçadas que via, as estatísticas das equipes esportivas da escola, os livros que lia, sua promoção no supermercado a gerente da noite, as coisas engraçadas que queria dizer, mas nunca teve a coragem de pronunciar. E ela assinava sempre com: *Sua, Fern*.

Você poderia pertencer a alguém que não te quer? Fern decidiu que era possível, porque seu coração era dele, e se ele queria ou não parecia não fazer muita diferença. Quando terminasse de escrever iria dobrar a carta numa gaveta. Fern perguntou-se o que Ambrose pensaria se ela de repente enviasse uma. Provavelmente pensaria que era uma psicopata e lamentaria as desculpas envoltas em um beijo. Ele se preocuparia que Fern pensasse que o beijo significara mais do que tinha. Pensaria que estava delirando.

Fern não era delirante, era simplesmente imaginativa. Mas, mesmo com o seu dom para sonhar acordada e contar histórias, não poderia fazer-se acreditar que ele nunca retribuiria seus sentimentos.

Ela lhe perguntou se poderia escrever e disse que o faria. Mas no

fundo, realmente não achava que ele queria, e seu orgulho era muito frágil para suportar um outro fora. As letras empilhavam e não podia enviá-las.



Iraque

— Fern Taylor lhe escreveu mais alguma carta de amor, Brosey? —, Disse Beans na escuridão da tenda de dormir.

— Eu acho que Fern é bonita —, disse Paulie de sua cama. — Ela estava bonita no baile. Você a viu? Poderia me escrever cartas a qualquer hora que quisesse.

— Fern não é bonita! — Disse Beans. — Ela se parece com Pippi Longbottom.

— Quem diabos é Pippi Longbottom? — Jesse gemeu, tentando dormir.

— Minha irmã costumava assistir um show chamado Pippi Longbottom. Ela pegou emprestado da biblioteca e nunca levou-o de volta. Pippi tinha dentes salientes e cabelo vermelho que saía de sua cabeça em duas tranças. Ela era magra, desajeitada e estúpida. Assim como Fern. — Beans estava exagerando, cutucando Ambrose.

— Fern não é estúpida —, disse Ambrose. Ele ficou surpreso quanto o incomodou ver Beans tirando sarro de Fern.

— Okaaaay, — Beans riu. — Como se fizesse diferença.

— E faz. — Grant tinha que colocar mais lenha na fogueira. — Quem quer uma garota que não pode falar?

— Eu! — Beans riu. — Não fale, apenas tire a roupa.

— Você é uma espécie de porco, Beans. — Paulie suspirou. — É uma coisa boa que todos nós gostamos de presunto.

— Eu odeio presunto, — Jesse rosnou. — E eu odeio quando vocês

ficam tagarelando quando é hora de dormir. Calem a boca.

— Jesse, você realmente é a Bruxa Malvada do Leste. — Paulie riu. — A Bruxa Malvada do Oriente Médio —. Paulie tinha escrito uma canção engraçada sobre o Iraque ser como a Terra de Oz e em pouco tempo todos em sua unidade tinham um apelido do Mágico de Oz.

— E você é o Espantalho, idiota. Ele não era o único que não tinha um cérebro?

— É. Espantalho soa mauzão, você não acha, Grant?

— É melhor do que Dorothy, — Grant riu. Ele cometeu o erro de usar seus sapatos de wrestling vermelhos na academia um dia e o resto foi história. Quando não estavam em patrulha ou dormindo, eles estavam malhando. Simplesmente não havia muito mais a fazer em seu tempo livre.

— Por que você não bate seus calcanhares, Dorothy, e nos leva de volta para casa? — Disse Paulie. — Ei, e como é que você não conseguiu um apelido, Beans?

— Hum... meu nome é Connor. Eu acho que você só contradiz a si mesmo. — Beans estava começando a cochilar.

— Nós deveríamos chamá-lo de Munchkin{7}... ou talvez Totó{8}. Afinal de contas ele é apenas um cão pequeno com uma grande casca —, disse Jesse.

Beans ficou em alerta imediatamente. — Experimente, Jess, e eu vou dizer a Marley sobre o tempo que você ficou com Lori Stringham na sala de wrestling. — Beans sempre fora sensível sobre sua estatura. Ele era um grande peso leve de wrestler, mas não era especialmente útil em qualquer outro lugar.

— Brosey o Homem de Lata, porque não tem um coração. A Pobre Fern Taylor descobriu isso da maneira mais difícil. — Beans tentou virar a atenção para Ambrose, enervando-o mais uma vez.

— O Brosey é o Homem de Lata, porque é feito de metal. Droga, o

quanto que você colocou no seu peso, hoje, Brosey? — Outro membro da unidade se intrometeu na conversa. — Você é um monstro maldito! Devemos chamá-lo de Homem de Ferro.

— Aqui vamos nós de novo —, Jesse gemeu. — Hércules e agora Homem de Ferro. — Ele se ressentia da atenção que Ambrose sempre recebera e não fingia o contrário.

Ambrose riu. — Eu vou deixar você me bater em uma queda de braço amanhã, Bruxinha Poo, ok?

Jesse riu, sua irritabilidade mais falsa do que gostaria de admitir.

A tenda acalmou até que um ronco ocasional ou suspiro era tudo o que se ouvia na escuridão. Mas Ambrose não conseguia dormir. Ele não parava de pensar sobre o que tinha dito Beans. Rita Marsden era linda. Ela tinha tomado o seu fôlego. Tinha pensado que estava apaixonado por ela até descobrir que realmente não a conhecia. Rita não era inteligente. Não da maneira que queria que ela fosse. Ele não tinha sido capaz de descobrir por que ela era tão atraente em seus pequenos bilhetes e, em seguida, quando estavam juntos, era tão diferente. Ela era bonita, mas depois de um tempo, realmente não era muito atraente para ele. Ambrose queria a menina nas cartas.

Seus olhos se abriram no escuro. A menina nas cartas era Fern Taylor. Será que ele realmente queria Fern Taylor? Ele riu um pouco. Fern era uma coisinha. Eles ficariam ridículo juntos. E ela não era quente. Embora parecera muito linda no baile. Ao vê-la lá em seu vestido de ouro, dançando com seus amigos estúpidos, se surpreendeu e o tocou. Achou que não a tinha perdoado completamente por ser a dublê de Rita.

Tentou não pensar em Fern, sobre aquela noite no lago, e ele pensara muito, mas convenceu-se que era apenas insanidade temporária, um último ato de desespero antes de sair de casa. E ela não tinha escrito como tinha dito que faria. Ele não podia culpá-la depois de tudo que havia acontecido. Mas teria gostado de receber uma carta. Ela escrevia muito bem!

A saudade machucava. Eles definitivamente não estavam mais no Kansas. Ele se perguntou onde tinha se metido. O que ele tinha começado.

E se estava sendo honesto consigo mesmo, não era Hércules e não era o homem da lata. Era o Leão Covarde. Tinha fugido de casa e trouxera seus amigos com ele, seu cobertor de segurança, o seu próprio sistema motivacional. Ele se perguntou o que diabos ele estava fazendo em Oz.

Detone um Bullying

Iraque

— Marley disse que Rita vai se casar —, Jesse relatou, com os olhos em Ambrose. — Sua ex está engatando, Brosey. Como se sente?

— Ela é uma idiota.

— Whoa! — Jesse gritou, surpreso com a veemência de seu amigo. Ele pensou que Ambrose havia superado Rita. Talvez estivesse errado.

— Você ainda gosta dela, não é, Brose? — Perguntou Grant, surpreso.

— Não. Eu não. Mas ela é um tola em se casar com Becker Garth — Beans deu de ombros. — Eu nunca tive um problema com Garth.

— Você se lembra quando eu fui suspenso na nona série?

Beans sacudiu a cabeça que não, mas Paulie se iluminou com a memória.

— Você quebrou o rosto bonito de Becker, heim! Eu me lembro. Mas você nunca nos disse o motivo.

Ambrose ajustou os óculos e mudou o peso. Eles, e cerca de uma centena de outros soldados e fuzileiros navais, estavam de guarda do lado de fora de uma reunião de alta segurança do Governo Provisório iraquiano.

Era legal pensar que talvez diferentes facções pudessem se juntar para formar um corpo de governo, que eles estavam fazendo progressos, apesar de alguns dias Ambrose duvidar. Não era a primeira vez que era escalado o guarda-costas, embora no caso de Bailey Sheen, tinha chegado após o fato.

— Eu esqueci disso! — Grant cantou. — Você não conseguiu lutar em

Loch Haven. O treinador estava chateado.

— Ele não teria ficado tão bravo se soubesse por que senti a necessidade de bater em Becker —, disse Ambrose ironicamente. Ele supunha que bastante tempo e distância houvessem passado para compartilhar a história sem violar confidências.

Janeiro de 1999

Ambrose conhecia Becker Garth. Becker estava no último ano e as meninas pareciam gostar dele e achavam que ele era gostoso. Isso sempre fazia outros caras se sentarem e observarem. Ambrose lhe tinha notado porque Becker tinha começado a usar o cabelo como Ambrose, o que Ambrose não gostou. Becker era moreno também, e quando jogava o cabelo na altura do queixo para trás de seus olhos castanhos, parecia muito com Ambrose para seu conforto.

Mas era aí que as semelhanças em suas aparições terminavam. Becker era magro e pequeno, seus músculos definidos e magros, como um jogador de hóquei ou um corredor. Ele tinha cerca de 1,76 m, grande o suficiente para que as meninas ainda se reunissem em torno dele, mas Ambrose era muito mais alto, mesmo sendo um calouro.

Talvez porque Becker fosse menor do que o calouro, ou talvez porque era ciumento, gostava de cutucar Ambrose. Com socos, insinuações, comentários que faziam o seu grupo de amigos relincharem e desviar o olhar. Ambrose geralmente ignorava. Ele tinha muito pouco para provar e não se incomodava muito. Seu tamanho e força o faziam menos intimidado e menos vulnerável à intimidação do que os outros meninos de sua idade. E ele consolou-se, imaginando Becker na sala de luta tentando sair com ele ou qualquer um de seus amigos. Mas Ambrose não era o único que Becker gostava de atormentar.

Foi no quarto tempo, logo antes do almoço. Ambrose pediu para ser dispensado do Inglês com o pretexto da necessidade de usar o banheiro. Realmente, precisava para verificar seu peso. Ele tinha pesagem às 3:00 para

o duelo contra Loch Haven. Estava lutando com 72 Kg, mas naquela manhã estivera com 73 kg. Poderia suar 1 kg fora, mas apenas se os 73 kg fossem malhados. Ele começara a temporada com 78 kg, e não havia muito espaço de manobra ou gordura em sua grande estrutura para permitir a perda de peso. E ainda estava crescendo. Tinha um mês até os campeonatos distritais e duas semanas depois, o estadual. As próximas seis semanas seriam brutais, e estaria com fome a maior parte do tempo. Faminto significava mal-humorado, e Ambrose estava muito mal-humorado. Quando entrou no vestiário e foi saudado pela escuridão, xingou, esperando que alguma coisa não estivesse errada. Precisava ver a escala. Apalpou ao longo da parede, tentando encontrar os interruptores. Uma voz ecoou no escuro, fazendo-o saltar.

— Becker? — Disse a voz, nervosamente.

Ele encontrou as luzes e ligou, inundando os armários e bancadas com a luz. O que viu o fez amaldiçoar novamente. No meio do piso de cerâmica, a cadeira de rodas de Bailey Sheen tinha sido virada, e Bailey estava pendurado impotente com as pernas finas no ar, incapaz de endireitar-se ou fazer qualquer coisa, mas implorava por ajuda na escuridão.

— Que diabos? — Disse Ambrose. — Sheen, você está bem?

Ambrose correu para Bailey, arrumou a cadeira de volta em suas rodas, e colocou-a em linha reta e Bailey em seu assento. O rosto de Bailey estava corado e seus ombros tremiam, e Ambrose quis machucar alguém. Muito.

— O que aconteceu, Sheen?

— Não diga a ninguém, tudo bem, Ambrose? — Bailey implorou.

— Por que? — Ambrose estava com tanta raiva que podia sentir seu pulso batendo atrás de seus olhos.

— Só... apenas não diga, ok? É malditamente embaraçoso. — Bailey engoliu em seco e Ambrose poderia dizer que ele estava mortificado.

— Quem fez isso? — Ambrose exigia.

Bailey balançou a cabeça e não disse. Então se lembrou de como Ambrose tinha assustado Bailey, chamando um nome enquanto Ambrose estava procurando a luz.

— Becker —, perguntou Ambrose, elevando a voz em indignação.

— Ele fingiu que ia me ajudar e, em seguida, me derrubou. Não estou ferido! — Bailey acrescentou, como se ser ferido o fizesse mais fraco. — Então, apagou as luzes e saiu. Eu teria ficado bem. Alguém teria vindo. Você veio, certo? — Bailey tentou sorrir, mas o sorriso vacilou e ele olhou para as mãos.

— Eu estou contente que era você e não toda uma aula de ginástica. Teria sido realmente humilhante.

Ambrose estava além de sem palavras. Ele apenas balançou a cabeça, a escala esquecida.

— Eu não venho aqui se alguém não está comigo, porque não posso abrir as portas por mim mesmo —, Bailey ofereceu à guisa de explicação. — Mas Becker me deixou entrar, e eu pensei que o meu pai estava aqui. E posso sair sozinho porque a porta balança para fora e posso abri-la com a minha cadeira de rodas.

— A não ser quando alguém o derruba e o deixa pendurado de cabeça para baixo —, disse Ambrose, raiva escorrendo de seu comentário.

— Sim. Exceto assim —, disse Bailey suavemente. — Por que você acha que ele fez isso? — Bailey olhou para Ambrose, com o rosto preocupado.

— Eu não sei, Sheen. Porque ele é um idiota com um pau pequeno —, Ambrose resmungou. — Ele acha que descontar em pessoas que não podem ou não vão lutar fará seu pau maior. Mas ele só fica cada vez menor e ele só fica fraco e fraco.

Bailey uivava de tanto rir, e Ambrose sorriu, contente de que Bailey não tremia mais.

— Você promete que não vai contar a ninguém? — Bailey insistiu novamente.

Ambrose assentiu. Mas não prometeu não fazer Becker pagar.

Quando Ambrose entrou no refeitório, encontrou Becker sentado em uma mesa de canto, cercado por um grupo de outros veteranos e várias meninas bonitas que Ambrose não se importaria de falar em circunstâncias diferentes. Ambrose rangeu os dentes e caminhou até a mesa. Não havia dito a seus amigos o que estava acontecendo. Seus amigos eram lutadores, e Ambrose, provavelmente, seria suspenso por aquilo que estava prestes a fazer. E não queria que se metesse em confusão com ele e prejudicassem as chances da equipe contra Loch Haven. Ele provavelmente não estaria lutando esta noite. Acho que estava tudo bem estar alguns quilos a cima da sua escala.

Ambrose bateu seus punhos sobre a mesa tão forte quanto pode, derramando as bebidas das pessoas e fazendo um barulho de bandeja vazia no chão. Becker olhou com surpresa, sua maldição soando acima do barulho no refeitório quando o leite espirrou em seu colo.

— Levante-se —, Ambrose exigiu em voz baixa.

— Cai fora, menino gorila. — Becker zombou, enxugando o leite. — A menos que você deseje que eu dê uma surra em você.

Ambrose se inclinou sobre a mesa e atirou sua mão direita em direção ao rosto de Becker. Sua palma plana conectou diretamente com a testa de Becker, batendo sua cabeça contra a parede atrás dele.

— Levante-se! — Ambrose não estava quieto mais.

Becker saiu deu a volta na mesa e avançou descontroladamente sobre Ambrose, o punho afiado pegando Ambrose na ponte de seu nariz, fazendo com que seus olhos fechassem e o sangue fluísse de sua narina esquerda. Ambrose balançou para trás, pegando Becker na boca, em seguida, novamente em seu olho direito. Becker uivou e caiu em uma mesa rosnando.

Ambrose agarrou o colarinho da camisa e a parte traseira de sua calça jeans e levantou-o novamente. Becker balançou. Ambrose lhe deu um duro

golpe.

— Isso é pelo Bailey Sheen —, ele sussurrou no ouvido de Becker, honrando sua promessa a Bailey que ninguém saberia o que Becker tinha feito. Em seguida, lançou Becker e virou-se, limpando o nariz na sua camisa branca arruinada.

O treinador Sheen estava caminhando em direção a ele, com o rosto vermelho de raiva. Aparentemente, era a vez dele de ficar no refeitório. Maldita sorte de Ambrose. Ambrose seguiu mansamente, disposto a tomar qualquer punição e fiel à sua palavra, não pronunciou o nome de Bailey Sheen sequer uma vez.



— Eu vou me casar, Fern. — Rita empurrou a mão sob o nariz de Fern, um diamante impressionante em seu dedo anelar esquerdo.

— É lindo —, disse Fern honesta e tentou sorrir, tentou dar a sua amiga a reação que ela, obviamente, queria, mas se sentia um pouco mal por dentro. Becker era muito bonito e ele e Rita pareciam tão bem juntos. E Ty, o bebê de Becker e Rita, teria seus pais sob o mesmo teto. Mas Becker assustava Fern. Fern se perguntava por que ele não assustava Rita. Ou talvez o fizesse. Algumas meninas eram atraídas para isso.

— Queremos nos casar no próximo mês. Eu sei que é cedo, mas você acha que seu pai casaria a gente? Ele sempre foi tão bom para mim. Sua mãe, também. Nós só vamos ter uma pequena festa depois. Talvez eu consiga um DJ e nós poderemos dançar. Becker é um bom dançarino.

Fern lembrou de Rita e Becker dançando no baile, Rita brilhava com o novo amor, Becker tentara controlar seu temperamento quando Bailey tinha interrompido e roubado seu par de dança.

— Claro. Papai adoraria. Pastores não acham nada melhor do que um casamento. Talvez você possa ter a sua recepção sob o pavilhão da igreja. Vamos ver as tabelas. Podemos obter flores e bebidas e você pode usar um

vestido bonito. Eu vou te ajudar.

E ela o fez. Eles planejaram freneticamente por um mês, encontraram um vestido que fez Sarah Marsden, a mãe de Rita, chorar e dançar em torno de sua linda filha. Elas enviaram convites, contrataram um fotógrafo, mandaram flores, fizeram balas, puffs de nata, chocolates caseiros e encheram o congelador da garagem de Taylor transbordando com seus esforços.

Na manhã do grande dia, tinham envoltas brancas luzes brilhantes em torno de cada coluna do pavilhão e mudaram as mesas cobertas de renda branca para o gramado que revestia o pavilhão para que o piso de concreto sob o pavilhão pudesse servir como pista de dança. Eles encheram vasos com margaridas amarelas para os arranjos centrais e amarraram balões amarelos em cada cadeira.

Colocaram margaridas na igreja, também. Fern foi a dama de honra, e Rita a tinha deixado escolher o seu próprio vestido em qualquer tom de amarelo que desejasse. Fern encontrou para Bailey uma gravata amarela para combinar e ele acompanhou-a até o altar em sua cadeira de rodas. Fern carregava um buquê de flores alegres, e Bailey tinha uma margarida presa ao paletó preto.

Becker se vestira de preto, bem como, uma rosa amarela presa à lapela que combinava com as rosas em bouquet de Rita. Seu cabelo estava penteado para trás de seu rosto e desossada-bochecha, lembrando Fern de Ambrose e da forma como o seu cabelo tinha caído sobre os ombros, como um Jovem Adonis. Os cabelos longos de Ambrose foram embora agora, e Ambrose fora embora também.

Ela ainda pensava nele mais do que deveria. Ele esteve no Iraque durante um ano. Na verdade, tinha sido 18 meses desde que saiu pela primeira vez para o treinamento básico. Marley Davis, a namorada de Jesse, assistiu ao casamento e disse à Fern que os meninos tinham apenas seis meses restantes em sua turnê. Marley disse que Jesse pediu-lhe para casar

com ele quando chegasse em casa. Ela parecia entusiasmada com a perspectiva. Jesse Jr. era da mesma idade que o bebê de Rita, Tyler. Mas onde Ty parecia sua mãe, o bebê de Jesse parecia com seu pai, sua pele marrom e cabelo preto crespo tornando-o um pouco a réplica do pai. Ele era adorável, feliz e saudável, e já dava punhado de trabalho a sua jovem mãe.

Quando Rita andou pelo corredor e fez seus votos solenes para Becker Garth e ele repetiu-os em troca, ao mesmo tempo sagrado e doce, Fern sentiu seu coração inchar de esperança pela amiga. Talvez fosse bom. Talvez

Becker a amasse como ele dizia. E talvez o amor fosse suficiente. Talvez as promessas que estava fazendo iriam inspirá-lo a ser um homem melhor.

Olhando no rosto de Bailey, viu que não tinha muitas esperanças.

Bailey se sentara ao lado de Fern na fila da frente, sua cadeira de rodas estacionada no final do longo banco, sua expressão dura como o banco.

Afinal, ele e Rita eram amigos também, e ele apenas se preocupava como Fern. Bailey tinha sido subjugado desde o anúncio de Rita. Fern sabia que ele tinha sentimentos por ela. Mas achava que ele tinha superado, do mesmo modo que ela superara sua paixão por Ambrose Young. E talvez esse fosse o seu problema... Porque realmente não tinha mudado nada. Mas Rita era uma mãe agora, amarrada a Becker de uma forma permanente e final. Ainda assim, os sentimentos antigos tinham um jeito de retornar quando você pensava que eles tinham ido embora para sempre.

— Até que a morte nos separe —, prometeu Rita, seu rosto encantador em sua sinceridade.

Quando Becker beijou seus lábios sorridentes, selando o acordo, Bailey fechou os olhos, e Fern pegou sua mão.

Construa uma Estrada

Levou cerca de três meses até Rita ser vista fora de casa. Nessas ocasiões era vista em público com o marido, mantinha os olhos cuidadosamente abaixados e outras vezes usava óculos de sol, mesmo quando estava chovendo. Fern ligava regularmente e tinha até ido ao apartamento de Rita algumas vezes. Mas suas visitas pareciam deixar Rita nervosa. Uma vez Fern jurou que viu Rita estacionar na garagem, pouco antes de Fern chegar, mas Rita não atendeu a porta quando ela bateu.

As coisas melhoraram um pouco quando Becker conseguiu um emprego onde viajava por vários dias. Rita até ligou e levou Fern para almoçar em seu aniversário. Elas comeram enchiladas na *Luisa's Cocina* e Rita sorriu e garantiu a Fern que tudo estava bem quando Fern perguntou gentilmente. De acordo com Rita, tudo era simplesmente maravilhoso, perfeito. Mas Fern não acreditava nela.

Fern não disse a Bailey sobre seus medos por Rita. Ela não queria perturbá-lo, o que ele poderia fazer? Fern via Becker de vez em quando na loja, e embora ele fosse educado e sempre cumprimentasse com um sorriso, Fern não gostava dele. E ele parecia saber disso. Estava sempre perfeitamente preparado, o cabelo escuro no lugar, seu belo rosto bem barbeado, suas roupas limpas e elegantes. Mas era tudo embalagem. E Fern se lembrou de uma analogia com a gordura que seu pai tinha compartilhado com Elliott Young uma vez. Fern não poderia ter mais de quatorze anos, mas a lição tinha ficado.

Elliott Young parecia em nada com o filho. Ele era pequeno, talvez 1,79 cm no máximo. Seu cabelo loiro havia diminuído até que ele finalmente raspou. Seus olhos eram de um azul suave, o nariz um pouco achatado, seu

sorriso sempre pronto. Naquele dia não estava sorrindo, e seus olhos estavam com fundas olheiras, como se não tivesse dormido bem em um longo tempo.

— Olá, Sr. Young —, disse Fern, com uma pergunta em sua voz.

— Oi, Fern. O seu pai está em casa? — Elliott não fez movimento para entrar, embora Fern segurasse a porta de tela grande para que ele entrasse.

— Papai? — Fern chamou para o lado do escritório de seu pai. — Elliott Young está aqui para ver você.

— Convide-o Fern! — Joshua Taylor chamou dos recessos da sala.

— Por favor, entre, Sr. Young, — disse Fern.

Elliott Young enfiou as mãos nos bolsos e deixou Fern levá-lo para o escritório de seu pai. Existem várias igrejas e denominações na Pensilvânia. Alguns dizem que é um estado em que Deus ainda tem um ponto de apoio. Há muitos católicos, muitos metodistas, presbiterianos, muitos batistas, muito de tudo. Mas em Hannah Lake, Joshua Taylor passou a pequena igreja com tanto cuidado e compromisso com a comunidade que não lhe importava do que chamasse a si mesmo, ainda era o seu pastor. Se você não se sentar em seus bancos a cada domingo, realmente não fazia nenhuma diferença para ele. Pregava a partir da bíblia, mantinha sua mensagem simples, mantinha seus sermões universais, e por quarenta anos, havia trabalhado com um objetivo: amar e servir, o resto se resolverá sozinho. Todo mundo o chamava de Pastor Joshua, fosse o seu pastor ou não. E na maioria das vezes, quando alguém estava à procura da alma, encontrava-se na igreja do Pastor Joshua.

— Elliott — Joshua Taylor se levantou de sua mesa quando Fern levou Elliott Young à sala. — Como você está? Não o vejo a um tempo. O que posso fazer por você?

Fern puxou as portas francesas fechadas atrás dela e entrou na cozinha, desejando desesperadamente ouvir o resto da conversa. Elliott era o pai de Ambrose. Os rumores eram de que ele e a mãe de Ambrose estavam se separando, que Lily Young estava deixando a cidade. Fern perguntou se isso

significava que Ambrose deixaria também.

Fern sabia que não deveria fazer isso, mas fez. Ela se esgueirou para a despensa e se posicionou em um saco de farinha. Sentar na despensa era quase tão bom quanto sentar no escritório de seu pai. Quem quer que tivesse feito a casa deve ter economizado na parede que dividia a parte de trás da despensa da pequena sala de seu pai usava para seu escritório, porque se Fern chegasse para o canto, não só podia ouvir perfeitamente, como poderia até mesmo ver a sala onde a folha de pedra não chegava a atingir a esquina. Sua mãe estava na mercearia. Ela estava segura de ouvir sem ser pega, e se a mãe dela, de repente, chegasse em casa, poderia tirar o lixo todo e fingir que estava apenas fazendo suas tarefas.

—... ela nunca foi feliz. Já tentou, eu acho. Mas nestes últimos anos... está apenas se escondendo. — Elliott Young estava falando. — Eu a amo tanto. Pensei que se eu continuasse amando, ela iria me amar de volta. Pensei que tinha amor suficiente para nós dois. Para todos os três.

— Ela está determinada a sair? — O pai de Fern perguntou suavemente.

— Sim. Ela quer levar Ambrose com ela. Eu não disse nada. Mas essa é a parte mais difícil. Eu amo esse menino. Se ela o levar, Pastor, não acho que vou sobreviver. Não acho que sou forte o suficiente. — Elliott Young chorou abertamente e Fern sentiu lágrimas simpáticas em seus próprios olhos. — Eu sei que ele não é meu. Não biologicamente. Mas é meu filho, Pastor. Ele é meu filho!

— Será que Ambrose sabe?

— Não de tudo. Mas ele tem quatorze anos, não cinco. Sabe o suficiente.

— Será que Lily sabe que você quer que o menino fique, mesmo que ela vá?

— Ele é legalmente meu filho. Adotei-o. Dei-lhe o meu nome. Tenho direitos como qualquer pai teria. Não acho que iria lutar contra isso se Ambrose quisesse ficar, mas eu não disse nada para Brosey. Acho que continuo

esperando que Lily vá mudar de ideia.

— Fale com o seu filho. Diga a ele o que está acontecendo. Apenas os fatos, nenhuma culpa, nenhuma condenação, apenas o fato de que sua mãe está indo embora. Diga a ele que você o ama. Diga-lhe que ele é seu filho e que nada vai mudar isso. Nem por um minuto o deixe acreditar que não tem escolha por causa do sangue. Deixe-o saber que pode ir com sua mãe se esse for o seu desejo, mas que você o ama e quer que fique com você, se é isso que ele quer.

Elliott ficou em silêncio por vários minutos, Joshua Taylor também, e Fern perguntou se isso era tudo o que iria ser dito. Em seguida, Joshua Taylor perguntou baixinho: — Será que isso é tudo o que está incomodando você, Elliott? Há mais alguma coisa que você queira falar?

— Eu fico pensando que se fosse diferente, se me parecesse mais com ele, nada disso estaria acontecendo. Eu sei que não sou o cara mais bonito do mundo. Sei que sou um pouco caseiro demais. Mas me exercitaria, manteria um bom corte, me vestiria mais agradavelmente e usaria perfume... — Elliott Young soava envergonhado, e sua voz se apagava.

— Pareceria mais como quem? — Perguntou Joshua Taylor suavemente.

— O pai de Ambrose. O homem que Lily não consegue tirar de sua cabeça. Ele não era bom para ela, Pastor. Era egoísta e mau. Empurrou-a para longe quando descobriu que ela estava grávida. Disse-lhe que não queria nada com ela. Mas era bonito. Já vi fotos. Como Brosey. — A voz de Elliott quebrou quando disse o nome de seu filho.

— Eu sempre pensei que a beleza pudesse ser um impedimento para o amor, — o pai de Fern refletiu.

— Por quê?

— Porque às vezes a gente se apaixona por um rosto e não pelo que está por trás disso. Minha mãe costumava derramar a gordura para fora da carne quando cozinhava, e guardava em uma lata no armário. Por um tempo, usou

uma lata que outrora era usada para esses longos biscoitos cobertos de praliné de avelã{9} com creme dentro. Os mais caros. Mas uma vez encontrei a lata embaixo pensando que tinha encontrado o esconderijo secreto da minha mãe, só para tirar a tampa e sentir montes de mau cheiro de gordura.

Elliott riu, entendendo o ponto. — O recipiente não importava muito nesse ponto, né?

— Isso é certo. Isso me fez querer cookies, mas esse recipiente era uma grande publicidade falsa. Acho que às vezes um rosto bonito é propaganda enganosa também, e muitos de nós não temos tempo para olhar por baixo da tampa. Engraçado, isso me lembra de um sermão que dei algumas semanas atrás. Você ouviu?

— Eu sinto muito, Pastor. Eu trabalho noites na padaria, você sabe. Às vezes no domingo de manhã estou muito cansado —, disse Elliott, a sua culpa por não ir à igreja era evidente, mesmo através da parede da despensa.

— Está tudo bem, Elliott. — Joshua riu. — Eu não estou dando uma bronca. Só queria saber se você tinha ouvido que não iria aborrecê-lo, tolo. — Fern ouviu seu pai virar as páginas. Sorriu um pouco. Ele sempre trazia tudo de volta para as escrituras.

— Em Isaías 53:2 diz: “Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos”.

— Eu me lembro do verso —, disse Elliott suavemente. — Sempre me pareceu que Jesus não era bonito. Por que Deus não faria seu mensageiro bonito por fora como em seu interior?

— Pela mesma razão, Ele nasceu em uma manjedoura humilde, nascido de um povo oprimido. Se tivesse sido bonito ou poderoso, as pessoas o teriam seguido só por isso, eles teriam sido atraídos por ele por todas as razões erradas.

— Isso faz sentido —, disse Elliott.

Fern se viu concordando com a cabeça, sentada em um saco de farinha no canto da despensa. Fazia sentido para ela também. Perguntou-se como tinha perdido este sermão particular. Deve ter sido quando ela se esgueirara seu romance entre as páginas do hinário algumas semanas atrás. Sentiu uma pontada de remorso. Seu pai era tão sábio. Talvez devesse prestar mais atenção.

— Não há nada de errado com o seu rosto, Elliott —, disse Joshua suavemente. — Não há nada de errado com você. Você é um bom homem com um coração bonito. E Deus vê o coração, não é?

— Sim. — Elliott Young soou perto das lágrimas mais uma vez. — Ele vê. Obrigado, Pastor.

Após Elliott Young sair, Fern sentou-se em profunda contemplação na despensa, com as mãos entrelaçadas ao redor de seus joelhos. Em seguida, subiu as escadas e começou a escrever uma história de amor sobre uma garota cega em busca de sua alma gêmea, e um príncipe feio, com um coração de ouro.



Iraque

— Eu realmente gostaria de ver uma mulher que não estivesse usando uma tenda sobre sua cabeça. Só uma vez! E gostaria que ela fosse loira ou, melhor ainda, ruiva! — Beans gemeu uma tarde depois de guardar um posto de controle sozinho por várias horas, com apenas um punhado de mulheres vestidas com burcas e crianças que vinham tentando se fazer úteis. Talvez tenha sido irônico que Beans ansiasse por uma loira quando era hispânico. Mas ele era americano, e os Estados Unidos tinham a população mais diversificada do mundo. Um pouco de diversidade agora seria bem-vinda.

— Eu ficaria feliz de nunca ver outra burca novamente. — Grant limpou o suor e a poeira de seu nariz e se escondeu do sol, desejando que

pudesse fazer uma pausa.

— Ouvi dizer que alguns caras, especialmente em lugares como o Afeganistão, não veem suas esposas até que estejam casados. Você pode imaginar? Surpresa, querido! — Jesse bateu seus cílios enquanto fazia uma cara horrível. — O que há de errado? Você não acha que sou bonita? — Disse em um alto falsete e contorceu seu rosto ainda mais.

— Então como é que sequer sabem com quem é que vão se casar? — Perguntou Paulie, desconcertado.

— Caligrafia —, disse Beans sério. Mas suas narinas tremiam um pouco e Ambrose revirou os olhos, sabendo que o Beans estava contando um conto.

— Sério? — Paulie engasgou, caindo como um tijolo. Não era culpa dele que fosse tão ingênuo. Viera com o temperamento doce.

— Sim. Eles escrevem cartas por um ano ou mais. Em seguida, na cerimônia, ela assina seu nome, juntamente com a promessa de que vai sempre usar sua burca na frente de outros homens. Ele reconhece sua caligrafia e é assim que sabe que é ela sob o véu.

Grant estava carrancudo. — Eu nunca ouvi nada parecido. Carta?

Jesse tinha entendido e estava tentando não rir. — Sim. Só acho que, se Ambrose e Fern tivessem vivido no Iraque, ele nunca teria descoberto que Fern escrevera essas cartas em vez de Rita. Fern poderia tê-lo amarrado no casamento. Ambrose teria visto a letra dela no casamento e diria: “Sim, é Rita, tudo bem!”

Os amigos de Ambrose uivavam de tanto rir, até Paulie, que finalmente tinha descoberto que era apenas uma piada sobre Ambrose e Fern. Mais uma vez.

Ambrose suspirou, seus lábios se contraindo. Era muito engraçado.

Beans estava rindo tanto que estava ofegante, e ele e Jesse estavam fazendo os outros rirem ainda mais alto, dramatizando o momento em que

a burca era removida e Fern estava embaixo de vez da loira peituda, Rita.

Ambrose se perguntou o que seus amigos pensariam se soubessem que ele tinha beijado Fern. Realmente a beijou. Sabendo muito bem quem estava beijando. Não houve necessidade de subterfúgio. Ou burcas. Perguntou-se distraidamente se a burca era uma ideia tão ruim. Talvez mais caras tomassem decisões melhores se não estivessem distraídos pela embalagem. Olhando dessa forma, talvez deveria usá-la também. Claro, sua embalagem sempre trabalhava a seu favor.

Ele ponderou se Fern ainda iria querê-lo se fosse embalado de forma diferente. Sabia que Rita não. Não porque não fosse uma menina bastante agradável, mas porque não tinham nada em comum. Tirando a atração física mútua, não tinham nada.

Com Fern, havia a possibilidade de muito mais. Pelo menos as cartas o fizeram pensar que poderia haver mais. A folga seria em dois meses. Decidiu que quando chegasse em casa iria descobrir. E seus amigos não iriam dar sossego até o final da mesma. Iriam atormentá-lo para o resto de sua vida. Suspirou e verificou sua arma, pela enésima vez, desejando que o dia terminasse.

13

Viva

Era apenas uma patrulha de rotina - cinco veículos do exército dando uma volta em torno da parte sul da cidade. Ambrose estava ao volante da última Humvee, Paulie no banco do passageiro ao lado dele. Grant estava dirigindo o veículo na frente de Ambrose, Jesse com a espingarda e Beans na torre - os dois últimos veículos no pequeno comboio de cinco.

Apenas uma patrulha de rotina. Fora por uma hora, de volta à base.

Subir e descer as ruínas, as ruas de Bagdá destruídas ao longo do percurso designado. Paulie estava cantando a música que ele tinha feito sobre Oz. — *O Iraque pode não ter gatinhas, mas com certeza tem areia. Eu não tenho a minha namorada, mas ainda tenho a minha mão...*

De repente, um grupo de crianças veio correndo ao longo da estrada, gritando e correndo os dedos através de suas gargantas. Meninos e meninas de várias idades, descalços, membros finos e marrons, roupas tingidas no calor latente. Corriam, gritando. Pelo menos seis deles.

— O que eles estão fazendo? — Ambrose resmungou, confuso. — Estão fazendo o que eu acho que eles estão fazendo? Você acha que nos odeiam tanto? Eles querem nossas gargantas cortadas? São apenas crianças!

— Eu não acho que seja isso o que estejam fazendo. — Paulie virou-se, observando as crianças ficarem para trás enquanto o comboio passava.

— Eu acho que eles estavam nos avisando. — Tinha parado de cantar, e seu rosto estava calmo, contemplativo.

Ambrose olhou para o espelho retrovisor. As crianças tinham parado de correr e ficaram imóveis na estrada. Diminuíam enquanto o comboio continuou na estrada, mas eles permaneceram na rua, observando.

Ambrose voltou sua atenção para a estrada à frente deles. Exceto pelo comboio, estava completamente vazio, abandonado. Nem uma única alma à vista. Iriam virar a esquina na rua seguinte, circular em torno do bloco, e voltar para a base.

— Brosey... você sente isso?

O rosto de Paul desviou como se estivesse ouvindo algo ao longe, algo que Ambrose não podia ouvir, algo que definitivamente não podia sentir.

Lembrou Ambrose que, no caminho, quando fizeram sua visita clandestina ao memorial do voo 93, Paulie o tinha olhado e fizera a mesma pergunta.

Estava quase muito quieto naquela noite no memorial, como se o mundo tivesse curvado a cabeça por um momento de silêncio e nunca levantado novamente. Era como agora. O cabelo pinicou no pescoço de Ambrose.

E então o inferno desceu sua mão retorcida através da estrada estreita e dura, o fogo desencadeou e fragmentos voadores de metais caíram sob as rodas do Humvee na frente de Ambrose e Paulie, o Humvee que levava Grant, Jesse e Beans - três meninos, três amigos, três soldados da Hannah Lake, Pensilvânia. E isso era a última coisa que Ambrose Young lembrava, o último pedaço do passado.



Quando o telefone tocou na manhã de segunda-feira, a família Taylor olhou um para o outro com olhos turvos. Fern tinha ficado acordada a noite escrevendo e estava ansiosa para rastejar de volta para a cama depois que comesse seus Cereais. Joshua e Rachel tinham planos para ir ao Colégio Loch Haven para um simpósio no próximo par de dias e queriam começar cedo. Fern não podia esperar para ter a casa para si mesma por alguns dias.

— São só seis e meia! Gostaria de saber quem é... — Rachel disse, confusa.

Como o pastor local, as chamadas em horários estranhos não eram incomuns, mas os horários estranhos tendiam ser a partir de meia-noite às três horas. As pessoas estavam geralmente muito cansadas às seis e meia da manhã para ficar em apuros ou incomodar o seu pastor.

Fern pulou, pegou o receptor e cantarolou um Olá alegre, sua curiosidade obtendo o melhor dela.

Uma voz que soava oficial perguntou pelo Pastor Taylor e Fern entregou a seu pai o telefone, com um encolher de ombros. — Eles querem o Pastor Taylor —, disse ela.

— Sou Joshua Taylor. Como posso ajudá-lo? — Disse o pai de Fern rapidamente, levantando-se e movendo-se para o lado para que não tivesse que esticar o fio enrolado até o outro lado da mesa. Os Taylor não tinham investido em algo tão sofisticado quanto um telefone sem fio.

Ele escutou tudo por dez segundos antes de se sentar novamente.

— Oh. Oh, meu Deus. — Ele gemeu e fechou os olhos, como uma criança que tenta se esconder.

Rachel e Fern entreolharam-se em alarme, o café da manhã esquecido.

— Todos eles? Como? Outro silêncio.

— Eu vejo. Sim. Sim. Vou estar pronto.

Joshua Taylor foi mais uma vez e até o telefone de parede, desligando o telefone antigo com uma determinação que fez o coração de Fern tremer em seu peito. Quando se virou em direção à mesa, o rosto de Joshua Taylor estava de uma cor cinza doentio e seus olhos sombrios.

— Era um homem chamado Peter Gary. Ele é um capelão do exército atribuído à assistência às vítimas. Connor O'Toole, Paul Kimball, Grant Nielson e Jesse Jordan foram mortos por uma bomba no Iraque, ontem.

— Oh, não! Oh Joshua, — a voz de Rachel era estridente e ela cobriu a boca, como se para empurrar as palavras de volta, mas elas reverberaram por toda a cozinha.

— Eles estão mortos? — Fern gritou com incredulidade.

— Sim, Fern. Eles estão. — Joshua olhou para sua única filha e sua mão tremia quando estendeu a mão para ela, querendo tocá-la, querendo consolá-la, querendo cair de joelhos e rezar pelos pais que perderam seus filhos. Os pais aos quais ele estava indo notificar em menos de uma hora.

— Eles entraram em contato comigo, porque sou o clero local. Querem que eu vá com os oficiais designados pela equipe para contar as famílias. Eles terão um veículo aqui em meia hora para me pegar. Tenho que me trocar —, disse, impotente, olhando para seus jeans e camisa favoritos e perguntou: — O que Jesus faria?

— Mas eles estavam programados para chegar em casa no próximo mês! Acabei de ver Jamie Kimball na loja ontem. Ela está contando os dias! — Fern disse, como se a notícia não pudesse ser verdade, por esse motivo.

— E Marley! Marley estava planejando seu casamento. Ela e Jesse vão se casar!

— Eles se foram, Fernie.

As lágrimas começaram a cair, o choque inicial a devastando. Os olhos do Pastor Taylor nadaram em tristeza, Rachel estava chorando em silêncio, mas Fern sentou em um silêncio atordoado, incapaz de sentir qualquer coisa, por pura descrença. Olhou para cima de repente, horrorizada quando uma nova questão explodiu em sua mente.

— Pai? E sobre Ambrose Young?

— Eu não sei, Fern. Não acho... Eles não mencionaram Ambrose. Ele deve estar bem.

Fern estremeceu de alívio e logo sentiu remorso que a vida dele fosse mais importante para ela do que dos outros. Mas pelo menos Ambrose estava vivo. Pelo menos Ambrose estava bem.



Meia hora mais tarde, um Ford Taurus preto estacionava na residência dos Taylor. Três oficiais de uniforme completo saíram do veículo pouco promissor e caminharam até a entrada. Joshua Taylor estava em um terno e gravata, de banho tomado, vestido em seu traje mais respeitoso e abriu a porta para os três homens. Rachel e Fern pairavam na cozinha, ouvindo a conversa surreal na sala ao lado.

Um homem, que Fern assumiu ser o capelão que tinha ligado para seu pai, informou o pastor sobre o procedimento, dando-lhe as informações de que sabia, pedindo conselhos sobre a quem informar primeiro, quem poderia ter uma família a qual seriam obrigados a reunir devido as distâncias, que precisariam de mais apoio. Quinze minutos depois, os quatro homens, incluindo o Pastor Taylor, partiram.

Jamie Kimball foi a primeira a receber a notícia de que seu filho Paul estava morto. Em seguida, a família de Grant Nielson recebeu a notícia de que seu filho de vinte anos de idade, seu irmão mais velho, o garoto com boas notas e atendimento perfeito, iria voltar para casa em um caixão. Os pais separados de Jesse Jordan foram notificados e, em seguida, tiveram a difícil tarefa de escoltar os policiais até a casa de seu netinho e dizer a Marley Davis que não haveria casamento na folga. Luisa O'Toole correu de sua casa gritando quando o suboficial que falava fluentemente espanhol estendeu suas sinceras condolências. Seamus O'Toole chorou e se agarrou ao Pastor Taylor.

A notícia se espalhou pela cidade como fogo, corredores matutinos e cães de caça viam o carro preto com os homens uniformizados dentro e fofocas e especulações saíam da boca e caíam nos ouvidos antes que a verdade fizesse o seu caminho com as pernas mais lentas através da cidade devastada. Elliott Young estava na padaria quando a história chegou a ele, que Paul Kimball e Grant Nielson estavam mortos, e que o carro preto ainda estava estacionado em frente à casa do O'Toole. Ele se escondeu na câmara frigorífica da padaria por meia hora, rezando pela vida de seu filho, rezando que os homens uniformizados não fossem encontrá-lo...

certamente se não pudessem encontrá-lo, em seguida, não poderiam dizer-lhe que seu filho estava morto também.

Mas eles o encontraram. Sr. Morgan, o dono da loja de supermercado, abriu o congelador para lhe dizer que os oficiais estavam lá. Elliott Young balançou de frio e terror quando recebeu a notícia. E caiu nos braços de Joshua Taylor, quando ouviu que seu filho estava vivo. Vivo, mas gravemente ferido. Havia sido levado para Ramstein, a base aérea da Alemanha, onde ficaria até que estivesse estável o suficiente para ser trazido de volta para os EUA. Se vivesse tanto tempo.



Os papéis de um pastor e sua família em uma comunidade são amar e servir em primeiro lugar. Essa era a filosofia do pastor Joshua. Então foi isso que ele fez. E Rachel e Fern fizeram o máximo para fazer o mesmo. Todo o município estava em estado de choque e luto, nivelado pela perda. Era um estado de emergência e não havia nenhum alívio à vista. Não haveria recursos federais para reconstruir. Era a morte. Era permanente. Portanto, não havia muito a fazer.

Os corpos dos quatro rapazes foram levados para casa, para suas famílias. Os serviços fúnebres foram organizados e realizados por quatro dias seguidos, quatro dias de dor inimaginável. Os municípios vizinhos se juntaram e levantaram milhares de dólares para um memorial. Os meninos não seriam enterrados no cemitério da cidade, mas em uma pequena colina com vista para a escola. Luisa O'Toole protestara inicialmente, querendo ter seu filho enterrado em alguma cidade fronteiriça remota no México, onde seus pais foram enterrados. Mas, por uma vez, Seamus O'Toole levantou-se contra sua ex-mulher e insistiu que seu filho fosse enterrado no país pelo qual tinha morrido servindo, na cidade que lamentava sua perda, com os amigos que perderam suas vidas ao lado dele.

Ambrose Young foi levado para Walter Reed Medical Center e Elliott Young fechou a padaria para ficar com ele, só para ter os habitantes

reabrindo, mantendo em funcionamento enquanto ele estivesse fora. Todo mundo sabia que Elliott não podia se dar ao luxo de perder o negócio ou a renda.

O nome de Ambrose enfeitou a marquise de novo. Só que desta vez simplesmente dizendo: “Ore por Ambrose.” E eles o fizeram enquanto ele passava por cirurgia após cirurgia para reparar seu rosto danificado. Circularam rumores de que estava horivelmente desfigurado. Alguns diziam que estava cego. Alguns alegaram que não podia mais falar. Ele nunca iria lutar novamente. Que desperdício. Que tragédia.

Mas, eventualmente, o pedido de orações foi tirado do ar, as bandeiras nas janelas foram removidas e a vida em Hannah Lake retomada. Os habitantes da cidade foram agredidos. Seus corações foram quebrados.

Luisa O'Toole boicotara a padaria porque alegou que era culpa de Ambrose seu filho estava morto. Era culpa dele que estavam todos mortos. Ela cuspiu sempre que alguém dizia seu nome. Pessoas desaprovaram sua atitude. Mas alguns secretamente concordavam com ela. No fundo, se perguntavam por que ele não tinha ficado em casa. Por que não tinham todos ficado em casa?

Elliott Young voltou a trabalhar, eventualmente, depois de tomar uma segunda hipoteca em sua casa e vender tudo o que possuía de qualquer valor. Mas ainda tinha seu filho, ao contrário dos outros, e não se queixava da dificuldade financeira. A mãe de Ambrose e Elliott se revezaram ao lado de Ambrose, e seis meses depois de ter sido levado para fora do Iraque, Ambrose voltou para casa, para Hannah Lake.

Durante semanas, a conversa estava a todo vapor e a curiosidade corria desenfreada. Falou-se de um desfile ou uma cerimônia de algum tipo para celebrar o regresso a casa, de Ambrose. Mas Elliott pediu desculpas e desculpas. Ambrose não sentia-se bem para uma celebração de qualquer tipo. As pessoas aceitaram, embora com relutância. E eles esperariam um pouco mais antes de começarem a perguntar novamente. Mais meses se

passaram. Ninguém o viu. Os rumores começaram de novo sobre suas lesões e alguns a se perguntar se ele realmente se desfigurou e o tipo de vida que poderia realmente ter. Algumas pessoas se perguntavam se não teria sido melhor se ele tivesse morrido com seus amigos. O treinador Sheen e Bailey tentaram vê-lo muitas vezes, mas foram rejeitados... muitas vezes.

Fern ficou triste pelo menino que ela sempre amou. Se perguntava como seria a sensação de ser bonito e ter isso tirado de você. Era mais difícil ter e de repente não ter mais ou nunca ter? Angie frequentemente observava que a doença de Bailey fora misericordiosa em um sentido: acontecia lentamente através da primeira infância, roubando a criança de sua independência antes que realmente a ganhasse. Tão diferente daqueles que ficavam paralisados em um acidente e confinados a uma cadeira de rodas quando adultos, sabendo muito bem o que perderam, o que a independência era.

Ambrose sabia o que era a sensação de ser inteiro, de ser perfeito, ser Hércules. Como era cruel cair repentinamente de tais alturas. A vida tinha dado a Ambrose outra cara e Fern se perguntava se ele seria capaz de aceitá-la.

Resolva um Mistério

Ir pra casa em sua bicicleta, após o trabalho, era como uma segunda natureza, como encontrar seu caminho pelos corredores de sua casa no escuro. Fern tinha feito isso uma centena de vezes, encontrar seu caminho para casa à meia-noite, sem perceber as casas familiares e ruas ao seu redor, sua mente em outro lugar, muitas vezes completamente. Ela era a gerente da noite no Jolley Grocery Store. Começara no seu segundo ano da escola, ensacando mantimentos, varrendo o chão. Finalmente fez seu caminho em uma posição de caixa e, finalmente, no ano passado, o Sr. Morgan havia lhe dado um título, um pequeno aumento, e as chaves para a loja para que pudesse fechá-la cinco noites por semana.

Ela provavelmente estava andando muito rápido. Podia admitir isso agora, mas não esperava que um urso gigante, correndo sobre as patas traseiras, virasse a esquina quando ela virasse para sua rua. Gritou, virando o guidão para a esquerda, para evitar uma colisão. Sua bicicleta voou por cima do meio-fio, sobre a grama, antes de atingir um hidrante e impulsioná-la sobre o guidão para frente do gramado bem cuidado de Wallace. Ficou lá por um minuto, ofegando para recuperar o ar que tinha sido violentamente expulso do seu peito. Então lembrou-se do urso. Ficou de pé, encolhendo-se e virou-se para recuperar sua bicicleta.

— Você está bem? — O urso rosnou atrás dela.

Fern gritou novamente e olhando ao redor, encontrava-se a cerca de dez metros de Ambrose Young. Seu coração caiu como uma âncora de duas toneladas e enraizou no local. Estava segurando sua bicicleta em pé, que parecia um pouco desfigurada com o impacto com o hidrante. Ele usava uma camiseta confortável, preta, com um capuz que pendia baixo em sua

testa. Mantinha o rosto virado, enquanto falava com ela e a rua lançava em seu rosto uma sombra parcial. Mas era Ambrose Young, não havia dúvidas sobre isso. Não parecia ferido. Ainda era enorme, a largura dos ombros e a extensão dos seus braços e pernas ainda impressionantemente musculosos, pelo menos tanto quanto podia dizer. Estava com um par de calças negras de malha embutidas e tênis pretos, o que, obviamente, era o que a fez o confundi-lo com um urso correndo pelo meio da estrada.

— Acho que sim —, respondeu ela, sem fôlego, sem acreditar em seus olhos. Ambrose estava ali, inteiro, forte, vivo. — E você? Praticamente atropelou você. Não estava prestando atenção. Sinto muito.

Seus olhos corriam por seu rosto uma e outra vez, e ele mantinha o rosto inclinado para o lado, como se não pudesse esperar para voltar ao seu caminho.

— Nós fomos para a escola juntos, não é? — Ele perguntou em voz baixa e mudou o peso de um pé para o outro, a forma como um atleta fazia quando estavam se preparando para um evento. Ele parecia nervoso, agitado mesmo.

Fern sentiu uma pontada de dor. A dor que surge quando a tristeza te pega por ver um olhar vagamente familiar, mas nada mais.

— Ambrose, sou eu. Fern. — Disse Fern hesitante. — A prima de Bailey, a sobrinha do Treinador Sheen... Amiga de Rita?

O olhar de Ambrose Young foi para seu rosto novamente e fixou. Ele estava olhando para ela com o canto do olho, mantendo um lado de seu rosto nas sombras, e Fern se perguntou se seu pescoço ficou ferido, fazendo virar a cabeça algo doloroso.

— Fern —, ele repetiu hesitante.

— Uh, sim. — Agora foi a vez de Fern desviar o olhar. Ela se perguntou se também estava se lembrando das cartas de amor e do beijo no lago.

— Você não está com a mesma aparência —, disse Ambrose sem

rodeios.

— Hum, obrigado. Isso é uma espécie de alívio —, disse Fern honestamente. Ambrose olhou surpreso e sua boca se curvou levemente. Fern sentiu-se sorrindo junto com ele.

— A armação está um pouco curvada. Você deveria concertar. Veja se pode fazer isso em casa. — Ambrose empurrou a bicicleta em direção a ela, e Fern agarrou o guidão, levando-a de suas mãos. Por um segundo, a luz da rua bateu-lhe em cheio na cara. Fern sentiu seus olhos se arregalarem, a respiração presa em sua garganta. Ambrose deve ter ouvido a ingestão rápida de ar, porque o seu olhar fixou no dela por um instante antes se afastar. Então ele se virou e estava correndo rapidamente em passos suaves na estrada, o negro fundia com as roupas na escuridão e ocultava-o de vista quase que imediatamente. Fern assistiu-o ir, congelada no lugar. Ela não era a única pessoa que não tinha a mesma aparência.



Agosto de 2004

— *Por que ninguém me deixa ver um espelho, pai?*

— *Porque agora parece pior do que realmente é.*

— *Você viu como pareço... embaixo disso?*

— *Sim.* — *Elliott sussurrou.*

— *E a mãe?*

— *Não.*

— *Ela ainda não gosta de olhar para mim, todo enfaixado.*

— *Dói.*

— *Não. Isso a assusta.*

Elliott olhou para o filho, para o rosto envolto em gaze. Ambrose se tinha visto nas ataduras e tentou imaginar-se do ponto de vista de seu pai.

Não havia muito para ver. Mesmo o olho direito de Ambrose estava envolto. Seu olho esquerdo parecia quase alienígena no mar de branco, como uma múmia de Halloween com peças removíveis. Ele soava como se estivesse dentro de um caixa, sua boca estava cheia de pontos, forçando-o a murmurar entre dentes, mas Elliott entendia se escutasse de perto o suficiente.

— Ela não tem medo de você, Ambrose —, disse Elliott levemente, tentando sorrir.

— Sim, ela tem. Ser feio assusta mais do que qualquer outra coisa. — Ambrose fechou o olho, escondendo o rosto desfigurado de seu pai e da sala em torno dele. Quando não estava com dor, estava em um nevoeiro pelos analgésicos. A neblina era um alívio, mas assustava também, porque escondia-se da realidade no nevoeiro. E a realidade era um monstro com brilhantes olhos vermelhos e longos braços que o puxavam em direção ao buraco negro que devorava seu corpo. Seus amigos tinham sido devorados por aquele buraco. Ele pensou que se lembrava de seus gritos e do cheiro de carne queimada, se perguntava se era apenas sua mente preenchendo os espaços em branco entre antes e agora. Tanta coisa tinha mudado, que a sua vida estava tão irreconhecível como seu rosto.

— O que o assusta mais, meu filho? —, Perguntou o pai em voz baixa.

Ambrose teve vontade de rir. Ele não tinha medo de nada. Não mais. — Não é uma maldição, pai. Eu costumava ter medo de ir para o inferno. Mas agora que estou aqui, o inferno não parece tão ruim. — A voz de Ambrose tornou-se arrastada e ele sentiu-se esvaindo. Mas precisava fazer mais uma pergunta.

— Meu olho direito... ele se foi... não é? Eu não vou voltar a ver.

— Não, filho. O médico diz que não.

— Huh. Bem. Isso é bom, eu acho. — Ambrose sabia que não estava fazendo sentido, mas estava longe demais para se explicar. No fundo de sua mente, pensou que era justo que se seus amigos tinham perdido suas vidas, ele devesse perder algo também.

— Minha orelha se foi, também.

— Sim. Foi. — A voz de Elliott soou longe.

Ambrose dormiu por um tempo, e quando acordou o pai já não se sentava na cadeira ao lado da cama. Ele não a deixara muitas vezes. Deve ter encontrado algo para comer ou dormir um pouco. Da pequena janela em seu quarto de hospital, olhou para fora, era uma noite negra. Devia ser tarde. O hospital dormia, embora nunca ficava completamente tranquilo. Ambrose alavancou-se, e antes que pudesse reconsiderar, começou a desenrolar as longas camadas de gaze de seu rosto. Rodando e rodando, uma após a outra, fazendo uma pilha de ataduras manchadas de remédio em seu colo. Quando puxou a última, ficou livre, cambaleou de sua cama, segurando o suporte que segurava os sacos de antibióticos, fluídos e analgésicos que eram bombeados em seu corpo. Ele tinha tentado algumas vezes e sabia que podia andar. Seu corpo estava praticamente ileso. Apenas alguns estilhaços no ombro e na coxa direita. Nem mesmo um osso quebrado.

Não havia um espelho no quarto. Não havia espelho no banheiro. Mas a janela, com as suas finas cortinas, iria funcionar quase tão bem. Ambrose estendeu a mão para ela, empurrando as cortinas para cima com a mão esquerda, agarrando-se ao poste de metal com a direita, liberando o vidro para que pudesse olhar para o seu rosto pela primeira vez. No começo, não conseguira ver nada, mas as luzes da rua escureceram abaixo. O quarto estava escuro demais para refletir a sua imagem fora, no vidro.

Então Elliott entrou pela porta e viu seu filho de pé na janela, cerrando as cortinas como se quisesse arrancá-las da parede.

— Ambrose? — Sua voz se elevou em desânimo. E então acendeu a luz. Ambrose olhou e Elliott congelou, percebendo de imediato o que tinha feito.

Três rostos olharam para Ambrose do vidro. Ele registrou o rosto de seu pai, em primeiro lugar, uma máscara de desespero logo atrás de seu ombro direito, e então viu seu próprio rosto, magro e inchado, mas ainda reconhecível. Mas se fundia com a metade irreconhecível de seu rosto, que era

uma bagunça disforme de pele arruinada. Frankenstein costurado, e faltando peças, alguém que Ambrose não conhecia.



Quando Fern disse à Bailey que tinha visto Ambrose, os olhos de Bailey se arregalaram de excitação.

— Ele estava correndo? Isso é uma boa notícia! Recusou-se a ver todo mundo, tanto quanto eu sei. Isso é um progresso definitivo. Como ele está?

— No começo eu não conseguia ver nenhuma mudança —, Fern respondeu honestamente.

O olhar de Bailey ficou pensativo. — E? — ele pressionou.

— Um lado de seu rosto está muito marcado —, disse ela em voz baixa.

— Eu só o vi por um segundo. Então ele simplesmente se virou e começou a correr de novo.

Bailey assentiu. — Mas estava correndo —, ele repetiu. — Essa é uma notícia muito boa.

Uma boa notícia ou não, um mês se passou e, em seguida, mais um e Fern não viu Ambrose novamente. Ela mantinha os olhos abertos enquanto pedalava para casa do trabalho todas as noites, na esperança de vê-lo correndo para cima e para baixo pelas ruas escuras, mas nunca o fez.

Imagine sua surpresa, então, quando uma noite ficou mais tarde do que o habitual na loja e o avistou por trás das portas de balanço de panificação. Ele deve tê-la visto também, porque se abaixou fora da vista imediatamente e Fern ficou encarando o corredor.

Ambrose tinha trabalhado na padaria com o seu pai durante todo o colegial. Era um negócio de família, afinal, iniciada pelo avô de Elliott quase 80 anos antes, quando em parceria com John Jolley, o proprietário original da única mercearia da cidade.

Fern sempre gostou da contradição do grande, forte Ambrose Young trabalhando em uma cozinha. No colegial, ele tinha trabalhado durante os verões e nos fins de semana, quando não estava lutando. Mas o turno da noite, a mudança quando a maioria do cozimento foi feito, era o tipo de trabalho onde não iria nunca ser visto, se optasse por não ser, trabalhando a partir das 22h, quando a loja estava fechando, até 6h, uma hora antes de ser aberta novamente. As horas, obviamente, lhe convinhavam muito bem. Fern perguntou quanto tempo tinha que voltara a padaria e quantas noites mal tinha olhado ou simplesmente não percebera que ele estava lá.

Na noite seguinte, os registros não estavam batendo e Fern não conseguira pegar os livros para equilibrar. À meia-noite, quando estava finalmente terminando, o aroma de coisas maravilhosas começaram a rolar da padaria, flutuando em torno do canto para o pequeno escritório onde trabalhava. Desconectou o computador e se arrastou pelo corredor, posicionando-se para que pudesse ver através das portas giratórias que levavam à cozinha. Ambrose estava de costas para ela, sua camiseta e calças de brim branco liso estavam parcialmente cobertas por um avental branco, com *Padaria de Young* destacada através da impressão em vermelho brilhante. Elliott Young usava o mesmo avental desde Fern conseguia se lembrar. Mas de alguma forma, em Ambrose, parecia totalmente diferente.

Fern podia ver agora que o seu longo cabelo não crescera de novo. Ela meio que esperava vê-lo escovar os ombros. Pelo que podia ver, não tinha cabelo algum. Sua cabeça estava coberta com uma bandana vermelha amarrada firmemente na parte de trás como se tivesse acabado de descer de uma Harley e decidira fazer um lote de brownies. Fern riu para si mesma com a imagem mental de um motociclista fazendo brownies, e estremeceu quando a risada foi mais alta do que pretendia. Ambrose se virou, dando-lhe uma visão do lado direito de seu rosto, uma visão que ela só tinha visto brevemente no escuro. Fern correu de volta a virar a esquina, preocupada que ele iria ouvi-la e não compreendesse sua risada, mas

depois de um minuto não conseguiu resistir, voltando para onde pudesse vê-lo enquanto ele trabalhava.

Seu rádio estava alto o suficiente para abafar a música enlatada que tocava todo o dia, todos os dias, no mercado do Jolley. Sua boca se moveu com as letras, e por um minuto Fern observava os lábios em fascínio. A pele no lado direito de seu rosto estava ondulando, como a areia fica quando o vento sopra por toda ela e cria ondas. Onde não havia ondulações havia marcas e pústulas. O lado direito do rosto e pescoço era cheio de marcas pretas, como se um brincalhão tivesse passado um marcador com ponta de feltro em sua bochecha enquanto ele dormia. Enquanto o observava, ele estendeu a mão para o rosto e esfregou as marcas que marcavam sua pele, arranhando, como se o incomodasse.

Uma cicatriz longa e espessa corria do canto da boca até a lateral de seu rosto, desaparecendo na bandana da cabeça. Seu olho direito era vítreo e fixo, e uma cicatriz corria verticalmente através de sua pálpebra, estendendo-se acima do olho através de sua sobrancelha e abaixo do olho em uma linha reta com o nariz cruzando com a cicatriz que começava no canto da boca.

Ambrose ainda era imponente, alto e reto, e seus ombros largos e braços longos ainda estavam com feixes de músculos. Mas estava mais magro, ainda mais magro do que tinha estado durante a temporada de wrestling, quando os meninos eram tão magros que suas bochechas eram ocas e seus olhos afundados em seus rostos. Ele estava lembrando a Fern da noite em que o tinha visto pela primeira vez. Perguntou-se brevemente se estava tentando entrar em forma, e se assim fosse... por quê? Fern não amava exercício, por isso era difícil imaginá-la correndo com alegria, embora tivesse certeza de que era uma possibilidade. Sua ideia de exercício era ligar o rádio e dançar em torno de seu quarto, balançando seu corpinho até que aparecesse um bom suor. Tinha servido bem o suficiente. Ela definitivamente não era gorda.

Fern desejava que ousasse aproximar-se dele, ousasse falar com ele.

Mas não sabia como. Não sabia se ele iria querer, então ficou escondida por vários momentos mais antes de fazer seu caminho até a saída e ir para casa.

Faça amizade com um Monstro

Um pequeno quadro foi montado do lado de fora da porta de padaria, no corredor que levava ao escritório do Sr. Morgan e à sala de descanso do trabalhador. Sempre estivera lá, e nunca tinha tido nada escrito nele, tanto quanto Fern poderia dizer. Talvez Elliott Young tivesse pensado que seria um bom lugar para escrever horários ou lembretes, mas nunca tinha chegado a usar. Fern decidiu que seria perfeito. Não seria capaz de colocar qualquer coisa demasiado sugestiva lá... mas sugestiva não era realmente seu estilo, afinal. Se escrevesse no quadro às oito horas, após a padaria ser oficialmente fechada para a noite, antes de Ambrose chegar e iniciar os preparativos na cozinha, seria o único a ver o que estava escrito na placa. E poderia apagá-lo se não quisesse que ninguém mais o visse.

A chave era escrever algo que pudesse fazê-lo sorrir, algo que saberia que era para ele, sem informar qualquer outra pessoa e, sem fazer-se sentir como uma idiota. Ela lutou com as palavras por dois dias. Partiu de *“Oi. Que bom que você está de volta!”* para *“Eu não poderia me importar menos se o seu rosto não é perfeito, ainda quero ter seus bebês.”* Nada parecia muito certo. E então soube o que ia fazer.

Em grandes letras pretas, escreveu PIPAS ou BALÕES em todo o quadro, e gravou um balão vermelho, sua cor favorita, ao lado. Ele saberia que era Fern. Uma vez, eles perguntaram um ao outro um milhão de perguntas como esta. Na verdade, Ambrose tinha sido o primeiro a fazer esta pergunta em particular. Pipas ou balões? Fern tinha dito pipas, porque se fosse uma pipa, poderia voar, mas alguém estaria sempre a segurando. Ambrose tinha dito balões: — Eu gosto da ideia de voar para longe e deixar o vento me levar. Eu não acho que queira alguém segurando em mim. —

Fern se perguntou se a sua resposta seria a mesma coisa agora como tinha sido então.

Quando Ambrose tinha descoberto que ela estava escrevendo as cartas em vez de Rita, a correspondência tinha chegado a um ponto insuportável, Fern tinha respondido perguntas como estas e muito mais.

Em suas respostas, às vezes com apenas uma palavra ou um uma-linha engraçada, ela tinha começado a conhecer Ambrose e começado a revelar-se bem. E tinha revelado Fern, não Rita.

Fern olhou o quadro branco por dois dias, mas as palavras ficaram lá, não reconhecidas, sem resposta. Então, apagou e tentou novamente. Shakespeare ou EMINEM, escreveu. Ele tinha que lembrar. Naquela época, tinha certeza de que iria compartilhar seu fascínio secreto com a capacidade de rimas do rapper branco. A resposta de Ambrose fora, surpreendente, Shakespeare. Ambrose tinha então mandado alguns dos sonetos de Shakespeare, e lhe disse que Shakespeare teria sido um rapper incrível. Ela também descobriu que Ambrose era muito mais que um rosto bonito. Ele era um atleta com a alma de um poeta, e os heróis dos romances de Fern não deixavam nada a desejar. Nada.

No dia seguinte, o quadro também não tinha nada. Nada. Esperou dois dias. Tempo para ser um pouco mais contundente. Ela apagou Shakespeare ou EMINEM e escreveu ocultar ou buscar? Ele tinha sido o primeiro a perguntar na primeira vez. E ela circulou buscar... porque não era isso o que estava fazendo? Buscando-o, descobrindo-o?

Fern perguntou se deveria escolher um diferente *ou*, desde que ele estava tão obviamente se escondendo. Mas talvez provocasse uma resposta.

Quando chegou às três da tarde do dia seguinte, olhou para o quadro quando passou, não esperando muito, e chegara a um ponto insuportável. Ambrose tinha apagado a sua pergunta e escrevera uma das suas.

Surdo ou cego?

Esta foi uma pergunta que ela lhe pedira antes. Na época, ele tinha escolhido surdo. Ela concordou, mas tinha listado todas as suas músicas favoritas em resposta, indicando o que teria que dar em troca de sua visão.

Sua lista de músicas tinha solicitado perguntas sobre popular ou clássica, rock ou pop, músicas chicletes ou uma balada inteligente. Ambrose havia afirmado que preferia dar um tiro na cabeça o que inspirara uma série de *ous* e perguntas sobre maneiras de morrer. Fern não pensou que estaria usando qualquer uma dessas perguntas na situação atual.

Ela circulou surdo, assim como tinha na época. No dia seguinte, quando ela verificou a placa, Ambrose tinha circulado ambas as palavras. Ambos, surdo e cego. Ela quis saber sobre seu olho direito, agora sabia. Ele era surdo do ouvido direito, bem como cego do olho direito? Sabia que não era surdo em ambas as orelhas por causa de sua breve conversa na noite em que quase bateu em sua bicicleta. Abaixo das palavras circuladas, havia uma nova pergunta. Ele tinha escrito, esquerda ou direita?

Esta não era uma que tinha perguntado antes, e Fern tinha uma suspeita que Ambrose estava se referindo ao seu rosto. Lado esquerdo ou direito? Ela respondeu circulando tanto esquerdo e direito, assim como ele tinha feito com surdo ou cego.

No dia seguinte, tudo foi apagado.



Dois dias se passaram e Fern decidiu sobre uma nova tática. Ela escreveu uma carta cuidadosa:

“Amor não é amor,

Se quando encontra obstáculos se altera,

ou se vacila no mínimo temor.

Amor é um marco eterno, dominante,

que encara a tempestade com bravura.”

Shakespeare. Ambrose sabia por que ela escreveu. Era um dos sonetos que ele tinha dito ser seu favorito. Esperou para ver o que ele faria.

Poderia gemer e revirar os olhos, temendo que ela fosse segui-lo com a língua de fora, mas talvez iria entender o que estava tentando dizer. As pessoas que se importavam com ele ainda se importavam com ele, e seu amor ou afeto não mudaria só porque sua aparência tinha mudado. Ela só poderia trazer-lhe o conforto de saber que algumas coisas permaneciam as mesmas.

Fern deixou o turno naquela noite sem vê-lo, fechando a loja sem um vislumbre. Quando chegou no dia seguinte, a placa havia sido limpa. O constrangimento subiu em seu peito, mas socou-o para baixo. Isto não era sobre ela. Pelo menos Ambrose sabia que alguém se importava. Então, tentou de novo, continuando com o Soneto 116, que também tinha sido seu favorito desde que Lady Jezabel havia incluído em uma carta a legenda Jack Cavendish em um dos primeiros romances de Fern, A Dama e o Pirata. Ela usou um marcador vermelho desta vez, e escreveu as palavras em sua melhor letra cursiva.

“O amor não é o bufão do tempo,
embora Sua foice vá ceifando a face a fundo.
O amor não muda com o passar das horas,
Mas se sustenta até o final do mundo.
Se é engano meu e assim provado for,
Nunca escrevi, ninguém jamais amou.”

Eles não amam se não mostram o seu amor - Hamlet estava escrito em

toda a lousa em letras grandes na tarde seguinte.

Fern ponderou por um dia todo. Obviamente, Ambrose não se sentia bem-vindo em casa com os braços estendidos. Ela se perguntava o porquê.

As pessoas tinham querido fazer um desfile, não tinham? E o treinador Sheen e Bailey tinha ido vê-lo e foram rejeitados. Talvez as pessoas quisessem vê-lo... mas talvez estivessem com medo. Ou talvez doesse muito.

A cidade havia sido abalada. Ambrose não tinha visto a devastação após a notícia atingir Hannah Lake. Um tornado se contorcendo tinha feito o seu caminho por cima e por baixo das ruas, deixando famílias e amigos nivelados. Talvez ninguém tivesse estado com ele em suas horas mais sombrias, porque estavam tropeçando nas suas próprias.

Fern levou o intervalo de meia hora para encontrar uma resposta adequada. Será que ele estava falando sobre ela? Certamente não queria vê-la. A possibilidade de que pudesse estar se referindo a ela deu-lhe a coragem de ser ousada em sua resposta. Ele poderia duvidar da cidade, mas não seria capaz de afirmar que ela não se importava. Era um pouco mais forte, mas *era* Shakespeare.

“Duvidas que as estrelas são fogo,
Duvidas que o sol se mova,
Duvidas da verdade, que seja mentirosa,
Mas nunca duvides que eu amo.”

E a sua resposta?

Você acha que sou mais fácil de manipular do que uma flauta?

— Shakespeare não disse isso. — Fern fez uma careta, falando sozinha e olhando para a resposta irreverente. Mas quando digitou a citação no buscador da internet, descobriu que tinha. A citação era de Hamlet novamente. Grande surpresa. Isso não era bem o que tinha em mente, quando começou a escrever mensagens. Nem um pouco. Endireitando os ombros, tentou novamente. E esperava que ele entendesse.

“Nossas dúvidas são traidoras,
E nos fazem perder o bem que podemos conquistar
Por medo de tentar.”

Ela o observou naquela noite, perguntando se iria responder imediatamente. Verificou a placa antes de sair, à noite. Ele respondera.

Ingênuo ou estúpido?

Fern sentiu as lágrimas inundarem seus olhos e espalharem-se em seu rosto. Com as costas retas e o queixo erguido caminhou para seu caixa, pegou a bolsa de debaixo do balcão e saiu da loja. Ele poderia estar escondido, mas ela estava buscando através de Ambrose Young.



Ambrose assistiu Fern ir, e se sentiu como um idiota. A Fez chorar. Incrível. Ela estava tentando ser agradável. Ele sabia disso. Mas não queria ser agradável. Não queria incentivar e com certeza não queria continuar encontrando Shakespeare citado nesse maldito quadro. Melhor que acabasse de imediato. Ponto.

Ele arranhou sua bochecha. Os estilhaços ainda enterrados em sua pele o deixavam louco. Eles coçavam, e podia sentir as peças que

trabalhavam o seu caminho para fora. Os médicos disseram-lhe que alguns dos estilhaços, as peças enterradas mais profundamente em seu braço direito e ombro e algumas das peças em seu crânio provavelmente nunca sairiam. Ele não passaria por quaisquer detectores de metais, sem colocá-los tinindo. Isso era bom, mas os estilhaços no rosto, as peças que podia sentir, o incomodavam, e ele achava difícil não tocá-las.

Seus pensamentos voaram de volta para Fern. Ele temia que, se a deixasse chegar perto demais, poderia ser difícil não tocá-la, também. E ele tinha certeza que ela não queria isso. Começara na padaria em tempo integral há um mês atrás. Ele estava trabalhando algumas horas no início da manhã com o pai por mais tempo do que isso, mas tinha sido apenas um mês desde que tinha tomado completamente o turno da noite, a mudança mais importante para a padaria. Ele fazia tortas, bolos, biscoitos, donuts, rolos e pão. Seu pai lhe tinha ensinado ao longo dos anos, e era um trabalho que sabia fazer. O trabalho era reconfortante e tranquilo, seguro. Seu pai faria a decoração dos bolos e os pedidos especiais, chegavam por volta de 4h e trabalhavam juntos por uma ou duas horas antes de a padaria abrir.

Ambrose escorregava para fora quando ainda estava escuro e ia para casa sem ser visto, do jeito que gostava.

Durante muito tempo, ninguém sabia que estava trabalhando na padaria de novo. Mas Fern fechava a loja cinco noites por semana, e por uma ou duas horas depois que ele entrava em trabalho na maioria das noites, Ambrose e Fern ficavam sozinhos na loja. Havia o cliente aleatório vindo para um litro de leite ou uma mercearia corrida de fim de noite de última hora, mas a partir de cerca de nove a onze, era tranquilo e lento. Em pouco tempo, Fern o tinha visto na cozinha, embora tivesse tentado ficar longe da vista.

Estivera olhando para ela muito antes que ela percebesse que ele estava lá. Ela era uma menina tranquila, seu cabelo era a coisa mais barulhenta sobre ela, uma coroa desenfreada de fogo em um rosto de outra forma recatada. Ela tinha deixá-lo crescer desde que a tinha visto da última

vez e usava pendurado em cachos longos até o meio. E já não usava óculos.

O cabelo longo e os óculos perdidos tinham lhe chamado a atenção naquela noite, na noite em que a tinha feito se acidentar de bicicleta. É claro que estava tentando não olhar diretamente para ela para que ela não olhasse diretamente para ele.

Seus olhos eram de um marrom profundo, macio e um punhado de sardas salpicavam seu pequeno nariz. Sua boca era um pouco desproporcional ao resto do rosto. No colégio, quando usava aparelho, o lábio superior parecia quase cômico, como um bico de pato esticado sobre os dentes salientes. Agora sua boca estava quase sensual, seus dentes retos e brancos, seu sorriso largo e despretenso. Estava em silêncio adorável, muito modestamente, completamente inconsciente de que em algum ponto entre a adolescência e a idade adulta, se tornara atraente. E porque não sabia, ela se tornara ainda mais atraente.

Ambrose a tinha visto, noite após noite, posicionando-se onde podia olhá-la discretamente. E ele se perguntara mais de uma vez como podia ter tão facilmente a descartado antes. Momentos como estes fizeram muito para o cara que costumava ver quando olhava no espelho, um rosto que tinha tomado como certo. Um rosto que tinha o ajudado quando uma garota bonita o interessasse. Era um rosto que certamente o atrairia para ela, da forma como ela fora atraída por ele antes. Mas era um rosto que ele nunca teria de novo, e ele achava que estava perdido sem ele. Assim, ele apenas observava.

Ela sempre tinha um livro escondido ao lado da caixa registradora, e iria puxar seus longos cachos em torno de seu ombro esquerdo, entrelaçando-os ao redor de seus dedos enquanto o lia, nos momentos em que os compradores eram poucos e distantes entre si, dando-lhe muito tempo onde cuidava do caixa com pouco para fazer, apenas virar as páginas e torcer seus cabelos vermelhos.

Agora estava escrevendo e observando os jogos de palavras e

Shakespeare, assim como tinha feito no último ano, posando como Rita.

Tinha ficado tão bravo quando descobriu. Mas, então, ela tinha sido tão doce e tão obviamente triste quando ofereceu-lhe desculpas. Não tinha sido difícil ver que tinha uma grande paixão por ele. É difícil ficar com raiva de alguém que te ama. E agora ela estava de volta. Mas ele não pensava nem por um minuto que ela realmente gostasse dele. Ela ainda gostava do velho Ambrose. Ela se sequer olhou para ele? Realmente olhou para ele? Tinha estado escuro na noite que ela praticamente o atropelou em sua bicicleta. Ela engasgou quando viu seu rosto. Tinha ouvido, alto e claro. Então, o que queria agora? Pensar nisso apenas o fez ficar com raiva de novo. Mas antes de escurecer ele voltou a se sentir um idiota. Então, foi até o quadro branco e escreveu as palavras.

Idiota ou Estúpido?

Ele pensou que seu pai poderia opor-se à palavra “idiota” que estava sendo escrita no quadro branco da padaria, mas não achou que qualquer outra palavra servisse. Shakespeare não iria ajudá-lo desta vez. Além disso, não tinha ideia se os personagens de Shakespeare pediam perdão a ruivas bonitas com um coração que era demasiado doce para o seu próprio bem. Ele foi para casa com um humor azedo, que azedou o estômago e fez as barras de bordo{10} que tinha comido darem a sensação de pedras em seu intestino. Quando chegou ao trabalho às dez horas da noite seguinte, a placa tinha sido limpa e nenhuma nova mensagem tinha sido adicionada. Bom. Ele ficou aliviado. Mais ou menos.

Beije Rita

Ambrose furtivamente espreitava através da abertura que separava as vitrines da padaria e do balcão da recepção da cozinha, tentando pegar um vislumbre de Fern, perguntando-se se ela finalmente decidira que não valia a pena gastar o seu tempo com ele. Ela já tinha ido embora no momento em que ele chegou ao trabalho nas últimas noites. Ele tinha começado a entrar cada vez mais cedo para que pudesse vê-la, mesmo por trás da janela da frente da padaria por onde ela deixava o trabalho à noite. Ele inventava desculpas para Elliott sobre coisas que precisavam ser feitas na padaria, mas seu pai nunca questionava. Ele provavelmente estava contente de ver Ambrose fora de casa e fora de seu quarto de infância, embora nunca dissesse isso. Era exatamente o que o médico receitara.

Seu psicólogo, aquele que o exército garantiu que ele tivesse, disse à Ambrose que ele precisava aprender a adaptar-se à sua “nova realidade”, para “entrar em acordo com o que tinha acontecido com ele,” para “encontrar novas atividades e associações”. O trabalho era um começo.

Ambrose odiava admitir que estava realmente ajudando, e tinha começado a levantar pesos também. O exercício era a única coisa que o fazia sentir algo além de desespero. Assim, se exercitava muito. Ambrose se perguntava, de repente, se espionagem poderia se qualificar como uma “nova atividade”.

Ele se sentia um estranho, espionando Fern, mas fazia de qualquer maneira. Hoje à noite, Fern estava varrendo o chão cantando junto com *The Wind Beneath My Wings*, usando o cabo de vassoura como microfone. Ele odiava a música, mas se viu sorrindo ao vê-la balançando para frente e para trás, cantando em um soprano ligeiramente fora da nota, mas não

desagradável. Moveu a pilha de sujeira, até que ela estava diretamente na frente do balcão de padaria. Ela o viu de pé em sua frente e parou, olhando para ele enquanto as últimas palavras soavam através da loja vazia. Ela sorriu timidamente, como se ele não a tivesse feito chorar apenas algumas noites antes, e Ambrose sentiu a reação de luta ou fuga recém-adquirida que lhe inundava sempre que alguém olhava diretamente para ele.

Fern tinha aumentado a músicas que escorria para fora do aparelho de som da loja até que ele sentia mais em um ringue de patinação do que uma padaria. As músicas eram uma mistura de músicas suaves projetadas para colocar compradores em coma, pois percorria os corredores de itens que provavelmente nem precisavam. Ambrose repentinamente ansiava por um pouco de Def Leppard, com gritos a plenos pulmões e coros de alta potência.

De repente, Fern largou a vassoura e correu para as portas dianteiras. Ambrose saiu da cozinha, contornou o balcão, um pouco alarmado que algo estivesse errado. Fern estava destrancando as portas de correr e empurrando um lado para permitir a Bailey Sheen passar com sua cadeira de rodas. Então, fechou novamente a porta e a trancou, conversando com Bailey enquanto isso.

Ambrose tentou não sorrir. Realmente tentou. Mas Bailey estava usando um farol na cabeça, um gigante, com elásticos grossos, em torno de sua cabeça, como um daqueles antiquados retentores. Era um tipo de farol, que ele imaginava que mineiros usariam em um túnel dentro da terra. Era tão brilhante que Ambrose fez uma careta, cobrindo o olho bom e se afastou.

— O que diabos você está vestindo, Sheen?

A cabeça de Fern virou, obviamente surpresa que ele se aventurasse para fora dos limites da padaria.

Bailey passou por Fern e continuou rolando para Ambrose. Bailey não parecia surpreso ao vê-lo ali, e embora seus olhos estivessem cravados no

rosto de Ambrose, não reagiu como todos com as mudanças na aparência de Ambrose. Em vez disso, revirou os olhos e franziu a testa, tentando olhar através da luz amarrada na sua cabeça.

— Ajude-me, cara. Minha mãe me faz usar esta maldita coisa sempre que saio à noite. Ela está convencida de que vou ser atropelado. Eu não posso tirar sozinho.

Ambrose estendeu a mão, ainda fazendo careta para a luz branco-azulada em chamas. Ele puxou a lâmpada da cabeça de Bailey e desligou a luz. O cabelo de Bailey levantou-se na extremidade, e Fern alisou-o distraidamente enquanto andava atrás dele. Foi um gesto comovente, materno mesmo. Ela acariciou o cabelo de Bailey no lugar, como se tivesse feito isso milhares de vezes antes, e Ambrose percebeu de repente que provavelmente tinha. Fern e Bailey tinham sido amigos por tanto tempo quanto podia se lembrar. Obviamente, Fern tinha se acostumado a fazer as coisas para Bailey que ele não poderia fazer por si mesmo, sem pedir ou até mesmo perceber o que ela estava fazendo.

— O que você está fazendo aqui? — Ele perguntou a Bailey, surpreendido que Bailey estivesse perambulando pelas ruas em sua cadeira de rodas, às onze horas.

— Karaokê, baby.

— Karaokê?

— É. Não tenho feito isso há algum tempo, e temos recebido queixas da seção de produtos. Parece que as cenouras têm formado um fã-clubes Bailey Sheen. Esta noite é para os fãs. Fern tem muitos seguidores nos alimentos congelados.

— Karaokê... aqui? — Ambrose nem sequer abriu um sorriso... mas queria.

— É. Hora de fechar significa que você tem as rédeas do lugar. Pegamos o aparelho de som da loja, utilizamos o interfone como microfone,

ligamos nossos CDs, e... arrasamos com o Supermercado do Jolley. É impressionante. Você deve se juntar a nós. Devo avisá-lo, porém, sou incrível, e também sou um devorador de microfone.

Fern deu uma risadinha, mas olhou para Ambrose, esperançosa. Oh, inferno, não. Ele não iria cantar karaokê. Nem mesmo para agradar Fern Taylor, o que realmente queria fazer, surpreendentemente.

Ambrose balbuciou algo sobre bolos no forno e foi apressado para a cozinha. Apenas alguns minutos depois a loja estava cheia de trilhas do karaokê e Bailey estava fazendo uma imitação horrível de Neil Diamond. Ambrose ouviu enquanto trabalhava. Ele realmente não tinha escolha. Era alto, e Bailey era definitivamente um porco com o microfone. Fern só cantava de vez em quando, soando como uma professorinha tentando ser uma estrela pop, sua voz doce completamente em desacordo com as músicas que ela escolhia. Quando ela começou a cantar Madonna *Like a Virgin*, ele viu-se rindo em voz alta, e parou abruptamente, surpreso com a forma como sentiu o riso estrondoso no peito se derramando em sua boca. Ele pensou, pensando em sua vida ao longo do último ano, desde o dia em sua vida havia sido jogado em um buraco negro. Não achava que tinha rido. Nem uma única vez em um ano inteiro. Não é de admirar que parecia envolver as engrenagens em um caminhão de cinquenta anos de idade.

Eles cantaram um dueto em seguida. E foi um espanto. “*Summer Nights*” de Grease. *Wella Wella Wella oomph* derramado nos alto-falantes e Pink Ladies implorava para ser morta, mas Bailey e Fern cantavam suas linhas com gosto, Bailey rosnando em todas as partes sugestivas e Fern rindo e bagunçando suas palavras, tornando-as novas enquanto continuava. Ambrose riu através da hora seguinte, divertindo-se completamente, se perguntando se Bailey e Fern já tinham considerado fazer humor. Eles estavam hilários. Ele tinha acabado de rolar para fora um lote de rolos de canela, quando ouviu seu nome ecoar por toda a loja.

— Ambrose Young? Eu sei que você pode cantar. Que tal você vir aqui e parar de fingir que não podemos vê-lo lá atrás, nos espionando? Nós

podemos, você sabe. Você não é tão sorrateiro quanto pensa. Eu sei que quer cantar a próxima música. Espere! São os Righteous Brothers! Você TEM que cantar esta. Eu não vou ser capaz de fazer justiça. Vamos. Fern está morrendo de vontade de ouvi-lo cantar de novo desde o último ano, quando ouvimos você cantar O Hino Nacional no comício.

— Sério? — Pensou Ambrose, bastante satisfeito.

— AAAAAMMMMMBRRRRROOOOSE YOUUUNG! — Bailey trovejou, obviamente apreciando demais o interfone. Ambrose ignorou. Não ia cantar.

Bailey chamou-o várias vezes, mudando suas táticas, até que finalmente a atração da pista karaokê o distraiu. Ambrose continuou trabalhando quando Bailey informou-lhe que ele tinha perdido esse sentimentalismo amoroso.

É. Ele tinha. Há um ano no Iraque. Esse sentimento de amor tinha sido completamente dizimado.



O olho esquerdo de Rita estava inchado e o lábio dividido ao meio.

Fern sentou ao seu lado e segurou o gelo no rosto dela, se perguntando quantas outras vezes Rita tinha ficado dessa forma e escondido de seus amigos.

— Eu liguei para a polícia. Barry, tio de Becker, apareceu e o segurou, mas não acho que estão indo acusá-lo —, disse Rita estupidamente. Naquele momento, parecia que ela tinha quarenta anos de idade. Seu cabelo longo, loiro estava mole em seus ombros e o cansaço no rosto criava sombras e rugas que não deveriam estar lá.

— Você quer vir a minha casa? Mamãe e papai iriam deixar você e Ty ficar o tempo que você quisesse. — Infelizmente, Rita tinha vindo e ficado antes, mas sempre voltava para Becker.

— Eu não vou sair desta vez. Becker pode sair. Não fiz nada de errado.

— Rita esticou o lábio inferior em desafio, mas seus olhos se encheram de lágrimas, contradizendo as suas palavras corajosas.

— Mas... mas, ele é perigoso —, Fern argumentou suavemente.

— Ele vai ser bom por um tempo. Vai estar super arrependido e em seu melhor comportamento. E vou começar a fazer planos. Venho economizando. Mamãe e eu vamos ter dinheiro logo, pegaremos Ty e fugiremos. Logo. E Becker pode ir para o inferno.

Ty gemeu em seu sono e aconchegou o rosto no peito de sua mãe. Ele era pequeno para uma criança de dois anos de idade. Era uma coisa boa, porque Rita o carregava por toda parte, como se estivesse com medo de colocá-lo no chão.

— Tenho apenas vinte e um anos de idade, Fern! Como é que fui me meter nessa situação? Como fiz uma escolha tão terrível? — Não pela primeira vez, Fern estava grata por ter sido fracasso tardio, simples, ignorada. De certa forma, seu status de patinho feio tinha sido como um campo de força, manteve o mundo à distância para que ela pudesse crescer, entrar em seu próprio mundo, e descobrir que havia mais para ela do que o que vira. Rita continuou, não realmente esperando que Fern respondesse.

— Você sabe que eu costumava sonhar com Bailey? Sobre encontrarem uma cura para que ele pudesse andar? Então ele e eu nos casaríamos e viveríamos felizes para sempre. Minha mãe trabalhou até o osso cuidando de meu pai depois do acidente. E ela estava tão infeliz. Ele a magoava o tempo todo, a dor o fazia mal. Eu sabia que não era tão forte. Assim, mesmo que amasse Bailey, sabia que não era forte o suficiente para amá-lo se ele não pudesse andar. Então rezei para que magicamente fosse curado. Beijei-o uma vez, você sabe.

Fern sentiu seu queixo cair. — Você o beijou?

— Sim. Eu tinha que ver se havia algum calor.

— E havia?

— Bem... sim. Houve. Quero dizer, ele não tinha ideia do que estava fazendo. E eu o peguei de surpresa, acho. Mas sim. Houve calor. Calor suficiente para que considerasse que talvez beijá-lo fosse o suficiente. Talvez estar com alguém que eu amasse, e que iria me amar de volta fosse o suficiente. Mas fiquei com medo. Eu não era forte o suficiente, Fern.

— Quando? Quando isso aconteceu? — Fern engasgou.

— No terceiro ano. Férias de Natal. Estávamos vendo filmes com Bailey, lembra? Você sentiu-se mal e voltou para casa antes que o filme acabasse. O pai de Bailey tinha colocado Bailey fora de sua cadeira de rodas e ele estava sentado no sofá. Estávamos conversando e rindo e... então eu segurei sua mão. E antes que a noite terminasse... Beije-o.

Fern estava atordoada. Bailey nunca havia lhe tinha dito. Nunca disse uma palavra. Seus pensamentos giraram como um rato em uma roda, correndo em círculos e nunca chegando a lugar nenhum.

— Foi a única vez? — Perguntou Fern.

— Sim. Fui para casa naquela noite e quando eu vi Bailey após o feriado de Natal, ele agiu como se nunca tivesse acontecido. Pensei que tinha arruinado tudo. Pensei que ele iria esperar que eu fosse sua namorada, mesmo que eu meio que quisesse ser. Mas estava com medo também.

— Medo de quê?

— Com medo de machucá-lo, ou que fizesse promessas que não podia cumprir.

Fern assentiu. Ela entendeu, mas seu coração doía por Bailey. Conhecendo Bailey como ela conhecia, o beijo tinha sido um grande momento. Talvez para proteger Rita, talvez para se proteger, ele guardou para si.

— Então Becker apareceu. Ele era tão persistente. E ele era mais velho e eu meio que... fui atropelada, eu acho.

— Então, você e Bailey nunca conversaram sobre isso de novo?

— Na noite antes de me casar com Becker, Bailey me ligou. Me disse para não fazer isso.

— Ele disse? — Perguntou Fern. Esta noite estava cheia de surpresas.

— Sim. Mas eu lhe disse que era tarde demais. Bailey é bom demais para mim de qualquer maneira.

— Isso é ridículo, Rita, — Fern deixou escapar.

Rita olhou como se Fern a tivesse golpeado no rosto.

— Eu sinto muito. Mas isso é apenas uma desculpa para não fazer o que é difícil —, disse Fern sem rodeios.

— Sério? — Rita estalou. — Olha quem está falando. Você esteve apaixonada por Ambrose Young toda a sua vida. Agora ele está em casa com um rosto desfigurado, uma vida desarrumada e não vejo você fazer a coisa mais difícil!

Fern não sabia o que dizer. Rita estava errada. O rosto de Ambrose não a estava mantendo a distância. Mas será que importava qual era a razão?

— Eu sinto muito, Fern. — Rita suspirou lágrimas. — Você está certa. É uma porcaria. Toda a minha vida é uma porcaria. Mas vou tentar mudá-la. Vou ser melhor. Você vai ver. Não há mais escolhas ruins. Ty merece o melhor. Eu só queria que Bailey... Gostaria que as coisas fossem diferentes, sabe?

Fern começou a acenar com a cabeça, mas depois pensou melhor, e balançou a cabeça em desacordo.

— Se Bailey tivesse nascido sem a doença, ele não seria Bailey. O Bailey que é inteligente e sensível, e parece entender tantas coisas que não entendemos. Você poderia nem ter notado Bailey se ele tivesse crescido saudável, lutando na equipe de seu pai, agindo como qualquer outro cara que você já conheceu. Uma grande parte da razão pela qual Bailey é tão especial é porque a vida o tem esculpido em algo incrível... talvez não no

exterior, mas do lado de dentro. No interior, Bailey se parece com o David de Michelangelo. E quando eu olho para ele, e quando você olha para ele, isso é o que vemos.

Tome uma Posição

Dois dias depois, Becker Garth veio passear em Jolley como se sua esposa não estivesse ferida e sua camisa não cheirasse a agressor.

Aparentemente, suas conexões na delegacia de Hannah Lake vieram a calhar. Ele sorriu descaradamente para Fern quando passou por ela.

— Você está muito bonita hoje, Fern. — Seus olhos deslizaram para o peito e fizeram o backup novamente. Ele piscou e mostrou a gengiva. Fern sempre pensara que Becker era um cara bonito. Mas o belo não chegava a cobrir a sujeira embaixo, e às vezes, a escória atravessava e escorria para fora em torno das bordas. Como estava fazendo agora.

Ele, obviamente, não esperava resposta, porque ele seguiu em frente, chamando por cima do ombro — Rita disse que você passou por lá. Obrigado pelo dinheiro. Eu precisava de um pouco de cerveja. — Ele mostrou a nota de vinte dólares que Fern tinha deixado em cima do balcão para Rita e acenou no ar. Becker caminhou em direção ao corredor, onde o álcool estava guardado e desapareceu de vista. E Fern viu vermelho. Ela não era uma menina propensa a raiva ou atos imprudentes. Até agora. Foi surpreendida com a firmeza de sua voz enquanto falava ao interfone.

— Compradores do Jolley atenção, hoje no Supermercado Jolley temos algumas promoções maravilhosas acontecendo. Bananas estão à venda por 39 centavos o quilo. Caixas de suco estão de dez por um dólar, e nossa padaria tem biscoitos de açúcar de uma dúzia por R\$ 3,99, — Fern parou e cerrou os dentes, mas foi incapaz de permanecer quieta. — Eu também gostaria de chamar a atenção para o idiota gigante no corredor dez. Garanto que vocês nunca viram um idiota maior do que este, compradores. Ele bate regularmente em sua esposa e diz que ela é feia e gorda, mesmo

que seja a garota mais bonita da cidade. Ele também gosta de fazer o seu bebê chorar e não pode manter um emprego estável. Por quê? Você adivinhou! Porque Becker Garth é uma grande e feia bunda, gigante...

— Sua vadia! — Becker veio rugindo do corredor dez, gritando, com doze latas de cerveja debaixo do braço e raiva em seus olhos.

Fern segurou o telefone na frente dela, como se o intercomunicador proporcionasse um escudo entre ela e o homem que a tinha insultado publicamente. Os clientes estavam boquiabertos, alguns rindo da exposição audaciosa de Fern, outros franzindo a testa em confusão. Becker lançou a caixa de cerveja e várias latas perfuradas caíram fora da caixa quebrada, molhando todo o chão. Ele correu em direção a Fern e tirou o telefone das mãos dela, puxando seu cabo enrolado até ele quebrar, chicoteando o rosto de Fern. Ela abaixou reflexivamente, certa de que Becker iria balançar o telefone como um nunchuck[\[11\]](#), atingindo tudo em seu caminho.

De repente, Ambrose estava lá, agarrando Becker pelo braço e as costas da camisa, torcendo o tecido em suas mãos até que levantou Becker completamente do chão, com as pernas balançando, impotente, a língua de fora, estrangulada por sua própria camisa. Em seguida, Ambrose o empurrou. Apenas jogou-o para longe, como se Becker pesasse pouco mais que uma criança. Becker pousou em suas mãos e pés, torcendo-se como um gato quando caiu, e se levantou como se tivesse a intenção de arremessar 3 metros, empurrando o peito para fora como um galo entre suas galinhas.

— Ambrose Young! Você parece uma merda, cara! É melhor correr antes que o povo da cidade pense que você é um ogro e venha atrás de você com tridentes! — Becker brigava, alisando sua camiseta e empinado como um pugilista pronto para entrar no ringue.

A cabeça de Ambrose estava coberta com uma bandana vermelha, fazendo-o parecer um grande pirata, o jeito que sempre usava quando estava trabalhando na padaria, longe de olhares curiosos. Seu avental ainda estava enrolado em torno de seu torso magro e suas mãos estavam em

punhos ao lado do corpo, com os olhos em Becker. Fern queria lançar-se sobre o balcão e jogar Becker no chão, mas sua breve impetuosidade criou esta situação, e não queria torná-la pior, por Ambrose especialmente.

Fern notou quando os clientes da loja ficaram congelados no lugar, seus olhos grudados no rosto de Ambrose. Fern percebeu que nenhum deles o tinha visto, provavelmente, não desde que partiu para o Iraque dois anos e meio antes. Houve rumores, como sempre em cidades pequenas com grandes tragédias. E os rumores tinham sido exagerados, tornando Ambrose um ser terrivelmente ferido, grotesco mesmo, mas muitos dos rostos registravam surpresa e tristeza, mas não repulsa.

Jamie Kimball, a mãe de Paul Kimball, estava na fila no outro caixa, o rosto pálido e aflito, enquanto seus olhos se agarravam a bochecha cheia de cicatrizes de Ambrose. Ela não tinha visto Ambrose desde que voltara?

Não tinha nenhum dos pais dos garotos mortos ido visitá-lo? Ou talvez ele não tivesse permitido que entrassem. Talvez fosse mais do que qualquer um deles pudesse suportar.

— Você precisa sair, Becker —, disse Ambrose, sua voz um estrondo suave no silêncio chocado da mercearia. Uma versão instrumental de *What a Wonderful World* tocava para os compradores de Jolley como se tudo estivesse bem em Hannah Lake quando decididamente não estava. Ambrose continuou: — Se você decidir ficar, vou te bater como fiz na nona série, e desta vez vou bater nos seus dois olhos e você vai perder mais do que apenas um dente. Não deixe que a minha cara feia o engane, não há nada de errado com meus punhos.

Becker gaguejou e afastou-se, olhando para Fern e apontando para seu rosto, emitindo sua própria advertência. — Você é uma vadia, Fern. Fique longe de Rita. Se vier na minha casa, e vou chamar a polícia. — Becker virou o veneno de volta para Fern, ignorando Ambrose, salvando sua cara, atacando um oponente mais fraco, da forma como sempre fez.

Ambrose chegou para frente, agarrando Becker pela camisa mais uma

vez e impelindo-o de ir em direção às portas de correr na parte da frente da loja. As portas se abriram e Ambrose assobiou um aviso no ouvido de Becker.

— Se você chamar Fern Taylor de vadia novamente ou a ameaçar de qualquer maneira, e vou arrancar sua língua para fora da boca e dar de alimento para o cão feio que você mantém acorrentado e com fome em seu quintal. O que late para mim sempre que corro. E se você prejudicar um fio de cabelo na cabeça de Fern ou levantar a mão para sua esposa ou filho, vou te encontrar e vou te machucar. — Ambrose deu um empurrão e empurrou Becker para o asfalto em ruínas em frente à loja.



Duas horas mais tarde, quando a loja estava vazia, a bagunça da cerveja limpa e as portas trancadas, Fern fez seu caminho até a padaria. O cheiro de pão, a doçura quente de manteiga derretida e o cheiro de açúcar pesado a saudou quando empurrou a porta de vaivém que separava Ambrose do resto do mundo. Ambrose parou quando ele a viu, mas continuou batendo e amassando o monte gigante de massa sobre uma superfície enfarinhada, posicionando-se de modo a que o seu lado esquerdo, o lado belo, estava de frente para ela. Um rádio no canto tocava rock e Whitesnake perguntava: *Is This Love?*[\[12\]](#), Fern pensou que poderia ser.

Os músculos nos braços de Ambrose ficaram tensos e relaxados, conforme ele rolava a massa em um grande círculo e começava a carimbar círculos com um gigante oito do cortador de biscoitos. Fern assistiu, seus movimentos suaves e firmes, e decidiu que gostava de olhar um homem na cozinha.

— Obrigada —, disse, por fim.

Ambrose olhou rapidamente e deu de ombros, grunhindo algo ininteligível.

— Você realmente o espancou na nona série? Ele estava no último ano, então.

Outro grunhido.

— Ele é um homem mau... se é que se pode chamá-lo de um homem. Talvez não cresceu ainda. Talvez isso seja o problema dele. Talvez vá ser melhor do que é. Eu acho que nós podemos esperar.

— Ele é velho o suficiente para saber mais. A idade não é uma desculpa. Crianças de dezoito anos de idade são consideradas em idade suficiente para lutar por seu país. Lutar e morrer por seu país. Assim, um pedaço com 25 anos de idade de merda como Becker não pode se esconder atrás dessa desculpa.

— Você fez isso por Rita?

— O quê? — Os olhos dele correram para os dela em surpresa.

— Eu quero dizer... você costumava gostar dela, certo? Você quis jogá-lo para fora da loja hoje à noite por causa de Rita?

— Eu fiz isso porque precisava ser feito —, disse Ambrose brevemente. Pelo menos ele não estava gemendo mais. — E eu não gostei dele atingir seu rosto. — Ambrose encontrou os olhos dela brevemente outra vez antes de se virar para puxar uma enorme bandeja de biscoitos de açúcar do forno. — Mesmo que você o tenha provocado... só um pouquinho.

Isso foi um sorriso? Foi! Fern sorriu de alegria. Os lábios de Ambrose se curvaram em um lado, apenas por um segundo, antes de começar o processo de rolar a massa mais uma vez.

Quando Ambrose sorriu, um lado de sua boca, o lado danificado pela explosão, não aparecia tanto, dando-lhe um sorriso torto. Fern pensou que era agradável, mas a julgar pela raridade de seu sorriso, Ambrose provavelmente não pensava assim.

— Eu o provoquei. Não acho que já tenha provocado ninguém antes. Foi... divertido —, disse Fern séria, honestamente.

Ambrose começou a rir e pousou o rolo de macarrão, olhando para ela e balançando a cabeça. E desta vez não abaixou a cabeça nem virou as costas.

— Nunca insultou ninguém, né? Eu me lembro de você fazendo caretas para Bailey Sheen em um torneio do grande wrestling. Ele deveria estar tomando as estatísticas, mas você estava fazendo-o rir. O treinador Sheen brigou com ele, o que quase nunca acontecia. Eu acho que isso se qualifica como provocação.

— Eu me lembro desse torneio! Bailey e eu estávamos jogando um jogo que inventamos. Você viu isso?

— Sim. Vocês dois pareciam que estavam se divertindo... e lembro-me desejar que eu pudesse trocar de lugar com o dois... apenas por uma tarde. Eu estava com ciúmes.

— Ciúmes? Por quê?

— O técnico de Iowa estava naquele torneio. Eu estava tão nervoso que estava doente. Eu estava vomitando entre as partidas.

— Você estava nervoso? Você ganhou todos os jogos. Eu nunca vi você perder. O que você tinha para estar nervoso?

— Ser invicto era muita pressão. Eu não queria decepcionar ninguém.

— Ambrose deu de ombros. — Então me diga sobre este jogo. — Ambrose suavemente mudou a conversa para longe de si. Fern pegou a informação que ele tinha revelado para uma leitura posterior.

— É um jogo que Bailey e eu jogamos. É a nossa versão de *Charadas*. Bailey não pode realmente se mexer, por razões óbvias, de modo que jogamos fazendo caretas. É estúpido, mas... é divertido. A ideia é se comunicar estritamente através de expressões faciais. Aqui. Eu vou te mostrar. Vou fazer um rosto e você me diz o que estou sentindo.

Fern deixou cair o queixo e arregalou os olhos teatralmente.

— Surpresa?

Fern balançou a cabeça, sorrindo. Em seguida, deflagrou suas narinas e enrugou a testa, entortando a boca com desgosto. Ambrose gargalhou.

— Algo cheira mal?

Fern riu e imediatamente mudou rostos. Seu lábio inferior tremeu e o queixo franzido e tremeu e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Oh cara, você é muito boa nisso! — Ambrose estava rindo completamente, a massa esquecida enquanto se divertia.

— Você quer tentar? — Fern estava rindo muito, enxugando as lágrimas que tinha fabricado para criar o rosto “triste”.

— Não. Eu não sei se o meu rosto iria cooperar —, disse Ambrose tranquilamente, mas não havia nenhuma auto piedade em sua voz, nem defensiva e Fern resolveu ir com calma.

— Tudo bem.

Eles conversaram durante mais alguns minutos e, em seguida, Fern agradeceu novamente e disse boa noite. E tinha sido uma boa noite, apesar de Becker Garth. Ambrose tinha falado com ela. Ele até riu com ela. E Fern sentiu um vislumbre de esperança cintilando em seu coração.



No dia seguinte, quando chegou ao trabalho havia uma citação sobre o quadro branco.

“Deus lhe deu um rosto e você fez outro.” - Hamlet

Shakespeare novamente. Hamlet novamente. Ambrose parecia ter uma coisa com o personagem torturado. Talvez porque era um personagem torturado. Mas ela o fez rir. Fern sorriu, lembrando-se das caretas que inventou para o jogo.

2001

— *Por que você está fazendo essa cara, Fern?* — Perguntou Bailey.

— Que cara?

— Esse cara que parece que você não pode descobrir alguma coisa. Suas sobrancelhas estão empurradas para baixo e sua testa está enrugada. E você está franzindo a testa.

Fern alisou o rosto dela, percebendo que estava fazendo exatamente o que Bailey disse que estava fazendo. — Eu estava pensando em uma história que tenho escrito. Não consigo descobrir como acabar com ela. O que você acha que significa essa cara? — Fern deu a si mesma um dente torto e cruzou os olhos.

— Você parece um personagem de desenho animado com morte cerebral —, respondeu Bailey, rindo.

— E quanto a esta? — Fern franziu os lábios e levantou as sobrancelhas, enquanto estremecia.

— Você está comendo algo super azedo —, gritou Bailey. — Deixe-me tentar um. — Bailey pensou por um minuto e, em seguida, ele fez sua boca ficar frouxa e abriu os olhos tanto quanto pode. Sua língua pendeu para fora para o lado de sua boca como um cachorro grande.

— Você está olhando para algo delicioso, — Fern disse adivinhando.

— Seja mais específica —, disse Bailey e fez a cara mais uma vez.

— Hmm. Você está olhando para um enorme sundae, — Fern tentou novamente. Bailey puxou a língua de volta na boca e sorriu descaradamente.

— Não... Essa é a cara que você faz toda vez que vê Ambrose Young.

Fern golpeou Bailey com o urso de pelúcia barato que ganhara no carnaval da escola na quarta série. O braço voou e o recheio voou em todas as direções. Fern jogou para o lado.

— Ah, é? E você? Esta é a cara que você faz quando Rita se aproxima.

— Fern baixou uma sobrancelha e sorriu, tentando copiar Rhett Butler em *E o Vento Levou*.

— *Eu pareço constipado sempre que vejo Rita?* — Perguntou Bailey, pasmo.

Fern bufou, o riso explodindo de seu nariz, fazendo-a pegar um lenço de papel para que não extrapolasse.

— *Eu não culpo você por gostar de Ambrose* —, disse Bailey, subitamente sério. — *Ele é o cara mais legal que conheço. Se pudesse ser qualquer pessoa no mundo todo, seria Ambrose Young. Quem você seria?*

Fern encolheu os ombros, se perguntando como sempre fazia como seria ser bonita. — *Eu não me importaria de ser como Rita* —, ela respondeu com sinceridade. — *Mas acho que ainda gostaria de ser eu no interior. Você não?*

Bailey pensou por um minuto. — *Sim. Sou bastante impressionante. Mas Ambrose também. Eu ainda trocaria de lugar.*

— *Eu trocaria de rosto* —, disse Fern.

—*Mas Deus lhe deu essa cara* —, disse Rachel Taylor da cozinha. *Fern revirou os olhos. Sua mãe tinha a audição de um morcego, mesmo aos sessenta e dois anos de idade, ela não perdia nada.*

— *Bem, se eu pudesse, iria me tornar outra* —, Fern replicou. — *Então, talvez, Ambrose Young não seria muito bonito para sequer olhar para mim.*

Ela ainda não tinha a intenção de citar Shakespeare então, mas Ambrose *tinha sido* bonito demais para sequer olhar para ela.

Fern pensou na escolha de Ambrose das palavras até que viu as vitrines na frente da padaria. Ela gritou como uma menina animada vendo sua celebridade favorita, e então começou a rir em voz alta. As vitrines estavam preenchidas com dezenas de biscoitos de açúcar congelados redondos em alegres tons pastéis. Cada cookie tinha um rosto simples. Rabiscos e linhas em gelo negro criando uma expressão diferente em cada um deles - caretas e sorrisos e caretas, emoticons comestíveis.

Fern comprou uma dúzia de seus favoritos e se perguntou como no mundo seria capaz de comê-los, ou deixar alguém comê-los. Queria guardá-

los para sempre e lembrar-se da noite que ela fez Ambrose Young rir. Talvez ter uma cara engraçada não era uma coisa tão ruim, afinal.

Fern encontrou um marcador e escreveu fazer cookies ou fazer caretas sob a mensagem de Ambrose no tabuleiro. Em seguida, circulou fazer cookies, assim ele saberia que tinha visto a sua oferta. E acrescentou um rosto sorridente.

Coma Panquecas Todos os Dias

Na noite seguinte, quando Ambrose veio trabalhar havia outra mensagem na placa: Panquecas ou Waffles?

Ambrose circulou panquecas. Cerca de uma hora depois, Fern estava na porta da padaria. Seu cabelo pendia em uma desordem cacheada pelas costas e ela estava vestindo uma camiseta rosa pastel com jeans branco e sandálias. Tinha tirado o avental azul brilhante de Jolley e tinha passado algum gloss nos lábios. Ambrose se perguntou qual era o sabor e desviou o olhar.

— Oi. Assim... Eu gosto de panquecas também. — Fern fez uma careta como se tivesse dito algo extremamente embaraçoso ou estúpido. Ele percebeu que ela ainda estava um pouco com medo de falar com ele. Não a culpava. Não tinha sido terrivelmente amigável, e era muito assustador.

— Você não estará trabalhando, amanhã à noite, certo? A Sra. Luebke não fica no sábado e domingo de noite? — Ela se apressou a dizer, as palavras caindo fora como se as tivesse praticado.

Ele acenou com a cabeça, esperando.

— Você gostaria de vir comigo e Bailey comer panquecas? Vamos para o Larry à meia-noite, às vezes. Comer panquecas na hora de dormir nos faz sentir como adultos. — Fern sorriu cativantemente, essa parte, obviamente, não fora ensaiada, e Ambrose percebeu que ela tinha uma covinha na bochecha direita. Ele não conseguia desviar o olhar daquele pequeno furo em sua pele cremosa. Que desapareceu quando seu sorriso vacilou.

— Uh, com certeza —, disse Ambrose apressadamente, percebendo

que tinha esperado muito tempo para responder. Imediatamente se arrependeu de suas palavras. Não queria ir para o Larry. Alguém iria vê-lo e seria estranho.

A ondulação estava de volta. Fern sorriu e balançou para trás e para frente sobre os dedos dos pés. — Tudo bem. Hum, eu vou buscá-lo à meia-noite, ok? Temos que pegar a van da mãe de Bailey porque, bem, você sabe... a cadeira de rodas. Ok, tchau. — Fern virou e tropeçou para fora da porta e Ambrose sorriu recuando. Ela era extremamente bonita. E sentiu que tinha treze anos, indo em seu primeiro encontro no boliche.



Há algo tão confortante sobre panquecas à meia-noite. O cheiro de manteiga quente, xarope de bordo, e blueberries o acertaram como um vento forte de um vendaval e Ambrose gemeu com o simples prazer de alimentos não saudáveis em uma hora ímpia. Era quase o suficiente para tirar o medo de olhares curiosos e as tentativas feitas pelas pessoas de agirem como se não houvesse nada de errado com sua aparência. Bailey abriu o caminho e dirigiu para uma cabine no canto que, obviamente, era adaptada para a sua cadeira de rodas. Fern o seguiu e Ambrose ficou para trás, recusando-se a olhar para a esquerda ou direita ou contar o número de clientes no local. As mesas ao seu redor estavam vazias, pelo menos. Fern fez uma pausa, deixando Ambrose escolher seu assento e ele deslizou com gratidão para o banco que permitiu que o seu lado esquerdo ficasse de frente para a sala.

Fern deslizou em frente a ele e saltou um pouco, à maneira como uma criança faz automaticamente quando senta em algo com um pouco de espuma. Suas pernas eram muito longas e cheias por baixo da mesa, e ele se mexeu, sentindo o calor de sua coxa magra contra a dele. Ela não se afastou.

Bailey manobrou sua cadeira até o final da mesa. Batia na altura do peito, que mostrava ser perfeito. Fern apoiou cuidadosamente os braços dele sobre a mesa, para que quando a comida chegasse, ele pudesse se

inclinar para a frente contra a borda e fazer um tipo de pá com a comida em sua boca. Ela pediu para os dois, Bailey, obviamente, confiando que ela soubesse o que ele queria.

A garçonete parecia ter os três no tranco. Formavam definitivamente um trio estranho, Ambrose percebeu. Era meia-noite e a lanchonete estava quase vazia, como Fern havia prometido, mas podia ver seu reflexo nas janelas que rodeavam seu estande, e a imagem que eles faziam era cômica.

Ambrose tinha coberto a cabeça com um gorro preto de malha. Sua camiseta também era negra. Combinado com o seu tamanho e seu rosto desfigurado, parecia mais do que um pouco assustador, e se não tivesse sido acompanhado por uma criança em uma cadeira de rodas e uma ruivinha em tranças, poderia ter passado como alguém de um filme de terror.

A cadeira de rodas de Bailey era menor do que os bancos da cabine, e isso o fazia parecer pequeno e curvado, mais novo que seus 21 anos. Ele usava uma camisa Hoosiers e um boné de beisebol para trás sobre seu cabelo castanho claro. Fern estava usando o cabelo em dois rabos de cavalo soltos que pendiam sobre os ombros, ondulados contra seus seios. Sua camiseta amarelo-limão era confortável e não era curta, era bem larga. Ambrose encontrou-se concordando plenamente com a camiseta, e perguntou-se brevemente o quão divertido seria beijar sua boca sorrindo e envolver seus braços ao redor de seu pequeno corpo. Parecia MaryAnne da Ilha de Gilligan, exceto pela cor de cabelo ruivo. Era uma combinação muito atraente. Ambrose deu a si mesmo um tapa mental e afastou o pensamento. Eles estavam comendo panquecas com Bailey. Este não era um encontro.

Não haveria beijo de boa noite, no final do mesmo. Nem agora. Nem nunca.

— Eu não posso esperar para comer. — Fern suspirou, sorrindo alegremente após a garçonete sair com seus pedidos. Estou morrendo de fome. — O lustre de iluminação suave acima de sua cabeça não ia permitir

que ele escondesse nada de Fern, que agora o encarava, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Ele poderia passar a refeição olhando pela janela, dando-lhe uma visão do seu rosto ileso. Mas estava com fome também... e ele estava muito cansado para dar a mínima.

Ambrose não tinha ido a Larry desde a noite depois da formatura, no último ano. Naquela noite estava cercado por seus amigos e eles comeram até passarem mal. Qualquer lutador sabe que nada é tão bom quanto comer sem medo da balança da manhã. A temporada terminara oficialmente e a maioria deles nunca iria pesar novamente. A realidade do final iria atingi-los em breve, mas naquela noite celebraram. Como Bailey, ele não precisa olhar o menu.

Quando suas panquecas chegaram, ele brindou aos seus amigos em silêncio, deixando a calda grossa batizar a memória. Ele pegou a calda de manteiga posta de lado e colocou-a de volta ao topo da pilha, observando-a perder a sua forma em cascata. Comeu sem contribuir para a conversa, mas Bailey falou o suficiente para os três, e Fern parecia contente em finalizar quando Bailey tinha que engolir. Bailey foi muito bem alimentado, apesar de seus braços escorregarem de vez em quando e Fern ter de ajeitá-los de volta. Quando terminou, Fern ajudou a colocar as mãos para trás sobre os braços da cadeira, apenas para ser informada de um novo problema.

— Fern, meu nariz coça ferozmente. — Bailey estava tentando mexer o nariz para aliviar o desconforto.

Fern levantou o braço de Bailey, apoiando o cotovelo, colocando a mão sobre o nariz para que ele pudesse coçar o conteúdo. Em seguida, colocou a mão em seu colo.

Ela pegou Ambrose assistindo e explicou desnecessariamente: — Se eu coçar para ele, nunca parará de pedir. É melhor apenas ajudá-lo a fazer por si mesmo.

— É. É a nossa versão de “uma mão lava *não* lava a outra” —, disse Bailey.

— Eu devo estar com xarope nos meus dedos. Agora meu nariz está pegajoso! — Bailey riu e Fern revirou os olhos. Ela molhou a ponta de seu guardanapo no seu copo de água e limpou o nariz dele. — Melhor?

Bailey mexeu, testando para resíduo xarope. — Eu acho que você conseguiu. Ambrose, eu tenho tentado por muitos anos lambe meu nariz, mas eu não fui abençoado com uma língua particularmente longa. — Bailey começou a mostrar a Ambrose quão perto ele poderia vir a colocar a ponta da língua em sua narina esquerda. Ambrose encontrou-se sorrindo pelo esforço de Bailey e da forma como os seus olhos cruzaram quando ele concentrou sua atenção no nariz.

— Então Ambrose, você vem com a gente amanhã? Estamos indo para Seely para ir ao drive-in{13}. Fern vai trazer as cadeiras de gramado e lanches e eu vou trazer a minha adorável presença. O que você diz?

Seely tinha um drive-in antigo, um cinema que ainda era a principal atração no verão. Pessoas levavam um par de horas apenas para desfrutar de um filme deitado nas costas de seus caminhões ou sentado nos bancos da frente de seus carros.

Seria escuro. Ninguém iria vê-lo. Soou... divertido. Ele poderia apenas ouvir os caras rindo dele. Estava saindo com Bailey e Fern. Oh, como os poderosos tinham caído.



Ambrose descobriu que não conseguia manter sua atenção na tela. O som era baixo e o orador estava mais perto de seu ouvido ruim, tornando-se difícil para ele dizer o que estava sendo dito. Deveria ter falado quando tinham arrumado as cadeiras, mas queria sentar-se à direita de Fern assim o lado esquerdo ficaria de frente para ela, então disse nada. Ela sentou-se entre ele e Bailey e fez com que Bailey tivesse tudo o que precisava, segurando sua bebida à boca para que pudesse saborear através do canudo, e mantendo um fluxo constante de pipoca. Ambrose finalmente desistiu do filme e apenas focou na forma como ele se sentia de se sentar lá fora, o

vento bagunçando o cabelo de Fern, o cheiro de pipoca flutuando em torno dele, verão no ar. No verão passado, esteve no hospital. No verão antes disso, no Iraque. Ele não queria pensar sobre o Iraque. Agora não. Afastou o pensamento e focou no par ao lado dele.

Bailey e Fern se divertiram bem, rindo e ouvindo atentamente. Ambrose ficou maravilhado com sua inocência e sua simples valorização das pequenas coisas. Fern riu tanto em uma parte que roncou. Bailey uivou, rolando de vez em quando durante todo o resto do filme só para provocá-la. Ela se virou para Ambrose e fez uma careta, revirando os olhos como se precisasse de apoio moral para combater o lunático à sua esquerda.

As nuvens aumentaram ao final do primeiro filme e o segundo filme foi cancelado devido à tempestade. Fern correu para pegar cadeiras e o lixo, empurrando Bailey até a rampa para o veículo quando o trovão soou e as primeiras gotas se jogaram pesadamente contra o para-brisa.

Eles estacionaram em um posto de gasolina nos arredores de Hannah Lake depois da meia-noite, e antes que Ambrose pudesse se oferecer, Fern estava pulando para fora da van e batendo a porta contra a chuva, correndo para dentro para pagar o combustível. Ela era um pacote de eficiência, e Ambrose se perguntou se Fern pensava que precisava cuidar dele como cuidava de Bailey. O pensamento o fez sentir-se doente. Era essa a imagem que ele projetava?

— Fern tem a Síndrome da Garota Feia —. Bailey disse, de repente. — Também conhecida como SGF.

— Fern não é feia —, disse Ambrose, as sobrancelhas afundando para baixo sobre os olhos escuros, distraído momentaneamente de seus pensamentos deprimentes.

— Agora não. Mas ela era. — Bailey disse com naturalidade. — Tinha os dentes deformados e aqueles óculos com polegadas de espessura. E sempre foi tão magra e pálida. Não tinha boa aparência. Nem um pouco.

Ambrose lançou um olhar de desgosto por cima do ombro para o

primo de Fern e Bailey o surpreendeu rindo.

— Você não pode bater em um homem em uma cadeira de rodas, Ambrose. E estou brincando. Eu só queria ver o que você diria. Ela não era tão ruim assim. Mas cresceu pensando que era feia. Não percebe que passou de ser feia há muito tempo. Ela é linda agora. E é tão bonita por dentro, que é uma droga ter SGF. Veja, meninas feias realmente têm que trabalhar em suas personalidades e seus cérebros, porque não podem conseguir por sua aparência, não como você e eu, você sabe, as pessoas bonitas. — Bailey sorriu maliciosamente e balançou as sobrancelhas.

— Fern não tem ideia de como é linda. Isso faz dela impagável. Certifique-se de arrancá-la antes que ela perceba como é bonita, Brosey.

Ambrose olhou para Bailey malignamente. Ambrose não estava interessado em ser manipulado, mesmo por Bailey Sheen. Deu um passo para fora da van, sem responder ao comentário de Bailey e contornou o veículo para o lado do tanque de gasolina, não querendo que Fern ficasse na chuva colocando gasolina no carro enquanto estava sentado no banco do passageiro esperando. Era o início de junho, a chuva não estava fria, mas estava vindo com força, e ele ficou encharcado quase que instantaneamente.

Fern saiu correndo da estação e o viu esperando pelas bombas.

— Eu posso fazer isso, Ambrose. Volte! Você está ficando encharcado!
— Ela gritou, desviando das poças enquanto ela fazia seu caminho de volta para ele.

Ele viu o crédito aparecer no visor do tanque de gás e imediatamente removeu a tampa do tanque e empurrou o bico. Fern amontoou-se nas proximidades, a água escorrendo pelo rosto, obviamente não querendo deixá-lo molhado sozinho. Infelizmente, com a condição de Bailey, ela estava obviamente acostumada a ser a pessoa que fazia o trabalho pesado. Mas ele não era Bailey.

— Entre na van, Fern. Eu sei como a bomba de gasolina funciona —,

ele rosnou. Sua camisa estava aderindo a ela, e Ambrose estava achando delicioso. Cerrou os dentes e apertou o bico. Parecia que sempre que estava perto dela, passava todo o seu tempo tentando não olhar para ela.

Um caminhão velho deslizou até o outro lado da bomba, e Ambrose abaixou a cabeça instintivamente. A porta bateu e uma voz familiar falou atrás dele.

— Ambrose Young. É você? Ambrose virou-se com relutância.

— É você! Bem, eu vou ser condenado. Como vai rapaz? — Era Seamus O'Toole, o pai de Beans.

— Sr. O'Toole. — Ambrose assentiu rigidamente, estendendo a mão que não estava bombeando a gasolina.

Seamus O'Toole apertou sua mão e seus olhos percorreram o rosto de Ambrose, encolhendo-se um pouco com o que viu. Afinal, o rosto de Ambrose também foi uma vítima da bomba que levou seu filho. Seus lábios tremiam e ele soltou a mão de Ambrose. Voltando-se, inclinou-se para o seu veículo e falou com a mulher sentada no banco do passageiro. A mangueira retrucou, indicando que o tanque estava cheio, e Ambrose desejou que pudesse voltar e fazer uma pausa para ele, enquanto as costas de Seamus estavam viradas.

Luisa O'Toole saiu para a chuva e caminhou até Ambrose, que tinha colocado a mangueira de volta e estava esperando com as mãos enfiadas nos bolsos. Ela era uma mulher pequena, menor do que Fern por um par de centímetros, talvez cinco centímetros no máximo. Beans pegou a altura, ou a falta dela, de sua mãe. Ele estava lá em seus traços finos e Ambrose sentiu náuseas turvarem sua barriga. Ele deveria ter ficado em casa. Luisa O'Toole era ardente enquanto seu marido era manso. Beans disse que sua mãe era a razão porque seu pai bebia toda noite. Era a única maneira de lidar com ela.

Luisa passou da bomba e parou na frente de Ambrose, levantando o rosto para a chuva para que ela pudesse olhar para ele. Ela não falou e nem Ambrose. Fern e Seamus olhavam, sem saber o que dizer ou fazer.

— Eu o culpo—, disse Luisa, finalmente, seu sotaque Inglês quebrado e sombrio. — Eu o culpo por isso. Eu disse a ele para não ir. Ele foi. Por você. Agora está morto.

Seamus gaguejou e desculpou-se, levando a esposa pelo braço. Mas ela se desvencilhou e se virou para o caminhão, sem olhar para trás, quando subiu, fechou a porta firmemente atrás dela.

— Ela está muito triste, rapaz. Só sente falta dele. Ela não queria dizer isso, — Seamus ofereceu gentilmente. Mas ambos sabiam que ele mentia.

Ele acariciou a mão de Ambrose e inclinou a cabeça para Fern. Então voltou para o seu caminhão e foi embora sem encher o seu tanque.

Ambrose ficou congelado no lugar, a camiseta encharcada, seu gorro preto grudado contra a sua cabeça. Ele puxou-o e jogou, fazendo-o voar em frente ao estacionamento, encharcado, patético para as coisas que ele queria fazer, pela raiva que precisava gastar. Ele se virou e começou a andar, longe de Fern, longe da terrível cena que acabara de acontecer.

Fern correu atrás dele, escorregando e deslizando, pedindo-lhe para esperar. Mas ele continuou andando, ignorando-a, precisando escapar. Ele sabia que ela não viria a segui-lo. Bailey estava sentado na van no posto, incapaz de chegar em casa por conta própria.

Termine um Quebra-cabeças de 1000 peças

Ambrose estava andando por cerca de meia hora, caminhando para casa, de costas para a chuva deixando-a escorrer nas costas de sua camisa e jeans. Seus pés esmagados em suas botas a cada passo. Ele desejou que não tivesse atirado o gorro. A rua ocasionalmente brilhava sobre sua cabeça lisa, e sentiu-se exposto e vulnerável, incapaz de cobrir-se. Sua cabeça careca incomodava quase mais do que o seu rosto, o fazia sentir-se mais como uma aberração do que os sulcos e cicatrizes, por isso, quando as luzes do carro chegaram por trás dele e diminuiu a velocidade, ele ignorou, esperando que sua aparência fosse assustá-los e fazê-los pensar duas vezes antes de mexer com ele, ou pior, oferecer-lhe uma carona.

— Ambrose! — Era Fern, e ela parecia assustada e chateada. — Ambrose? Levei Bailey para casa. Por favor entre, vou levá-lo onde quer que você vá... ok?

Ela, obviamente, mudou de carro depois que levou Bailey para casa. Ela estava dirigindo um sedan antigo que pertencia a seu pai. Ambrose tinha visto o carro estacionado na igreja mais tempo do que conseguia se lembrar.

— Ambrose? Eu não vou deixar você. Vou te seguir por toda a noite, se for preciso!

Ambrose suspirou e olhou para ela. Ela estava inclinada sobre o assento para que pudesse espreitar pela janela do lado do passageiro, enquanto avançava ao lado dele. Seu rosto estava pálido e tinha rímel sob seus olhos. Seu cabelo estava grudado contra sua cabeça e sua camisa ainda

estava colada aos seus seios bonitos. Ela ainda não tinha tirado um segundo para mudar a roupa molhada antes que viesse atrás dele.

Algo em seu rosto deve ter dito que ela ganhou, porque ela foi parando e destravando as fechaduras das portas quando ele estendeu a mão para a maçaneta. O calor que explodiu dos aquecedores foi como um cobertor elétrico contra sua pele e ele estremeceu involuntariamente. Fern estendeu a mão e esfregou os braços energicamente como se ele fosse Bailey e o houvesse resgatado de uma nevasca e não estivesse encharcada também.

Ela estacionou o carro no parque e se inclinou sobre o assento, tentando alcançar algo nas costas.

— Aqui. Enrole isto em torno de si mesmo! — Disse ela, deixando cair uma toalha no colo. — Peguei quando mudei de carro.

— Fern. Pare. Eu estou bem.

— Você não está bem! Ela nunca deveria ter dito aquelas coisas para você! Eu a odeio! Estou indo atirar pedras em sua casa e quebrar todas as suas janelas! — A voz de Fern quebrou, e ele podia ver que estava à beira das lágrimas.

— Ela perdeu o filho, Fern —, disse Ambrose suavemente. Sua própria raiva dissipada quando falou a verdade simples. Ele pegou a toalha das mãos de Fern e usou-a no cabelo dela, enrolando e apertando, absorvendo a umidade, da maneira como costumava fazer por si mesmo. Ela ficou parada, obviamente, não estava acostumada com as mãos de um homem em seu cabelo. Ele continuou suas ministrações, e ela sentou-se calmamente, com a cabeça pendendo para o lado, deixando-o.

— Eu não vi nenhum deles. Nem a família de Grant. Nem de Jesse. Eu não vi Marley ou o menino de Jesse. A mãe de Paulie me mandou uma cesta de coisas quando eu estava no hospital. Mas o meu maxilar estava quebrado e dei a maior parte. Ela enviou um cartão também. Disse-me para ficar bem. Ela é como Paulie, eu acho. Doce. Clemente. Mas eu não a vi desde que cheguei, nem mesmo na padaria. Esta noite foi a primeira vez

que tive qualquer contato com qualquer uma das famílias. Foi mais ou menos como esperava. E, francamente, era o que eu merecia.

Fern não discutiu com ele. Ele teve a sensação de que ela queria, mas depois suspirou e envolveu as mãos em torno de seus pulsos, puxando suas mãos de seu cabelo. — Por que você foi, Ambrose? Será que você não tinha uma grande bolsa? Quero dizer... Eu entendo o patriotismo e querer servir o seu país, mas... por que você não queria lutar?

Ele nunca tinha falado sobre isso com ninguém, nunca havia verbalizado os sentimentos que tinha na época. Decidiu começar no início.

— Nós nos sentamos na parte de trás do auditório, Beans, Grant, Jesse, Paulie e eu. Eles riram e fizeram brincadeiras durante toda a apresentação do recrutador do Exército. Não foi por desrespeito... não exatamente. Principalmente foi porque sabiam que nada do que o exército poderia atirar em nós poderia ser pior do que as práticas de luta do treinador Sheen. Qualquer lutador sabe que não há nada pior do que estar com fome, cansado, dolorido, e ser informado, no final de uma prática brutal que é hora de correr pelos corredores. E saber que se você não estourar seu traseiro, vai estar deixando seus companheiros de equipe para baixo, porque o Treinador vai fazer todo mundo correr novamente se você não estiver empurrando o tempo todo. Juntar-nos ao exército não poderia ser mais difícil do que uma temporada wrestling. De jeito nenhum.

— Não nos assustava, nos inscrever. Não do jeito que imagino que assusta a maioria dos caras. Para mim, parecia uma chance de fugir, de estar com os caras um pouco mais. Eu realmente não quero ir para a faculdade. Ainda não. Senti como se toda a cidade estivesse dependendo de mim, e se fizesse uma asneira ou não tivesse um bom desempenho na Universidade Penn State, ia deixar todo mundo para baixo. Eu gostei da ideia de ser um tipo diferente de herói. Sempre quis ser um soldado, nunca disse a ninguém. E depois de 11/09, eu senti como se fosse a coisa certa a fazer. Então convenci os caras a se inscreverem.

— Beans foi, na verdade, o mais fácil de convencer. Em seguida, ele continuou trabalhando em todos. Paulie foi o último a assinar o contrato. Ele passou quatro anos na luta, fazendo o que queria. Veja, wrestling nunca foi realmente a sua paixão. Era apenas muito bom para ele, e ele não tinha um pai por perto; Sheen tipo que preencheu esse papel para ele.

— Ele queria ser um músico e percorrer o mundo com sua guitarra. Mas era um bom amigo. Ele nos amava. Então, no final ele veio conosco, como sempre fez. — A voz de Ambrose balançou e ele esfregou o rosto violentamente, como se estivesse tentando apagar o fim de seu conto, para mudar o que aconteceu em seguida.

— Então fomos todos. Gritei com meu pai, e estava com vergonha. Jesse desperdiçou a noite antes de sairmos para o treinamento básico e tinha Marley grávida. Jesse nunca conheceu seu bebê. Eu realmente deveria ir ver Marley, mas não posso. Grant era o único que parecia levar tudo a sério. Ele me disse que nunca rezou tanto quanto orou na noite antes de sairmos para o Iraque. E aquele garoto estava sempre orando. É por isso que eu não rezo mais. Porque se Grant orou tanto e ainda morreu, então eu não vou perder meu tempo.

— Deus poupou sua vida —, disse Fern, filha de um pastor por completo.

— Você acha que Deus salvou minha vida? — Ambrose contra-atacou, com o rosto incrédulo. — O que diabos você acha que isso faz a mãe de Paul Kimball se sentir? Ou os pais de Grant? Ou a menina de Jesse, ou seu bebê quando ele for velho o suficiente para perceber que tinha um pai que nunca vai conhecer? Sabemos como Luisa O'Toole se sente sobre isso. Se Deus salvou a minha vida, por que não salvou suas vidas? A minha vida é muito mais valiosa? Então, eu sou especial... e eles não?

— Claro que não —, Fern protestou, sua voz aumentando ligeiramente em resposta a sua veemência.

— Você não entende, Fern? É muito mais fácil de aceitar, se Deus não

tiver nada a ver com isso. Se Deus não tem nada a ver com isso, então eu posso aceitar que é apenas a vida. Ninguém é especial, mas ninguém não é especial, também. Você sabe o que quero dizer? Eu posso entrar em acordo com isso. Mas não posso aceitar que suas orações são respondidas e as deles não são. Isso me deixa com raiva e sem esperança, desesperado mesmo! E não posso viver desse jeito.

Fern assentiu e deixou suas palavras se assentarem em torno deles no interior cheio de vapor do carro. Ela não discutiu com ele, mas depois de um momento falou.

— Meu pai sempre cita essa passagem. É sempre a sua resposta quando ele não entende algo. Já ouvi tantas vezes na minha vida que se tornou como uma espécie de mantra —, disse Fern. — *Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o SENHOR. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos do que os vossos pensamentos.*

— O que isso quer dizer, Fern? — Ambrose suspirou, mas seu fervor havia esmaecido.

— Eu acho que isso significa que não entendemos tudo, e nós não vamos. Talvez os porquês não são respondidos aqui. Não porque não haja respostas, mas porque não entenderíamos as respostas se as tivéssemos.

Ambrose levantou as sobrancelhas, esperando.

— Talvez haja um propósito maior, um quadro maior e só vemos uma parte muito pequena. Você sabe, como um daqueles quebra-cabeças de mil peças? Não há nenhuma maneira que você possa dizer, olhando para um pedaço do quebra-cabeça como ficará no final. E não temos a imagem do lado de fora da caixa do quebra-cabeça para nos guiar. — Fern sorriu timidamente, hesitante, sem saber se estava fazendo qualquer sentido. Quando Ambrose apenas a esperou continuou.

— Talvez todos representem um pedaço do quebra-cabeça. Nós todos

nos encaixamos para criar esta experiência que chamamos de vida. Nenhum de nós pode ver a parte que representamos ou a forma como tudo acaba. Talvez os milagres que vemos são apenas a ponta do iceberg. E talvez nós simplesmente não reconheçamos as bênçãos que vêm como resultado de coisas terríveis.

— Você é uma espécie de menina estranha, Fern Taylor —, disse Ambrose baixinho, os olhos nos dela, seu cego olho direito, o olho esquerdo tentando ver sob a superfície. — Eu vi os livros que você lê. Aqueles com as meninas na frente com seus peitos caindo e os caras com as camisas rasgadas. Você lê romances obscenos e cita as passagens da bíblia. Eu não estou muito certo se te entendo.

— As passagens me confortam, e romances me dão esperança.

— Ah, é? Esperança para o quê?

— Espero estar fazendo mais do que citar passagens da bíblia com Ambrose Young em um futuro muito próximo. — Fern corou furiosamente e olhou para suas mãos.

Ambrose não sabia o que dizer. Depois de um silêncio tenso, Fern ligou o carro e manobrou de volta para a estrada molhada.

Ambrose pensou sobre o que Bailey havia dito, como Fern tinha Síndrome da Garota Feia. SGF. Talvez Fern só estivesse dando em cima dele porque ele era feio e ela pensou que, por causa de sua SGF, era o melhor que ela podia conseguir. Talvez ele tivesse desenvolvido a Síndrome do Garoto Feio e estava disposto a bicar até migalhas que uma menina bonita jogasse em seu caminho. Mas Fern não lhe atirara uma migalha. Ela atirou-lhe um cookie inteiro e estava esperando por ele dar uma mordida.

— Por quê? — Ele sussurrou, seus olhos se encontraram frente a frente.

— Por quê? — A voz dela era leve, mas ele sentiu um pouco de vergonha. Ela, obviamente, não estava acostumada a jogar cookies para

homens, feios ou não.

— Por que você age como se eu fosse o velho Ambrose? Você age como se quisesse que eu te beijasse. Como se nada tivesse mudado desde o colegial.

— Algumas coisas não mudaram —, disse Fern calmamente.

— Notícia de última hora, Fern Taylor! — Ambrose latiu, batendo a mão contra o painel, fazendo Fern pular. — Tudo mudou! Você é linda, eu sou horrível, você não precisa mais de mim, mas com certeza eu preciso de você!

— Você age como se a beleza fosse a única coisa que nos faz dignos de amor —, Fern estalou. — Eu não te amava porque você era lindo! — Ela disse a palavra com A, bem alto, como se tivesse tropeçado nela.

Ela estacionou o carro na frente da casa de Ambrose e bateu-o no paralelepípedo antes que tivesse chegado a uma parada completa, fazendo com que o carro pulasse e crepitasse.

Ambrose balançou a cabeça como se não acreditasse. Procurou a maçaneta da porta e o temperamento de Fern rompeu, a onda de raiva, obviamente, dando-lhe a coragem de revelar as coisas que de outra maneira nunca diria. Agarrou o braço de Ambrose e exigiu que ele encontrasse o seu olhar.

— Eu estive apaixonada por você desde que me ajudou a enterrar aquela aranha em meu jardim, e você cantou comigo como se estivéssemos cantando *Amazing Grace* em vez de *A Dona Aranha*. Eu te amei desde que você citou Hamlet, você o entendeu, já que você disse que amava rodas gigantes mais do que montanhas-russas, porque a vida não deveria ser vivida a toda a velocidade, mas em antecipação e apreço. Li e reli as suas cartas a Rita porque eu senti como se tivesse aberto uma pequena janela em sua alma, e a luz estava derramando a cada palavra. Elas não eram para mim, mas isso não importava. Eu amei cada palavra, cada pensamento, e eu amei... tanto.

Ambrose estava segurando a respiração, e lançou-a em um silvo, seus olhos presos em Fern. Ela continuou, sua voz caindo para um sussurro.

— Quando ouvi a notícia... sobre o bombardeio no Iraque... você sabia que ligaram para o meu pai primeiro? Ele foi com os policiais para informar as famílias.

Ambrose balançou a cabeça. Ele não sabia. Ele nunca deixou-se pensar sobre esse dia, o dia que as famílias tinham ouvido a notícia.

— Tudo o que eu conseguia pensar era em você. — Fern estava segurando as lágrimas e sua tristeza fez morada bem dentro de seu próprio peito. — Eu estava com o coração partido pelos outros... especialmente Paulie. Mas tudo que eu conseguia pensar era em você. Nós não soubemos imediatamente o que tinha acontecido com você. Prometi a mim mesma que, se você chegasse em casa, eu não teria medo de dizer-lhe como me sentia. Mas ainda estou com medo. Porque não posso fazer você me amar de volta.

Ambrose aproximou-se, em seguida, e puxou-a em seus braços. O abraço foi estranho, a marcha entre eles, mas Fern deitou a cabeça no ombro dele e Ambrose alisou o cabelo, surpreso com o quão melhor se sentiu em dar conforto do que recebê-lo. Ele tinha sido cuidado e confortado por Elliott e sua mãe, bem como a equipe do hospital por longos meses. Mas, desde o ataque, nunca tinha dado conforto, nunca ofereceu um ombro para chorar, nem para carregar o fardo do peso do sofrimento de outra pessoa.

Depois de um tempo, Fern se afastou, enxugando os olhos. Ambrose não tinha falado, não tinha revelado os seus próprios sentimentos ou respondido a suas declarações de amor. Esperava que ela não esperasse.

Ele não tinha ideia de como se sentia. Agora, estava amarrado em um milhão de nós, e poderia dizer coisas que não queria dizer, só para tornar o momento mais fácil. Mas ficou maravilhado com sua coragem em falar, e debaixo de sua confusão e desespero, ele acreditava nela. Ele acreditava

que ela o amava. O que o humilhou. Talvez um dia, quando os nós fossem desamarrados, este momento iria se envolver em torno dele, amarrando-o a ela. Ou talvez o seu amor simplesmente soltaria as cordas, libertando-o para se afastar.

Adquira um animal

Estranhamente, com a confissão de Fern, uma nova paz se estabeleceu entre eles. Ambrose não estava constantemente tentando esconder o rosto ou agachar-se na cozinha. Ele sorria mais. Ele ria. E Fern descobriu que era um pouco de provocação. Houve até algumas noites, após a loja fechada, quando ele ia procurá-la. Uma noite, encontrou-a ainda em seu caixa, imersa em uma cena de amor.

Fern estava lendo romances desde que tinha 13 anos de idade. Havia se apaixonado por Gilbert Blythe de *Anne of Green Gables* e estava com fome para se apaixonar assim uma e outra vez. E então descobriu Harlequin. Sua mãe resmungou pela primeira vez tomando seu chá de ervas quando ela soube quantos romances proibidos Fern consumira no verão antes de oitava série, e Fern tinha um milhão de namorados literários desde então.

Ambrose pegou o livro de Fern de suas mãos e imediatamente abriu-o onde Fern estava lendo. Ela agarrou-se a ele, a mortificação a inundando, não querendo que ele visse o que capturava a atenção dela. Ele apenas segurou o livro na frente do rosto e envolveu um braço ao redor dela, efetivamente prendendo-a como se tivesse cinco anos. Ele era como um grande boi, imóvel e musculoso. Contorcendo-se toda, Fern tentava libertar os braços e recuperar o livro, mas era totalmente inútil. Fern desistiu e baixou a cabeça em desânimo. O calor irradiava em torno de seu rosto e ela prendeu a respiração, esperando que ele uivasse de tanto rir. Ambrose leu em silêncio por vários minutos

— Huh —. Ambrose parecia um pouco desconcertado. — Então... isso foi interessante. — Seu braço afrouxou um pouco, e Fern desviou para fora,

por baixo dele, colocando um cacho perdido atrás da orelha e parecendo ocupada olhando para tudo, exceto Ambrose.

— O que é interessante? — Ela perguntou alegremente, como se não tivesse se sacudido com embaração apenas alguns segundos antes.

— Você lê muito esse tipo de coisa? — Ambrose respondeu com uma pergunta.

— Ei, pare de criticar se não sabe do que fala! — Fern disse humildemente e encolheu os ombros como se não estivesse morrendo por dentro.

— Mas isso é apenas... isso. — Ambrose cutucou Fern na lateral com um dedo longo. Ela se encolheu de novo e deu um tapa em sua mão. — Você ainda não tentou, nada disso... não é?

Os olhos de Fern desviaram e seus lábios se abriram em um suspiro.

— Você...? — Perguntou Ambrose, com os olhos fixos nos dela.

— Tentei o quê? — A voz de Fern era um silvo chocado.

— Bem, deixe-me ver. — Ambrose folheou algumas páginas. — Que tal isso? — Ele começou a ler lentamente, sua voz profunda retumbando em seu peito, o som que fazia o coração de Fern tocar como um baterista frenético.

—... ele a empurrou de volta contra os travesseiros, e passou as mãos ao longo de sua pele nua, seus olhos seguindo onde suas mãos tinham ido. Seus seios aumentaram em antecipação febril...

Fern deu um tapa no livro, desesperada, e conseguiu tirá-lo. Desta vez, o livro voou sobre várias caixas e caiu na parte traseira de um carrinho de compras.

— Você já tentou isso? — A expressão de Ambrose era muito séria, os cantos de sua boca achatados, em consternação. Mas o seu olho bom brilhava, e Fern sabia que estava silenciosamente rindo dela.

— Sim! — Fern vociferou: — Eu o fiz! Muitas vezes, na verdade. É... é maravilhoso! Eu Amo isso! — Ela pegou um frasco de spray e um pano por baixo do balcão de seu caixa e imediatamente começou a esguichar e esfregar se afastando em seu espaço de trabalho já intocado.

Ambrose se aproximou e sussurrou em seu ouvido, fazendo com que os tentáculos que tinham escapado de seu rabo de cavalo roçassem seu rosto enquanto falava. — Com quem?

Fern parou de esfregar e olhou furiosamente, com o rosto a centímetros do dele.

— Pare com isso, Ambrose! Você está me envergonhando.

— Eu sei, Fern. — Ambrose riu, revelando seu sorriso amavelmente e torto. — E eu não posso me conter. Você é tão bonitinha.

No momento em que as palavras saíram de seus lábios, Ambrose se endireitou como se seu comentário, a paquera, o surpreendesse, e virou-se, de repente envergonhado, também. A sobrecarga de música enlatada mudou para algo como Barry Manilow e Fern imediatamente desejou não ter repreendido Ambrose. Deveria ter apenas o deixado brincar com ela. Por um momento estava tão alegre, tão novo, e agora estava rígido de novo, de costas para ela, escondendo o rosto mais uma vez. Sem outra palavra, começou a se mover em direção à padaria.

— Não vá, Ambrose, — Fern chamou. — Eu sinto muito. Você está certo. Eu não tentei nenhuma dessas coisas. Você é o único cara que já me beijou. E você estava bêbado, assim pode me provocar o quanto quiser.

Ambrose fez uma pausa e virou-se ligeiramente. Ponderou o que havia dito por alguns segundos e, em seguida, perguntou: — Como é que uma menina como você... uma menina que adora romances e escreve cartas de amor surpreendentes, — O coração de Fern deixou de bater, — como é que uma menina como você consegue esgueirar-se através do ensino médio sem nunca ter sido beijada?

Fern engoliu em seco e seu coração voltou à cadência com um solavanco. Ambrose olhou para ela, obviamente esperando por uma resposta.

— É fácil quando você tem cabelo vermelho flamejante, não é muito maior do que uma criança de doze anos de idade, e usa óculos e aparelhos até o último ano —, disse Fern ironicamente, confessando a verdade com facilidade, desde que assumiu o olhar de desolação de seus olhos. Ele sorriu de novo, e sua postura diminuiu ligeiramente.

— Assim, aquele beijo que te dei no lago foi o primeiro? — Perguntou Ambrose hesitante.

— Isso. Eu dei o meu primeiro beijo no primeiro e único Ambrose Young. — Fern sorriu e balançou as sobrancelhas.

Mas Ambrose não riu. Ele não sorriu. Seus olhos procuraram o rosto de Fern por um longo momento.

— Você está zombando de mim, Fern?

Fern sacudiu a cabeça desesperadamente, perguntando-se por que não conseguia nunca dizer a coisa certa. — Não! Eu apenas... estava... de bobeira. Eu só queria que você risse de novo!

— Eu acho que é muito engraçado —, disse Ambrose. — O primeiro e único Ambrose Young... sim. Isso não seria algo para se gabar? Um beijo no filho da puta horrórico que metade da cidade não pode olhar. — Ambrose virou-se e entrou na padaria, sem olhar para trás. Barry Manilow chorava por uma garota chamada Mandy e Fern tinha vontade de chorar junto com ele.



Fern fechou a loja à meia-noite, como sempre fazia, de segunda a sexta-feira. Nunca tinha tido razão para se sentir nervosa ou até mesmo pensar duas vezes sobre o fechamento da loja à meia-noite e a volta para casa em sua bicicleta que deixava acorrentada na entrada dos funcionários.

Ela nem olhou para os lados enquanto empurrou a porta de saída pesada e trancou, sua mente já na volta para casa e no manuscrito que a esperava.

— Fern? — Sua voz veio de sua esquerda e Fern não teve chance de reagir antes que estivesse sendo empurrada para trás contra a lateral do prédio. Sua cabeça bateu contra a parede de bloco e ela estremeceu quando seus olhos voaram para o rosto de seu agressor.

O estacionamento estava mal iluminado na frente, mas a iluminação do lado dos empregados do edifício era inexistente. Fern nunca tinha sequer pensado em reclamar. Havia pouca luz do luar para iluminar seu ambiente, mas podia ver ombros largos de Ambrose e o rosto sombreado.

— Ambrose?

As mãos dele acariciaram o fundo de sua cabeça, os dedos acalmando a dor que tinha causado quando a cabeça dela tinha batido contra a parede atrás dela. Sua cabeça mal alcançava seu ombro e ela inclinou a cabeça para trás nas mãos dele, levantando o queixo para tentar discernir sua expressão. Mas a escuridão manteve o rosto oculto, e Fern se perguntou brevemente se Ambrose era perigoso e se seus ferimentos eram mais do que superficiais. Mas os pensamentos não tiveram tempo para ferver quando

Ambrose inclinou a cabeça e tocou levemente seus lábios nos de Fern.

O choque e surpresa floresceram em seu peito, notando o breve momento de medo, e a atenção de Fern estreitou instantaneamente para a sensação de boca de Ambrose escovando levemente contra a dela. Ela catalogou a pontada de palha em sua bochecha esquerda, o sussurro de sua expiração, o calor dos lábios macios e a pitada de canela e açúcar, como se ele houvesse provado algo que tinha cozido. Ele estava hesitante, sua gentileza em desacordo com sua exibição agressiva. Talvez ele pensasse que ela iria afastá-lo. Quando ela não o fez, ela sentiu seu suspiro agradar seus lábios e as mãos que seguravam a cabeça relaxarem e deslizarem até seus ombros, puxando-a para ele enquanto apertava os lábios com mais

firmeza contra os dela.

Algo desfraldou-se na parte baixa da barriga da Fern, um calor trêmulo que enrolava e torcia o seu caminho através de seus membros atordoados e as mãos crispadas. Ela reconheceu-o imediatamente. Era desejo. Saudade. Luxúria? Ela nunca tinha experimentado luxúria. Tinha lido sobre isso o suficiente. Mas senti-la em primeira mão, era uma experiência totalmente nova. Esticou-se e segurou o rosto de Ambrose entre as palmas das mãos, segurando-o, esperando que não parasse rapidamente. Ela registrou o contraste entre sua bochecha esquerda e sua direita, mas os sulcos e protuberâncias que marcaram o lado direito de seu rosto eram de pouca importância quando sua boca linda a estava explorando.

Ele parou abruptamente, puxando o rosto de suas palmas e restringindo seus pulsos com suas mãos grandes. Fern procurou seu rosto na escuridão.

— Aí. Isso foi muito melhor do que o primeiro —, ele murmurou, as mãos ainda trancada em torno dela.

Fern estava tonta pelo contato, bêbada da sensação, e em uma perda completa de palavras. Ambrose soltou-lhe os pulsos e deu um passo para trás. Caminhou até a entrada da padaria como sempre. Fern assistiu-o ir, viu o balanço da porta se fechar atrás dele, e sentiu seu coração pular atrás dele, como um cachorrinho doente de amor. Um beijo não ia ser suficiente.



Na noite seguinte, Bailey Sheen foi à padaria à meia-noite como se fosse o dono do lugar. Fern obviamente o tinha deixado entrar, mas não estava ao lado dele. Ambrose disse a si mesmo que não estava decepcionado.

Bailey tinha um gato. Ele correu ao lado dele como coproprietário.

— Você não pode ter um animal aqui, Sheen.

— Estou em cadeira de rodas, homem. Vai me dizer que não posso ter o meu gato-guia comigo? Na verdade, ele pode ser o seu gato de olhos, já que você é cego e tudo. Uma das vantagens em ser uma figura patética é que tendem a conseguir o que querem. Ouviu isso, Dan Gable? Ele te chamou de animal. Vá pegá-lo, rapaz. Pega!

O gato cheirou uma das prateleiras de metal, ignorando Bailey.

— Você nomeou seu gato Dan Gable?

— Sim. Dan Gable Sheen. Tenho-o desde que tinha treze anos. Minha mãe levou-nos para uma chácara para o meu aniversário e Fern e eu tivemos que escolher um da ninhada. Chamei meu de Dan Gable e Fern chama o dela de Nora Roberts.

— Nora Roberts?

— É. Aparentemente é uma escritora. Fern a ama. Infelizmente para Nora Roberts, ela engravidou e morreu ao dar à luz.

— A escritora?

— Não! A gata. Fern nunca teve muita sorte com animais. Ela os sufoca com carinho, cuidado e agradecimentos. Fern não descobriu como jogar duro para conseguir mantê-los.

Ambrose gostava disso nela. Não havia qualquer pretensão em Fern. Mas não ia dizer a Bailey.

— Eu tenho tentado ensinar Dan Gable alguns movimentos de luta, em homenagem a seu homônimo, mas até agora tudo o que pode fazer é espreguiçar. Mas ei, alongar-se é um dos princípios e é mais do que posso fazer —, disse Bailey com uma risada.

Dan Gable era um lutador que ganhara uma medalha de ouro olímpica. Na verdade, não perdera um único ponto durante todos os jogos olímpicos. Graduou-se no estado de Iowa, com apenas uma derrota, treinou no Hawkeyes Iowa, e era uma lenda no esporte. Mas Ambrose não achava que ele seria especialmente honrado em saber que um gato tinha sido nomeado

por ele.

Dan Gable, o gato, esfregou-se contra a perna de Ambrose, mas abandonou-o imediatamente quando Bailey apalpou os joelhos com as pontas dos dedos. O gato pulou no colo de Bailey e foi recompensado com carícias e louvor.

— Os animais são supostamente uma boa terapia. Na verdade, eu deveria ter um cachorro. Você sabe, o melhor amigo do homem, um cão para amar só a mim, o garoto que não pode andar. Deixa os violinos. Mas minha mãe disse que não. Sentou-se à mesa da cozinha e gritou quando perguntei a ela.

— Por que? — Perguntou Ambrose, surpreso. Angie Sheen era uma maldita boa mãe, tanto quanto ele poderia dizer. Parecia um pouco fora do personagem recusar um cão para o garoto que não podia andar, que precisava de um companheiro leal... deixado na iluminação suave da manhã de Natal.

— Você sabe que eu não posso limpar o meu próprio rabo né? — Disse Bailey, olhando Ambrose diretamente nos olhos. Ele não estava sorrindo.

— Hum. Okay —, disse Ambrose, desconfortável.

— Você sabe que se eu me inclinar muito longe para conseguir alguma coisa, não posso sentar? Eu caí uma vez por meia hora, largado sobre os meus joelhos até que minha mãe voltou da entrega de recados e me sentou de volta.

Ambrose ficou em silêncio.

— Você sabe que minha mãe pesa 54 Kg, mas pode me pegar por baixo dos braços e mover-me na cadeira para o chuveiro? Ela me lava, me veste, escova os dentes, penteia o cabelo. Tudo isso. À noite, ela e meu pai trocam os turnos entrando e me virando ao longo da noite, porque não posso rolar, e eu fico dolorido se me mantenho em uma só posição. Eles fazem isso desde que eu tinha cerca de quatorze anos, noite após noite.

Ambrose sentiu um nó se formando em sua garganta, mas Bailey continuou.

— Então, quando eu disse que queria um cachorro, acho que algo meio que interrompeu. Ela simplesmente não podia tomar conta de mais ninguém. Então, nós concordamos. Os gatos são de baixa manutenção, sabe? Há comida de gato e uma caixa de areia na garagem. A maioria do tempo Fern é aquela que alimenta Dan Gable e muda sua caixa. Eu acho que ela fez um acordo com a minha mãe quando chegamos com os gatinhos, embora eu não possa dar qualquer ajuda.

— Merda —. Ambrose passou as mãos sobre sua cabeça careca, agitado e perturbado. Ele não sabia o que dizer.

— Quando é que você vai começar a lutar de novo, Brosey? — Bailey usou o nome que os caras o haviam chamado. Ambrose tinha a sensação de que fez isso de propósito. — Eu quero ver você lutar novamente. Ter um gato chamado Dan Gable apenas não conta. — Dan Gable miou e pulou do colo de Bailey, como se não gostasse de seus comentários.

— E assim, ele abandona o aleijado. — Bailey suspirou tragicamente.

— Eu não posso ouvir ou ver do meu lado direito, Bailey. Não posso ver ninguém vindo! Inferno, minhas pernas seriam amarradas tão rápido que não saberia o que me bateu. Adicione a isso, a minha audição que é uma merda. A perda auditiva tem jogado tudo fora do lugar, e eu realmente preferia não ter uma arena inteira de pessoas olhando para mim.

— Então continuará só fazendo cupcakes?

Ambrose olhou para Bailey, e Bailey sorriu de volta.

— Quanto você pode levantar, Brosey?

— Você vai parar de me chamar assim?

Bailey parecia genuinamente confuso. — Por quê?

— Porque isso... isso... apenas... me chame de Ambrose.

— Assim, 181, 226 kilos? Quanto?

Ambrose estava olhando novamente.

— Você não pode me dizer que não está levantando —, disse Bailey.

— Eu posso dizer. Pode ter um bom físico, naturalmente, mas está malhando. Você tem um tamanho ótimo e está todo duro embaixo.

Isso vindo de um garoto que nunca levantara um peso na sua vida, Ambrose pensou, balançando a cabeça e empurrando outra bandeja de biscoitos no forno. Sim, cupcakes.

— Então, qual é o ponto? Quero dizer, tem este incrível corpo grande e forte. Mas só vai mantê-lo para si mesmo? Tem que compartilhar com o mundo, homem.

— Se eu não o conhecesse melhor, pensaria que está dando em cima de mim —, disse Ambrose.

— Você fica nu na frente do espelho e flexiona todas as noites? Quero dizer, realmente, pelo menos, poderia ir para a indústria de filmes adultos. Pelo menos não vai completamente para o lixo.

— Lá vai você de novo... falando sobre coisas que não sabe —, disse Ambrose. — Fern lê romances e de repente você é Hugh Hefner. Eu não acho que qualquer um de vocês tenha cacife para me ensinar sobre qualquer coisa.

— Fern te deu um sermão? — Bailey pareceu surpreso e não parecia ofendido que Ambrose tivesse basicamente dito a ele que não sabia levantar nada porque estava em uma cadeira de rodas.

— Fern estava deixando citações inspiradoras —, disse Ambrose.

— Ahhh. Isso soa mais como Fern. Como o quê? Apenas... acredite?

Sonhe grande? Case-se comigo?

Ambrose engasgou e depois viu-se rindo, apesar de tudo.

— Vamos lá, Bros-Ambrose, — Bailey alterou o seu tom conciliador,

com o rosto sério. — Nem mesmo vai pensar sobre isso? Retroceder? Meu pai abre a sala de luta livre para uso aberto no verão. Ele trabalharia com você. Inferno, ele enlouqueceria se você dissesse a ele que quer treinar alguns golpes. Você acha que tudo isso não foi difícil para ele? Ele amava vocês! Quando ouviu a notícia... Jesse, Beans, Grant... Paulie. Eles eram seus também. Não eram apenas seus amigos, cara. Eles eram os seus meninos. Ele os amava também! Eu amei-os também —, disse Bailey, com veemência fazendo sua voz tremer. — Você já pensou sobre isso? Você não é o único que os perdeu.

— Você não acha que sei disso? Entendi! — Ambrose disse, incrédulo.

— Esse é o problema, Sheen. Se eu fosse a única pessoa que tivesse perdido... se fosse a única pessoa com dor, seria mais fácil...

— Mas nós não apenas os perdemos! — Interrompeu Bailey. — Perdemos você! Você não acha que toda esta maldita cidade chora por você?

— Eles choram pelo superstar. Hércules. Eu não sou ele. Não acho que posso lutar mais, Bailey. Eles querem o cara que ganhava todos os jogos e tinha perspectivas Olímpicas. Eles não querem a aberração careca que não pode ouvir o apito maldito sendo soprado se estiver em seu lado surdo.

— Eu acabei de explicar para você como não posso ir ao banheiro sozinho. Tenho que depender da minha mãe para puxar para baixo as minhas calças, assoar o maldito nariz, colocar desodorante nas minhas axilas. E para piorar a situação, quando fui para a escola, tinha que confiar em alguém para me ajudar lá também, com quase toda a maldita coisa. Foi embaraçoso. Foi frustrante. Mas era necessário!

— Eu tenho orgulho ferido, Ambrose! — Disse Bailey. — Tenho orgulho. Mas era o meu orgulho ou minha vida. Eu tive que escolher. Então você... Você pode ter seu orgulho, sentar aqui, fazer cupcakes, ficar velho e gordo que ninguém dará a mínima depois de um tempo. Ou você pode trocar seu orgulho por um pouco de humildade e ter sua vida de volta.

Escale a Esperança

Bailey disse que nunca tinha ido ao memorial para Paulie, Jesse, Beans e Grant. Ambrose podia ver o porquê. Tratava-se de uma subida, em uma estrada de terra que era muito íngreme tanto para cima, como para baixo para uma cadeira de rodas percorrer. Elliott disse à Ambrose que a cidade estava trabalhando para ter a estrada pavimentada, mas que ainda não tinha acontecido.

Quando Bailey disse a ele sobre o local, Ambrose pode ver o quanto Bailey queria ir, e Ambrose disse a si mesmo que iria levá-lo. Mas ainda não. Desta vez, neste primeiro momento, Ambrose precisava ir sozinho. Ele havia evitado desde que chegara em casa, em Hannah Lake quase seis meses antes. Mas falar de cupcakes, humildade e da falta de orgulho de Bailey tinha convencido Ambrose que talvez fosse hora de pequenos passos. E assim, ele colocou um pé na frente do outro e subiu a colina que levava ao mirante onde seus quatro amigos foram enterrados.

Eles ficavam em uma linha reta, quatro lápides brancas, lembrando o ensino médio, onde todos tinham lutado e jogado futebol, onde haviam crescido até a formatura. Havia um pequeno banco de pedra situado perto das sepulturas onde a família ou amigos poderiam se sentar por um tempo e as árvores eram espessas além da clareira. Era um bom lugar, tranquilo e pacífico. Havia flores e alguns bilhetes e bichos de pelúcia colocados ao redor das sepulturas, e Ambrose ficou feliz ao ver que os outros tinham frequentemente visitado, embora ele esperasse que ninguém visitasse hoje. Precisava de um tempo sozinho com seus amigos.

Paulie e Grant estavam no meio, Beans e Jesse nas pontas. Engraçado. Isso era mais ou menos como tinha sido na vida. Paulie e Grant eram a cola,

os constantes, Beans e Jesse os protetores, os homens selvagens. Os dois que iriam gemer e reclamar sobre você em seu rosto, mas quem, no final, sempre estariam a sua volta. Ambrose se agachou ao lado de cada túmulo e leu as palavras esculpidas nas pedras.

Connor Lorenzo – Beans – O'Toole

08 de maio de 1984 - 2 de julho, 2004

Mi hijo, Mi corazon

Paul Austin Kimball

29 de junho de 1984 - 2 de julho de 2004.

Amado amigo, irmão e filho.

Grant Craig Nielson

01 novembro de 1983 - 02 de julho de 2004

Para sempre em nossos corações

Jesse Jordan Brooks

24 de outubro de 1983 - 02 de julho de 2004.

Pai, Filho, Soldado, amigo

A vitória está na Batalha estava escrito no banco de pedra. Ambrose traçou as palavras. Era algo que o treinador Sheen sempre dizia. Algo que Sheen sempre gritava do lado do tatame. Nunca era sobre o resultado final com o treinador. Era sempre sobre a luta com o apito.

Ambrose sentou-se no banco e olhou para o vale abaixo, na cidade onde ele viveu todos os dias de sua vida, todos os dias, exceto nos anos em que tudo tinha mudado. E ele falou com seus amigos. Não porque ele

acreditava que podiam ouvi-lo, mas porque havia coisas que sabia que precisava dizer.

Ele disse-lhes sobre o que Bailey havia dito. Sobre tomar sua vida de volta. Ele não tinha certeza do que isso significava. Às vezes você não pode tomar sua vida de volta. Às vezes, está morto e enterrado e você só pode fazer uma nova vida. Ambrose não sabia com o que essa nova vida se pareceria.

O rosto de Fern flutuou em sua mente. Talvez Fern fosse parte de uma nova vida, mas estranhamente, Ambrose não quis falar com os caras sobre Fern. Era muito cedo. E descobriu que queria protegê-la, até mesmo dos fantasmas de seus amigos mais próximos. Eles todos riram muito frequentemente da ruivinha, contaram muitas piadas às custas dela, cutucaram muitos buracos e o provocaram muitas vezes. Então Ambrose manteve Fern para si mesmo, salva dentro de um canto em rápida expansão de seu coração, onde só ele sabia que pertencia a ela.

Quando o sol começou a minguar e mergulhar abaixo das árvores, Ambrose levantou-se e encontrou o seu caminho de volta para baixo do morro, aliviado que finalmente encontrara a força para escalá-lo.



A sala cheirava a luta, suor, água sanitária e memórias. Boas lembranças. Duas longas cordas penduradas nos cantos, cordas onde subira e oscilara mil vezes. Os tatames foram desenrolados, lajes vermelhas grossas de borracha com um círculo que marcava dentro do campo e as linhas do centro, onde a ação começava. O treinador Sheen estava limpando as esteiras, algo que provavelmente tinha feito mais de mil vezes. Em sua carreira de treinador de trinta anos, ou mais.

— Ei treinador —, disse Ambrose suavemente, sua mente em todas as vezes em que vira o treinador depois que voltara para casa.

O treinador Sheen olhou com surpresa, assustado de seus próprios

pensamentos, e não esperava companhia.

— Ambrose! — Seu rosto tinha uma expressão de pura alegria e Ambrose engoliu em seco, perguntando-se por que mantivera seu antigo treinador no comprimento de um braço por tanto tempo.

O treinador Sheen parou de esfregar e cruzou as mãos no punho. — Como vai você, soldado?

Ambrose estremeceu com o apelido. A culpa e a tristeza penduradas como cadeias pesadas em torno da palavra. Seu orgulho em ser um soldado havia sido dizimado pela perda de seus amigos e da responsabilidade que sentia por suas mortes. Deixe que heróis usem a palavra. Ele sentia-se indigno do título.

Os olhos de Mike Sheen se fixaram no rosto de Ambrose, sem perder a forma que Ambrose se encolheu ou a forma como sua boca se apertou como se tivesse algo a dizer, mas não diria. O treinador Sheen sentiu seu coração tremer no peito. Ambrose Young tinha sido um fenômeno, um monstro absoluto no esporte. Ele era o tipo de criança que cada treinador sonhava em treinar, não por causa da glória que traria a ele, mas por causa da emoção de fazer parte de algo verdadeiramente inspirador e ver a história se desenrolar diante de seus olhos. Ambrose Young era esse tipo de atleta.

Ainda poderia ser, talvez. Mas enquanto pairava junto à porta, com o rosto em uma teia de cicatrizes, a sua juventude se fora, seu cabelo se fora, também, Mike Sheen tinha suas dúvidas.

A ironia que seu cabelo se fora não escapou ao treinador Sheen. Ambrose Young tinha sido absolutamente dócil e obediente na sala de wrestling, exceto quando se tratava de seu cabelo. Se recusava a cortá-lo. O treinador gostava de seus meninos de cortes limpos e curtos de militar. Mostrava respeito e disposição para se sacrificar. Mas Ambrose teve calma, em privado, disse ao técnico que iria usá-lo em um rabo de cavalo longe de seu rosto quando estava em treinamento e quando lutava, mas não quis

cortá-lo.

O treinador Sheen havia dito a Ambrose que ele iria permitir se Ambrose cuidasse de todos os outros. Ou seja, se a equipe toda comesse a deixar crescer os cabelos, levassem os treinos com preguiça, desrespeitassem a equipe ou comissão técnica de qualquer forma, ele faria Ambrose pessoalmente ser o responsável e iria cortar seu cabelo. Ambrose tinha realizado a sua parte do acordo. Liderara a equipe. Em dias de jogos, usava calça, uma camisa e uma gravata na escola, e fizera com que todos os outros meninos também o fizessem. Ele era o primeiro a chegar ao treino, o último a sair, o mais trabalhador, o líder consistente. O treinador Sheen tinha considerado o melhor negócio que já tinha feito.

Agora o cabelo de Ambrose tinha ido embora. Assim como seu senso de direção, sua confiança, a luz em seus olhos. Um olho estava permanentemente esmaecido, e o outro percorria a sala, nervosamente. O treinador Sheen perguntou se realmente havia coisas como segundas chances. Não era o material físico que o preocupava. Era a carga emocional.

Ambrose caminhou em direção a seu antigo treinador, segurando sua engrenagem, sentindo-se como um intruso em um lugar que amou mais do que qualquer lugar na Terra. — Eu conversei com Bailey. Ele disse que você estaria aqui.

— Sim? Eu estou aqui. Quer trabalhar? Agitar a ferrugem? — Mike Sheen prendeu a respiração.

Ambrose balançou a cabeça, apenas uma vez, e Treinador Sheen lançou o ar em seus pulmões.

— Tudo bem. Vamos malhar um pouco.



— Você pode se inscrever para algum balé ou ginástica, — Treinador Sheen sugeriu após Ambrose perder o equilíbrio e cair no tapete, pela décima vez. — Isso é o que estamos habituados a fazer com os jogadores de

futebol quando necessitam trabalhar o equilíbrio, mas estou supondo que você ficaria horrível em um tutu e as meninas pensariam que era uma reencenação de A Bela e a Fera.

Ambrose estava um pouco atordoado com a avaliação contundente de sua falta de beleza. O técnico Sheen não aliviava para ninguém. Bailey era como ele.

O treinador Sheen continuou: — A única maneira de seu equilíbrio voltar é se você apenas se deixar levar. É a memória muscular. Seu corpo sabe o que fazer. Você está apenas tentando adivinhar. Inferno, use um tampão de ouvido na outra orelha e veja se ele ajuda a deixar os dois ouvidos equilibrados, sem som.

Na noite seguinte, Ambrose tentou. Não ser capaz de ouvir tudo, na verdade, igualou um pouco. A visão não era tão grande impedimento.

Ambrose sempre tinha mantido o contato com as mãos sobre lutador constantemente, as mãos sobre o seu adversário. Havia lutadores cegos no mundo. Surdos, também. Havia lutadores sem pernas. Não havia adaptações, mas ninguém era excluído também. Se você pudesse competir, era permitido no tatame: que vença o melhor wrestler. Era o tipo de esporte que comemorava o individual. Venha como você é, transforme suas fraquezas em vantagens, domine o seu adversário. Lute.

Mas Ambrose nunca tivera pontos fracos na esteira. Não era assim. Isso tudo era novo. O treinador Sheen tinha-lhe feito treinar: pernas-simples, pernas-duplas, high-C's^[14], chaves de tornozelo, agachamento até suas pernas tremeram, e tinha-lhe feito correr até o outro lado. Então, estava puxando seu corpo grande na corda. Era uma coisa subir uma corda se você tivesse 1,67m e 56 Kg. Mas era uma questão completamente diferente quando você tinha 1,92 m e pesava mais de noventa quilos. Ele odiava a escalada na corda. Mas chegou ao topo. E então ele o fez novamente na noite seguinte. E na próxima.

Faça Fogos de Artifício

Fogos de artifício ou desfiles?

— Você acha que Sheen quer vir com a gente? — Ambrose perguntou quando Fern saiu pelos degraus da frente. Tinha ficado aliviado quando Fern tinha circulado Fogos de artifício no quadro branco. Desfiles eram chatos e geralmente envolviam muita luz ofuscante e um monte de pessoas olhando. Além disso, era quatro de julho e Hannah Lake Township sempre tinha uma boa queima de fogos no campo de futebol da escola. Fern parecera animada quando ele perguntou se ela queria ir.

— Bailey está na Filadélfia.

Ambrose sentiu seu coração dar um salto de felicidade. Ele amava Sheen, mas realmente queria ficar a sós com Fern.

— Devemos andar? — Fern sugeriu. — É bom para relaxar, e o campo não está longe.

Ambrose concordou. Ele e Fern atravessaram o gramado e foram em direção ao colégio.

— O que Bailey está fazendo em Philly? — Perguntou depois de terem andado um longo caminho.

— Todos os anos, Bailey, Angie, e Mike vão para a Filadélfia, para o Quatro de Julho. Eles visitam o Museu de Arte, e Mike Bailey sobem os 72 degraus e eles fazem a reconstituição do filme Rocky. Angie ajuda Bailey a levantar os braços e todos eles gritam: “Mais um ano!” Bailey ama Rocky. Isso te surpreende?

— Não. Não —, disse Ambrose com um toque irônico de seus lábios.

— Da primeira vez foram em férias com a família para a Filadélfia, quando Bailey tinha oito anos. Ele subiu os degraus ele mesmo. Eles têm uma foto dele, em sua sala de estar, com os braços para cima, dançando ao redor.

— Eu já vi isso —, disse Ambrose, agora compreendendo o significado da imagem que tinha visto em um lugar de destaque na casa de Sheen.

— Eles tiveram férias ótimas, voltaram no ano seguinte e Bailey os fez subir os degraus novamente. Tornou-se cada vez mais importante a cada ano. No verão que Bailey tinha onze anos ele não pode subir os degraus, nem mesmo alguns deles. Então, o tio Mike o levou.

— Mais um ano?

— Isso. Bailey já está desafiando as probabilidades. A maioria das crianças com distrofia muscular de Dushenne não atingem sua idade. E se ainda estão por aí, eles não se parecem com Bailey. Eles não são tão saudáveis. Vinte e um sempre foi um pouco como um grito de guerra para Bailey. Quando fez vinte e um este ano, tivemos uma grande festa. Estamos todos convencidos de que ele vai bater recordes.

Ambrose espalhou o cobertor sobre a grama, longe das outras pessoas que se reuniram para assistir à exibição. Fern sentou-se ao lado dele e não demorou muito para que os primeiros fogos de artifício estivessem explodindo no céu. Ambrose deitou, estendendo-se para que pudesse ver, sem forçar o pescoço. Fern deitou-se ao seu lado muito consciente dele. Nunca tinha ficado em um cobertor com um menino. Podia sentir a dura longitude de Ambrose ao longo de seu lado direito, seu grande corpo ocupando mais da metade do pequeno cobertor. Ele tinha escolhido o lado direito do cobertor e o lado direito de seu rosto estava voltado para longe dela, como de costume. Ela e Ambrose não deram as mãos, e ela não estava com a cabeça em seu ombro. Mas queria.

Fern sentiu como se tivesse passado a maior parte de sua vida querendo Ambrose, de uma forma ou de outra, querendo que ele a visse...

realmente a visse. Não o cabelo vermelho ou as sardas no nariz. Não os óculos que faziam seus olhos castanhos parecerem como enormes luas. Nem o aparelho em seus dentes ou a infantilidade de sua figura.

Quando as coisas se transformaram e eventualmente, desapareceram, exceto para as sardas, ela desejou que ele notasse. Desejou que visse seus olhos castanhos livres de óculos. Desejou que visse que sua figura tivesse finalmente arredondado e preenchido, visse os dentes que eram brancos e retos. Mas feia ou bonita, ainda se via desejando.

O anseio de Fern por Ambrose era algo que tinha sido tanto uma parte dela, quanto as canções patrióticas que acompanham a exibição e tocavam em todo o campo de futebol. Fern sentia-se incrivelmente grata, grata que naquele momento o novo Ambrose se colocasse ao seu lado. Que a conhecesse. Aparentemente gostava dela, e tinha voltado para ela, para a cidade, para si mesmo.

A gratidão a fez chorosa, e umidade vazou pelos lados de seus olhos e fez rios quentes nas bochechas. Ela não queria enxugá-las, porque isso chamaria a atenção para elas. Então as deixou fluir, observando a explosão de cores crepitar e o boom no ar, sentindo um anel de réplicas em sua cabeça.

Fern perguntou, de repente, se o som era uma reminiscência da guerra e esperava que Ambrose estivesse no momento com ela e não em algum lugar no Iraque, sua mente em bombas e nos amigos que não voltaram para casa. Com medo de que pudesse precisar de alguém para segurá-lo lá, trazê-lo para a celebração, estendeu a mão e colocou na dele.

Sua mão apertou ao redor dela.

Ele não entrelaçou os dedos como os casais fazem quando andam. Ao contrário, ele segurou a mão dela dentro dele, como um pássaro ferido em sua palma. E estavam observando a tela e sua conclusão, sem falar, com as cabeças inclinadas em direção à luz, apenas se tocando com as mãos. Fern furtivamente deu uma olhada no seu perfil, lembrando que, na escuridão,

no espaço entre explosões de luz em cascata, seu rosto era bonito, tão bonito como nunca tinha sido. Mesmo a suavidade de sua careca não tirava a força de suas características. De alguma forma, o fazia mais forte, mais memorável.

Com a última luz dos fogos apagando, famílias e casais começaram a se levantar e caminhar para fora do campo. Ninguém tinha notado Fern e Ambrose ali na borda mais distante, além do círculo da pista, atrás do poste da baliza. Como o campo sem seus ocupantes e o resíduo esfumaçado de folia sumindo no ar, os sons da noite retornaram. Grilos piavam, o vento sussurrava suavemente nas árvores que contornavam o campo, Fern e Ambrose ficaram imóveis, nenhum deles querendo quebrar o silêncio ou a sensação de pausa que os rodeava.

— Você ainda é bonito —, disse Fern baixinho, o rosto virado para o dele. Ele ficou em silêncio por um momento, mas não se afastou, gemeu ou negou o que ela disse.

— Eu acho que a declaração é mais um reflexo de sua beleza do que da minha —, disse Ambrose finalmente, virando a cabeça para que pudesse olhar para ela. O rosto de Fern estava tocado com o brilho da lua, a cor dos olhos e o vermelho de seu cabelo indecifrável no brilho da luz pálida. Mas suas feições eram claras, as piscinas escuras de seus olhos expressivos, o nariz pequeno e boca macia, a inclinação do arco de sua sobrancelha indicava que não entendeu sua resposta.

— Sabe aquela coisa que as pessoas sempre dizem, sobre a beleza estar no olho de quem vê?

— Sim?

— Eu sempre pensei que isso significava que todos temos gostos diferentes, diferentes preferências... você sabe? Alguns caras se concentram nas pernas, alguns caras preferem as loiras, alguns homens gostam de meninas com cabelos longos, esse tipo de coisa. Eu nunca pensei sobre isso, na verdade, não antes deste momento. Mas talvez você veja a beleza em

mim porque você é bonita, não porque eu sou.

— Linda por dentro?

— Sim.

Fern ficou em silêncio, pensando no que ele havia dito. Então, em uma pequena voz sussurrou. — Eu entendo o que você está dizendo... e aprecio isso. Eu realmente aprecio. Mas eu realmente gostaria que, só por uma vez, eu pudesse ser bonita para você do lado de fora.

Ambrose riu e então parou. A expressão em seu rosto o fez pensar que ela não estava brincando, não o estava paquerando. Ahh. Síndrome da feia de novo. Ela pensava que ele não a achava bonita.

Ele não sabia como fazê-la entender que ela era muito mais do que apenas bonita. Então, se inclinou para frente e pressionou sua boca na dela. Com muito cuidado. Não como na outra noite, quando tinha sido assustador e impulsivo e que tinha jogado a sua cabeça contra a parede em sua tentativa de beijá-la. Beijou-a agora para dizer-lhe como se sentia. Afastou-se quase imediatamente, não dando a si mesmo uma chance para relaxar e perder a cabeça. Queria mostrar a ela que a valorizava, não que queria rasgar a roupa dela. Não tinha certeza de quando resolveu que queria ser beijada por um filho da puta feio. Ela era o tipo de garota que iria beijá-lo, porque não queria ferir seus sentimentos. O pensamento o encheu de desespero.

Ela deixou escapar um suspiro de frustração e se sentou, passando as mãos pelos cabelos. Ele correu pelos seus dedos e caíram em suas costas, e ele desejou poder enterrar suas mãos nele, enterrar o rosto no seu enorme peito e respirar fundo. Mas isso, obviamente, iria perturbá-la.

— Eu sinto muito, Fern. Eu não deveria ter feito isso.

— Por quê? — Ela retrucou, assustando-o o suficiente para que estremecesse. — Por que você está arrependido?

— Porque você está chateada.

— Estou chateada porque você se afastou! Você é tão cuidadoso. E é frustrante!

Ambrose fora atingido por sua honestidade e sorriu, lisonjeado instantaneamente. Mas o sorriso desapareceu enquanto tentava se explicar.

— Você é tão pequena, Fern. Delicada. E tudo isso é novo para você. Eu tenho medo de ir muito rápido. E se eu quebrá-la ou machucá-la, não vou sobreviver a isso, Fern. Não vou sobreviver. — Esse pensamento era pior do que ficar longe dela, e ele estremeceu interiormente. Ele não iria sobreviver. Já havia se machucado demais. Perdeu muitos.

Fern se ajoelhou em frente a ele, seu queixo tremeu e seus olhos estavam arregalados de emoção. Sua voz era inflexível quando segurou o seu rosto entre as mãos, e quando ele tentou se afastar para que não sentisse suas cicatrizes, ela desistiu de forçar seu olhar.

— Ambrose Young! Eu esperei toda a minha vida para que você me quisesse. Se você não me abraçar forte eu não acreditarei em você! E isso é pior do que nunca ter feito nada. É melhor me fazer acreditar que você quis dizer isso, Ambrose, ou definitivamente vai me quebrar.

— Eu não quero te machucar, Fern, — ele sussurrou com voz rouca.

— Então, não machuque —, ela sussurrou de volta, confiando nele.

Mas havia muitas maneiras de causar dor. E Ambrose sabia que era capaz de machucá-la de mil maneiras.

Ambrose parou de tentar puxar o rosto, entregando-se à maneira como se sentia ao ser tocado. Ele não permitia que ninguém o tocasse por um longo tempo. Suas mãos eram pequenas, como o resto dela, mas as emoções que trazia em si eram enormes, gigantescas, a tudo consumia. Ela o fez tremer, fez tremer por dentro, fez vibrar como os trilhos quando um trem que se aproxima.

Suas mãos deixaram seu rosto e viajaram para baixo ao lado de seu pescoço. Um lado bom, o outro cheio de torrões e cicatrizes e ondulado,

onde a pele tinha sido danificada. Ela não se afastou, mas sentia cada marca, memorizou cada ferida. E então ela se inclinou e apertou os lábios em seu pescoço, logo abaixo do queixo. E então, novamente, do outro lado, do lado sem cicatrizes, deixando-o saber que o beijo não era sobre a simpatia, mas desejo. Era uma carícia. E seu controle quebrou.

Ela estava de costas sobre o cobertor, seu grande corpo pressionando o dela, com o rosto entre as mãos enquanto sua boca tomava a dela, sem delicadeza, sem restrição e sem pensar. Ele simplesmente a pegou. E ela se abriu para ele, acolhendo o deslizar de sua língua contra a dela, o aperto de mãos no rosto, no cabelo e nos quadris. Ele sentiu as mãos deslizarem por baixo da camisa da batinha até as costas e se sentiu tão bem, recuperou o fôlego, perdeu o contato com a boca por um batimento cardíaco enquanto seus olhos se fecharam e sua cabeça caiu para acariciar a doçura de seu pescoço. Seu peito subia e descia rapidamente, como se ela também tivesse perdido o controle. Ela beijou sua cabeça, como uma mãe acalma uma criança, e acariciou a pele nua enquanto ele lutava para se controlar e se perdia mais uma vez, sua mão deslizando para cima para embalar o seio na palma da mão, o polegar acariciando a parte inferior o que não fazia há muito tempo, para depois puxar sua camisa sobre a cabeça e ver se ela era tão gostosa como parecia.

Mas ela era uma menina que mal tinha sido beijada, e precisava de muitos mais beijos, merecia muito mais. E assim, com pesar, deslizou a mão até sua cintura. Ela arqueou contra ele e protestou docemente contra a perda, com um suspiro que fazia seu sangue ferver e seu coração bater contra as costelas. Então, ele a beijou de novo, comunicando sua própria necessidade. Seus lábios deram boas-vindas aos dele, movendo-se suavemente, procurando, saboreando. Ambrose Young sentiu-se escorregar e deslizar, caindo desamparado, com muito pouca resistência ao amor de Fern Taylor.



— Olha quem está aqui! — Bailey cantou quando cruzou através das portas de correr para a loja. Rita seguiu atrás dele, seu filho pequeno no colo e um grande sorriso no rosto. Fern gritou e correu para o seu amigo, tomando a criança e colocando sua cabeça na dobra de seu braço e sufocando o seu pequeno rosto de beijos. Aparentemente, Becker estava fora da cidade e Rita estava dirigindo para casa de sua mãe quando tinha visto Bailey passando pela rua em seu caminho para a loja. Ele a convenceu de que o karaokê e a dança eram exatamente o que precisava.

Em pouco tempo, Bailey cantava a música aos berros com o filho de Rita, Ty, em seu colo, cruzando para cima e para baixo pelos corredores, fazendo o garoto gritar de alegria. Rita corria ao lado deles, com o rosto envolto em sorrisos pela felicidade de seu filho. Como Fern, Rita tinha mudado desde o colegial. Ambrose se perguntava como poucos anos podiam alterar cada um deles de forma tão drástica, embora a partir do que tinha visto de Becker Garth, ele não tinha mudado nada. Ainda era um valentão, e sua esposa era agora seu alvo principal. Rita ainda era bonita, mas parecia abatida e arisca, não parecia confortável olhando para ele, então retirou-se para a padaria não muito tempo depois que ela e Bailey chegaram.

— Ambrose? — Fern estava sorrindo para ele da porta e ele sorriu de volta, gostava do jeito que ela olhava para ele, como se não houvesse nada de errado com o seu rosto, como se sua presença a fizesse feliz. — Você tem que sair, só por um minuto.

— Sim? Eu acho que gosto daqui, é melhor —, disse ele suavemente.

— Nós estamos cantando o Sheen / Taylor do CD Greatest Hits, com todas as nossas músicas dançantes favoritas, e quero dançar com você.

Ambrose gemeu e riu ao mesmo tempo. Era a cara de Bailey e Fern. Eles tinham um CD greatest hits. E ele ficaria feliz em dançar com Fern, ficaria feliz em fazer quase tudo com Fern, mas preferia ficar na cozinha e dançar onde ninguém estivesse olhando.

Fern começou a puxar sua mão, envolvendo tanto a dela ao redor dele, sorrindo e bajulando que tirou-o de sua caverna. — A próxima música é minha música favorita de todos os tempos.

Ambrose suspirou e deixou-a seguir seu caminho. Além disso, queria ouvir qual era a sua canção favorita de todos os tempos. Descobriria que queria saber tudo sobre ela.

— Eu disse a Bailey que se eu morresse antes dele... e era o meu maior desejo quando tínhamos dez anos, era melhor ele ter certeza de que a tocasse no meu funeral. E eu quero que todos a dance. Ouça! Diga-me se você não se sente imediatamente melhor quando a ouve!

Ela esperou ansiosa e Ambrose ouviu atentamente. Os primeiros compassos da canção tocaram pela loja e Bailey e Fern gemeram em uníssono, junto com Prince, e lançaram-se em uma dança frenética. Rita riu, gritou e se juntou a eles imediatamente, com Tyler em seu quadril.

Ambrose não dançou... mas gostou do show.

Fern não tinha ritmo. Bailey não era muito melhor. Mas sua falta de habilidade não era exatamente culpa dele. Movia a cadeira para frente e para trás em uma paródia do passo básico que todos aprendiam em uma escola de dança. Ele balançou a cabeça no ritmo da música e seu rosto tinha uma expressão que dizia: “Claro que sim”, mesmo que seu corpo dissesse: “De jeito nenhum”. Rita dançava ao redor da cadeira de Bailey, mas seus movimentos eram demasiado autoconscientes, muito confiantes para permitir que gostasse, ou para que qualquer um gostasse de assistir a ela.

Fern balançava a bunda, fazia asas de frango, aplaudia e mexia de forma aleatória, mas havia tanta alegria desinibida, tal abandono selvagem, tal prazer no ato, que, embora ele estivesse rindo dela, sim, rindo dela, ela estava rindo, também.

Ela dançou de qualquer maneira, sabendo que estava horrível, sabendo que não havia nada sobre o seu desempenho que o atraísse ou o fizesse querê-la, mas fazia de qualquer maneira, apenas pela diversão. E de

alguma forma, de repente, ele o fez. Ele a queria. Desesperadamente. Sua luz, sua beleza, seu entusiasmo pelas coisas simples. Tudo nela. Tudo. Ele queria pegá-la, dos seus pés dançantes, com as pernas balançando acima do solo, e beijá-la até que estivessem sem fôlego com paixão em vez de riso.

— E o seu beijo! — Fern cantou as palavras finais e atingiu uma pose estranha, respirando com dificuldade e rindo. — A. Mais. Incrível. Canção. De. Todos. Os. Tempos — Ela suspirou, jogando os braços, ignorando a próxima música de Taylor / Sheen no CD.

— Você precisa vir comigo por apenas um minuto. Preciso te mostrar uma coisa na, hum, na cozinha —, disse Ambrose com firmeza, agarrando Fern pela mão e puxando-a atrás dele como acabou de fazer com ele minutos antes. Bailey e Rita estavam dançando de novo, Pressure de David Bowie continuando de onde Prince havia parado.

— O-o que? Mas há uma música lenta chegando depois disso, e eu realmente, realmente quero dançar com você —, Fern protestou, resistindo, puxando contra seu braço. Então Ambrose a pegou no colo, exatamente como tinha imaginado e caminhou através das portas da cozinha balançando sem perder o passo. Apagou as luzes da padaria deixando o local envolto em trevas e, em seguida, engoliu o suspiro de Fern, sua boca desabando sobre a dela, uma mão deslizando sob seu traseiro para ancorá-la e com a outra mão segurou a parte de trás de sua cabeça controlando a ângulo do beijo. E toda a resistência cessou.

Encontre uma Luz no fim do túnel

Bailey era mais pesado do que Ambrose tinha antecipado, mais esguio e mais difícil de agarrar. Mas ele pegou-o em seus braços e caminhou firmemente na trilha já gasta, colocando seus pés com cuidado, sem pressa.

Ele tinha corrido quilômetros uniformes com pesos de 68 Kg em suas costas várias vezes e poderia levar Bailey até o morro e voltar.

Eles estavam a caminho para visitar os túmulos dos quatro soldados mortos. Ambrose pela segunda vez, Bailey pela primeira. O caminho era íngreme e estreito, e levar a cadeira de rodas de Bailey ao topo com ele seria mais difícil do que carregá-lo, mas carregá-lo era demais para Mike Sheen ou qualquer outra pessoa no círculo íntimo de Bailey, então Bailey tinha sido incapaz de visitar o lugar de descanso de seus amigos. Quando Ambrose tinha descoberto isso, disse à Bailey que iria levá-lo lá, e tinha aparecido sem avisar naquela tarde, pronto para cumprir sua promessa.

Angie Sheen se ofereceu para deixá-lo levar a van, mas Ambrose tinha declinado, pegando Bailey em seus braços e depositando-o no lado do passageiro de seu caminhão velho e arrumou-o confortavelmente. Bailey começou a escorregar para o lado, incapaz de manter-se de pé sem o apoio de sua cadeira, mas Ambrose firmou um travesseiro entre o assento e a porta para que pudesse se encostar nele.

Ele poderia dizer que Angie estava um pouco preocupada em deixá-los ir sem a cadeira de rodas, mas acenou com um sorriso apertado, e Ambrose dirigiu com cuidado. Não precisavam ir muito longe, mas Bailey parecia desfrutar de passeios, do sacolejar, e insistiu com Ambrose para aumentar o rádio e abaixar as janelas.

Quando chegaram ao topo da colina, Ambrose sentou Bailey cuidadosamente no banco de pedra, em seguida, sentou-se ao lado dele, apoiando-o contra seu lado, certificando-se de que não iria tombar.

Sentaram-se em reverência por um tempo, Bailey lendo as palavras em cada lápide, Ambrose olhando para além das sepulturas, com a mente carregada de memórias que desejava poder esquecer.

— Eu gostaria de poder ser enterrado aqui com eles. Eu sei que é um memorial de guerra. Mas eles poderiam me enterrar aqui no banco. Coloque um asterisco na minha lápide.

Ambrose riu, assim como Bailey esperava, mas a aceitação simplista de sua própria morte incomodava.

— Mas eu vou ser enterrado no cemitério da cidade. Meus avós estão lá e alguns outros Sheens de gerações atrás. Eu tenho o meu lugar, já escolhi —, disse Bailey facilmente, confortavelmente, e Ambrose já não poderia segurar a língua.

— Como você aguenta, Bailey? Olhar para a morte no rosto por tanto tempo?

Bailey deu de ombros e olhou para ele com curiosidade. — Você age como se a morte fosse a pior coisa.

— Não é? — Ambrose não conseguia pensar em nada pior do que perder seus amigos.

— Eu não penso assim. A morte é fácil. Viver é a parte mais difícil. Lembra-se da menina em Clairemont County, que foi sequestrada cerca de dez anos atrás, quando sua família foi acampar? — Perguntou Bailey, os olhos se estreitaram no rosto de Ambrose. — Os pais de Fern e meus pais se ofereceram na busca. Eles pensavam que ela poderia ter caído no riacho ou apenas se afastou. Mas havia muitos campistas lá naquele fim de semana e também havia a possibilidade de que alguém a tivesse levado. No quarto dia, a minha mãe disse que a mãe da menina estava rezando para que eles

encontrassem o corpo da criança. Ela não estava orando para que a descobrissem viva. Ela estava rezando para que seu bebê tivesse morrido rapidamente e, acidentalmente, porque a alternativa era muito mais terrível. Você pode imaginar saber que seu filho está em algum lugar sofrendo horivelmente e você não poder fazer nada a respeito?

Ambrose olhou para Bailey, com turbulência em seus olhos.

— Você se sente culpado porque viveu e não morreu —. Bailey inclinou a cabeça em direção as quatro lápides. — Talvez Beans, Jesse, Grant e Paulie estejam olhando para baixo e balançando a cabeça, dizendo: Pobre Brosey. Por que ele teve que ficar?

— O Sr. Hildy me disse que os sortudos são os que não voltam —, Ambrose lembrava, com seus olhos sobre os túmulos de seus amigos. — Mas eu não acho que os caras estão olhando para mim de algum paraíso celestial. Eles estão mortos. Fim. E eu estou aqui. Ponto.

— Eu acho que no fundo você realmente não acredita —, disse Bailey calmamente.

— Por que eu, Bailey? — Ambrose retrucou, com voz muito alta para a pergunta sóbria.

— Por que não você, Ambrose? — Bailey mordeu de volta imediatamente, fazendo Ambrose começar a se sentir Bailey como um réu condenado por um crime. — Por que eu? Por que estou em uma cadeira de rodas?

— E por que Paulie e Grant? Por que Jesse e Beans? Por que coisas terríveis acontecem a pessoas tão boas? — Perguntou Ambrose.

— Porque as coisas terríveis acontecem a todos, Brosey. Estamos todos tão presos em nosso próprio lixo que nós não vemos a merda toda que acontece no mundo.

Ambrose não tinha resposta para isso e Bailey parecia contente em deixá-lo lutar com seus pensamentos por um tempo. Mas, finalmente,

Bailey falou de novo, incapaz de sentar-se em silêncio por muito tempo.

— Você gosta de Fern, não é, Brosey? — O olhar de Bailey estava apreensivo, sua voz grave.

— Sim. Eu gosto de Fern. — Ambrose acenou distraidamente, seus pensamentos ainda em seus amigos.

— Por quê? — Bailey exigiu imediatamente.

— Por quê? — Ambrose estava confuso com o tom de Bailey.

— Por que você gosta da Fern?

Ambrose gaguejou um pouco, não sabia onde Bailey queria chegar, e um pouco chateado que Bailey pensasse que ele tinha o direito de se intrometer.

Bailey foi com tudo — É só que ela não é realmente o tipo de garota que você chamaria para sair. Ela e eu estávamos conversando outro dia. Ela parece pensar que não é boa o suficiente para você... que você a está tolerando porque, em suas palavras, “ela jogou-se sobre você”. Eu não consigo imaginar Fern se jogando em cima qualquer um. Ela sempre foi muito tímida quando se trata de homens.

Ambrose pensou na noite dos fogos de artifício quando ela beijou suas pálpebras, o pescoço, a boca e deslizou as mãos por baixo da camisa. Ela não tinha sido tímida em seguida, mas pensou que iria manter isso para si mesmo.

Bailey continuou: — Eu acho que é por Fern sempre ter gostado de ler muito. Livros permitem que você seja quem você quer ser, para escapar de você mesmo por um tempo. Você sabe como Fern gosta de ler esses romances?

Ambrose acenou e sorriu, lembrando como Fern ficara envergonhada quando ele leu uma passagem de seu livro em voz alta. Perguntou-se brevemente se os romances eram o que fazia Fern tão apaixonada e sensível. Só de pensar nela o fazia ficar louco de desejo rapidamente.

— Você sabe que ela os escreve também?

Ambrose empurrou sua cabeça para ver o sorriso de Bailey. — Sêrio?

— Sim. Eu acho que ela deve estar no seu sexto romance. Tem enviado seus livros para editoras desde que tinha dezesseis anos. Até agora, não chegou a um acordo, mas ela acabará conseguindo. Eles são realmente muito bons. Um pouco sentimentais e doces para o meu gosto, mas isso é Fern. Ela escreve sob um nome falso. Seus pais nem sequer sabem.

— Um nome falso? O que é isso?

— Ah. Você terá que obter essa informação dela. Ela vai me matar por dizer-lhe sobre os livros.

Ambrose balançou a cabeça, sua atenção fixa sobre como faria para persuadir Fern a dizer-lhe todos os seus segredos. O desejo por ela subiu novamente e quase gemeu em voz alta.

— Eu sempre gostei de ler. Mas prefiro um tipo diferente de livro. Romance é apenas uma tortura para mim, sabe? — Acrescentou Bailey.

Ambrose balançou a cabeça, sua mente nos fogos de artifício, do jeito que sentiu ao ficar ao lado de Fern, como a luz explodia acima deles, sua doçura, o cheiro de sua pele e a carícia suave de seu cabelo. Ele entendeu o que era tortura.

— Então, vamos lá, cara. Qual é o problema? Eu não posso chutar o seu traseiro, mas com certeza vou saber se está mentindo para mim. Sobre Fern certo? Você está apenas tomando o que está disponível?

— Vá pro inferno, Bailey! Você me faz lembrar de Beans — Ambrose estremeceu com a dor que se lançou através dele, como se tivesse pressionado os dedos em uma ferida fresca, a dor aguda o silenciou imediatamente. Mas o seu silêncio só alimentou os temores de Bailey.

— Se você está amarrando a minha prima e você não está da cabeça aos pés de amor por ela, vou encontrar uma maneira de chutar o seu traseiro! — Bailey foi ficando agitado e Ambrose colocou a mão em seu

ombro, acalmando-o.

— Eu amo Fern, — Ambrose admitiu, sua voz abafada, seu olhar pesado com a confissão, e sentiu um frisson de choque com a verdade. Ele a amava. — Penso nela o tempo todo. Quando não estou com ela eu sou miserável... mas quando estou com ela eu sou miserável também, porque sei que é Fern quem está fazendo caridade. Olhe para mim, Bailey! Fern poderia ter qualquer um que ela quisesse. Mas eu? Não acredito.

Bailey riu e gemeu alto. — Dãhhh, maldito! Sai pra lá! Bebezão! Espera que eu sinta pena de você, Ambrose? Porque eu não sinto. Faz-me lembrar de um livro que acabei de ler para este curso on-line de Inglês que estou cursando. Esse cara, Cyrano de Bergerac, nasceu com um nariz grande. Quem se importa? Então Cyrano nunca chegou à garota que ele amava porque era feio. Isso é a coisa mais estúpida que já ouvi na minha vida! Ele deixou sua grande buzina nasal mantê-lo afastado?

— Aquele cara Cyrano? Ele não era o que escreveu cartas de amor para a mocinha? Eles não fizeram um filme dele?

— Ele mesmo. Ele o lembra de alguém? Eu me lembro de alguém que o amava, escrevia cartas e as assinava como Rita. Assim como Cyrano. É uma ironia, não é? Fern não achava que era boa o suficiente para você, naquela época, e você não acha que você é bom o suficiente para ela agora. E ambos estão errados... é tão estúpido! Estúuupiiiiido! — Bailey arrastou a palavra para fora com nojo. — “Eu sou feio! Eu não sou digno de amor”, vaaa! — Bailey imitou-os com uma voz chorosa, estridente, e então balançou a cabeça como se estivesse completamente decepcionado. Parou por um momento, se preparando para um novo discurso.

— Agora você está me dizendo que você está com medo de amar Fern, porque não se parece com uma estrela de cinema mais? Acorda, cara! Você ainda se parece com uma estrela de cinema... apenas uma que já passou por uma zona de guerra, é tudo. Meninas adoram isso! Eu fico pensando que talvez você e eu pudéssemos fazer uma viagem pela estrada e contar para

todas as meninas que encontrarmos ao longo do caminho que nós dois somos veteranos de guerra. Você tem um rosto deformado e meus ferimentos de guerra me colocaram nessa cadeira. Você acha que elas acreditariam? Talvez então eu pudesse conseguir alguma ação. O problema é: como é que vou conseguir um punhado de tetas se não posso levantar os braços?

Ambrose estava se acabando de rir, da irreverência de Bailey, mas Bailey apenas continuou, imperturbável.

— Eu daria qualquer coisa para fazer uma daquelas *Loucas Sextas* de troca-troca e outras coisas com você, Ambrose. Apenas por um dia eu queria negociar com você e trocar de corpo. Eu não iria perder um segundo. Estaria batendo na porta de Rita. Surraria Becker algumas vezes, jogaria Rita em cima do meu ombro, e iria trepar até que nenhum de nós pudéssemos nos mover. Isso é o que eu faria.

— Rita? Você gosta de Rita?

— Eu amo Rita. Sempre amei. E ela está casada com um babaca, o que na verdade é reconfortante de uma forma muito egoísta. Se ela fosse casada com um cara agradável, um cara incrível e legal, eu seria mais miserável.

Ambrose encontrou-se a rir de novo. — Você é uma outra coisa, Bailey! Sua lógica não tem preço.

— É meio engraçado. Engraçado irônico, quero dizer. Fern sempre disse que Rita passou toda a sua vida sendo perseguida pelos rapazes. Por causa disso, nunca teve a chance de parar de correr o tempo suficiente para descobrir quem era e qual o tipo de cara que deveria deixar pegá-la. É meio irônico que Rita e eu sejamos amigos, já que nunca fui capaz de persegui-la. Talvez seja esse o ponto. Eu não poderia persegui-la, então ela nunca teve que correr.

Depois de um tempo, Ambrose recolheu Bailey em seus braços mais uma vez, e, juntos, desceram a colina do memorial, perdidos em seus próprios pensamentos de vida e morte e pontos.

Faça Algo Desaparecer

Tio Mike pareceu surpreso quando viu Fern escorregar para a sala de luta com Bailey no sábado à noite. Ele olhou duas vezes, então parecia confuso, e então olhou para Fern novamente, franzindo a testa um pouco.

Mas quando Ambrose notou-a sentada em uma esteira enrolada ao lado da cadeira de Bailey, sorriu, e seu sorriso desmanchou a carranca de tio Mike.

Bailey ficou paralisado e sem ação no centro da sala. Fern também, embora não pelas mesmas razões. Para Bailey era o cheiro dos tatames, o movimento, o lutador que poderia fazer um retorno. Para Fern era o cheiro do homem, os seus movimentos, o lutador que tinha finalmente voltado.

Bailey tinha ido ver algumas das sessões de luta entre seu pai e Ambrose nas últimas semanas, mas esta noite foi a primeira vez de Fern. Ela tentou não mastigar as unhas, um hábito que proibiu a si mesma, especialmente desde que as tinha pintado naquela manhã, e olhava, esperando que fosse realmente bom estar lá.

Ambrose estava pingando de suor. Sua camisa cinza estava encharcada no peito e nas costas, e ele esfregava sua cabeça nua com uma toalha de mão. Mike Sheen desafiou-o através de uma outra série de exercícios, incentivando, corrigindo, mas quando Ambrose caiu na esteira, no final do treino, a testa do treinador estava franzida e ele continuou mordendo o lábio, mastigando uma preocupação óbvia.

— Você precisa de um parceiro. Precisa de alguns caras para bater e para apanhar... treinar os golpes é uma coisa. Mas você tem que fazer uma luta ao vivo ou não vai voltar para a forma que você precisa estar no final...

não lutando dessa forma, de qualquer maneira.

— Lembra-se de quando Beans foi intoxicado com gás? Não pode competir até o meio da temporada de seu primeiro ano. Ele tinha estado no tatame, praticando com a equipe, mas não tinha lutado de verdade, e morreu sobre os dois primeiros adversários quando voltou. Inferno, Grant o derrotou no torneio Big East, e Grant nunca tinha prendido Beans antes. Lembra-se de como sentia cócegas?

As palavras do treinador Sheen ecoaram pela sala, a menção de Grant e Beans, a menção da morte em qualquer contexto, criava um eco estranho que se mantinha ricocheteando nas paredes. Ambrose endureceu, Bailey abaixou a cabeça, e Fern cedeu e roeu a unha. Mike Sheen percebeu o que dissera e passou a mão sobre seu cabelo cortado. Continuou como se as palavras não tivessem sido ditas.

— Nós vamos chamar uns caras aqui, Brose. Tenho um par de caras enormes do time colegial que você poderia trabalhar. Seria bom para eles e útil para você.

— Não. Não faça isso. — Ambrose balançou a cabeça, sua voz um estrondo baixo quando se levantou e começou a empurrar o seu equipamento em um saco de ginásio. — Eu não estou aqui para isso, treinador. Não quero que você pense que estou. Eu senti falta do tatame. Isto é tudo. Só senti falta. Mas não estou lutando... não mais.

O rosto de Mike Bailey Sheen caiu e ele suspirou ao lado de Fern. Fern apenas esperou, observando Ambrose, percebendo a maneira como suas mãos tremiam quando desamarrava os sapatos de wrestling, o jeito que ele tinha se afastado de seu antigo treinador para que ele pudesse ver a reação de Mike Sheen à sua recusa firme.

— Tudo bem —, disse o treinador Sheen suavemente. — Terminamos por hoje?

Ambrose balançou a cabeça, sem olhar para cima de seus sapatos, e Mike Sheen chocalhou as chaves no bolso. — Você vai para casa com Fern,

Bailey? — Disse ele a seu filho, observando a tristeza na postura de Bailey.

— Nós andaremos e rolaremos, pai —, Bailey brincou, tentando como sempre fazia aliviar uma situação desconfortável com humor. — Mas vou voltar para casa com você, se não se importa... você tem a van, certo?

— Vou levar Fern, — Ambrose falou mantendo o olhar em seus cadarços. Ele não se moveu de onde estava agachado com sua bolsa, e não olhou para as três pessoas que estavam todas voltadas para ele. Parecia tenso e ansioso para ser deixado em paz, e Fern perguntou-se por que queria que ela permanecesse para trás. Mas não disse nada, deixando que seu tio e Bailey saíssem sem ela.

— Certifique-se que as luzes estão apagadas e as portas trancadas, — Treinador Sheen disse em voz baixa, e segurou a porta aberta para Bailey.

Em seguida, a pesada porta se fechou e Fern e Ambrose estavam sozinhos.

Ambrose levou à boca uma garrafa de água, sua garganta trabalhando quando engoliu avidamente. Espirrou um pouco no rosto e na cabeça e limpou com a toalha, mas ainda não fez nenhum movimento para se levantar. Tirou a camisa molhada sobre a cabeça, pegando a parte de trás do pescoço com uma mão, puxando da maneira como sempre fazem os meninos e meninas nunca fazem. Ele não parou para deixá-la olhar para ele, embora seus olhos corressem sobre sua pele, tentando mergulhar em cada detalhe. Sair sem blusa não era a sua intenção, e uma camisa azul limpa substituiu a cinza suja quase que instantaneamente. Calçou seus sapatos de corrida e amarrou, mas ainda assim estava sentado, com os braços curvados em volta dos joelhos, a cabeça inclinada contra o clarão das luzes fluorescentes do teto.

— Você vai desligar a luz, Fern? — Sua voz era tão suave que não tinha certeza de que ela ouvira o que ele estava dizendo, mas ela virou-se e caminhou em direção à porta e para os interruptores de luz que estavam alinhados para a direita dele, esperando que ele a seguisse.

— Você vem? — Ela perguntou, sua mão pronta no interruptor.

— Só... desligue.

Fern fez o que ele pediu, e a sala de luta desapareceu diante de seus olhos, desaparecendo na escuridão. Fern parou, indecisa, sem saber se ele queria que ela o deixasse lá no escuro. Mas por que então tinha dito que iria levá-la para casa?

— Você quer que eu vá? Eu posso andar... não é tão longe.

— Fique. Por favor.

A porta bateu fechada e Fern estava ao lado dela, perguntando-se como iria encontrar seu caminho para ele. Ele estava agindo tão estranho, tão triste e distante. Mas queria que ela ficasse. Isso era o suficiente para Fern. Ela caminhou em direção ao meio da sala, colocando cuidadosamente um pé na frente do outro.

— Fern? — Disse ele só um pouco para a esquerda. Fern caiu de quatro e engatinhou em direção ao som de sua voz.

— Fern — Ele deve tê-la ouvido vir, porque sua voz era suave, mais afirmando do que perguntando. Ela parou e estendeu a mão, sentiu os dedos tocarem seu joelho levantado. Ele apertou seus dedos que deslizaram imediatamente e, em seguida, pôs a mão em seu braço, puxando-a para ele e para baixo no tatame, onde se estendeu a seu lado, o seu comprimento criando uma parede de calor no seu lado esquerdo.

Era uma sensação estranha, sentir seu toque no escuro. A sala de wrestling não tinha janelas, e a escuridão era absoluta. Seus sentidos foram aumentados por sua falta de visão, o som de sua respiração um tanto erótico e casto, porque ela não sabia o que viria a seguir, casto, porque ele estava simplesmente respirando, para dentro e para fora, uma vibração de calor contra sua bochecha. Então sua boca desceu e o calor tornou-se um fervor que queimou seus lábios entreabertos. E o calor tornou-se a pressão quando sua boca afundou na dela.

Ele beijou Fern como se estivesse se afogando, como se ela fosse o ar, como se ela fosse a terra sob seus pés, e talvez isso fosse simplesmente como beijava, como sempre tinha beijado, quando ele beijou quem beijou. Talvez esse fosse o jeito que tinha beijado Rita. Mas Fern só tinha sido beijada por Ambrose e não tinha nada a compará-lo, nenhuma análise ou informação do que foi era bom ou ruim, qualificado ou sem instrução. Tudo que sabia era que, quando Ambrose a beijava, a fazia se sentir como se estivesse implodindo, implodindo como uma daquelas demolições controladas onde o edifício simplesmente colapsa em um belo monte de escombros, perturbando nada nem ninguém ao seu redor.

Nada em torno de Fern entraria em colapso. O ginásio não explodiria em chamas, os tatames não iriam derreter debaixo dela, mas quando Ambrose terminasse com ela, seria uma pilha fumegante do que costumava ser Fern Taylor, tudo a mesma coisa, e não havia nenhuma maneira que ela pudesse voltar. Estaria inalteravelmente mudada, arruinada para qualquer outra pessoa. E sabia, tão certo como se tivesse sido beijada por mil homens.

Ela gemeu em sua boca, o suspiro arrancado da pequena besta com fome dentro dela que desejava rasgar sua roupa e afundar suas pequenas garras nele só para ter certeza que não estaria com fome por muito tempo, só para ter certeza de que ele era absolutamente real e absolutamente dela, mesmo que fosse apenas por este momento. Ela apertou-se contra ele, respirando o suor limpo, que se enroscava com o cheiro do algodão recém-lavado de sua camisa limpa. Lambeu e beijou o sal em sua pele, as ondulações de seu rosto cheio de cicatrizes um contraste com a linha lisa de sua mandíbula. E então, só assim, um pensamento deslizou em seu cérebro febril, uma lasca venenosa de dúvida envolta em um momento de verdade.

— Por que você só me beija no escuro? — Ela sussurrou, seus lábios pairando acima dele.

As mãos de Ambrose moviam inquietas, circulando seus quadris, deslizando para cima a curva de sua cintura fina, acariciando pelos lugares

que mais queria explorar, e Fern tremeu, abrangendo a necessidade de continuar e a necessidade de ser tranquilizada.

— Você está com medo que alguém vá nos ver? — Ela respirou, a cabeça caindo para seu peito, seu cabelo fazendo cócegas em sua boca e pescoço e se enrolando em torno seus braços.

Seu silêncio parecia gelo caindo pelas costas, e Fern o empurrou, afastando-se na escuridão.

— Fern? — Ele parecia perdido.

— Por que você só me beija no escuro? — Fern repetiu, sua voz pequena e apertada, como se estivesse tentando evitar que seus sentimentos vazassem em torno das palavras. — Você tem vergonha de ser visto comigo?

— Eu não te beijo só no escuro... beijo?

— Sim... você beija. — O silêncio de novo. Fern podia ouvir a respiração de Ambrose, ouvi-lo pensando. — Então, está? Envergonhado... Eu quero dizer.

— Não, Fern. Eu não tenho vergonha de ser visto com você. Tenho vergonha de ser visto —, Ambrose se engasgou, e suas mãos a encontraram no escuro mais uma vez.

— Por quê? — Ela sabia o porquê... mas não o disse. Não era verdade.

Sua mão encontrou sua mandíbula e seus dedos traçaram sua bochecha levemente, movendo-se ao longo de seu rosto, encontrando seus traços, parando em sua boca. Ela se afastou para não puxá-lo para dentro.

— Nem mesmo eu? — Ela repetiu. — Não quer que eu te veja?

— Eu não quero que você pense sobre como sou, quando eu te beijar.

— Você pensa como estou, quando você me beija?

— Sim. — Sua voz era rouca. — Eu penso sobre o seu cabelo longo vermelho e sua boca doce, e da forma como o seu pequeno corpo se parece

quando é pressionado contra mim, e só quero colocar minhas mãos em você. Em todos os lugares. E me esqueço que sou feio, sozinho e deformado como o inferno.

Chamas lamberam as laterais da barriga de Fern e ela engoliu em seco, tentando conter o vapor que se levantava, queimava sua garganta e encharcava o rosto no calor chocado. Ela tinha lido livros sobre homens que diziam coisas como essa para as mulheres que desejavam, mas não sabia que as pessoas realmente diziam essas coisas na vida real. Ela nunca pensou que alguém iria dizer essas coisas para ela.

— Você me faz sentir seguro, Fern. Você me faz esquecer. E quando eu te beijo, eu só quero continuar te beijando. Todo o resto desaparece. É a única paz que encontrei... desde que...

— Desde que o seu rosto ficou cheio de cicatrizes? — Ela terminou suavemente, ainda distraída pelas coisas que ele disse sobre sua boca, seu cabelo e seu corpo. Ainda corou com medo, ansiosa e relutante.

— Desde que os meus amigos morreram, Fern! — Ele gritou violentamente, uma bofetada verbal e Fern se encolheu. — Desde que os meus quatro melhores amigos morreram bem na minha frente! Eles morreram, eu vivi. Eles foram embora, eu estou aqui! Eu mereço esta cara! — Ambrose não estava gritando, mas sua angústia era ensurdecadora, como andar de trem através de um túnel, as reverberações que faziam doer a cabeça de Fern e seu coração gaguejar em seu peito. Sua profanação foi chocante, seu total desespero negro, mais chocante ainda. Fern queria correr para a porta e encontrar o interruptor de luz, terminando este confronto bizarro lutado no escuro. Mas estava desorientada e não queria correr para uma parede de tijolos.

— No escuro, com você, eu esqueço que o Beans não vai vir andando aqui e interromper-nos. Ele sempre trazia, furtivamente, meninas aqui. Eu esqueço que Grant não vai voar até a corda que está sem peso e que Jesse não vai tentar o seu mais difícil chute na minha bunda todo santo dia,

porque secretamente pensa que é melhor do que eu.

— Quando cheguei hoje, eu quase esperava encontrar Paulie dormindo aqui, enrolado no canto, em um cochilo nas esteiras de wrestling. Paulie nunca foi a qualquer outro lugar, quando vadiava. Se não estava em sala de aula, estava aqui, dormindo profundamente. — Um soluço, profundo e duro, agitou e rompeu o peito de Ambrose, como se tivesse crescido enferrujado com o tempo, esperando para ser liberado. Fern perguntou se Ambrose já tinha chorado. O som era doloroso para seu coração, desesperado, desolado. E Fern chorou com ele.

Ela estendeu a mão na direção do som de sua dor e seus dedos roçaram seus lábios. E então estava em seus braços novamente, seu peito no dele, suas bochechas molhadas pressionadas juntas, as lágrimas fundindo e escorrendo de seus pescoços. E lá se sentaram, confortando e sendo consolados, deixando a escuridão absorver sua tristeza e esconder sua dor, se não uns dos outros, pelo menos de sua vista.

— Este era o lugar onde eu era mais feliz. Aqui neste ginásio fedido com meus amigos. Nunca foi sobre os jogos. Nunca foi sobre os troféus. Era esta sala. Era a maneira que me sentia quando estava aqui. — Ambrose enterrou o rosto em seu pescoço e lutou com o discurso. — Eu não quero o técnico trazendo um monte de caras para substituí-los. Não quero ninguém nesta sala... ainda não... não quando estou aqui. Eu posso senti-los quando estou aqui, e dói como o inferno, mas é uma dor boa... porque eles não se foram realmente quando eu ainda posso ouvir as suas vozes. Quando posso sentir o que resta de nós nesta sala.

Fern o acariciou as costas e nos ombros, querendo curar, como o beijo de uma mãe para um joelho esfolado, uma bandagem a uma contusão. Mas isso não era o que queria, e ele levantou a cabeça, sua respiração fazendo cócegas em seus lábios, o nariz roçando os dela. E Fern sentiu o desejo afogar a tristeza.

— Me dê a sua boca, Fern. Por favor. Faça tudo ir embora.

Flutuando sobre o Lago Hannah

— Você vai ter que me ajudar a despir-me, você sabe, e não acho que Ambrose possa lidar com isso. A visão de meu corpo nu glorioso leva algum tempo para se acostumar.

Ambrose, Bailey e Fern estavam no lago Hannah. Tinha sido uma viagem espontânea, motivada pelo calor e o fato de que Fern e Ambrose ambos tinham o dia (e noite) de folga. Estacionaram em um drive-thru para pegar comidas e bebidas, mas não tinham voltado para casa para pegar suas roupas.

— Você não vai ficar nu, Bailey. Pare. Você está assustando Ambrose.

— Fern piscou para Ambrose e disse: — Você vai ter que me ajudar a levá-lo até a água, Ambrose. Nesse ponto eu posso segurá-lo sozinha.

— Ei! — Bailey interrompeu com indignação fingida. A risada de Fern descascou para fora e ela deu um tapinha no rosto de Bailey.

Ambrose ficou atrás de Bailey e enganchou-o sob os braços, levantando-o para que Fern pudesse deslizar as calças em torno de seus quadris e descesse até os pés.

— Tudo bem. Segure-o por um minuto.

Bailey parecia um homem velho e frágil, com uma barriguinha saliente. Ele bateu levemente em sua barriga com bom humor. — Este bebê pequeno me ajuda a flutuar. Ele também me impede de cair da minha cadeira de rodas.

— É verdade —, disse Fern, puxando os sapatos e meias de Bailey de seus pés. — Ele tem sorte que é gordinho. Ele dá a seu tronco algum apoio.

E realmente flutua. Basta assistir.

Fern atirou os sapatos de Bailey nitidamente para o lado e tirou os próprios tênis. Usava shorts e um top azul-turquesa e não fez nenhum movimento para removê-los, infelizmente. Ambrose desamarrou as chuteiras e abriu o zíper de seu jeans. Fern desviou o olhar, um tom rosado foi subindo por seu pescoço e em suas faces lisas.

Quando ele estava em pé, em suas boxers, pegou Bailey em seus braços sem dizer uma palavra e começou a caminhar em direção à água.

Fern empinou-se atrás dele, atirando instruções sobre como segurar Bailey, como soltá-lo ele para que ele não pendesse para frente e não fosse capaz de virar as costas.

— Fern. Eu cuido disso, mulher! — Disse Bailey quando Ambrose o soltou. Bailey balançou, quase em posição sentada, bunda para baixo, pés flutuando para cima, cabeça e ombros bem acima da superfície.

— Eu sou livre! —, ele gritou.

— Ele grita toda vez que está na água —, Fern deu uma risadinha. — Provavelmente se sente incrível. Flutuando sem ninguém segurar.

— Pipas ou balões? — Disse Ambrose suavemente, observando Bailey.

Flutuando sem ninguém segurar. Essas foram as mesmas palavras que ele usou quando Fern fez a pergunta há muito tempo. Que tolice que havia sido. Como poderia ser bom estar voando se não havia ninguém do outro lado da corda? Ou flutuando quando não havia ninguém para ajudá-lo a voltar à terra firme? Ambrose tentou flutuar, mas não conseguia manter as pernas e caíam como âncoras. Ele recorreu ao chão no fundo da água em vez disso e o simbolismo não lhe escapou.

Bailey cantou, — Muito músculo? Pobre Brosey. Bailey Sheen ganha nesta rodada, eu acho.

Fern tinha encontrado o ponto ideal e estava se concentrando em manter-se flutuando, as unhas dos pés cor-de-rosa, espreitavam acima da

superfície da água, com os olhos fixos nas nuvens.

— Você vê o Corvette? — Fern ergueu o braço para fora da água e apontou para um conglomerado fofo de nuvens. Ela imediatamente começou a afundar e Ambrose deslizou a mão sob suas costas antes que seu rosto deslizesse para baixo da água.

Bailey torceu o nariz, tentando encontrar um carro nas nuvens. Ambrose encontrou, mas pelo tempo já tinha mudado e parecia um pouco mais como um fusca.

— Eu vejo uma nuvem que se parece com o Sr. Hildy! — Bailey riu.

Ele não poderia apontar e Fern e Ambrose procuraram freneticamente, tentando pegar a cara antes que se dissolvesse em outra coisa.

— Hmmm. Eu vejo Homer Simpson, — Fern murmurou.

— Mais como Bart... ou talvez Marge —, disse Ambrose.

— É engraçado como todos nós vemos algo diferente —, disse Fern.

Todos olharam como a imagem agora mais suave, menos definida que flutuava para longe. Ambrose se lembrou de outro momento que flutuara de costas, olhando para o céu.

— *Por que você acha que Saddam tinha o rosto pregado em toda a cidade? Em todos os lugares que você olha você vê sua cara feia. Estátuas, cartazes, banners nos lugares mais loucos!* — Disse Paulie.

— *Porque ele é Suh Damn*[*{15}*](#) *bonito* —, disse Ambrose secamente.

— *É para intimidar e controlar a mente do povo. — Grant, sempre o estudioso, cheio de respostas. — Ele queria fazer-se parecer semelhante a Deus para que pudesse mais facilmente controlar a população. Você acha que essas pessoas temem mais a Deus ou Saddam?*

— *Você quer dizer Allah,* — Paulie corrigida suavemente.

— *Certo. Allah. Saddam queria que as pessoas pensassem que ele e Allah*

eram um só —, disse Grant.

— O que você acha que Saddam pensaria se nos visse nadando em sua piscina agora? E devo dizer, é uma piscina Suh Damn{16}, Jesse estava na parte funda, braços abertos sobre a superfície da água, olhando para a fonte ornamentada com aros do outro lado da piscina.

— Ele não se importaria. Ele é Suh Damn{17} generoso, ele nos convidaria a voltar sempre que quisermos —, disse Ambrose. As piadas Suh Damn vinham acontecendo há dias.

Toda a sua unidade fora nadar na enorme piscina ao ar livre localizada no Palácio Republicano, agora nas mãos dos Estados Unidos. Foi um raro prazer estar molhado e confortável, e os meninos de Pensilvânia só poderiam estar mais felizes se realmente voltassem para casa em seu próprio lago em Hannah, ladeado de árvores e pedras em vez de fontes ornamentais, palmeiras e construções abobadadas.

— Eu acho que Saddam exigiria que beijássemos seus anéis e, em seguida, iria cortar nossas línguas, — Beans falou.

— Eu não sei, Beans, com você talvez isso pudesse ser improvisado — disse Jesse. Beans lançou-se para o amigo e seguiu-se uma rodada de luta livre na água. Ambrose, Paulie, e Grant riram e os provocavam, mas eles eram todos muito gratos pelo indulto molhado para desperdiçá-lo, juntando-se na brincadeira. Em vez disso, flutuavam, olhando para o céu, que não parecia muito diferente do que o céu sobre Hannah Lake.

— Eu vi o rosto de Saddam tanto que posso vê-lo quando fecho meus olhos, como se estivesse queimado em minhas retinas, — Paulie reclamou.

— Fique feliz que o técnico Sheen não use os mesmos métodos de intimidação durante a temporada de wrestling. Você pode imaginar? Rosto do treinador Sheen em todos os lugares que olharmos, os olhos brilhando para nós? — Grant riu.

— É estranho, quando tento realmente imaginar seu rosto, ou o rosto de

alguém, não posso. Tento puxar os detalhes, você sabe, e... Eu não posso. Não faz muito tempo. Nós só estamos fora desde março —, disse Ambrose, balançando a cabeça para a irreabilidade de tudo.

— Os meses mais longos da minha vida. — Paulie suspirou.

— Você não pode imaginar o rosto de Rita... mas eu aposto que você pode imagina-la nua certo? — Beans, tinha parado de lutar por causa do comentário de Jesse sobre sua língua, e ele foi conversar ofensivamente mais uma vez.

— Eu nunca vi Rita nua —, disse Ambrose, não se importando se seus amigos acreditariam nele ou não.

— Oh, que seja! — Disse Jesse em descrença.

— Eu não sabia. Só saímos por cerca de um mês.

— Isso é muito tempo! — Disse Beans.

— Alguém mais sente cheiro de bacon? — Paulie cheirou o ar, lembrando Beans que estava sendo um porco de novo. Beans jogou água em seu rosto, mas não atacou. A menção de bacon tinha feito os estômagos de todos rosnares.

Com um último olhar para o céu, os cinco saíram da piscina imponente e pingaram o seu caminho para as suas fardas empilhadas. Não havia nuvens no céu, sem rostos para encontrar, uma tela em branco, nada para preencher os buracos na memória de Ambrose. Espontaneamente, um rosto surgiu em sua mente. Fern Taylor, o queixo inclinado, os olhos fechados, os cílios molhados grossos em seu rosto sardento. A boca cor-de-rosa suave, machucada e trêmula. A forma como se comportou quando ele a beijou.

— Alguma vez você já olhou para uma pintura até as cores borrarem e você não pode dizer para o que você está olhando mais? Não há nenhuma forma, rosto ou cor, apenas redemoinhos de tinta? — Fern falou de novo, e Ambrose deixou seus olhos descansarem no rosto que outrora encheu sua memória em um lugar distante, um lugar que a maioria dos dias, ele

preferiria esquecer.

Bailey e Ambrose estavam em silêncio, encontrando novas caras nas nuvens.

— Eu acho que as pessoas são assim. Quando você realmente olhar para elas, você para de ver um nariz perfeito ou dentes retos. Você para de ver a cicatriz da acne ou a covinha no queixo. Essas coisas começam a se confundir, e de repente você os vê, as cores, a vida dentro da casca, e a beleza assume um significado totalmente novo. — Fern não desviou o olhar do céu enquanto falava, e Ambrose deixou seus olhos permanecem em seu perfil. Ela não estava falando sobre ele. Ela estava apenas sendo atenciosa, ponderando ironias da vida. Estava apenas sendo Fern.

— Isso funciona nos dois sentidos, no entanto, — Bailey contribuiu.

— Feio é mais feio. Becker não é feio por causa da maneira como se parece. Assim como eu não sou devastadoramente bonito por causa do jeito que sou.

— Então é verdade, meu amigo flutuante. Então é verdade —, disse Fern séria. Ambrose mordeu a língua para não rir. Eles eram tão idiotas.

Um par estranho. E ele teve uma súbita vontade de chorar. Mais uma vez.

Estava se transformando em uma daquelas mulheres de cinquenta anos de idade, que gostavam de fotos de gatinhos com provérbios inspirados impressos neles. O tipo de mulher que chorava durante os comerciais de cerveja. Fern e ele tinham se transformado em uma bagunça chorando. E ele era louco por ela. E seu amigo flutuante também.

— O que aconteceu com seu rosto, Brosey? — Bailey perguntou alegremente, alternando temas do jeito que sempre fazia, sem aviso prévio.

Ok, talvez Ambrose não fosse louco sobre o amigo flutuante.

— Ele ficou estourado —, Ambrose respondeu secamente.

— Literalmente? Quer dizer, eu quero detalhes. Você fez um monte de

cirurgias, certo? O que eles fizeram?

— O lado direito da minha cabeça estava cheio de farpas de metal, incluindo o meu ouvido direito.

— Bem, isso é bom, certo? Quero dizer você tinha uma orelha de couve-flor, se bem me lembro.

Ambrose riu, sacudindo a cabeça com a audácia de Bailey. Orelha de couve-flor é o que acontecia com as orelhas dos lutadores quando não usavam o seu capacete. Ambrose nunca tinha tido orelha de couve-flor, mas apreciava o humor de Bailey.

— Esta é uma prótese de orelha.

— De jeito nenhum! Deixe-me ver! — Bailey balançava freneticamente e Ambrose o firmou antes que afundasse de cara na água.

Ambrose puxou a orelha protética dos ímãs que a mantinham no lugar, e Fern e Bailey engasgaram em uníssono: — Legal!

Isso. Idiotas. Mas Ambrose não podia negar que estava aliviado com a resposta de Fern. Tinha-lhe dado todos os motivos para fugir dele, gritado.

O fato de que ela nem sequer pestanejou, aliviou algo em seu peito. Ele inalou, apreciando a sensação de respirar mais fundo.

— É por isso que seu cabelo não vai crescer? — Foi a vez de Fern ser curiosa.

— Sim. Muito tecido cicatricial desse lado. Muitos enxertos. Há uma placa de aço no lado da minha cabeça que molda a minha bochecha e meu queixo. A pele do meu rosto foi arrancada aqui e aqui —, Ambrose indicava as longas cicatrizes que cruzavam seu rosto. — Eles foram realmente capazes de colocá-lo de volta, mas eu fiquei com um monte de estilhaços no rosto atrás do pedaço maior ao lado da minha cabeça. A pele que colocaram de volta era como queijo suíço e eu tinha estilhaços enterrados no tecido mole do meu rosto. É por isso que a pele é tão irregular e esburacada. Alguns dos estilhaços ainda estão trabalhando o seu caminho para fora.

— E o seu olho?

— Eu tenho um grande pedaço de estilhaço no meu olho, também.

Eles salvaram o globo ocular, mas não a minha visão.

— Uma placa de metal na sua cabeça? Isso é muito intenso. — Os olhos de Bailey estavam arregalados.

— Sim. Apenas me chame de O Homem de Lata —, disse Ambrose suavemente, com a lembrança de velhos apelidos a dor retornou, tornando difícil respirar novamente.

— O Homem de Lata, hein? — Disse Bailey. — Você *está* muito enferrujado. Aquela perna-dupla ontem foi PA-TÉ-TI-CA.

A mão de Fern escorregou para Ambrose e seus pés encontraram o fundo rochoso do seu próprio lado. E, assim a lembrança se perdeu. Ele deslizou o braço ao redor da cintura dela e puxou-a para si, não se importando se Bailey estava sacaneando. Talvez o Homem de Lata estivesse voltando à vida. Talvez tivesse um coração, afinal.

Eles nadaram por de cerca de uma hora, Bailey flutuando alegremente, Fern e Ambrose remando em torno dele, rindo e espirrando água até Bailey alegar que estava se transformando em uma uva passa. Então Ambrose levou Bailey para sua cadeira e Fern e Ambrose o colocaram sobre as rochas, deixando o sol secar suas roupas. Fern era a mais cansada e definitivamente a mais molhada, seus ombros e nariz começavam a mostrar sinais de queimaduras solares, as costas de suas coxas pálidas virando um rosa suave. Seu cabelo seco em profundos cachos vermelhos, caindo pelas costas e em seus olhos quando sorriu para ele, sonolenta, meio dormindo na grande rocha quente. Ele sentiu uma estranha sensação de queda no peito e levantou a mão para esfregar o local logo acima do coração, como se pudesse acalmar o sentimento e enviá-lo para longe. Estava acontecendo mais e mais vezes quando estava perto dela.

— Brose? — A voz de Bailey cortou seu devaneio.

— Sim?

— Eu tenho que ir ao banheiro —, Bailey informou.

Ambrose congelou, as implicações claras.

— Então você pode me levar para casa pronto, ou você pode me acompanhar até a floresta. — Bailey apontou para as árvores ao redor de Hannah Lake. — Eu espero que você tenha trazido papel higiênico. Mas de qualquer forma, você vai ter que parar de olhar para Fern como se quisesse devorá-la, porque está me fazendo ficar com fome, e eu não posso ser responsável por meu comportamento quando estou com fome e preciso usar o banheiro.

E foi assim que o clima foi quebrado.

Invente uma Máquina do Tempo

22 de novembro de 2003

Cara Marley,

Eu nunca lhe escrevi um bilhete de amor, né? Você sabia que Ambrose escreveu cartas de amor no último ano para Rita Marsden apenas para descobrir que Rita não era quem estava escrevendo? Era Fern Taylor, a ruivinha que saía com o filho do treinador Bailey. No início, Paulie deu a Ambrose a ideia de usar a poesia, mas eu realmente acho que Ambrose estava se divertindo até Rita o abandonar e lhe dizer que tinha sido Fern o tempo todo. Ambrose não mostrou muita emoção, mas estava muito chateado. Nós brincamos com ele sobre Fern Taylor pelo resto do ano. O pensamento de Ambrose com Fern era muito engraçado. Ele achava que não. Ele ainda fica bem quieto, se sequer mencionarmos o nome dela. Isso me fez pensar que nunca fui muito bom em me comunicar, e lembrei que algumas pessoas mandam cartas.

Nós estivemos em rotação, guardando alguns presos antes de serem transferidos para fora de Bagdá. Às vezes, leva algumas semanas antes de ter um lugar para enviá-los. É incrível a maneira que os prisioneiros iraquianos usam para se comunicar uns com os outros. Eles fazem argila misturando seu cai (chá) de terra e areia. Então escrevem pequenas mensagens em pedaços de guardanapo ou pano e os colocam dentro de uma bola de barro (nós os chamamos de rochas chai) e deixam secar. Em seguida, atiraram as pedras chai que fizeram em diferentes celas quando os guardas não estão olhando. Eu não conseguia pensar em nada para escrever hoje, e isso me fez pensar: se eu só tivesse um pedacinho de papel para te dizer como me sinto, o que diria?

Eu amo você parece meio sem originalidade. Mas eu amo. Eu te amo, e eu amo Jesse mesmo que não o conheça. Eu não posso esperar para voltar para casa e ser um homem melhor, porque acho que posso ser, e prometo que vou tentar. Então aqui está o seu primeiro bilhete oficial de amor. Espero que vocês gostem. Grant fez com que eu usasse boa gramática e revisou tudo. Vale a pena ter amigos inteligentes.

Com amor,

Jesse

Ambrose estava do lado de fora da casa de Fern e se perguntava como iria entrar. Ele poderia jogar pedras em sua janela, ela era a única no térreo, no lado esquerdo traseiro. Poderia fazer uma serenata e acordar a vizinhança... e seus pais, o que não iria ajudá-lo a entrar também. E realmente queria entrar. Era uma da manhã, e, infelizmente, as horas na padaria tinham estragado seu sono, tornando impossível descansar nas noites que não trabalhava. Ele não dormia bem de qualquer maneira - nunca. Não desde o que tinha visto no Iraque. Seu psiquiatra disse-lhe que pesadelos eram normais. Ela disse que ele tinha Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Não brinca, Sherlock.

Mas era a necessidade de ver Fern que estava mexendo com a sua capacidade de dormir esta noite. Fazia horas desde que ela o deixara e levara Bailey para casa. Apenas algumas horas. Mas sentia falta dela.

Ele pegou seu telefone, uma opção muito mais lógica de que se comunicar do que atirar pedras ou dar uma de Romeu cantante.

Você está acordada? Ele mandou uma mensagem, esperando, rezando que o telefone dela estivesse ao lado da cama.

Ele esperou apenas vinte segundos antes de seu celular vibrar em resposta.

Sim.

Posso vê-la?

Sim. Onde você está?

Aqui fora.

Do lado de fora da minha casa?

É.

Você pirou?

Já me disseram que eu sou assustador. Eu até pensei em subir através de sua janela, mas monstros supostamente vivem sob a cama ou em armários.

Brincar sobre seu rosto era muito mais fácil agora. Fern tinha tornado isso mais fácil. Ela não respondeu a sua última mensagem, mas a sua luz, de repente, acendeu. Um par de minutos se passaram e Ambrose se perguntou se ela estava fazendo-se apresentável. Talvez dormisse sem nada. Droga. Deveria ter se infiltrado através da janela.

Segundos depois, a cabeça apareceu fora da janela e ela acenou-lhe, rindo, enquanto segurava a persiana para fora do caminho para que ele pudesse passar pela abertura estreita, de pé ao seu lado quando encontrou seus pés e se endireitou, enchendo seu quarto com seus ombros e sua altura. As cobertas em sua cama foram arremessadas para trás e um buraco no contorno de sua cabeça achatava ainda o centro de seu travesseiro. Fern saltou na ponta dos pés, como se estivesse muito feliz em vê-lo e seu cabelo saltou com ela, eles caíam pelas costas e ao redor de seus ombros, dançando contra a parte superior do top laranja brilhante que combinava com um bermudão em cores incompatíveis que a faziam parecer um palhaço no carnaval em um estado de nudez.

Palhaços no carnaval nunca o tinham deixado sem fôlego antes, então por que estava com pouco ar, desesperado para segurá-la? Ele encheu os pulmões e estendeu a mão para cumprimentá-la, curvado seus dedos nos dela e puxando-a para si.

— Eu sempre sonhei que um cara quente viria através da minha janela

—, Fern sussurrou teatralmente, aconchegando-se ao lado dele e envolvendo seus braços ao redor de sua cintura como se não pudesse acreditar que ele fosse real.

— Bailey me disse. — Ambrose sussurrou de volta.

— O quê? Isso de esgueirar! Ele quebrou o código do melhor amigo de não revelar fantasias secretas! Agora estou envergonhada. — Fern suspirou exageradamente, não realmente soando embaraçada.

— Você poderia ter usado a porta da frente —, Fern murmurou depois de um longo silêncio. Ela ficou na ponta dos pés e beijou seu pescoço e, em seguida e o queixo, o que foi até onde ela podia chegar.

— Eu tinha vontade de subir através de sua janela. Nunca tive um bom motivo. Além disso, pensei que era um pouco tarde demais para bater em sua porta. E queria te ver.

— Você já me viu hoje, no lago. E tenho uma queimadura de sol para mostrar.

— Eu queria vê-la novamente —, Ambrose sussurrou. — Eu não consigo ficar longe.

Fern corou, o prazer de suas palavras caindo sobre ela como chuva quente. Ela queria estar com ele a cada minuto, e ver que ele podia sentir o mesmo era alucinante.

— Você deve estar exausto —, disse ela, sempre educada, ela puxou-o para sua cama e pediu-lhe para se sentar.

— Noites de trabalho na padaria fazem isso. Não consigo dormir, mesmo em minhas noites de folga, — Ambrose admitiu. Não falou sobre os pesadelos que as tornavam ainda mais difíceis. Depois de um breve silêncio, acrescentou: — Preocupada ao compartilhar mais algumas fantasias enquanto você me tem aqui? Talvez me amarrar a sua cama?

Fern deu uma risadinha, — Ambrose Young. Na minha cama? Eu não acho que minhas fantasias podem superar isso.

Os olhos de Ambrose eram quentes em seu rosto enquanto a estudava nas sombras de sua pequena lâmpada de cabeceira. — Por que você sempre diz o meu nome completo? Você sempre me chama de Ambrose Young.

Fern Pensou por um momento, deixando seus olhos fechados enquanto ele desenhava círculos em suas costas com dedos gentis. — Porque você sempre foi Ambrose Young para mim... não Ambrose, não Brose, não Brosey. Ambrose Young. Superestrela, o último biscoito do pacote. Como um ator. Eu não chamo Tom Cruise pelo seu primeiro nome também. Eu o chamo de Tom Cruise. Will Smith, Bruce Willis. Para mim, você sempre foi dessa turma.

Era a coisa Hércules novamente. Fern olhou para ele como se pudesse matar dragões e lutar com leões, e de alguma forma, mesmo com o seu orgulho esfarrapado, a sua velha imagem derrubada, como as estátuas derrubadas de Saddam Hussein, ela não tinha mudado.

— Por que seus pais te deram o nome de Ambrose? — Ela perguntou em voz baixa, embalado pelos seus dedos a acariciando.

— Ambrose é o nome do meu pai biológico. Foi a maneira da minha mãe de tentar fazer com que ele me reconhecesse.

— O modelo de roupa íntima? — Perguntou Fern fôlego.

Ambrose gemeu. — Eu nunca vou viver isso. É. Ele era modelo. E minha mãe nunca me falou sobre ele, embora tivesse um homem como Elliott, que pensava que ela andava sobre as águas e teria feito qualquer coisa para fazê-la feliz, mesmo se casar com ela quando estava grávida de mim. Mesmo assim me deu o nome em homenagem ao Homem-Cueca.

Fern deu uma risadinha. — Isso não parece incomodá-lo.

— Não. Isso não incomoda. Minha mãe me deu Elliott. Ele tem sido o melhor pai que uma criança poderia ter.

— É por isso que você ficou quando ela saiu?

— Eu amo a minha mãe, mas ela está perdida. Não queria me perder com ela. Pessoas como Elliott não são sempre encontradas. Mesmo quando o mundo cai em torno de suas orelhas ele sabe exatamente quem é. Ele sempre me fez sentir seguro. — Fern era como Elliott, dessa forma, Ambrose percebeu repentinamente. Ela era um porto seguro, sólido, um refúgio.

— Eu tenho o nome da menina do livro *A Menina e o Porquinho* —, disse Fern. — Você conhece a história, certo? A menina, Fern, salva o porquinho de ser morto porque ele é um nanico. Bailey diz que meus pais deveriam ter me chamado Wilbur, porque eu era um pouco pequena. Ele até me chamava Wilbur quando realmente queria me incomodar. Eu disse à minha mãe que eles deveriam ter me chamado Charlotte, a aranha. Pensei que Charlotte era um nome bonito. E Charlotte era tão sábia e bondosa. Além disso, Charlotte era o nome de uma Belle do Sul, em um dos meus romances favoritos.

— Grant teve uma vaca chamada Charlotte. Eu gosto do nome Fern.

Fern sorriu. — Bailey foi nomeado devido a George Bailey, que teve uma vida maravilhosa. Angie adora esse filme. Você deve ouvir Jimmy Stewart imitando Bailey. É hilário.

— Falando de nomes e romances favoritos de todos os tempos, Bailey me disse que escreve sob um pseudônimo. Eu tenho estado muito curioso sobre isso.

Fern gemeu alto. Ela sacudiu o punho em direção a casa de Bailey. — Maldita seja sua boca grande, Bailey Sheen. — Ela olhou para Ambrose com trepidação. — Você vai pensar que sou uma perseguidora. Que sou totalmente obcecada. Mas você tem que lembrar que eu criei esse álter ego quando tinha dezesseis anos e eu estava um pouco obcecada. Ok, eu ainda sou um pouco obcecada.

— Com o quê? — Ambrose estava confuso.

— Com você —, a resposta de Fern foi abafada quando ela enterrou a

testa no peito dele, mas Ambrose ainda a ouviu. Ele riu e forçou-lhe o queixo para que pudesse ver seu rosto. — Eu ainda não entendo o que isso tem a ver com o seu codinome.

Fern suspirou. — É Amber Rose.

— Ambrose?

— Amber Rose, — corrigiu Fern.

— Amber Rose? — Ambrose balbuciou.

— Sim —, disse Fern de uma forma muito, muito baixinha. E Ambrose riu por muito, muito tempo. E quando sua risada retumbou a uma parada, ele pressionou Fern de volta contra os travesseiros e beijou sua boca suavemente, esperando que ela respondesse, não querendo tomar o que não queria dar, não querendo se mover mais rápido do que ela estava pronta. Mas Fern pressionou de volta ardentemente, abrindo a boca, suas mãos pequenas, deslizando por baixo da camisa para traçar os contornos de seu abdômen, fazendo-o gemer de desejo por uma cama maior. Seu gemido disparou sua própria resposta, e ela puxou a camisa sobre a cabeça sem perder uma batida, ansiosa como sempre de estar o mais próxima possível dele. Seu ardor tinha Ambrose perdendo-se em seu perfume, seus lábios macios e suaves suspiros, até que bateu a cabeça contra sua cabeceira, derrubando um pouco de senso de volta em seu cérebro bêbado de amor. Ele ficou de pé, agarrando sua camisa do chão.

— Eu tenho que ir, Fern. Eu não quero o seu pai me pegando no quarto de sua filha, na cama de sua filha, com a minha camisa no chão. Ele vai me matar. E seu tio, meu ex-treinador, iria ajudá-lo. Eu ainda tenho medo do treinador Sheen, mesmo que eu tenha o dobro do seu tamanho.

Fern choramingou em protesto e estendeu a mão para ele, agarrando-o pelo cinto curvado para puxá-lo de volta. Ele riu e tropeçou, chegando a firmar-se na parede de seu quarto, e sua mão roçou uma tachinha, do tipo que tem um pino, batendo-o solto. O alfinete caiu em algum lugar atrás da cama de Fern e Ambrose agarrou o papel, para que não caísse também. Ele

olhou para a folha e sua mente devorou as palavras antes que tivesse a chance de perguntar se era algo que não deveria ver.

Se Deus fez todos os nossos rostos, ele riu quando ele me fez?

Ele fez as pernas que não podem andar e olhos que não pode ver?

Será que ele enrolou o cabelo em cima de minha cabeça até que eles se tornassem selvagens?

Será que ele fecha os ouvidos do surdo para torná-lo mais dependente?

O jeito que sou é coincidência ou apenas uma reviravolta do destino?

Se ele me fez assim, está tudo bem culpá-lo pelas coisas que eu odeio?

Pelas sardas que parecem piorar a cada vez que vejo um espelho,

Pela feiura que eu vejo em mim, pelo ódio e o medo.

Será que Ele nos esculpiu para o seu prazer, ou por uma razão que eu não posso ver?

Se Deus fez todos os rostos, ele riu quando me fez?

Ambrose leu as palavras mais uma vez em silêncio, e sentiu um aumento na onda de emoção. Foi uma onda de compreensão e de ser compreendido. Estas palavras eram seus sentimentos. Ele nunca sequer imaginou, e eram dela também. E o seu coração doía por ela.

— Ambrose?

— O que é isso, Fern? — Ele sussurrou, segurando o poema para ela.

Ela olhou para ele nervosamente, desconfortavelmente, sua expressão perturbada.

— Eu escrevi. Há muito tempo atrás.

— Quando?

— Depois do baile de formatura. Você se lembra daquela noite? Eu estava lá com Bailey. Ele pediu a todos para dançar comigo. Um dos momentos mais embaraçosos da minha vida, mas seu coração estava no

lugar certo. — Um sorriso pálido levantou os cantos da boca de Fern.

Ambrose lembrava. Fern tinha mudado bastante, estava à beira de bela e o tinha confundido. Ele não tinha pedido a ela para dançar. Recusou-se a pedir-lhe para dançar. Até se afastou de Bailey quando Bailey tinha feito o pedido.

— Eu machuquei você, não foi Fern?

Fern encolheu os ombros magros e sorriu, mas o sorriso era vacilante e seus olhos tinham ficado brilhantes. Ainda assim, depois de mais de três anos, era fácil ver a que a lembrança doía.

— Eu te machuquei —, ele repetiu, remorso e compreensão colorindo sua voz com pesar.

Fern estendeu a mão e tocou seu rosto cheio de cicatrizes. — Você simplesmente não me viu, isso é tudo.

— Eu estava muito cego, então. — Ele tocou uma onda que enrolava contra sua testa.

— Na verdade... você é meio cego agora —, Fern brincou calmamente, procurando aliviar a sua culpa com brincadeira. — Talvez seja por isso que você gosta de mim.

Ela estava certa. Ele estava parcialmente cego, mas, apesar disso, talvez por causa disso, ele estava vendo as coisas de forma mais claras do que ele já tinha visto antes.

Faça uma Tatuagem

Iraque

— Deixe-me ver sua tatuagem, Jess, — Beans adulou, curvando seu braço ao redor do pescoço de seu amigo e apertando um pouco mais do que poderia ser considerado como afetuoso. Jesse tinha passado um pouco do seu tempo de folga naquela manhã com um médico que fazia tatuagens, mas tinha havia ficado silêncio sobre o resultado, mais sombrio do que o habitual.

— Cale a boca, Beans. Por que você tem que saber todas as coisas, maldição? Você está sempre se metendo com minhas coisas —, disse Jesse, empurrando o amigo que tinha a intenção de ver o que estava escrito no peito de Jesse.

— É porque eu te amo. É por isso. Eu só tenho que ter certeza que você não fez alguma coisa estúpida que vai se arrepender. É um unicórnio? Ou uma borboleta? Você não tatuou o nome de Marley enrolado em torno de uma rosa, não é? Ela pode não estar interessada quando você chegar em casa, cara. Ela pode estar pendurada em algum outro macho. É melhor não colocar o nome dela em sua pele.

Jesse xingou e empurrou Beans, batendo o soldado menor no chão. Beans em um flash mostrou seu temperamento, sua série de obscenidades mais quentes, e Grant, Ambrose e Paulie se apressaram para chegar entre os dois. O calor estava fazendo todos eles loucos. Acrescentando a tensão que nunca diminuía, era incrível que não tivessem brigado um com o outro antes.

— Eu tenho um filho! Eu tenho um menino! Um bebê novo, que nunca vi, e Marley é a sua mãe! Portanto, não se fala nada sobre a mãe do meu bebê, idiota, ou eu vou bater em você e cuspir em sua bunda quando eu terminar.

Beans imediatamente parou de tentar dar um golpe contra Jesse, e a raiva drenou de seu rosto tão rapidamente como tinha chegado. Ambrose o deixou ir imediatamente, reconhecendo que o perigo havia passado.

— Jess, cara. Sinto muito. Eu só estava brincando. — Beans descansou as mãos segurando a cabeça e virou-se, amaldiçoando-se neste momento. Virou-se para trás, com uma expressão pesada de remorso. — É uma merda, cara. Estar aqui quando você deveria estar em casa. Sinto muito. Acabei falando demais, caramba.

Jesse deu de ombros, mas sua garganta trabalhou rapidamente como se estivesse tentando engolir uma pílula especialmente amarga, e se não estivesse usando proteção para os olhos, assim como tudo o que usavam, ele poderia não ter sido capaz de esconder a umidade em seus olhos que ameaçava derramar e tornar a situação ainda mais difícil para todos eles. Sem dizer uma palavra, ele começou a remover seu equipamento, seus dedos seguros e rápidos. Era algo que eles faziam várias vezes ao dia, algo que usavam cada vez que deixavam a base, e era tão familiar para os dedos como amarrar os sapatos.

Ele levantou o equipamento de seu peito e atirou-o ao chão. Em seguida, soltou a aba de velcro em sua camisa e abriu o zíper, deixando-a entreaberta quando puxou sua camiseta fora de sua cintura e empurrou-a para cima, expondo seu peito esculpido, negro, o abdômen bem desenvolvido. Jesse era tão bonito quanto Ambrose, que ressaltava continuamente. Lá, em seu peito esquerdo, escrito em seu coração, em estêncil preto cuidadoso, estavam as palavras:

Meu Filho

Jesse Davis Jordan

08 de maio de 2003

Ele segurou a camisa cáqui enrolada em seu punho, logo abaixo do queixo por alguns segundos, deixando seus amigos olharem para a nova tatuagem que tinha sido relutante em compartilhar. Então, sem comentar,

puxou a camisa para baixo, fechou, enfiou-a para dentro, e puxou sua armadura de volta.

— Isso é legal, Jess, — Beans sussurrou, sua voz oca e eviscerada como se tivesse levado um tiro no peito. Todo mundo estava balançando a cabeça, mas ninguém podia falar. Eles estavam todos lutando contra a emoção do momento, sabendo que nada que pudessem dizer faria Jesse se sentir melhor. Ou Beans, nesse momento. Eles retomaram a caminhada de volta à base, em silêncio.

Paulie caiu em sintonia com Jesse e atirou o braço em volta dos ombros. Jesse não se encolheu como tinha feito há pouco com Beans. Então, com as palavras girando em torno deles no calor do deserto cintilante, Paulie começou a cantar.

Eu escrevi seu nome em meu coração

Então eu não iria esquecer.

A maneira que eu me senti quando você nasceu

Antes que tínhamos sequer nos conhecido

Eu escrevi seu nome em meu coração

Portanto, o seu coração bate com o meu

E quanto mais eu sinto sua falta, mais eu traço

Cada volta e cada linha

Eu escrevi seu nome em meu coração,

Assim nós poderíamos estar juntos

Assim eu poderia segurar você perto de mim

E mantê-lo lá para sempre.

As palavras pairaram no ar quando Paulie acabou. Se alguém tivesse tentado a cantar, não teria funcionado. Mas Paulie tinha um coração manso e uma forma de comunicar que todos tinham se acostumado. O fato de que

ele havia se expressado em uma canção para confortar seu amigo, não intimidou nenhum deles.

— Você escreveu isso, Paulie? — Grant sussurrou, e houve um tremor em sua voz que todos perceberam e ignoraram.

— Não. Apenas uma velha canção popular que minha mãe costumava cantar. Eu nem me lembro o grupo que cantava. Eles tinham cabelo hippie e usavam meias com as suas sandálias. Mas eu sempre gostei da música. Mudei o primeiro verso um pouco, para Jesse.

Eles caminharam em silêncio mais um pouco até que Ambrose começou a cantarolar a melodia e Jesse pediu, — Cante-o novamente, Paulie.



— Que tipo de tatuagem que eu deveria ter? Quero dizer, realmente?

A palavra mãe dentro de um coração? Isso seria patético. Eu não consigo pensar em uma coisa que fosse legal sem ser ridículo para um cara numa cadeira de rodas —, Bailey reclamou.

Os três - Ambrose, Bailey e Fern - estavam a caminho de Seely, um estúdio de tatuagem chamado O Tanque de Tinta. Bailey tinha implorado a

Fern para levá-lo para fazer uma tatuagem desde que tinha 18 anos de idade, e trouxe o assunto novamente há alguns dias no lago. Quando Ambrose disse que iria, Fern estava em desvantagem oficialmente. Agora, ela estava ao volante, a motorista da rodada, como de costume.

— Ei, você poderia começar um clube, Brosey, como Hércules. Isso seria legal, — Bailey sugeriu.

Ambrose suspirou. Hércules estava morto, e Bailey só ficava tentando trazê-lo de volta à vida.

— Bailey, você poderá fazer um S, do Super-Man, S dentro de um escudo. Lembra o quanto você amava o Super-Man? — Fern animou-se com a lembrança.

— Eu teria pensado que era o Homem-Aranha —, disse Ambrose, lembrando o escândalo que Bailey tinha feito sobre a aranha morta quando tinham dez anos.

— Eu desisti de veneno de aranha muito rapidamente —, disse Bailey.

— Percebi que provavelmente tinha sido mordido por um milhão de mosquitos, por isso os insetos provavelmente não eram a resposta. Quando veneno da aranha perdeu seu apelo, eu abandonei o Homem-Aranha e fixei no Super-Man.

— Ele se convenceu que sua distrofia muscular era um resultado direto de ser exposto a kryptonita. Ele fez sua mãe fazer uma capa vermelha comprida, com um grande S na parte de trás. — Fern riu e Bailey bufou.

— Eu vou ser enterrado naquela capa. Eu ainda a tenho. Essa coisa é incrível.

— E quanto a você, Fern? Mulher Maravilha? — Ambrose brincou.

— Fern decidiu que super-heróis não eram para ela —, disse Bailey na parte de trás. — Ela decidiu que seria apenas uma fada porque gostava da opção de voar sem a responsabilidade de salvar o mundo. Ela fez um par de asas de papelão, cobriu com brilho, e montou algumas tiras de fita adesiva para que pudesse usar as asas em torno de suas costas como uma mochila.

Fern deu de ombros. — Infelizmente, eu não tenho as asas mais. Eu usaria essas coisas até a morte.

Ambrose estava tranquilo, as palavras de Bailey ressoando em sua cabeça. *Ela gostava da opção de voar sem a responsabilidade de salvar o mundo.* Talvez ele e Fern fossem almas gêmeas. Ele entendia o sentimento perfeitamente.

— Tia Angie vai nos colocar de castigo, Bailey? — Fern preocupada, mordendo o lábio inferior. — Eu não posso imaginar que eles queiram que você faça uma grande tatuagem.

— Nada. Eu só vou jogar o meu último cartão de desejo de garoto moribundo —, disse Bailey filosoficamente. — Funciona o tempo todo. Fern, você deveria fazer uma Fern{18} em seu ombro. Não a palavra, uma Fern real. Você sabe, com folhas e tudo mais.

— Hmm. Eu não acho que seja corajosa o suficiente para uma tatuagem. E se eu fosse, não seria uma Fern.

Estacionaram em frente ao estúdio de tatuagem. Estava tranquilo, meio-dia não era uma hora popular para tatuagens aparentemente. Bailey estava subitamente quieto, e Ambrose se perguntou se estava tendo dúvidas. Mas, quando Fern removeu os cintos de sua cadeira e ele manobrou para descer a rampa, ele não hesitou.

Fern e Bailey estavam olhando no interior do pequeno negócio, e Ambrose se preparou, como sempre fazia, para os olhares curiosos e os olhares flagrante. Mas o homem que se aproximava tinha um rosto que estava tão coberto de intrincados desenhos que Ambrose, com suas marcas e cicatrizes, parecia manso ao lado dele. Ele olhou para cicatrizes de Ambrose com um olhar profissional e se ofereceu para adicionar alguns enfeites. Ambrose recusou, mas imediatamente se sentiu mais à vontade.

Bailey tinha escolhido fazer uma tatuagem grande no ombro direito onde não esfregasse contra a traseira de sua cadeira. Ele escolheu as palavras *A vitória está na batalha*, as palavras do banco no memorial, as palavras que seu pai tinha repetido centenas de vezes, as palavras que eram um testamento para a própria vida de Bailey e uma homenagem ao esporte que ele amava.

E então Ambrose fez seu pedido, surpreendendo Fern e Bailey, tirando a camisa e dizendo ao homem tatuado o que queria que fosse feito. Não demorou muito. Não era um projeto complicado que exigia uma grande dose de habilidade ou uma mistura de cores. Ele escreveu o que queria, nitidamente, verificou se a ortografia estava certa e entregou-o ao artista.

Ele escolheu uma fonte, as letras foram estampadas em sua pele, e

então, sem alarde, o artista começou o processo.

Fern observou fascinada como, um após outro, os nomes dos amigos caídos de Ambrose estavam na tinta em todo o lado esquerdo do peito.

Paulie, Grant, Jesse, Beans, um ao lado do outro, letras maiúsculas puras em uma fileira solene. Quando terminou, Fern traçou os nomes com a ponta de seu dedo, com cuidado para não tocar na pele macia. Ambrose estremeceu. Suas mãos eram como bálsamo sobre uma ferida, bem-vindo e doloroso ao mesmo tempo.

Eles pagaram, agradeceram o tatuador e estavam indo para casa quando Bailey perguntou em voz baixa: — Isso faz você se sentir mais perto deles?

Ambrose olhou pela janela, a paisagem mostrava árvores, o céu, as casas de familiares e ele como seu próprio rosto... ou o cara que costumava ver quando olhava no espelho.

— Meu rosto é deformado. — Seus olhos encontraram os de Bailey no espelho retrovisor, e ele estendeu a mão e traçou a cicatriz mais longa, que ia de seu couro cabeludo à boca. — Eu não cheguei a escolher essas cicatrizes. Meu rosto é um lembrete a cada dia de suas mortes. Acho que eu só queria algo que me fizesse lembrar de suas vidas. Era algo que Jesse fez primeiro. E tenho vontade de fazê-lo há algum tempo.

— Isso é bom, Brosey. Isso é muito bom. — Bailey sorriu melancolicamente. — Acho que essa é a pior parte. O pensamento de que ninguém vai se lembrar de mim quando eu me for. Claro, meus pais vão. E Fern. Mas como é que alguém como eu vive? Quando está tudo dito e feito, o que importa?

O silêncio na velha van azul era pesado com chavões vazios e garantias sem sentido que imploravam para ser pronunciadas, mas Fern amava Bailey demais para dar um tapinha na cabeça dele quando precisava de algo mais.

— Eu vou adicioná-lo à minha lista —, Ambrose prometeu, de repente, seus olhos segurando Bailey no espelho. — Quando chegar a hora, vou escrever seu nome em meu coração com os outros.

Os olhos de Bailey se encheram de água e ele piscou rapidamente e, por vários minutos, não falou. Fern olhou para Ambrose com tanto amor e devoção em seu rosto que ele teria oferecido para escrever um epitáfio inteiro nas costas.

— Obrigado, Brosey, — Bailey sussurrou. E Ambrose começou a cantarolar.



— Cante novamente, por favor? — Fern implorou, traçando a cicatriz mais longa em sua bochecha direita, e ele deixou, nem mesmo se importou com o lembrete de que estava lá. Quando ela tocava o rosto dele, sentia o carinho dela e as pontas de seus dedos o acalmavam.

— Você gosta quando canto? — Disse ele, sonolento, sabendo que não tinha muito tempo antes que tivesse de arrastar-se para o trabalho. Fern teve o dia de folga, mas não descansou. A viagem para o estúdio de tatuagem tinha tomado toda a tarde e quando a noite caiu, ele e Fern tinham dito adeus a Bailey, mas tinham relutado em dizer adeus um ao outro. Eles acabaram assistindo ao pôr do sol de verão a partir do trampolim no quintal de Fern. Agora estava escuro e silencioso, e o calor tinha ido, na ponta dos pés, para longe, com o sol, fazendo-o sonolento enquanto cantava a canção de ninar que Paulie lhes havia ensinado nos primeiros meses de sua turnê no Iraque. O filho de Jesse tinha acabado de nascer, e a turnê se estendeu na frente deles, a poeira era interminável e intermináveis eram os dias até que eles pudessem voltar para casa.

— Eu adoro quando você canta —, disse Fern, sacudindo-o de seu devaneio. Ela começou a cantar a música, fazendo uma pausa quando esqueceu uma palavra, deixando que ele preenchesse os espaços em branco até que a voz dela desapareceu e ele terminou a canção de seu próprio jeito.

— *Eu escrevi seu nome em meu coração para que pudéssemos estar juntos, para que pudesse segurar você perto de mim e mantê-lo lá para sempre.* — Já tinha cantado três vezes.

Quando cantou a última nota, Fern aconchegou-se contra ele, como se também precisasse de um cochilo, e o trampolim balançou um pouco abaixo deles, rolando-a para o vale do seu corpo grande, ele depositou-a sobre o peito. Acariciou o cabelo dela, e sua respiração tornando-se mais profunda.

Ambrose perguntou-se melancolicamente como seria a sensação de dormir ao lado dela o tempo todo. Talvez, então, as noites não seriam tão difíceis. Talvez, então, a escuridão que tentava consumi-lo, quando estava sozinho, iria escapular satisfatoriamente, dominada por sua luz. Ele passou uma hora em uma sessão com sua psicóloga ontem. Ela estava satisfeita pelas “melhorias na sua saúde mental”. E era tudo devido a uma pequena pílula chamada Fern.

Ele não tinha nenhuma dúvida de que ela concordaria se a pedisse para fugir com ele. Embora tivessem que levar Bailey. Ainda assim. Ela se casaria com ele em um piscar de olhos... e seu coração bateu entusiasmado com a ideia. Fern sentiu o aumento do volume e ritmo abaixo de sua bochecha.

— Você já ouviu a piada sobre o homem que tinha que escolher uma esposa? — Perguntou Ambrose calmamente.

Fern balançou a cabeça onde estava, contra ele. — Não —, ela bocejou delicadamente.

— Esse cara tem a chance de se casar com uma menina que é linda ou uma garota que tem uma voz maravilhosa, mas não é muito boa de se olhar. Ele pensa sobre isso e decide que vai se casar com a garota que pode cantar. Afinal, sua bela voz deve durar muito mais tempo do que o rosto bonito, certo?

— Certo. — A voz de Fern parecia mais acordada, como se achasse o

assunto muito interessante.

— Então o cara se casa com a garota feia. Eles têm um casamento, uma festa, e toda a diversão da noite de núpcias.

— Isso é uma piada?

Ambrose continuou como se ela não tivesse o interrompido. — Na manhã seguinte, o cara se vira, vê sua noiva e grita. Sua mulher acorda e pergunta o que está errado. Ele cobre os olhos e grita: — Cante! Pelo amor de Deus, cante!

Fern gemeu, o que indicava que a piada era ruim. Mas então começou a rir e Ambrose riu com ela, saltando ao seu lado na cama elástica, no quintal de Pastor Taylor, como um par de crianças. Mas no fundo de sua mente, se perguntou, inquieto, se não chegaria o momento em que Fern olharia para ele e lhe pediria para cantar.

Seja um Herói

Bailey tinha muito pouca independência. Mas, em sua cadeira com a mão apoiada sobre os controles, poderia ir até o posto de gasolina de Bob na esquina, para Jolley, ver Fern depois do trabalho, ou para a igreja, caso quisesse atormentar seu tio Joshua com hipóteses teológicas. O pastor Joshua era geralmente muito paciente e disposto a conversar, mas Bailey tinha certeza que ele gemeu quando viu Bailey vindo.

Ele sabia que não deveria estar fora tão tarde quanto estava. Mas isso era parte da emoção também. Homens de vinte e um anos de idade não deviam ter o toque de recolher. A única coisa que o fazia se sentir culpado, era que quando chegasse em casa, teria que acordar sua mãe ou pai para ajudá-lo na cama, o que tirava alguma diversão de seus passeios noturnos. Além disso, queria ir até a loja e ver Fern e Ambrose. Aqueles dois precisavam de um acompanhante. Tinha começado a ficar quente sempre que eles estavam juntos, e Bailey tinha certeza que não demoraria muito para que se tornasse a terceira roda sobre rodas. Ele riu para si mesmo. Ele amava trocadilhos. E amava que Fern e Ambrose tivessem encontrado um ao outro. Ele não estaria ali para sempre. Agora que Fern tinha Ambrose, não iria se preocupar tanto com ela.

Ele não estava vivendo perigosamente esta noite. Tentara fugir, sem a lanterna, mas sua mãe saiu correndo atrás dele. Talvez só poderia deixá-la convenientemente na loja quando saísse. Ele odiava a maldita coisa. Sorriu, sentindo-se como um rebelde. Ficaria na calçada e os postes guiariam seu caminho, realmente não achava que precisava de um holofote brilhando em sua testa. Bob Speedy Mart estava em seu caminho e Bailey decidiu parar, só porque podia. Esperou pacientemente até que o próprio Bob saísse de

trás do balcão e abrisse a porta para ele.

— Ei, Bailey. — Bob pestanejou e tentou não olhar diretamente para a luz resplandecente da lanterna de Bailey.

— Você pode desligar isso, Bob. Basta clicar no botão no topo, — Bailey instruiu. Bob tentou, mas quando clicou no botão a luz ainda ardia, como se houvesse algo tivesse se soltado no interior. Ele puxou o elástico em torno de modo que a luz brilhou na parte de trás da cabeça de Bailey e ele podia olhar para ele sem ficar cego.

— Isso vai ter que funcionar, Bailey. Como posso ajudá-lo? — Bob fez-se disponível, como sempre fazia, sabendo das limitações de Bailey.

— Eu preciso de um pacote de doze [19](#) e alguns chicletes —, disse Bailey sério. A boca de Bob se abriu um pouco e desviou o incerto.

— Hum. Certo. Você tem sua identidade com você?

— Sim.

— Tudo bem. Bem... que tipo você gosta?

— Starbursts embalagens de doze não é? E eu prefiro mastigar Wrigley. Menta, por favor.

Bob riu, sua barriga grande balançando acima do seu cinto de fivela gigante. Ele balançou a cabeça. — Você me pegou por um minuto, Sheen. Eu tinha essa imagem de você dirigindo pela estrada com seu lábio cheio de tabaco e uma caixa de Bud em seu colo.

Bob seguiu Bailey pelos corredores, pegando as suas compras. Bailey parou na frente dos preservativos.

— Vou precisar de algum desses também, Bob. A maior caixa que você tiver.

Bob levantou uma sobrancelha, mas desta vez não caiu na dele. Bailey se acabou de rir.

Dez minutos mais tarde, Bailey estava de volta à estrada, suas compras

dobradas ao seu lado, Bob rindo enquanto acenava para ele, depois de ter sido completamente entretido. Ele percebeu tardiamente que não tinha corrigido a lanterna de Bailey.

Bailey encolheu a cabeça para baixo e rodou pelo Centro, em vez de cortar pela 2nd East. Era um longo caminho até a loja, mas a noite estava amena e o ar o fazia se sentir bem, batendo em seu rosto. E ele tinha tempo. Daria aos pombinhos um extra de dez ou quinze minutos juntos antes de a diversão chegar. O silêncio era bem-vindo, a solidão mais bem-vinda ainda.

Ele desejou que tivesse convencido o pai dele de colocar seus fones de ouvido em seus ouvidos para que pudesse ouvir Simon e Garfunkel. Mas tinha sido uma tentativa frustrada de escapar sem a lanterna.

As empresas ao longo da Main estavam vazias e escuras, as janelas negras refletindo sua imagem de volta para ele enquanto dirigia passando a loja de ferragens, o dojo karate, e o escritório imobiliário. Mi Cocina, de Luisa O'Toole, Mexican Restaurant, também estavam fechados, as luzes brilhantes e pimentas habanera amarradas balançando ao vento leve, batendo contra o tapume mostarda. Mas o prédio ao lado da Luisa não estava fechado. Como Bob Speedy Mart, Jerry Joint, o bar local nunca estava fechado. Uma luz laranja neon anunciava o status, e alguns caminhões velhos estavam estacionados na porta.

Bailey podia ouvir a música fraca vazando para fora do estabelecimento. Ouviu, tentando reconhecer a música e ouviu outra coisa. Choro. Um bebê? Bailey olhou em volta, confuso. Não havia uma única alma à vista.

Mudou-se para frente, cruzando a entrada pavimentada para o bar, passando os primeiros veículos estacionados na longa fila. Choro novamente. Estacionado um pouco atrás do bar, no cascalho que cobria em torno do estabelecimento, estava o 4X4 preto de Becker Garth completo com rodas levantadas, uma caveira e ossos cruzados em sua janela traseira. Que original. Bailey revirou os olhos. Ele era um idiota.

Choro novamente. Definitivamente um bebê. Bailey saiu de calçada e passou sobre o cascalho para o 4X4. Ele podia ouvir seu coração batendo no peito, e sentiu náuseas. O choro vinha de caminhão de Becker.

A porta do passageiro estava entreaberta e, quando Bailey chegou mais perto pode ver fluir o cabelo loiro sobre a borda do assento.

— Oh, não. Oh, não. Rita! — Bailey gemeu quando manobrou sua cadeira ao lado da porta aberta. Estava com medo que ele batesse e a fechasse. Se fizesse isso, não seria capaz de abri-la novamente. Alinhou sua cadeira para que sua mão, deitada contra seu braço ficasse a apenas alguns centímetros a partir da borda da porta. Ergueu a mão tão alto quanto podia e colocou na abertura. Empurrou tão quanto podia e balançou a porta, em seguida, se abriu lentamente. A mão de Bailey caiu de volta para seu braço e seu coração caiu a seus pés. Rita estava inconsciente no banco do caminhão, a cabeça loira pendurada na cadeira, sua mão apoiada contra a porta. Ela claramente abrira a porta, mas não conseguira sair. Tyler Garth, agora com dois anos, estava em pé, com uma mão em sua boca, e a outra mão no rosto de sua mãe.

— Rita —, gritou Bailey. — Rita! — Ela não se mexeu.

Ty choramingou e Bailey sentiu vontade também. Em vez disso, baixou a voz e tentou novamente falar com Rita, pedindo a ela para responder. Não havia sangue que pudesse ver, mas Bailey não tinha dúvida de que Becker Garth tinha feito algo para a esposa. Não podia ajudar Rita, mas poderia cuidar de Ty. Isso é o que Rita gostaria que ele fizesse.

— Oi Ty. Ei, amigo, — Bailey persuadiu, tentando não aumentar o seu show de terror. — Sou eu, Bailey. Quer uma carona na minha cadeira? Você gosta de andar na cadeira de Bailey, né?

— Mama —, a criança choramingou em torno de seus dedos.

— Nós vamos mais rápido. Vamos mostrar a mamãe como nós podemos ir mais rápido. — Bailey não conseguia levantar Ty para o seu colo. Então, acenou para ele com os dedos curvados. — Segure a minha mão

e suba na cadeira de Bailey. Você se lembra como, né?

Ty tinha parado de chorar, e ele olhou para a cadeira de Bailey, com grandes olhos azuis. Bailey aproximou-se da porta, empurrando mais a porta com sua cadeira. Ele estava tão perto que Ty poderia literalmente engatinhar para seu colo. Se ele o fizesse.

— Vamos, Ty. Eu tenho uma surpresa para você. Você pode ter alguns doces, e Bailey vai levá-lo para um passeio em sua cadeira. Deixe a mamãe tirar um cochilo. — A voz de Bailey quebrou nas palavras, mas a menção de doces foi o suficiente. Ty se ajoelhou e subiu em cima de braço de Bailey e em seu colo. Ele cavou sua pequena mão no saquinho de supermercado branco e tirou os Starbursts triunfante. Bailey se afastou da porta, longe de Rita. Tinha que pedir ajuda. E estava com muito medo de que a qualquer minuto Becker Garth viesse correndo para fora do bar e o visse. Ou pior, que Rita morresse no banco da frente de seu caminhão.

— Segure-se em Bailey, Ty.

— Vá rápido?

— Sim. Nós iremos bem rápido.



Ty não tinha noção de como segurar. Bailey precisava de sua mão direita para conduzir a cadeira de rodas e sua esquerda para ligar 911 no telefone celular que estava preso a seu outro braço. Ele ligou e bateu no viva voz, em seguida, colocou o braço esquerdo em torno de Ty, tentando segurá-lo quando cruzou o cascalho e passou para a calçada. O atendente do 911 respondeu e Bailey começou a derramar os detalhes, gritando em seu braço e tentando dirigir. Ty começou a chorar.

— Sinto muito senhor. Eu não posso ouvi-lo.

— Há uma mulher, seu nome é Rita Marsden... Rita Garth. Ela está inconsciente no veículo do marido. Ele bateu nela antes, e acho que fez alguma coisa para ela. O caminhão está estacionado na frente ao bar de

Jerry em Main. O nome do marido é Becker Garth. Seu filho de dois anos de idade estava lá com ela. Eu o ouvi chorar. Tenho a criança, mas não me atrevo ficar com Rita, porque o marido poderia sair a qualquer momento. E eu não quero que ele me ponha pra correr e leve o bebê.

— Será que a mulher tem pulso?

— Eu não sei! — Bailey chorou impotente. — Eu não poderia alcançá-la. — Ele poderia dizer que a atendente do 911 estava confusa. — Olha, eu estou em uma cadeira de rodas. Não posso levantar meus braços. Tenho sorte de ter sido capaz de tirar o seu filho para fora do caminhão. Por favor, envie a polícia e uma ambulância!

— Qual é a placa do veículo?

— Eu não sei! Eu não estou mais lá! — Bailey desacelerou e virou a cadeira um pouco, perguntando se deveria voltar para as respostas que o operador estava procurando. O que viu atrás dele fez seu coração apertar no peito. Estava talvez a dois quarteirões de distância do bar, mas havia luzes saindo do estacionamento. Parecia o caminhão de Becker.

— Ele está vindo! — Bailey gritou, aumentando a sua velocidade, rugindo pela rua o mais rápido que podia. Precisava atravessar, mas isso iria colocá-lo sob os faróis de Becker. E os faróis já estavam caindo sobre ele. Tyler estava gritando, sentindo o pânico de Bailey. O atendente do 911 estava tentando levá-lo a responder a perguntas e manter a calma.

— Ele está vindo! Meu nome é Bailey Sheen, e eu estou segurando Tyler Garth no meu colo. Estou em uma cadeira de rodas dirigindo na principal em direção ao centro em Hannah Lake. Becker Garth machucou sua esposa e está vindo em nossa direção. Preciso de ajuda!

De alguma forma, milagrosa, Becker Garth passou. Ele, obviamente, não esperava que o cara na cadeira de rodas pudesse ser qualquer tipo de ameaça. Claro, sempre subestimara Bailey. O coração de Bailey deu um salto de alívio. E então Becker apertou os freios e girou dando a volta com seu caminhão.

Ele acelerou em direção a Bailey, e Bailey sabia que não havia nenhuma maneira de Becker não notar a criança no colo. Bailey disparou para o outro lado da rua de duas pistas, virando a direita na frente do caminhão que se aproximava, sabendo que sua única chance era chegar ao Bob em relativa segurança.

As rodas gritaram atrás dele enquanto o caminhão de Becker passou novamente e tentou frear, não esperando a selvagem manobra de Bailey.

— Estou voltando para baixo em direção a Centro para o Bob Speedy Mart! — Bailey gritou, esperando que o atendente do 911 estivesse ouvindo o que dizia. Ty gritava e estava apavorado. Pelo menos ele estava agarrado a Bailey como um chimpanzé bebê, tornando mais fácil para Bailey se agarrar a ele.

Certamente não havia maneira de Bailey esconder os gritos que Ty dava. Não havia tempo de qualquer maneira. Becker Garth tinha virado ao redor e estava descendo, fixando-os em suas luzes mais uma vez. O 4X4 preto rolava ao longo do lado esquerdo de Bailey. Bailey podia ver que a janela do lado do passageiro estava abaixada, mas não olhou para Becker. Sua atenção estava centrada na estrada à sua frente.

— Sheen! Onde diabos você pensa que está indo com meu filho?

Bailey continuou empurrando seus controles, voando ao longo da rua escura, rezando para que não batesse em qualquer buraco. Hannah Lake tinha mais buracos do que postes, e a combinação era perigosa, especialmente em uma cadeira de rodas.

— Pare, seu merdinha!

Bailey continuou se movendo.

O 4X4 desviou mais, e Bailey gritou e puxou para a direita em seus controles. Sua cadeira balançou violentamente e Bailey tinha certeza de que iria cair, mas se endireitou novamente.

— Ele está tentando me tirar da estrada —, ele gritou para o operador

— Eu estou segurando seu filho e está tentando loucamente jogar-me para fora da estrada!

O atendente do 911 estava gritando alguma coisa, mas Bailey não podia ouvir através do rugido em seus ouvidos. Becker Garth estava bêbado, louco ou ambos, e Bailey sabia que ele e Ty estavam em sérios apuros. Ele não iria sobreviver a isso.

E então, no meio do medo, uma sensação de calma tomou conta dele. Deliberadamente, com cuidado, diminuiu a velocidade da cadeira de rodas para o acostamento. Seu trabalho era manter Ty seguro pelo maior tempo possível. Ele não podia correr mais que Becker de qualquer maneira, então poderia muito bem viajar a uma velocidade mais segura. Becker parecia confuso com a sua repentina decisão de diminuir o ritmo e passou por ele mais uma vez antes que apertasse o freio, fazendo a volta por fora com o caminhão no acostamento da estrada. Bailey não queria nem pensar sobre o que a condução de Becker estava fazendo para Rita, inconsciente e sem cinto de segurança do lado do passageiro.

E então Becker estava vindo em direção a ele novamente, desta vez em sentido inverso, as lanternas traseiras inclinadas como olhos demoníacos arremessados direto para ele. Bailey virou à direita novamente, mas tinha acabado a estrada e colidiu sua cadeira e deslizou para baixo na inclinação enlameada da vala de irrigação que corria paralela à estrada. Ele não estava indo muito rápido, mas isso era irrelevante quando a cadeira bateu, cambaleou e caiu para frente na água escura que havia no fundo do canal. Tyler foi lançado com os braços para frente, caindo em algum lugar na grama grossa no lado oposto do aterro estreito.

Bailey encontrou-se de cara para baixo na água, as mãos cruzadas sob o peito. Seu mindinho direito estava preso para trás e a dor o surpreendeu, fazendo-o hiper-consciente da batida de seu coração, uma batida que ecoava latejante em seu dedo. Mas Bailey reconhecia que um dedo quebrado era o menor dos seus problemas. Havia apenas um pé de água na vala. Apenas um pé, no máximo. Mas cobria a cabeça de Bailey. Ele lutou,

tentando empurrar para cima com as mãos. Mas não podia empurrar-se para cima, e não podia rolar. Ele não podia sentar-se ou sair.

Pensou ter ouvido Ty chorando. O som estava distorcido pela água, mas a reação de Bailey foi de alívio. Se Ty estava chorando, ainda estava vivo. E, em seguida, uma porta bateu e os gritos de Ty ficaram distantes e desapareceram. O barulho do caminhão de Becker, alto, rugiu envenenado, o que soou um pouco como o oceano nos ouvidos de Bailey. Os pulmões de Bailey gritavam, seu nariz e boca cheios de lama, enquanto tentava respirar. E o pulsar em seu dedo desapareceu, com o bater do seu coração.

Dirija um carro de polícia

Dois carros de polícia e uma ambulância corriam com as sirenes tocando, quando Fern pedalou para casa por volta da meia noite. Sua mente estava em Ambrose, como de costume, quando a cacofonia de veículos de emergência passou rugindo.

— Dan Gable deve estar preso em uma árvore de novo —, disse para si mesma. Ela riu com o pensamento, embora a ambulância para um gato fosse novidade, mesmo em Hannah Lake. A última vez tinha sido o caminhão de bombeiros. Bailey tinha desfrutado a sério cada minuto e tinha elogiado Dan Gable durante dias depois. Talvez fosse por isso que Bailey não aparecera na loja. Fern voou na 2nd Street e virou para a Principal, perguntando-se onde estava a emoção. Para sua surpresa, havia mais carros de polícia do que Fern já tinha visto de uma vez ao longo da estrada. Policiais a pé estavam espalhados para cima e para baixo da rua com lanternas na mão. As luzes balançavam para trás e para frente em uma faixa determinada, enquanto os oficiais estavam vasculhando a área em busca de algo. Ou alguém, ela supôs, curiosa.

Quando Fern seguiu pela estrada, um grito subiu e oficiais começaram a correr em direção a chamada acenando.

— Eu achei! Eu achei!

Fern desacelerou sua bicicleta, não querendo estar em qualquer lugar perto de quem fosse “ele”, pois a polícia tinha acabado de capturar alguém perigoso. O paramédico estava freneticamente acenando para baixo e antes mesmo de chegar a uma parada completa, as portas traseiras se abriram e dois paramédicos correram para fora e para baixo do aterro para além da linha de visão do Fern.

Fern esperou, seus olhos presos ao local onde os trabalhadores de ambulância haviam desaparecido. Ninguém voltou por alguns minutos.

Então, quando Fern quase se convencia a voltar para sua bicicleta e sair permanentemente da cena, um policial empurrou algo para fora da vala. Era uma cadeira de rodas.

— Isso é estranho —, Fern meditou em voz alta, franzindo o nariz com ceticismo. — Eu pensei que eles iriam usar uma maca.

Mas a cadeira estava vazia, e foi chegando ao aterro, sem ser colocada no chão.

E então ela soube. Soube que era a cadeira de Bailey. Largou a bicicleta e correu, gritando seu nome, esquecida das reações chocadas ao seu redor, dos oficiais que se mexiam para avaliar a ameaça, para os braços que estenderam as mãos para impedi-la de ver a cena.

— Bailey —, ela gritou, lutando com um mar de braços uniformizados para chegar até ele.

— Senhorita! Pare! Você precisa ficar para trás!

— Ele é meu primo! É Bailey, não é? — Fern olhou freneticamente de um para o outro e parou sobre Landon Knudsen. Landon era o novo recruta do departamento do xerife de Hannah Lake. Suas bochechas rosadas e cachos louros davam-lhe uma aparência angelical, completamente em desacordo com seu uniforme duro e o coldre em torno de seus quadris.

— Landon! Ele está bem? O que aconteceu? Por favor, posso vê-lo? — Fern não esperou ele responder a sua pergunta e já perguntava outra, precisando das respostas, mas sabendo que uma vez ele falasse, gostaria que nunca houvesse pedido.

E depois os paramédicos estavam empurrando a maca de volta até o morro, correndo para as portas abertas da ambulância que esperava. Havia muitas pessoas ao redor da maca e Fern ainda estava longe demais para ver o que ocupava a maca. Seus olhos encontraram os de Landon novamente.

— Diga-me!

— Nós não temos certeza exatamente do que aconteceu. Mas, sim, Fern. É Bailey, — Landon disse, seu rosto enrugado com um pedido de desculpas.



Landon Knudsen e outro oficial que Fern não conhecia, um homem mais velho, que era, obviamente, o superior de Landon, acompanhou Fern à casa de Bailey e então informou Mike e Angie que Bailey havia sido levado de ambulância para Clairmont County Hospital. Foi depois da meia-noite.

Angie estava de pijama e Mike estava amarrotado, com cara de sono caído em sua cadeira, mas ambos entraram na antiga van azul em dois minutos. Fern subiu com eles e chamou seus pais no caminho. Eles não iriam muito atrás. E então ela chamou Ambrose. Em poucas palavras, simples e curtas porque Angie e Mike estavam ouvindo, disse-lhe que alguma coisa tinha acontecido com Bailey e que eles estavam indo para o hospital em Seely.

A polícia não lhes deu detalhes, mas acompanhou-os ao hospital cerca de meia hora ao norte de Hannah Lake com sirenes piscando, acelerando a jornada. Foi a meia hora mais longa da vida de Fern. Os três não falaram. A especulação era muito aterrorizante, então eles se sentaram em silêncio, Mike Sheen ao volante, Angie segurando sua mão direita, Fern tremendo no banco de trás a única que estava posicionada atrás do espaço vazio projetado para a cadeira de Bailey. Fern não lhes disse que tinha visto a cadeira de rodas. Não lhes disse que tinha o visto na vala. Não lhes disse que achava que era tarde demais. Só dizia a si mesma, mais e mais, que estava errada.

Quando eles correram para a emergência e se identificaram, com os dois policiais em seus calcanhares, eles foram levados a uma sala vazia. Um homem de trinta e poucos anos, com um jaleco verde com Dr. Norwood escrito em seu crachá, círculos escuros sob os olhos, e uma expressão suave

no rosto, informou que Bailey tinha partido.

Bailey estava morto. Ele fora declarado morto na chegada.

Fern foi a primeira a quebrar. Teve mais tempo para processar a possibilidade, e tinha entendido. No fundo, tinha entendido no instante em que viu a cadeira. Angie estava em estado de choque e Mike com raiva, pediu para ser levado até ele. O médico concordou e puxou a cortina.

O rosto e o cabelo de Bailey estavam molhados e emaranhados de lama, a área ao redor do nariz e da boca parcialmente limpos durante as tentativas de ressuscitá-lo. Ele parecia diferente longe de sua cadeira, como alguém que Fern nunca conhecera. Um dos dedos de Bailey estava dobrado em um ângulo estranho e alguém tinha colocado os braços finos para o lado, fazendo-o parecer ainda mais estranho. Bailey chamava seus braços de braços de T-rex completamente inúteis e desproporcionais para o resto de seu corpo. Suas pernas eram igualmente finas e o sapato no pé direito estava faltando. A meia estava encharcada de lama, como o resto do corpo e sua lanterna estava ao seu lado na maca. A luz ainda estava acesa. Fern não conseguia tirar os olhos dela, como se a lâmpada fosse a culpada. Ela estendeu a mão para ela e tentou desligá-la, mas o botão estava plano, pressionado permanentemente para baixo, e que não iria liberar.

— Foi a luz que nos ajudou a encontrá-lo tão rapidamente —, Landon Knudsen falou. Mas não tinha sido rápido o suficiente.

— Ele estava usando a sua luz! Ele estava usando sua lanterna, Mike!

— Angie desabou na cadeira ao lado de Bailey e apertou sua mão sem vida.

— Como isso pôde acontecer?

Mike Sheen olhou para o oficial, Landon Knudsen, a quem ele treinara e ensinara, era um oficial superior, que tinha um filho que frequentou seu acampamento de jovens no verão passado. Com lágrimas nos olhos e com uma voz que teria feito os seus wrestlers sentarem e ouvirem por três

décadas, perguntou, — Eu quero saber o que aconteceu com o meu filho.

E com muito pouca resistência, sabendo muito bem que era contra o protocolo, disseram-lhe o pouco que sabiam.

911 Despachou. Tinham recebido um telefonema de Bailey. Eles tinham uma ideia de sua localização geral e do fato de que ele estava sendo perseguido. Enviaram todas as unidades disponíveis para o local, e dentro de alguns minutos, alguém viu a luz da sua lanterna.

Curiosamente, a bandana estava torcida, a luz real estava na parte de trás da cabeça de Bailey, a forma como uma criança às vezes usava seu chapéu com a aba na parte de trás. Se a luz tivesse na parte da frente da cabeça, teria ficado submersa em água e na lama. Bailey tinha sido encontrado na vala com seu farol brilhante para o céu, marcando o local onde estava. Os oficiais não confirmaram que Bailey havia se afogado. Nem o médico. Ambos simplesmente disseram que uma autópsia seria realizada para determinar a causa da morte, e com uma expressão de tristeza pela sua perda, os pais de Bailey e Fern foram deixados sozinhos atrás da divisória fina, confrontados com a morte, como a vida mudaria em torno deles.



Sarah Marsden não dormira bem. Ela não tinha dormido bem nos últimos anos. Depois que seu marido Danny falecera. Tinha certeza que se dormisse, ela também morreria, entregue pelo esforço e trabalho duro de cuidar de alguém que não podia fazer muito por si mesmo e que estava com raiva e abusivo em relação a qualquer um que tentasse ajudá-lo.

Danny Marsden tinha ficado paralisado do peito para baixo em um acidente de carro quando sua filha Rita tinha seis anos de idade. Durante cinco longos anos, Sarah tinha feito o seu melhor para cuidar dele e da filha, e por cinco longos anos, ela se perguntara todos os dias como poderia continuar. A carência de Danny e sua miséria exigiu um pedágio de todos eles, e quando ele faleceu, um dia antes do décimo primeiro aniversário de

Rita, foi difícil sentir qualquer coisa, além de alívio. Alívio por ele e alívio por si mesma, alívio por sua filha, que só tinha visto seu pai em seu pior, mas se Sarah fosse honesta, Danny Marsden não fora um bom homem nem antes de seu acidente.

No entanto, Sarah ainda não dormia bem. Não antes, e não agora, mais de dez anos depois. Talvez fosse preocupação com sua filha e neto, porque Rita tinha escolhido um homem como seu pai. A diferença era que Becker era capaz de infligir dor física, bem como a dor emocional. Sarah estava preocupada como todos com os machucados. Assim, quando o telefone tocou à meia-noite, ficou imediatamente alerta e pegou o telefone.

— Olá —, ela respondeu, esperando que Rita só precisasse conversar.

— Ela não vai acordar! — A voz de Becker soou para fora, fazendo-a estremecer, mesmo quando ela apertou o telefone com mais firmeza em seu ouvido.

— Becker?

— Ela não vai acordar! Entrei para pedir um par de cervejas no Jerry e quando voltei para o caminhão estava apenas deitada ali como se tivesse desmaiada. Mas ela não estava bêbada!

O medo bateu no rosto de Sarah e a deixou recuperando do golpe. Cambaleando, encostou-se contra a sua mesa de cabeceira e manteve a voz firme —, Becker? Onde você está?

— Estou em casa! Ty não para de gritar, e eu não sei o que fazer. Ela não vai acordar! — Becker parecia que tinha tomado mais de uma cerveja no Jerry e o medo de Sarah girou sobre ela de novo, pegando-a pelo estômago e dobrando-a.

— Becker, eu estou indo! — Sarah foi enfiando os pés nos chinelos e pegando a bolsa dela enquanto corria para a porta. — Ligue para o 911, certo? Desligue o telefone e ligue para o 911!

— Ela tentou matar-se! Eu sei! Ela quer me deixar! — Becker estava

uivando ao telefone. — Eu não vou deixar que ela me deixe! Rita!

O telefone ficou mudo, Sarah tremeu e rezou quando se jogou em seu carro e manobrou para fora de sua garagem. Ela deu um soco no teclado do seu telefone e tentou manter-se atenta, quando deu o endereço de Rita ao operador do 911 e repetiu as palavras de Becker: — Seu marido diz que ela não quer acordar.

Chegue até os 21

Ambrose chegou alguns minutos atrás dos pais de Fern, e os três foram levados para o pronto-socorro, e ao mesmo tempo, a maca com Rita Garth foi empurrada pelas portas da emergência, um EMT marcava seus sinais vitais e dava uma atualização sobre que medidas foram tomadas no caminho. Um médico gritou por uma ressonância magnética e o pessoal médico desceu sobre seu novo paciente enquanto o Pastor Taylor e sua esposa ficavam estupefatos com a chegada de uma segunda pessoa amada, ainda desconhecendo a condição do primeiro. E, em seguida, Sarah

Marsden estava correndo pelas portas, com Tyler, vestindo um pijama listrado de lama, em seus braços. Becker se escondia atrás dela, parecendo distraído e pouco à vontade. Quando viu Ambrose caiu para trás, medo e ódio enrolando o lábio. Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o lado com desdém quando Ambrose focava na conversa que estava acontecendo.

— Sarah! O que aconteceu? — Joshua e Rachel se aproximaram e Rachel tomou a criança suja de seus braços, Joshua colocou o braço em volta dos ombros trêmulos de Sarah.

Sarah tinha muito pouco a dizer-lhes, mas Rachel sentou-se com ela e Becker na sala de espera, enquanto Joshua e Ambrose foram verificar o estado de Bailey. Pastor Joshua perdeu o medo que apareceu no rosto de Becker e a forma como seus olhos deslizaram para a saída sobre a menção do nome de Bailey. Ele também perdeu os dois policiais que estavam posicionados dentro da porta da sala de emergência e o cruzador que tinha acabado de subir no meio-fio para além das portas de vidro da sala de espera. Mas Ambrose não.

Quando Joshua e Ambrose foram levados para a pequena sala onde

Bailey deitava, viram os pais de Bailey reunidos no lado de sua cama, Fern encolhida no canto e Bailey deitado com os olhos fechados na maca de hospital. Alguém tinha trazido a Angie Sheen, uma pequena banheira de plástico cheia de água e sabão, e com carinho, a mãe de Bailey estava lavando a lama e a sujeira de seu rosto e cabelo, administrando cuidados a seu filho pela última vez. Era óbvio pelo luto das pessoas reunidas que Bailey não estava simplesmente descansando.

Ambrose nunca tinha visto um cadáver antes. O homem estava deitado em uma pilha fora da entrada ao sul do composto. A unidade de Ambrose tinha patrulha naquela manhã e Paulie e Ambrose vieram primeiro. Seu rosto era uma massa inchada de preto e azul, o sangue seco nos cantos da boca e debaixo de suas narinas. Ele não teria sido reconhecido se não fosse por seu cabelo. Quando perceberam quem era, Paulie tinha andado para longe do homem morto tudo o que podia, e vomitado o café da manhã que tinha consumido, apenas uma hora antes.

Eles o chamavam de Cosmo, era uma massa de cabelos crespos, cacheados, que pulavam fora de sua cabeça idêntico a Cosmo Kramer na sitcom popular americana, Seinfeld. Ele vinha trabalhando com os americanos, alimentando-lhes de dicas aqui e ali, dando-lhes informações sobre as idas e vindas de certas pessoas de interesse. Ele era rápido para sorrir e difícil de assustar, e sua filha, Nagar, era da mesma idade que a irmã de Paulie, Kylie. Kylie mesmo tinha escrito a Nagar um par de cartas e Nagar tinha respondido com fotos e algumas palavras básicas em Inglês que seu pai lhe ensinara.

Eles tinham encontrado a sua moto em primeiro lugar. Ela havia sido jogada fora da base também, as rodas girando, o guidão enterrado na areia. Eles checaram o local e olharam em volta para Cosmo, surpresos que tivesse acabado abandonado no meio da estrada que circundava o perímetro além do arame farpado. E então eles descobriram Cosmo. Seus dedos mortos haviam sido enrolados em uma bandeira americana. Era uma daquelas pequeninas em uma vara de madeira, do tipo que você acena para desfiles no

quatro de julho. A mensagem era clara. Alguém tinha descoberto a posição de Cosmo para ajudar os americanos. E eles o mataram.

Paulie fora o mais agitado de todos eles. Ele não entendia o ódio. Os sunitas odiavam os xiitas. Os xiitas odiavam os sunitas. Ambos odiavam os curdos. E todos eles odiavam os americanos, apesar de os curdos serem um pouco mais tolerantes e reconhecessem que a América poderia ser sua única esperança.

— Lembra quando a igreja foi incendiada em Hannah Lake? Lembra como Pastor Taylor ajudou a organizar uma angariação de fundos e todos acamparam na igreja e ela foi reconstruída? Não era a igreja do Pastor Taylor. Era uma igreja metodista. Metade das pessoas que deram dinheiro ou ajudaram a reconstruir não eram Metodistas. Diabos, mais da metade nunca tinha posto os pés em qualquer igreja —, Paulie disse, incrédulo. — Mas todo mundo ajudou de qualquer maneira.

— Há canalhas na América, também, — Beans lembrou suavemente.

— Nós podemos não tê-los visto em Hannah Lake. Mas não acredito nem por um segundo que não há mal em todos os lugares.

— Não assim —, Paulie sussurrou, sua inocência fazendo-o resistente à verdade.

Ambrose não viu seus amigos após a explosão que os matou. Ele nunca os viu pacificamente na morte como Bailey estava. Eles não teriam sido expostos. Não havia caixões abertos para os soldados que retornavam da guerra, para os soldados que morreriam por um dispositivo explosivo improvisado que explodia um Humvee de duas toneladas para o ar e capotava o outro. Eles não teriam parecido com Bailey, como se estivessem dormindo. A julgar pelo dano em seu próprio rosto, eles teriam sido devastados, irreconhecíveis.

No Walter Reed, Ambrose viu soldados que estavam sem os membros.

Viu pacientes com queimaduras e soldados com ferimentos faciais

muito piores do que o seu próprio. E os seus sonhos foram preenchidos com membros, sangue e soldados que não tinham rostos e nem braços, tropeçando em uma tempestade de fumaça preta e carnificina nas ruas de Bagdá. Ele tinha sido assombrado pelos rostos de seus amigos, perguntando-se o que tinha acontecido com eles depois da explosão. Teriam morrido imediatamente? Ou souberam o que estava acontecendo? Teria Paulie, com sua sensibilidade para as coisas do espírito, sentido a morte levá-lo? Tivera Bailey?

Tal morte desnecessária, tão desnecessária, tão trágica. O pesar entupiu a garganta de Ambrose, enquanto olhava para Bailey Sheen, a terra no cabelo emaranhado e a lama seca que Angie Sheen limpava suavemente de seu rosto redondo. A criança que Rachel Taylor havia tomado da mãe de Rita, estava manchada na mesma lama negra. Bailey estava morto, Rita estava inconsciente, e as partes inferiores das pernas da calça de Becker Garth ainda estavam úmidas e cobertas de sujeira. Ele tinha feito algo para a esposa. E tinha feito alguma coisa para Bailey, Ambrose entendeu em crescente horror. Havia o mau em todos os lugares, Ambrose pensou. E ele foi vê-lo aqui em Hannah Lake.

Ele saiu da sala, fúria pulsando em suas têmporas, surgindo através de suas veias. Atravessou o saguão de emergência, empurrando as portas giratórias que separavam a sala de espera do centro de trauma, fazendo com que as poucas pessoas que se encolhiam miseravelmente nas cadeiras de metal, à espera de admissão ou palavra sobre a condição de entes queridos, olhassem para cima em alarme por sua raiva, o gigante cheio de cicatrizes que voava através das portas.

Mas Becker não estava lá. Rachel Taylor ainda esperava ao lado de Sarah Marsden, mas Ty havia se rendido à exaustão sobre seu peito. Rachel ainda não tinha visto Bailey, ainda não sabia que o seu sobrinho tinha sido morto. Ela olhou para ele questionando, os olhos arregalados em um rosto que lembrava o de sua filha, lembrou-lhe Fern sentada devastada na sala onde Bailey estava e precisava ir até ela. Ambrose se virou e voltou através

das portas de trauma. Landon Knudsen e outro policial que não conhecia, estavam do lado de fora da entrada da sala de emergência.

— Knudsen! — Ambrose gritou quando empurrou as portas de entrada.

Landon Knudsen deu um passo para trás e seu parceiro se adiantou e colocou a mão no coldre.

— Onde está Becker Garth? — Ambrose exigia.

Os ombros de Knudsen caíram e as costas de seu parceiro endureceram, suas reações opostas eram quase cômicas. Landon Knudsen não conseguia tirar os olhos do rosto de Ambrose. Foi a primeira vez em três anos que ele havia posto os olhos sobre o lutador que ele tinha idolatrado na escola.

— Nós não sabemos —, Landon admitiu, balançando a cabeça e tentando esconder sua reação à mudança na aparência de Ambrose. — Estamos apenas tentando entender o que diabos está acontecendo. Tínhamos outra patrulha aqui, mas nós não temos todas as entradas e saídas cobertas. Ele escorregou.

Ambrose não perdeu o flash dos olhos de Landon, o desconforto e a pena que coloriu o olhar dele, mas estava muito chateado para se importar. O fato de que estavam observando Becker Garth confirmou suas suspeitas. Em poucas palavras, expôs a lama que ele tinha visto na criança e na roupa de Bailey, bem como a “coincidência” que Bailey e Rita tinham sido trazidos para a sala de emergência dentro de uma meia hora entre cada um. Os policiais não pareceram surpresos pela sua suposição, embora ambos estivessem vibrando com adrenalina. Este tipo de coisa não acontecia em Hannah Lake.

Mas tinha acontecido, e Bailey Sheen estava morto.



Rita recuperou a consciência em poucas horas depois de sua cirurgia.

Ela estava confusa e chorosa com a maior dor de cabeça que já teve, mas com a pressão em seu cérebro aliviada e o inchaço sob controle, ela foi capaz de se comunicar e queria saber o que tinha acontecido com ela. Sua mãe disse-lhe o que sabia, revivendo o chamado de Becker e a viagem ao pronto-socorro com Ty quase inconsolável nos braços de seu pai. Ela disse a Rita que Becker não tinha sido capaz de despertá-la.

— Eu estava doente —, disse Rita fracamente. — Minha cabeça doía e estava tão tonta. Eu não queria ir para o Jerry. Eu tinha dado banho em Ty e o colocado em seu pijama e só queria ir para a cama. Mas Becker não me deixava fora de sua vista. Ele descobriu meu esconderijo, mãe. Ele sabe que eu estava planejando ir embora. Ele está convencido de que tem algo acontecendo com Ambrose Young. — A voz de Rita tornou-se mais comedida quando os analgésicos começaram a puxá-la para baixo. — Mas Fern ama Ambrose... e eu acho que ele a ama também.

— Você bateu sua cabeça? — Sarah puxou Rita de volta aos trilhos.

— Os médicos disseram que você sofreu uma lesão na parte de trás de sua cabeça que causou um sangramento lento no interior... um hematoma subdural, o médico chamou. Eles perfuraram um pequeno buraco em seu crânio para aliviar a pressão.

— Eu disse a Becker que queria o divórcio. Eu disse a ele, mãe. Ele só olhou para mim como se quisesse me matar. Isso me assustou, então corri. Ele veio atrás de mim balançando, e bati no chão muito forte onde o azulejo se encontra com o tapete. Ele é tão mau. Eu acho que desmaiei porque Becker saiu bem rápido. Eu tinha um grande galo lá... mas eu não sangrava.

— Quando foi isso?

— Terça-feira, eu acho. — Era sexta-feira à noite, quando Rita foi trazida para o pronto-socorro, e era sábado à tarde agora. Rita tinha a sorte de estar viva.

— Eu sonhei com Bailey, — a voz de Rita era arrastada e Sarah não interrompeu, sabendo que ela estava desaparecendo rapidamente. —

Sonhei que Ty estava chorando e Bailey veio, o pegou e levou-o para um passeio em sua cadeira de rodas. Ele disse: “Vamos deixar a mamãe dormir.” Eu estava tão feliz porque estava tão cansada. Eu não conseguia nem levantar a cabeça. Sonho engraçado, né?

Sarah apenas acariciou a mão de Rita e tentou não chorar. Ela teria que dizer a Rita sobre Bailey. Mas ainda não. Agora, tinha algo mais importante para fazer. Quando teve certeza de que sua filha estava dormindo e não sentiria falta dela, chamou a polícia.

Seja Sempre Grato

A janela estava aberta. Assim como sempre. O vento fazia as cortinas vibrarem um pouco e as cortinas batiam contra a soleira cada vez que uma rajada imprudente fazia uma tentativa de entrar. Não era tão tarde, tinha acabado de escurecer. Mas Fern estava ativa por 36 horas e caiu em sua cama, precisando do sono que viria aos trancos e barrancos, intercalado com o choro que machucava a cabeça e fazia sua respiração impossível.

Depois que saiu do hospital, deixou Bailey nas mãos daqueles que gostariam de realizar uma autópsia e, em seguida, transferi-lo para o necrotério, Fern e seus pais passaram o dia com Angie e Mike em sua casa, atuando como um amortecedor entre os simpatizantes e os pais em luto, aceitando alimentos e condolências com gratidão e tendo certeza que eles oferecessem conforto em troca. Ambrose voltou para a loja para ajudar seu pai e ela e Rachel mantiveram Ty com elas para que Sarah pudesse ficar com Rita. Becker tinha fugido e ninguém sabia onde estava.

Angie e Mike pareciam em estado de choque, mas estavam tranquilos e acabaram dando mais conforto do que receberam. As irmãs de Bailey tinham estado lá também, junto com seus maridos e filhos. O clima era um tanto de tristeza e celebração. Celebração de uma vida bem vivida e um filho bem-amado, e tristeza pelo fim que tinha chegado sem aviso prévio. Não havia lágrimas derramadas, mas não havia riso também. Mas risos era provavelmente, o que Bailey teria gostado. Fern tinha rido, também, cercada pelas pessoas que tinham mais amado Bailey, confortados pelo vínculo que compartilhavam.

Quando Sarah chegou para pegar Ty naquela noite, relatando que Rita ia ficar bem, Fern tinha tropeçado com gratidão para o seu quarto em busca

de conforto na solidão. Mas quando ela finalmente ficou em paz, a verdade da ausência de Bailey começou a empurrar através de suas defesas, invadindo seu coração com a dor de palavras e memórias preciosas que ele nunca diria de novo, expressões que não voltariam a cruzar seu rosto, lugares que não poderia ir, tempo que não passariam juntos. Ele se fora. E machucava. Mais do que ela pensou que fosse possível. Ela se preparou para dormir às nove horas, escovou os dentes, colocou um top e uma calça de pijama, lavou os olhos inchados com água fria só para sentir o calor da emoção inchá-los mais uma vez quando enterrou o rosto na toalha, como se pudesse extinguir o conhecimento que pulsava nas têmporas.

Mas o sono não vinha e sua dor foi amplificada por sua solidão. Ela desejava alívio, mas não encontrou nenhum na escuridão de seu quarto pequeno. Quando as cortinas retiniram alto e um lampejo de luz da lâmpada rua dançou em sua parede, não se voltou para a janela, mas suspirou, mantendo os olhos pesados fechados.

Quando sentiu uma mão suave no cabelo que estava contra os ombros, se encolheu, mas o flash de medo foi quase imediatamente substituído por uma enxurrada de boas-vindas.

— Fern?

Fern sabia de quem era a mão que tocava. Ela ainda estava deixando Ambrose acariciar seus cabelos. Sua mão era quente e grande, e o peso dele a ancorava. Ela se virou para ele em sua cama estreita e encontrou seus olhos na escuridão. Sempre na escuridão. Ele estava agachado ao lado da cama, sua parte superior do corpo recortada contra o retângulo pálido de sua janela, e seus ombros pareciam incrivelmente amplos contra o pano de fundo suave.

Sua mão vacilou quando viu seus olhos inchados e seu rosto coberto de lágrimas. Então ele retomou seus cuidados, alisando os fios de fogo de suas bochechas, pegando as lágrimas na palma da sua mão.

— Ele se foi, Ambrose.

— Eu sei.

— Eu não posso suportar isso. Dói tanto que quero morrer também.

— Eu sei —, ele repetiu baixinho, com a voz firme.

E Fern sabia que ele sabia. Ele entendia, talvez melhor do que ninguém poderia.

— Como você sabia que eu precisava de você? — Fern sussurrou em tons quebrados.

— Porque eu precisava de você —, Ambrose confessou sem artifícios, sua voz cheia de mágoa.

Fern sentou-se e os seus braços a envolveram, puxando-a para ele quando caiu de joelhos. Ela era pequena e ele maravilhosamente grande, e envolveu-a contra seu peito. Ela aninhou-se dentro dele, envolvendo os braços em volta do pescoço e afundando em seu colo como uma criança que havia sido perdida e depois encontrada, reuniu-se com aquele que mais amava.

Foi uma prova de amor de Ambrose para ela, o período de tempo em que se ajoelhou no chão duro com Fern em seus braços, deixando-a lavar a tristeza através dele. Seus joelhos doíam no concerto no ritmo constante da dor forte no peito, mas era uma dor diferente do que sentiu quando tinha perdido Beans, Jesse, Paulie e Grant no Iraque. Lá a dor estivera misturada com culpa e choque e não houve entendimento para temperar a agonia. Essa dor, essa perda, ele poderia assumir e iria arcar com isso por Fern o melhor que pudesse.

— Não me faria tão mal se eu não o amasse tanto. Essa é a ironia disso —, disse Fern depois de um tempo, sua voz áspera e grossa de lágrimas. — A felicidade de saber que amo Bailey, faz parte da dor agora. Você não pode ter um sem o outro.

— O que você quer dizer? — Ambrose sussurrando, seus lábios contra seu cabelo.

— Pense nisso. Não seria uma dor de cabeça, se não tivesse sido alegria. Eu não sentiria a perda se não tivesse havido o amor. Você não pode levar minha dor sem remover Bailey do meu coração. Eu prefiro ter essa dor agora do que nunca tê-lo conhecido. Eu só tenho que ficar me lembrando disso.

Ambrose levantou-se com ela em seus braços e deitou os dois em sua cama, com as costas contra a parede, acariciando seus cabelos e deixando-a falar. Eles acabaram enrolados em torno de si, Fern brincando com a borda do colchão, mas apoiada nos braços de Ambrose que estavam embrulhados com segurança ao seu redor.

— Você pode fazer isso ir embora, Ambrose? Só por um tempo —, ela sussurrou, seus lábios contra seu pescoço.

Ambrose congelou, seu significado tão claro como a devastação em sua voz.

— Você me disse que, quando você me beija, toda a dor vai embora. Eu quero que vá embora, também —, continuou ela melancolicamente, as cócegas de sua respiração contra a pele dele fazendo com que seus olhos rolassem para trás em sua cabeça.

Ele beijou-lhe as pálpebras, os altos planos de suas maçãs do rosto, a pequena dose de um lóbulo da orelha que a fez estremecer e amassar sua camisa em suas mãos. Ele alisou o cabelo do rosto dela, reunindo-o em suas mãos para que pudesse sentir o escorrer dele por entre os dedos quando encontrou sua boca e fez o seu melhor para retirar as memórias de sua cabeça e a tristeza do seu coração, mesmo que apenas por um tempo, do jeito que ela fazia por ele.

Ele sentiu os seios dela contra o seu peito, as coxas finas entrelaçadas com a sua própria, a pressão de seu corpo, suas mãos, pedindo-lhe para ir adiante. Mas, apesar de seu corpo uivar, implorar e seu coração gritar em seu peito, ele a beijou e a tocou, e nada mais, salvando o ato final para uma época em que a tristeza tivesse liberado suas garras e Fern não estivesse

fugindo de sentir, mas divertindo-se com ele.

Ele não queria ser um bálsamo temporário. Queria ser uma cura. Queria estar com ela sob um conjunto inteiramente diferente de circunstâncias, em um lugar diferente, num tempo diferente. No momento, Bailey teve grande importância, preenchendo todos os cantos, cada parte de Fern, e Ambrose não queria compartilhá-la, não quando eles fizessem amor.

Então ele iria esperar.

Quando ela adormeceu, Ambrose levantou-se da cama e puxou os cobertores ao redor de seus ombros, fazendo uma pausa para olhar para o vermelho escuro de seu cabelo sobre o travesseiro, a forma como a mão enrolava sob o queixo. *Não faria mal tão mal se eu não o amasse tanto.* Ele desejou que tivesse entendido isso, quando encontrou-se em um hospital cheio de soldados feridos, cheios de dor e sofrimento, incapazes de chegar a termos com a perda de seus amigos e os danos em seu rosto.

Quando ele olhou para Fern foi atingido com a verdade, ela parecia compreender intuitivamente. Como Fern disse, ele conseguira tirar os amigos de seu coração, mas ao expurgar a memória, roubaria a alegria de tê-los amado, depois de os ter conhecido, de ter aprendido com eles. Se não entendesse a dor, não iria apreciar a esperança de que começara a sentir-se de novo, a felicidade na qual estava pendurada com as duas mãos para que não escapasse.



No dia do funeral, Fern encontrava-se na porta de Ambrose às nove horas. Ela não tinha nenhuma razão para estar lá. Ambrose tinha dito que iria buscá-la às 9:30. Mas ela estava pronta muito cedo, inquieta e ansiosa.

Então disse a seus pais que iria vê-los na igreja e saiu da casa.

Elliott Young abriu a porta depois de uma breve batida.

— Fern — Elliott sorriu como se fosse o seu novo melhor amigo.

Ambrose tinha, obviamente, dito a seu pai sobre ela. Isso era um bom sinal, não era? — Oi, querida. Ambrose está vestido e decente, eu acho. Vá lá.

— Ambrose —, ele chamou pelo corredor ao lado da porta da frente.

— Fern está aqui, filho. Eu estou indo. Preciso parar na padaria no caminho. Vejo você na igreja. — Ele sorriu para Fern e pegou suas chaves, saindo pela porta da frente. A cabeça de Ambrose disparou por uma porta aberta, uma camisa branca, escondida em um par de calças da marinha fazendo-o parecer simultaneamente convidativo e intocável.

Seu rosto estava ensaboado, de um lado, o lado intocado pela violência.

— Fern? Está tudo bem? Estou atrasado?

— Não. Eu só... Eu estava pronta e não podia ficar parada.

Ele balançou a cabeça como se entendesse e pegou a mão dela enquanto se aproximava.

— Como você está, querida?

O carinho era novo, protetor, e confortou Fern como nada mais poderia. Isso também fez seus olhos se encherem de lágrimas. Ela se agarrou a sua mão e segurou as lágrimas. Chorava sem parar nos últimos dias. Quando sentia que não podia chorar mais, surpreendia a si mesma e as lágrimas vinham novamente, junto com a chuva que não parava. Tinha aplicado maquiagem naquela manhã, mais pesada do que o normal, alinhando seus olhos castanhos e colocando um rímel à prova d'água bem grosso, simplesmente porque se sentia mais forte com ele, uma espécie de armadura contra a dor. Agora, se perguntava se deveria tê-lo deixado de fora.

— Deixe-me fazer isso. — Fern estendeu a mão para a navalha que ele segurava, a necessidade de fazer algo para se distrair. Ele entregou-a e sentou-se em cima do balcão, puxando-a entre suas pernas.

— Só cresce no lado esquerdo. Eu nunca vou ser capaz de deixar crescer um bigode ou uma barba.

— Bom. Eu gosto de um homem bem barbeado, — Fern murmurou, habilmente cortando fora a espuma branca e espessa.

Ambrose estudou-a enquanto ela trabalhava. O rosto de Fern estava muito branco e seus olhos estavam sombreados, mas o vestido preto elegante destacava sua figura ágil e fazia seu cabelo vermelho ainda mais vermelho. Ambrose amava seu cabelo. Era tão Fern, tão autêntico, assim como o resto dela. Ele deslizou suas mãos ao redor de sua cintura e seus olhos fixaram nele. A atração movendo-se entre eles e Fern parou para dar um suspiro profundo, não querendo que o calor líquido em suas pernas a fizesse escorregar e lhe cortar o queixo.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — Ambrose perguntou quando ela terminou.

— Eu ajudei Bailey a se barbear. Muitas vezes.

— Entendo. — Seu olho cego desmentia suas palavras, mas seu olho esquerdo ficou apontado para seu rosto enquanto Fern pegava uma toalha de mão e retirava o resíduo, passando a mão em seu rosto para se certificar de que ela tinha conseguido o barbear mais rente e suave.

— Fern... Eu não preciso de você para fazer isso.

— Eu quero.

E ele queria, simplesmente porque gostava da maneira como sentia as mãos dela em sua pele, como sentia sua forma entre as coxas, como o cheiro dela o fazia fraco. Mas ele não era Bailey, e Fern precisava se lembrar disso.

— Vai ser difícil para você... tentar não cuidar de mim —, disse Ambrose suavemente. — Isso é o que você faz. Você cuidava de Bailey.

Fern parou aturdida e suas mãos caíram para os lados.

— Mas eu não quero que você tome conta de mim, Fern. Ok? Gostar de

alguém não significa cuidar dele. Você entendeu?

— Às vezes significa —, ela sussurrou, protestando.

— Sim. Às vezes significa. Mas não desta vez. Não comigo.

Fern parecia perdida e evitou o olhar dele, como se estivesse sendo repreendida. Ambrose inclinou o queixo para ela e inclinou-se, beijando-a suavemente, tranquilizando-a. As mãos dela se arrastaram de volta para seu rosto e ele esqueceu por um minuto o que precisava dizer com a boca cor-de-rosa se movendo contra a dele. E deixou o resto do assunto por enquanto, sabendo que ela precisava de tempo, sabendo que sua dor era muito acentuada.

Lutar

Houve um silêncio na igreja quando Ambrose levantou-se e caminhou até o púlpito. Fern não podia respirar. Ambrose odiava ser observado, e aqui era o centro das atenções. Assim, muitas das pessoas sentadas na igreja lotada iriam vê-lo pela primeira vez. A luz filtrada através dos vitrais e os padrões criados em torno do púlpito, faziam Ambrose olhar como se sua aparência fosse marcada por uma graça especial.

Ambrose olhou para a plateia, e o silêncio era tão ensurdecedor que ele deve ter questionado se sua audição havia deixado ambos os ouvidos. Ele era tão bonito, Fern pensava. Pra ela era. Não no sentido tradicional... não mais, mas porque ficou ereto e com seu queixo erguido. Ele parecia em forma e forte no seu terno azul-marinho, o corpo uma prova da sua tenacidade e do tempo que passou com o treinador Sheen na sala de wrestling. Seu olhar era firme e sua voz era forte quando começou a falar.

— Quando eu tinha onze anos, Bailey Sheen desafiou-me a uma luta.

— Risos irromperam pela sala, mas Ambrose não sorriu. — Eu conhecia Bailey porque nós fomos para a escola juntos, obviamente, mas Bailey era filho do treinador Sheen. O treinador de wrestling. O treinador que eu esperava impressionar. Eu tinha estado em cada um dos acampamentos de wrestling do treinador Sheen desde que tinha sete anos de idade. Assim como Bailey. Mas Bailey nunca lutou nos campos. Ele rolava nas esteiras e estava sempre no meio das coisas, mas nunca lutou. Eu apenas pensei que era porque ele não queria ou algo assim. Não tinha ideia de que ele tinha uma doença.

— Então, quando Bailey me desafiou para uma luta, eu realmente não sabia o que pensar. Tinha notado algumas coisas, no entanto. Tinha notado

que ele tinha começado a andar na ponta dos pés e suas pernas não eram retas e fortes. Ele vacilava e seu equilíbrio era péssimo. Caía de forma aleatória. Pensei que ele era apenas um desajeitado.

Mais risadas, desta vez mais contidas.

— Às vezes, meus amigos e eu fazíamos piadas sobre Bailey. Nós não sabíamos. — A voz de Ambrose era quase um sussurro, e ele parou para se recompor.

— Então, aqui estávamos, Bailey Sheen e eu. Bailey tinha me encurralado no fim de um dia e me perguntou se lutaria com ele. Sabia que poderia facilmente vencê-lo. Mas me perguntei se deveria... talvez deixasse treinador Sheen louco, e eu era muito maior do que Bailey. Era muito maior do que todas as crianças. — Ambrose sorriu um pouco com isso, e a sala relaxou com sua auto depreciarão. — Não sei porque eu concordei com ele. Talvez fosse o jeito que olhou para mim. Estava tão esperançoso, e eu não parava de olhar para onde seu pai estava de pé, conversando com algumas das crianças do ensino médio que estavam ajudando com o acampamento.

— Eu decidi que seria apenas uma espécie de treino com ele, você sabe, deixá-lo golpear alguns movimentos em mim da maneira que as crianças maiores do ensino médio deixavam-me fazer com eles. Mas antes que eu percebesse, Bailey tinha me derrubado, em uma perna só e prendeu sua perna à minha. Ele me pegou de surpresa, mas eu sabia o que fazer. Deitei imediatamente, mas ele me seguiu para baixo, girando para trás de mim, assim como você faz para montar. Se tivesse havido um árbitro ele deveria ter dado a queda de dois pontos, a Sheen. Ele me envergonhou um pouco, e fiquei mexido, tentando um pouco mais do que tinha feito antes.

— Estávamos frente a frente de novo, e eu poderia dizer pelo rosto de Bailey que ele estava animado. Ele atirou-se novamente, mas eu estava pronto neste momento. Bati com força e Bailey caiu no tatame duro. Segui-o para baixo e comecei a tentar imobilizá-lo. Ele estava se contorcendo e fazendo uma ponte, e eu estava rindo porque o garoto era realmente muito,

muito bom, e eu me lembro de pensar, logo antes de seu pai me tirar de cima dele, “por que Bailey não lutava?” — Ambrose engoliu em seco e seus olhos seguiram para o fim do banco onde Mike Sheen sentava-se com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Angie Sheen tinha seu braço em volta dele e sua cabeça estava em seu ombro. Ela estava chorando muito.

— Eu nunca vi o treinador Sheen tão chateado e com medo. Não antes e nem depois. O treinador começou a gritar comigo, um garoto do ensino médio me empurrou, e eu estava morrendo de medo. Mas Bailey estava sentado lá no tatame respirando com dificuldade e sorrindo. — O público caiu na gargalhada em seguida, e as lágrimas que começaram a fluir diminuíram com o humor tão necessário.

— Treinador Sheen pegou Bailey, o tirou do tatame e foi passando as mãos para cima e para baixo no corpo dele, acho que para ter certeza que eu não tinha feito nenhum dano. Bailey apenas ignorou, olhou para mim e disse: “Você estava tentando realmente, Ambrose? Você não apenas me deixou ganhar no tatame, não é?” — Mais sorrisos, mais risos. Mas Ambrose parecia estar lutando com a emoção, e a multidão aquietou imediatamente.

— Bailey só queria lutar. Ele queria uma chance de provar a si mesmo. E esse dia no ginásio, quando me levou para baixo, foi um grande momento para ele. Bailey amava wrestling. Bailey teria sido um lutador incrível se a vida tivesse lhe entregado um conjunto diferente de cartas. Mas essa não é a maneira que funciona. Mas Bailey não era amargo. E ele não reclamava. E não sentia pena de si mesmo.

— Quando eu cheguei em casa do Iraque, o treinador Sheen e Bailey vieram me ver. Eu não queria ver ninguém, porque estava amargo, estava mal e sentia pena de mim mesmo. — Ambrose enxugou as lágrimas que estavam escorrendo pelo seu rosto. — Bailey não nasceu com as coisas que eu já tomava como certas a cada dia da minha vida. Nasci com um corpo forte, livre da doença, e mais do que o meu quinhão de talento atlético. Eu sempre fui o mais forte e maior. E muitas oportunidades vieram por causa

disso. Mas eu não soube apreciar. Sentia muita pressão e me ressentia das expectativas e esperanças que as pessoas tinham por mim. Não queria decepcionar ninguém, mas queria provar a mim mesmo. Três anos atrás, deixei a cidade. Eu queria ir trilhar o meu próprio caminho... mesmo que fosse apenas por um tempo. Pensei em voltar, eventualmente, provavelmente iria lutar e fazer o que todo mundo queria que eu fizesse. Mas essa não foi a maneira que funcionou. — disse Ambrose de novo, — Não é?

— Bailey me disse que deveria vir para a sala de wrestling, que deveríamos começar a treinar. Eu ri, porque Bailey não poderia treinar, e eu não podia ver com um dos meus olhos ou ouvir de um dos meus ouvidos, e wrestling era a última coisa que eu queria fazer. Realmente só queria morrer, e pensei que porquê Paulie, Grant, Jesse e Connor estavam mortos, era o que eu merecia.

Havia um sentimento de luto na plateia que superou a tristeza pela morte de Bailey. Quando Ambrose falou os nomes de seus quatro amigos havia uma angústia que percorreu o ar, uma angústia que não tinha sido exorcizada, uma dor que não tinha aliviado. A cidade não tinha sido capaz de lamentar sua perda, não inteiramente. Também não tinha sido capaz de celebrar o retorno de um dos seus. A incapacidade de Ambrose para enfrentar o que tinha acontecido com ele e seus amigos tornou impossível para qualquer outra pessoa chegar a um acordo com ela, também.

Fern virou a cabeça e encontrou a mãe de Paul Kimball no meio da multidão. Ela apertou a mão de sua filha, sua cabeça estava inclinada, curvou-se com a emoção que permeava o ar. O treinador Sheen escondeu o rosto entre as mãos, o seu amor pelos os quatro soldados mortos quase tão profundo quanto o amor que sentia por seu filho. Fern desejava virar e encontrar os rostos de cada ente querido, para satisfazer os olhos e reconhecer o seu sofrimento. Mas talvez isso era o que Ambrose estava fazendo. Talvez reconhecesse que era tempo... e isso era com ele.

— Dois dias depois que Bailey morreu, fui ver o treinador Sheen.

Pensei que ele estaria com o coração partido. Pensei que ele iria se sentir do jeito que eu me senti no ano passado, perdendo meus amigos, questionando a Deus por isso, irritado como o inferno, basicamente fora da minha mente. Mas ele não estava.

— Treinador Sheen disse-me que quando Bailey foi diagnosticado, era como se o mundo inteiro tivesse parado de girar. Como se estivesse congelado no lugar. Disse que ele e Angie não sabiam se voltariam a ser felizes novamente. Eu me perguntei a mesma coisa em relação ao ano passado. Mas o treinador disse, olhando para trás, que o que parecera ser a pior coisa que poderia acontecer com eles acabou por ser um presente incrível. Ele disse que Bailey lhe ensinou a amar e colocar as coisas em perspectiva, para viver o presente, para dizer eu te amo muitas vezes e querer dizer isso. E a ser grato por cada dia. Ele ensinou-lhe paciência e perseverança. Ele ensinou-lhe que há coisas que são mais importantes do que lutar.

O treinador Sheen sorriu em meio às lágrimas, e ele e Ambrose compartilharam um momento com a cidade inteira olhando.

— Ele também me disse que Bailey queria que eu falasse em seu funeral. — Ambrose fez uma careta e o público riu de sua expressão. Ele esperou para que se acalmassem antes de continuar. — Vocês sabem que eu amo wrestling. Wrestling me ensinou a trabalhar duro, amadurecer, a juntar os meus pedaços, como um homem e ganhar como um também. Wrestling me fez um melhor soldado. Mas, com o treinador Sheen, eu aprendi que há coisas mais importantes do que lutar. Ser um herói no tatame não é tão importante quanto ser um herói fora do tatame, e Bailey Sheen era um herói para muitos. Ele era um herói para mim, e ele era um herói para todos na equipe wrestling.

— Shakespeare disse: “o que sorri roubando rouba algo do ladrão”. — Os olhos de Ambrose caíram em Fern e ele sorriu suavemente para a menina que o tinha feito citar Shakespeare, mais de uma vez. — Bailey é uma prova disso. Ele estava sempre sorrindo, e de muitas maneiras tinha

ritmo de vida, e não o contrário. Nem sempre podemos controlar o que nos acontece. Quer se trate de um corpo aleijado ou um rosto cheio de cicatrizes. Ou a perda de pessoas que amamos e não queremos viver sem —, Ambrose sufocou.

— Nós fomos roubados. Fomos roubados da luz de Bailey, a doçura de Paulie, a integridade de Grant, a paixão de Jesse e o amor de Beans pela vida. Nós fomos roubados. Mas eu decidi sorrir, como Bailey fez, e roubar algo do ladrão. — Ambrose olhou através das carpideiras, a quem havia conhecido toda a sua vida, e choravam abertamente. Mas sua voz ficou clara quando fechou seu discurso.

— Tenho orgulho do meu serviço no Iraque, mas não estou orgulhoso da maneira como me comportei ou a maneira que cheguei em casa. De muitas maneiras, deixei os meus amigos desapontados... e não sei se vou me perdoar por completo por sua perda. Devo-lhes alguma coisa, e eu lhes devo alguma coisa. Então, vou fazer o meu melhor para representar vocês e eles também lutando para Penn State.

Suspiros ricochetearam em torno da sala, mas Ambrose continuou sobre a resposta, animado. — Bailey acreditava que eu poderia fazê-lo, e estou indo para fazer o meu melhor, para provar que ele estava certo.



1995

— *Quantos pontos você conseguiu? — Fern desejou que Bailey retirasse a gaze enrolada no queixo para que pudesse ver por si mesma. Ela correu direto pra lá, quando ouviu a notícia.*

— *Vinte. Foi muito profundo. Eu vi o meu osso da mandíbula. — Bailey parecia animado com a gravidade da sua ferida, mas seu rosto contorceu quase que imediatamente. Ele tinha um livro no colo, como de costume, mas não estava lendo. Ele estava encostado em sua cama, sua cadeira de rodas empurrada para o lado, temporariamente abandonada. Os pais de Bailey*

tinham comprado a cama em uma loja de suprimentos médicos, poucos meses antes. Tinha barras ao longo da lateral e botões que elevariam sua parte superior do corpo para que pudesse ler, ou seus pés para que pudesse fingir que estava em um foguete voando para o espaço. Fern tinha Bailey montado nela algumas vezes até que Angie tinha firmemente dito que não era um brinquedo e nunca mais queria pegá-los brincando de nave espacial sobre ela, nunca mais.

— Dói? — Perguntou Fern. Talvez fosse por isso que Bailey estava tão triste.

— Nada. Ainda está anestesiado. — Bailey cutucou-o para mostrar a ela.

— Então o que está errado, amigo? — Fern pulou para cima da cama, balançando o seu pequeno corpo ao lado dele e empurrando o livro de lado para dar mais espaço.

— Eu não vou voltar a andar, Fern —, disse Bailey, seu queixo tremendo, fazendo com que a gaze se movesse para cima e para baixo.

— Você ainda pode andar um pouco, certo?

— Não. Eu não posso. Tentei hoje e caí. Bati meu queixo muito duro no chão. — O curativo no queixo de Bailey balançou novamente, a evidência de sua afirmação.

Por um tempo, Bailey só tinha usado sua cadeira de rodas quando chegava em casa da escola, guardando a sua força em casa durante o dia. Então o dia na escola passou a ser demais, então Angie e Mike mudaram de tática, mandando-o para a escola em sua cadeira e deixando-o até a noite, quando sua força permitiria. Mas, lentamente, de forma impiedosa, a sua liberdade à noite tornou-se cada vez mais limitada e seu tempo na cadeira aumentou. Aparentemente, agora, não estava andando mais.

— Você se lembra do último passo? — Perguntou Fern baixinho, não experiente o suficiente, aos onze, para evitar perguntas diretas que pudessem

ser dolorosas para responder.

— Não. Eu não. Ia escrever isso no meu diário. Mas eu não sei.

— Eu aposto que sua mãe desejaria que ela pudesse colocá-lo em seu livro do bebê. Ela escreveu seu primeiro passo, não foi? Ela provavelmente deseja que poder escrever o último.

— Ela provavelmente pensou que não haveria mais. — Bailey engoliu em seco e Fern poderia dizer que estava tentando não chorar. — Eu pensei que haveria mais. Mas acho que usei todos eles.

— Gostaria de dar-lhe alguns dos meus passos se pudesse, — Fern ofereceu, o queixo começou a oscilar muito. Eles choraram juntos por um minuto, duas pequenas figuras abandonadas em uma cama de hospital, cercados por paredes azuis e as coisas de Bailey.

— Talvez eu não possa tomar medidas, mas ainda posso rolar —, Bailey limpou o nariz, e deu de ombros, abandonando a sua auto piedade, seu otimismo subindo à superfície da maneira que sempre fazia.

Fern balançou a cabeça, olhando para sua cadeira de rodas com uma enxurrada de gratidão. Ele ainda podia rolar. E então sorriu.

— Você não pode andar e rolar, mas você pode ouvir rock and roll —, Fern gritou e pulou da cama para ligar um pouco de música.

— Eu posso definitivamente ouvir rock and roll. — Bailey riu. E o fez, cantando no máximo de seus pulmões enquanto Fern caminhava, rolava, dançava e saltava o suficiente pelos dois.

Não fique com medo de morrer

O lugar de descanso final de Bailey estava aninhado à esquerda de seu avô Sheen, avô de Fern também. Jessica Sheen estava um pouco além, uma mulher que morrera de câncer quando o filho dela, Mike, tinha apenas nove anos de idade. Rachel, a mãe de Fern, tinha, dezenove anos quando sua mãe morreu, ela morou na casa de seu pai para criar seu irmão, Mike, até que ele se formou no colegial e partiu para a faculdade. Como resultado, a ligação entre Rachel e Mike era mais como mãe e filho do que irmão e irmã.

Vovô James Sheen estava com seus setenta anos, quando Fern e Bailey nasceram, e morreu quando tinham cinco anos de idade. Fern lembrava dele vagamente, o cabelo branco e os olhos azuis brilhantes que tinha passado para seus filhos, Mike e Rachel. Bailey tinha herdado aqueles olhos tão vivos, intensos. Olhos que viam tudo e embebiavam tudo. Fern tinha os olhos do pai, um marrom quente profundo que confortava e consolava, um marrom profundo da cor da terra que era empilhada ao lado do buraco profundo no chão.

Fern encontrou os olhos do pai, quando ele começou a falar, com a voz um pouco rouca, reverente no ar suave, a convicção fazia sua voz tremer.

Enquanto ouvia a dedicação sincera, Fern sentiu o tremor de Ambrose como se as palavras tivessem encontrado um lugar de descanso dentro dele.

— Eu não acho que nós temos respostas para todas as perguntas. Nós não conhecemos todos os porquês. Mas eu acho que vamos olhar para trás no final de nossas vidas, se nós fizemos o melhor que pudermos, e vamos ver que as coisas que imploramos a Deus para tirar de nós, as coisas que o amaldiçoamos, as coisas que nos fizeram virar as costas a Ele ou qualquer

crença Nele, são as coisas que eram as maiores bênçãos, as maiores oportunidades de crescimento. — Pastor Taylor fez uma pausa como se reunindo seus pensamentos finais. Então procurou o rosto de sua filha entre os enlutados. — Bailey foi uma bênção... e eu acredito que nós vamos vê-lo novamente. Ele não se foi para sempre. Mas ele se foi, por agora, e o agora estendia-se em dias intermináveis sem ele. Sua ausência era como um buraco no chão, escancarado, impossível de ignorar. E o buraco que Bailey deixou levaria muito mais tempo para preencher. Fern se agarrou a mão de Ambrose e quando seu pai disse: — Amém — e as pessoas começaram a se dispersar, Fern ficou colada no lugar, incapaz de se mover, de sair de perto do buraco. Uma a uma, as pessoas se aproximaram dela, acariciavam sua mão, abraçando-a, até que finalmente só Angie e Mike ficaram com Ambrose e Fern.

A luz solar manchava o solo, passava em torno da folhagem e encontrava o chão, criando rendas feitas de mortalhas leves e delicadas sobre as cabeças dos quatro que permaneceram. E, em seguida, Fern virou-se para Angie e elas se abraçaram, inundadas com a dor da separação e da agonia da despedida.

— Eu te amo, Fern, — Angie segurou o rosto de sua sobrinha em suas mãos enquanto beijava suas bochechas. — Obrigada por amar o meu filho. Obrigada por servi-lo, por nunca deixar o seu lado. Que bênção você estar em nossas vidas. — Angie olhou para Ambrose Young, em seu corpo forte e para trás, a mão que envolvia Fern. Ela deixou os olhos descansarem no rosto sóbrio marcado por sua própria tragédia, e falou com ele.

— Espanta-me sempre como as pessoas são colocadas em nossas vidas exatamente na hora certa. É assim que Deus trabalha, é assim que Ele cuida de seus filhos. Ele deu Fern para Bailey. E agora Fern necessita seu próprio anjo. — Angie colocou as mãos nos ombros largos de Ambrose e olhou diretamente em seus olhos, sem vergonha de sua própria emoção, exigindo que ele escutasse. — Você é isso, amigo.

Fern engasgou e corou até as raízes de seu cabelo vermelho brilhante,

e Ambrose sorriu, uma curva lenta de sua boca torta. Mas Angie não tinha terminado e ela tirou uma das mãos do ombro de Ambrose para que pudesse puxar Fern no círculo. Ambrose olhou sobre a cabeça loira de Angie e encarou os olhos de seu antigo treinador. Os olhos azuis de Mike Sheen estavam vermelhos, as bochechas molhadas com a dor, mas ele inclinou a cabeça quando Ambrose encontrou seu olhar, como se destacado os sentimentos de sua esposa.

— Bailey era, provavelmente, mais preparado para morrer que qualquer pessoa que eu já conheci. Ele não estava ansioso por isso, mas não estava com medo —, disse Angie com convicção, e Ambrose olhou para longe do seu treinador e ouviu as palavras de uma mãe sábia. — Ele estava pronto para ir. Então, temos que deixá-lo ir. — Ela beijou Fern novamente e as lágrimas caíram mais uma vez. — Não há problema em deixá-lo ir, Fern.

Angie respirou fundo e deu um passo para trás, soltando suas mãos, e liberando-os de seu olhar. Então, com uma aceitação nascida de anos de tentativa, pegou a mão de seu marido e, juntos, eles deixaram o local tranquilo onde os pássaros cantavam e um caixão esperava para ser coberto de terra, segura na fé que não era o fim.

Fern caminhou para o buraco, agachou-se e puxou um punhado de pedras dos bolsos de seu vestido preto. Com cuidado, formou as palavras BS{20} aos pés da sepultura.

— Bonita Aranha? — Disse Ambrose baixinho, um pouco além de seu ombro esquerdo, e Fern sorriu, espantada que ele se lembrasse.

— Bonito Sheen. Bailey Lindo Sheen. É assim que eu sempre vou lembrar-me dele.



— Ele queria que você ficasse com isso. — Mike Sheen colocou um grande livro nas mãos de Ambrose. — Bailey foi sempre o herdeiro de seus pertences. Tudo em seu quarto tem um dono específico. Veja, ele escreveu

seu nome no interior.

Com certeza, “Para Ambrose” estava escrito no interior da tampa. Era o livro sobre mitologia, o livro que Bailey estava lendo aquele longo dia atrás, no acampamento de verão wrestling, quando Bailey tinha apresentado Ambrose para Hércules.

— Eu vou deixar vocês dois por um minuto. Eu acho que estou bem... mas então venho aqui e percebo que ele realmente se foi. E não estou bem mais. — O pai de Bailey tentou sorrir, mas a tentativa fez seus lábios tremem, virou-se e fugiu do quarto impregnado com a memória de Bailey. Fern puxou as pernas para cima e encostou o queixo nos joelhos, fechando os olhos contra as lágrimas que Ambrose podia ver vazando nas laterais. Os pais de Bailey lhes pediram para passar por aqui, dizendo que Bailey tinha pertences que queria que eles tivessem. Mas poderia esperar.

— Fern? Podemos ir. Nós não temos que fazer isso agora —, Ambrose ofereceu.

— Dói estar aqui. Mas dói não estar aqui também. — Ela deu de ombros e piscou rapidamente. — Eu estou bem. — Ela enxugou o rosto e apontou para o livro em suas mãos. — Por que ele queria que você tivesse esse livro?

Ambrose folheou as páginas do livro, sem parar no poderoso Zeus ou nos grandes seios das ninfas. Com o pesado livro em suas mãos e as pesadas memórias em seu coração, ele continuou girando até encontrar a seção e a imagem na qual tinha pensado muitas vezes desde aquele dia.

O Rosto de um Herói. Ambrose entendia muito melhor agora. A tristeza no rosto de bronze, a mão em um coração quebrado. A culpa era um fardo pesado, mesmo para um campeão mitológico.

— Hércules —, disse Ambrose, sabendo que Fern entenderia.

Ele levantou o livro para que Fern pudesse ver as páginas que ele examinava. Quando ele segurou-o na posição vertical, virando-a para que

ela pudesse ver, as páginas de espessura caíram para frente, virando para fora antes que ele pudesse segurá-las de volta, e uma folha de papel dobrada caiu no chão.

Fern inclinou-se para recuperá-la, deslizando-a aberta para averiguar a sua importância. Seus olhos se moveram para trás e para frente e seus lábios se moviam enquanto lia as palavras impressas na página.

— É a sua lista —, ela sussurrou, sua voz cheia de surpresa.

— Que lista?

— A data diz 22 de julho, 1994.

— Onze anos atrás. — Disse Ambrose.

— Nós tínhamos dez. Foi o último verão de Bailey, — Fern lembrado.

— Seu último verão?

— Antes que ele estivesse em uma cadeira de rodas. Tudo aconteceu naquele verão. A doença de Bailey tornou-se muito real.

— Então, o que diz? — Ambrose entregou para Fern e sentou-se ao lado dela, olhando para a folha de papel pautado com a margem ainda rasgada, onde Bailey tinha arrancado de um caderno. A letra era juvenil, os itens listados em uma coluna longa com detalhes listados ao lado.

— Beijar Rita? Casar? — Ambrose gargalhou. — Mesmo com dez, Bailey estava apaixonado?

— Sempre. Desde o primeiro dia. — Fern deu uma risadinha. — Comer panquecas todos os dias, inventar uma máquina do tempo, Domesticar um leão, Fazer amizade com um monstro. Você pode ver que tinha dez, né?

Ambrose riu muito, os olhos deslizando os sonhos e desejos de um Bailey de dez anos de idade. — Bater em um tirano, ser um super-herói ou um super star, passear em um carro da polícia, fazer uma tatuagem. Típico garoto.

— Viver. Ter coragem. Ser um bom amigo. Ser sempre grato. Cuidar de

Fern, — Fern sussurrou.

— Talvez não tão típico —, disse Ambrose, a própria garganta fechando com emoção. Ficaram em silêncio por um longo momento, com as mãos entrelaçadas, a página ficando embaçada quando eles lutaram com a umidade em seus olhos.

— Ele fez muitas dessas coisas, Ambrose, — Fern sufocou. — Talvez não da maneira normal, mas ele fez... ou ajudou alguém a fazê-las. — Fern entregou a página a Ambrose. — Aqui. Pertence a você o livro. O número quatro diz: Conhecer Hércules. — Fern apontou para a lista. — Para ele, você era Hércules.

Ambrose pressionou o documento precioso de volta entre as páginas do capítulo Hércules, e uma palavra saltou da página. Prêmio. Bailey não tinha esclarecido a palavra, não tinha adicionado qualquer coisa a ela. Ele tinha acabado de escrevê-lo na linha e mudou para a próxima coisa em sua lista. Ambrose fechou o livro nas páginas de sonhos antigos e campeões antigos.

Hércules tentou fazer as pazes, para equilibrar a balança, para expiar o assassinato de sua esposa e três filhos, as quatro vidas que ele tinha tomado. E embora alguns diriam que ele não era o culpado, que era loucura temporária enviada por uma deusa ciumenta, ele ainda era o responsável.

Por um tempo, Hércules tinha sequer entendido o peso dos céus em seus ombros, convencendo Atlas a entregar o peso do mundo em suas costas.

Mas Ambrose não era um deus com uma força super-humana e isto não era mitologia antiga. E alguns dias, Ambrose temia que ele se assemelhasse mais a um monstro do que um herói. As quatro vidas pelas quais se sentia responsável foram perdidas e nenhuma quantidade de trabalho ou penitência os traria de volta. Mas ele poderia viver. E poderia lutar, e se havia um lugar para além desta vida onde os jovens viviam, heróis como Bailey caminhavam de novo, quando o apito soasse e o tatame

fosse golpeado, eles sorririam e saberiam que ele lutava por eles.

Pegue um Valentão

Fern voltou a trabalhar alguns dias depois do funeral de Bailey. O Sr. Morgan a tinha coberto por quase uma semana e precisava dela de volta.

Foi mais fácil do que ficar em casa deprimida, e Ambrose estaria lá no final do seu turno. Às dez horas, Fern estava exausta. Ambrose olhou para ela e disse-lhe para ir para casa. O que a levou as lágrimas e a insegurança de Fern, o que levou a beijos e garantias de Ambrose, o que levou à paixão e frustração, o que levou a Ambrose dizendo-lhe para ir para casa. E o ciclo repetiu-se.

— Fern. Eu não vou fazer amor com você no chão da padaria, amor. E isso é o que vai acontecer se você não tirar o seu bumbum bonito daqui. Vá!

Ambrose deu um beijo no nariz sardento e empurrou-a para longe dele. — Vá.

Fern ainda estava pensando em sexo suado no chão da padaria quando saiu pela entrada dos funcionários na parte de trás da loja. Ela quase não podia suportar deixá-lo. Estar distante tornou-se uma tortura. Logo Ambrose estaria indo para a Universidade. E com Bailey morto e Ambrose longe, Fern não sabia o que iria fazer com ela mesma.

O pensamento provocou uma enxurrada de emoção que teve sua volta na entrada de funcionários, ansiosa para voltar para o seu lado. Ela perguntou o que Ambrose faria se ela o seguisse. Poderia se inscrever na Universidade e obter um empréstimo de estudante. Ela poderia viver nos dormitórios, ter um par de aulas, escrever à noite e segui-lo como um cachorrinho, da forma como ela tinha feito toda a sua vida.

Fern balançou a cabeça com firmeza, respirou fundo e caminhou em

direção a sua bicicleta. Não. Ela não ia fazer isso. Nos últimos dias, tinha pensado sobre o que viria em seguida para eles. Tinha feito seus sentimentos conhecidos. Amava Ambrose. Sempre o amou. E se Ambrose a queria em sua vida de forma permanente, não apenas como uma distração temporária ou uma rede de segurança, ele ia ter que ser o único a dizer as palavras. Ele ia ter que pedir.

Fern ajoelhou ao lado de sua bicicleta, onde estava acorrentada a uma calha e girou a combinação distraidamente. Sua mente estava longe, envolta em Ambrose e o pensamento de perdê-lo mais uma vez, e reagiu lentamente para a súbita onda de passos vindo por trás dela. Tencionando os braços em volta dela e a empurrando ao chão, fazendo-a perder o controle sobre sua bicicleta que vacilou e caiu ao lado dela.

Seu primeiro pensamento foi que era Ambrose. Ele a surpreendera no escuro antes, em frente à entrada dos empregados. Mas não era Ambrose. Ele nunca iria machucá-la. Os braços que se apoderaram dela eram mais finos, o corpo com menos músculos, mas quem quer que fosse, ainda era muito maior do que Fern. E tinha a intenção de machucá-la. Fern empurrou freneticamente o peso que pressionava o rosto contra a calçada.

— Onde ela está, Fern? — Era Becker. Seu hálito cheirava a cerveja, vômito e dias sem uma escova de dentes. O imaculado Becker Garth estava se desfazendo e Fern estava assustada mais do que qualquer coisa.

— Eu fui para a casa de sua mãe, mas está escuro. Estive observando-a por dois dias. E ela não está em casa! Não posso nem entrar em minha própria casa, Fern!

— Elas se foram, Becker, — Fern arquejou, tentando manter o terror na baía. Becker estava histérico, como se ele tivesse perdido sua sanidade quando forçara Bailey fora da estrada. A polícia não achara que Becker soubesse que eles tinham a chamada 911 de Bailey. Talvez ele pensasse que poderia simplesmente voltar para casa, agora que a poeira baixara e ninguém sabia.

— ONDE ELAS ESTÃO? — Becker agarrou o cabelo de Fern e enfiou sua bochecha na calçada. Fern estremeceu e tentou não chorar quando sentiu a queimadura e raspagem do concreto contra seu rosto.

— Eu não sei, Becker, — Fern mentiu. Não havia nenhuma maneira de dizer a Becker Garth onde sua esposa foi. — Elas disseram que estavam saindo por uns dias para descansar um pouco. Estarão de volta. — Outra mentira.

Assim que Rita havia recebido alta do hospital, ela havia dado um aviso ao seu senhorio, Sarah colocou sua casa à venda com um corretor de imóveis local e pediu que fosse mantido em sigilo. Rita estava devastada pela morte de Bailey e ficara com medo. Com Becker desaparecido, ela e sua mãe não se sentiam seguras em suas casas, em sua cidade, e liquidaram tudo o que podiam e tinham decidido ir até quando Becker não fosse mais uma ameaça, se esse dia chegasse.

O pai de Fern tinha vendido seus pertences e o que não pode ser vendido foi mantido em um depósito de propriedade da igreja. Ele tinha dado a elas US \$ 2.000 em dinheiro, e Fern tinha mergulhado em sua própria conta poupança. Em menos de uma semana, elas se foram. Fern tinha tido tanto medo por Rita. Ela não tinha pensado que precisava ter medo por si mesma.

Fern ouviu um ruído seco e sentiu uma lâmina de algo frio e afiado contra sua garganta. Seu coração parecia um cavalo de corrida em velocidade máxima, ecoando no ouvido que foi pressionado contra a calçada.

— Você e Bailey viraram-na contra mim! Você estava sempre dando-lhe dinheiro. E Sheen tentou levar o meu filho! Você sabia?

Fern apenas fechou os olhos e orou por libertação.

— Ela está com Ambrose?

— O quê?

— Ela está com Ambrose? — Ele gritou.

— Não! Ambrose está comigo! — Apenas dentro da porta da padaria. E assim, tão longe.

— Com você? Você acha que ele quer você, Fern? Ele não quer que você! Ele quer Rita. Ele sempre quis Rita. Mas agora seu rosto está todo desfigurado! — Becker cuspiu as palavras em seu ouvido.

Fern sentiu a incisão da lâmina contra a pele, e Becker moveu a faca de sua garganta para o rosto dela. — E eu vou te cortar para corresponder. Se me disser onde está Rita, só vou marcar um lado, assim você ficará como Ambrose.

Fern fechou os olhos, ofegante, em pânico, orando por livramento.

— Diga-me onde ela está! — Becker enfureceu-se com o seu silêncio e bateu na cabeça dela. A cabeça de Fern rodou, seus ouvidos estalaram e por um momento ela se perdeu, flutuando para fora e além, um alívio momentâneo do terror que se apoderara dela. Então Becker levantou arrastando Fern por seu longo cabelo vermelho antes que ela pudesse colocar seus pés debaixo dela, puxando-a sobre a calçada, atravessando a rua, e movendo-se através do campo que se estendia entre as árvores escuras atrás da loja. Fern mexeu-se, gritando contra a dor em seu couro cabeludo, tentando ficar de pé. E gritou por Ambrose.



— *Você sentiu isso?*

As palavras vieram à mente de Ambrose como se Paulie estivesse em seu ombro e falasse em seu ouvido. Seus ouvidos surdos. Ambrose esfregou sua prótese e afastou-se da mesa de mistura. Ele virou, esperando ver alguém que estivesse lá com ele. Mas a padaria estava silenciosa e vazia. Ele ouviu o expectante silêncio. E ele sentiu. Uma sensação de algo errado, um sentimento de mau presságio. Algo que ele não tinha um nome e não podia explicar.

— *Você sente isso?* — Paulie tinha dito antes que a morte houvesse separado os amigos para sempre.

Ambrose saiu da padaria em direção à porta dos fundos, por onde Fern saíra a menos de dez minutos antes. E então ele ouviu o grito dela.

Ambrose voou pela porta de saída, a adrenalina pulsando em seus ouvidos e a negação batendo em sua cabeça.

A primeira coisa que viu foi a bicicleta de Fern, de lado, a roda da frente apontando para o ar, os pedais que prendiam a metade da frente em uma ligeira inclinação, liberando a grande roda girando um pouco com o vento. Como a moto do Cosmo. Sorridente Cosmo, que queria sua família segura e seu país livre do terror. Cosmo, que morreu nas mãos de homens maus.

— Fern — Ambrose gritou em terror. E então ele viu, talvez a 100 metros de distância, Fern lutando com alguém que segurava seu braço ao redor de sua garganta e estava arrastando-a através do campo atrás da loja.

Ambrose correu, correndo através do terreno irregular, com os pés mal tocando a terra, a raiva derramando-se em suas veias. Ele fechou a distância em segundos, e quando Becker o viu chegando puxou Fern contra ele, protegendo a si mesmo. Em uma mão que tremia como alguém que estivesse além da razão, ele segurava uma faca em direção a Ambrose quando se jogou em direção a ele, aproximando-se rapidamente.

— Ela está vindo comigo, Ambrose —, ele gritou. — Está me levando para Rita!

Ambrose não diminuiu, não deixou que seus olhos descansassem em Fern. Becker Garth estava morto. Ele matou Bailey Sheen, deixou-o deitado em uma vala, sabendo muito bem que ele não poderia salvar-se. Ele tinha abusado de sua esposa, aterrorizado ela e seu filho, e agora segurava a menina que Ambrose amava como uma boneca de pano, protegendo-se da ira envolta em vingança que estava vindo para ele.

Becker xingou violentamente, ao perceber que a faca não iria evitar uma colisão com Ambrose. Largou Fern, soltando-a para que ele pudesse escapar, e gritou quando ele se virou para correr. Fern gritou, o seu medo por Ambrose evidente, na forma como ela cambaleou para trás em pé e abriu os braços como se quisesse impedi-lo de atirar-se na faca de Becker.

Becker tinha cambaleado apenas alguns passos antes de Ambrose estar em cima dele, derrubando-o no chão como Becker tinha feito com sua esposa. A cabeça de Becker colidiu com a sujeira como a cabeça de Rita havia colidido com seu chão da cozinha. Então Ambrose soltou-se, os punhos voando, esmurrando Becker como ele tinha feito no nono ano, quando Becker Garth havia aterrorizado Bailey Sheen no vestiário masculino da escola.

— Ambrose! — Fern gritou de algum lugar atrás dele, puxando-o para ela e para o presente, desacelerando os punhos e acalmando sua represa movida a raiva. De pé, ele agarrou o cabelo longo de Becker, o cabelo que parecia com o antigo de Ambrose. E arrastou-o, da maneira Becker tinha arrastado Fern, de volta para onde Fern estava balançando em seus pés, tentando não entrar em colapso. Jogou Becker e puxou Fern em seus braços. Becker caiu em uma pilha.

— Não o deixe ir embora. Não podemos deixá-lo encontrar Rita, — Fern gritou, sacudindo a cabeça e agarrando-se a ele. Mas Becker não estava indo a lugar nenhum. Ambrose varreu Fern em seus braços e a levou de volta para a loja onde a sua bicicleta ainda estava deitada, sua roda dianteira ainda girando suavemente, insensível ao drama que tinha acontecido nas proximidades.

O rosto de Fern estava sangrando ao longo de sua garganta e o sangue escorria de uma abrasão ao longo de sua bochecha. Seu olho direito já estava inchando e fechando. Ambrose sentou-a gentilmente contra o edifício, prometendo a ela que ele estaria de volta. Ele agarrou o bloqueio de arame da bicicleta que pendia da calha, e pegou seu telefone e ligou para o 911. Enquanto calmamente dizia ao operador do 911 o que havia

acontecido, e amarrou Becker Garth com a trava de bicicleta de Fern no caso dele recuperar a consciência antes que os policiais chegassem. Ambrose esperava que chegassem. Esperava que Becker acordasse logo. Queria que ele soubesse como era se sentir preso em suas costas no escuro, incapaz de mover-se, sabendo que não poderia salvar-se. O mesmo que

Bailey deveria ter sentido na nona série em um vestiário escuro, deitado em sua cadeira caída, à espera de resgate. O mesmo que Bailey deve ter sentido de bruços em uma vala, sabendo que suas tentativas de ajudar a amiga iriam custar-lhe a vida.

Então Ambrose voltou para Fern, caiu de joelhos ao lado dela, e puxou-a para o seu colo, envolvendo seus braços em volta dela gentilmente, humildemente. E sussurrou seus agradecimentos em seu cabelo quando seu corpo começou a tremer.

— *Obrigado, Paulie.*

Cuide de Fern

Baile de 2002

Fern brincava com seu decote pela centésima vez desde que chegou e alisou a saia como se tivesse, de repente, se tornado enrugada desde que ela a alisou quatro segundos atrás.

— Eu tenho batom nos meus dentes, Bailey? — Ela sussurrou para seu primo, fazendo uma careta em uma paródia de um sorriso para que ele pudesse ver as duas linhas brancas de dentes perfeitos, retos, que sofreram três longos anos em aparelhos.

Bailey suspirou e balançou a cabeça negativamente. — Você está bem, Fern. Você está ótima. Apenas relaxe.

Fern respirou fundo e imediatamente começou, nervosamente a morder o lábio que tinha acabado de cobrir com uma nova camada de batom vermelho coral.

— Merda! Agora eu sei que tenho batom nos meus dentes —, ela chorou em uma voz aguda em seus ouvidos.

— Eu já volto, ok? Só vou ao banheiro das meninas um segundo. Você vai ficar bem sem mim?

Bailey ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: — Você está brincando comigo, mulher?

Fern não tinha ido por cinco segundos e Bailey estava se dirigindo ao outro lado da pista de dança em direção ao círculo de wrestlers com quem estava querendo falar desde que chegara ao baile com Fern.

Ambrose, Paulie e Grant tinha chegado sem acompanhantes. Bailey não

sabia por quê. Se ele tivesse a chance de chamar uma menina para o Baile, a seguraria em seus braços, sentiria seu cabelo, e estaria em seus próprios pés dançando, não deixaria a oportunidade passar por ele.

Beans e Jesse estavam lá com as meninas, mas suas acompanhantes estavam amontoadas um pouco longe em uma discussão séria sobre sapatos, cabelos, vestidos e todos os outros.

Os cinco amigos de Bailey o viram chegando a uma velocidade quebra-pescoço em sua cadeira de rodas, tecendo entre os bailarinos no chão como um homem em uma missão, e eles sorriram em saudação. Eles eram bons e sempre o faziam se sentir como se não se importassem de tê-lo por perto.

— Olha aí o bom Sheen. — Grant assobiou.

Paulie endireitou a gravata borboleta de Bailey apenas um pouquinho, e Ambrose caminhou ao redor de sua cadeira, cumprimentando lhe uma vez mais.

— Você veio sozinho como o resto de nós? — Perguntou Ambrose, parando na frente de Bailey e se abaixando para que Bailey não tivesse que esticar o pescoço para fazer contato visual.

— Fale por você, cara. Estou com a encantadora Lydia, — Beans cantarolou, com os olhos em sua acompanhante.

Lydia era muito bonita, mas ela meio que deixava tudo de fora, e Bailey pensava que ela seria mais bonita se tivesse um pouco de recato como Rita. Rita mostrava apenas o suficiente para sugerir que só ficaria melhor sob suas roupas. Lydia mostrava tanta coisa que você se perguntava por que ela ainda se incomodava em se vestir. Mas Beans parecia perceber isso sobre ela.

— Marley está bonita. — Bailey elogiou a menina de Jesse, e Jesse balançou as sobrancelhas. — Sim, ela está, Sheen. Sim, ela é.

O vestido de Marley era muito revelador também, mas ela não era tão voluptuosa como Rita ou Lydia, o que fazia aparecer menos. Ela era pequena como Fern, mas tinha longos cabelos negros e um viés exótico em seus olhos e

maças do rosto. Ela e Jesse tinham sido um casal desde o segundo ano, e eles pareciam bonitos juntos.

— Estou aqui com Fern. — Bailey foi direto ao ponto, sem querer que Fern voltasse e o visse trabalhar a multidão em seu nome. Ambrose subiu imediatamente de volta a seus pés e Bailey suspirou interiormente. Ambrose agia como se Fern fosse um espião russo que o tinha levado a derramar segredos do país, em vez de uma garota que havia lhe escrito algumas cartas de amor e assinado o nome de outra pessoa. Sua reação fez Bailey se perguntar se talvez ele tivesse sentimentos por Fern afinal. Você não conseguia se irritar com algo que não importava.

Bailey olhou para Paulie e Grant e seguiu em frente, na esperança de Ambrose ouvi-lo. — Vocês que não têm acompanhantes, poderiam pedir ela para dançar? Fern está sempre cuidando de mim, mas seria bom se ela pudesse dançar com alguém além de seu primo em seu baile de formatura.

Ambrose deu alguns passos para trás e, em seguida, virou-se e foi embora sem dizer uma palavra. Grant e Paulie o assistiram ir, refletindo as expressões atordoadas em seus rostos.

Beans caiu na gargalhada e Jesse assobiou baixo e lento, balançando cabeça.

— Por que ele sempre age assim, sempre que alguém diz uma palavra sobre Fern? — Grant perguntou, com os olhos ainda no de seu amigo que se afastava.

Bailey sentiu seu rosto ficar quente e sentiu o colarinho muito apertado, de repente. Era muito difícil constranger Bailey. O orgulho era um luxo que um garoto como ele não podia pagar e ter qualquer tipo de vida, mas a repulsa de Ambrose lhe tinha envergonhado.

— Qual é o problema dele? — Perguntou Bailey, perplexo.

— Acho que ele tem uma coisa com Fern, — Beans disse, como se isso fosse uma coisa muito ultrajante.

Bailey atirou a Beans um olhar que fez Beans parar e limpar a garganta, engolindo o riso.

— Eu realmente apreciaria se vocês pedissem para dançar com ela. Se vocês acham que são muito bons para ela, então não se incomodem. Vocês quem perdem, definitivamente não ela —, disse Bailey, o calor do embaraço transformando-se em raiva.

— Ei Bailey, não há problema, cara. Eu vou pedir a ela para dançar. — Grant lhe deu um tapinha tranquilizador, no ombro.

— Sim, eu estou dentro Eu gosto de Fern. Eu adoraria dançar com ela —, Paulie concordou, balançando a cabeça.

— Eu também. Eu amo Fern, — Beans entrou na conversa, com os olhos brilhando de alegria. Bailey decidiu deixá-lo ir. Era apenas Beans. Ele não conseguia se conter.

— Você sabe que eu apoio, Sheen. Mas se eu dançar com ela, ela vai saber que algo está acontecendo —, disse Jesse com pesar. — Marley é minha menina, e todos sabem disso.

— Tudo bem, Jess. Você está certo. Eu não quero fazê-lo demasiado óbvio. — Bailey deu um suspiro de alívio.

— Então o que você vai fazer enquanto estivermos mantendo Fern ocupada? — Beans brincou.

— Eu vou dançar com Rita —, disse Bailey sem pausa.

Os quatro lutadores imediatamente explodiram em gritos e gargalhadas quando Bailey sorriu e girou em torno de sua cadeira. Fern estava caminhando de volta para o ginásio e estava se virando e olhando para ele.

— Vocês cuidam de Fern. Eu vou cuidar de Rita —, ele chamou por cima do ombro.

— Nós vamos cuidar dela. Não se preocupe —, tranquilizou Grant, acenando.

— *Nós vamos cuidar dela* —, *Paulie repetiu.* — *E eu vou cuidar de Ambrose. Ele precisa de alguém para cuidar dele também.*



— Posso ficar? — Ambrose pigarreou. Era tão difícil perguntar. Mas ele não podia sair. Agora não. Todos eles tinham ido e voltado a maior parte da noite, e da madrugada, a apenas uma hora de distância. Elliott Young tinha assumido na padaria e Joshua e Rachel Taylor haviam corrido para o lado de sua filha, quando receberam o telefonema. Fazia apenas duas semanas desde que eles foram despertados e ouviram que precisavam ir ao hospital sem saber o que tinha acontecido com Bailey. Ficou claro em seus rostos em pânico, seguidos por suas lágrimas de gratidão, que eles esperavam o pior.

Fern e Ambrose foram questionados longamente pelos oficiais. Becker Garth foi levado para o hospital em uma ambulância e, em seguida, detido sob custódia da polícia. Fern se recusou a ir para o hospital, mas tinha permitido a polícia tirar fotos de seus ferimentos. Ela estava machucada e arranhada, iria sentir tudo isso de manhã, mas agora ela dormiria em sua própria cama, e Ambrose estava parado na porta da frente, com a mão na maçaneta, pedindo a Joshua Taylor que pudesse passar a noite.

— Eu não quero ir embora. Toda vez que eu fecho meus olhos, vejo aquele bastardo arrastando-a para longe... Desculpe, senhor. — Ambrose pediu desculpas, embora realmente não tinha certeza de outra palavra que poderia ter usado para descrever Becker Garth.

— Tudo bem, Ambrose. Exatamente meus sentimentos —, Joshua Taylor sorriu palidamente. Seus olhos percorreram o rosto de Ambrose, e Ambrose sabia que não era por causa de suas cicatrizes. Eram os olhos de um pai, tentando verificar as intenções de um homem que era claramente apaixonado por sua filha.

— Vou fazer-lhe uma cama aqui. — Ele acenou com a cabeça uma vez e virou-se, afastando-se da porta, fazendo sinal para Ambrose o seguir.

Mudou-se como se tivesse envelhecido 10 anos na última semana, e Ambrose percebeu de repente que a idade Joshua Taylor realmente era muita. Ele tinha que ser 25 anos mais velho do que Elliott, o que iria colocá-lo com setenta. Ambrose realmente nunca tinha pensado sobre os pais de Fern, nunca olhou para eles do jeito que ele nunca realmente olhou para Fern até aquela noite no lago.

Eles deveriam ser bastante velhos quando Fern nasceu. Como seria a sensação de descobrir que estava tendo uma criança quando você nunca pensou teria? Como o pêndulo poderia balançar! Tal alegria imensurável ao acolher um milagre no mundo, tanta dor insondável quando essa criança é tirada do mundo. Hoje à noite, Joshua Taylor quase perdeu o milagre, e Ambrose tinha presenciado um.

O pastor pegou um lençol, um travesseiro, e uma velha colcha cor-de-rosa de um armário de linho, entrou na sala da família, e começou a fazer o sofá como se tivesse feito isso centenas de vezes.

— Eu faço, senhor. Por favor. Posso fazer isso. — Ambrose correu para aliviá-lo do dever, mas o pai de Fern acenou para ele e continuou dobrando a fronha nas almofadas e dobrando-as ao meio para Ambrose poder dobrar-se dentro como um taco.

— Pronto. Você vai se sentir confortável aqui. Às vezes, quando tenho muita coisa na minha mente e não quero manter Rachel acordada, venho aqui. Passei muitas noites neste sofá. Você é mais alto do que eu, mas acho que vai ficar bem.

— Obrigado, senhor. — Joshua Taylor concordou e deu um tapinha no ombro de Ambrose. Virou-se como se para sair, mas, em seguida, fez uma pausa, olhando para o velho tapete que embaixo do sofá onde Ambrose iria dormir.

— Obrigado, Ambrose —, respondeu ele, e sua voz quebrou com a emoção repentina. — Muitas vezes tive medo de que quando Bailey morresse algo acontecesse com Fern. É um medo ilógico, eu sei, mas suas

vidas eram tão entrelaçadas, tão ligadas. Angie e Rachel ainda descobriram que estavam grávidas no mesmo dia. Eu me preocupava que Deus havia enviado Fern com uma finalidade específica, uma missão específica, e quando essa missão fosse cumprida, ele iria levá-la para longe.

— O Senhor dá e o Senhor tira?

— Sim... algo assim.

— Eu sempre odiei essa citação.

Joshua Taylor pareceu surpreso, mas continuou. — Hoje à noite, quando você ligou... antes mesmo de falar, eu sabia que algo tinha acontecido. E eu me preparei para ouvir as notícias. Nunca direi a Rachel sobre isso. Não quero que ela tenha medo por mim. — Joshua olhou para Ambrose, e os seus grandes olhos castanhos, olhos como os de Fern, se encheram de emoção.

— Você me deu esperança, Ambrose. Talvez tenha restaurado a minha fé um pouco.

— Restaurou a minha também —, Ambrose admitiu.

Joshua Taylor pareceu surpreso mais uma vez e desta vez procurou esclarecimentos. — Como assim?

— Eu não teria ouvido o grito dela. Eu não deveria ter ouvido. Eu tinha o rádio ligado. E o mixer. Além disso, eu não ouço tudo muito bem, para começar, — Ambrose sorriu, apenas uma torção irônica de seus lábios. Mas este não era um momento para leviandade, e ele imediatamente se tornou sério mais uma vez. — Eu ouvi Paulie, meu amigo Paulie. Você se lembra de Paul Kimball?

Joshua Taylor assentiu uma vez, uma breve afirmação.

— Era como se ele estivesse de pé ao meu lado, falando no meu ouvido. Ele avisou-me, me disse para ouvir. Paulie estava sempre dizendo-nos para ouvir.

Os lábios de Joshua Taylor começaram a tremer e ele levou a mão à

boca, claramente movido por conta de Ambrose.

— Desde do Iraque, tem sido... duro... para mim acreditar que haja algo depois desta vida. Ou, dessa matéria, qualquer fim depois deste. Nós nascemos, nós sofremos, nós vemos pessoas que amamos sofrer, nós morremos. Simplesmente tudo parecia tão... tão inútil. Tão cruel. E depois fim. — Ambrose fez uma pausa, deixando a memória da voz de Paulie aquecê-lo e pressioná-lo para a frente.

— Mas depois de hoje, eu não posso dizer isso. Há muita coisa que eu não entendo... mas não entender é melhor do que não acreditar. — Ambrose parou e beliscou a ponte de seu nariz. Ele olhou para Joshua Taylor em afirmação. — Isso faz algum sentido?

Joshua Taylor pegou o braço da cadeira mais próxima e sentou-se abruptamente, quando as pernas já não podiam suportar o seu peso.

— Sim. Sim. Faz todo o sentido —, ele disse em voz baixa, balançando a cabeça. — Todo o sentido.

Ambrose sentou também, o sofá velho acolhendo seu corpo cansado em suas dobras.

— Você é um bom homem, Ambrose. Minha filha o ama. Eu posso dizer.

— Eu a amo —, disse Ambrose, mas parou sem dizer mais.

— Mas...? — Perguntou Pastor Taylor, os muitos anos de ouvir os problemas das pessoas faziam dele muito consciente quando alguém estava segurando alguma coisa.

— Mas Fern gosta de cuidar de pessoas. Estou preocupado que a minha... minha... minha... — Ambrose não conseguia encontrar as palavras.

— Precisão? — Joshua Taylor falou delicadamente.

— Minha cara feia —, Ambrose corrigiu de forma abrupta. — Estou preocupado que minha desfiguração faça Fern querer cuidar de mim. Eu não sou exatamente bonito, Pastor. E se um dia Fern me ver como eu

realmente sou e decidir que a minha necessidade por ela não é suficiente?

— Seu pai veio e me viu uma vez, a muito tempo atrás. Ele estava preocupado com a mesma coisa. Ele pensou que se ele fosse diferente a sua mãe não o teria deixado.

Ambrose sentiu um aumento imediato da dor pelo pai e um flash correspondente de raiva para a mulher que o tinha descartado por um anúncio retocado cueca.

— Posso sugerir a você o que eu sugeri a ele? — Perguntou Joshua Taylor suavemente. — Às vezes, a beleza, ou a falta dela, fica no caminho de realmente conhecer alguém. Você ama Fern porque ela é bonita?

Ambrose amava o jeito que Fern parecia. Mas ele perguntou de repente se ele amava o jeito que ela parecia porque amava o jeito que ela ria, o jeito que ela dançava, a forma como ela flutuava de costas e fazia declarações filosóficas sobre as nuvens. Ele sabia que a amava abnegadamente e seu humor e sua sinceridade. E essas coisas a faziam bonita para ele.

— Há um monte de meninas que são fisicamente mais lindas do que Fern, eu suponho. Mas você ama Fern.

— Eu amo Fern, — Ambrose prontamente concordou, mais uma vez.

— Há um monte de caras que são mais carentes... e mais feios... na cidade, mas você foi o primeiro. Fern jamais mostrou qualquer interesse por outro —, riu Pastor Taylor. — Se é tudo sobre o altruísmo, porque Fern não está lá fora olhando para começar um lar com os homens feios e rebeldes?

Ambrose riu também, e por um momento Joshua Taylor olhou para ele com carinho, o adiantado da hora e o encontro com a morte dando a conversa um elenco surreal que convidava à franqueza.

— Ambrose, Fern vê quem você realmente é. É por isso que ela te ama.

Vá para Penn State

Fern foi subjugada enquanto ajudava a empacotar as coisas de Ambrose. Ela tinha se sentido subjugada durante toda a semana. O trauma da morte de Bailey e o ataque de Becker tinham tomado seu preço e agora com Ambrose partindo, ela não sabia como se sentiria ao acordar amanhã, completamente sozinha, pela primeira vez em sua vida. Ambrose tinha ajudado a moderar a perda de Bailey. Mas quem iria temperar a partida de Ambrose?

Ela surpreendeu-se redobrando suas camisas, rebobinando as meias, brincando com as coisas que ele colocara em um lugar, sem querer colocá-los em outro, quando ele se virou para recuperar as que tinham ido embora.

— Sinto muito —, disse Fern pela décima vez na última meia hora. Afastou-se das malas abertas antes que ela pudesse fazer mais danos e começou a fazer a cama de Ambrose, simplesmente porque não tinha nada melhor para fazer.

— Fern?

Fern continuou batendo, alisando, e afofando e não olhou para Ambrose, quando ele disse o nome dela.

— Fern. Pare. Deixe. Eu vou subir de volta nela em poucas horas —, disse Ambrose.

Fern não podia parar. Ela precisava continuar fazendo, manter-se ocupada. Correu para o corredor olhando para o vazio, então ela poderia arrumar o quarto de Ambrose. Elliott estava trabalhando no turno de balanço na padaria, cobrindo Ambrose em sua última noite em casa, e a

casa estava em silêncio. Não demorou muito tempo para encontrar o aspirador, um pano de pó e Windex{21} também.

Ela zumbia ao redor da sala meio vazia de Ambrose, caçando montinhos de poeira e limpando cada superfície disponível até Ambrose suspirar profundamente, fechar a última mala e virar-se para ela com as mãos nos quadris.

— Fern.

— Sim? — Respondeu Fern olhando para uma parte da parede onde a tinta refletia palidamente a luz. Ela esfregou muito fortemente.

— Coloque o Windex para baixo e afaste-se lentamente —, Ambrose ordenou. Fern revirou os olhos, mas parou, temendo que ela estivesse fazendo mais mal do que bem. Ela colocou o Windex para baixo sobre a mesa de Ambrose. — O pano também —, disse Ambrose. Fern dobrou o pano e colocou-o ao lado do Windex. Em seguida, ela colocou as mãos nos quadris, imitando a sua postura.

— Mãos ao alto, onde eu possa vê-las.

Fern colocou as mãos para cima e, em seguida, enfiou os polegares em seus ouvidos, balançando os dedos. Em seguida, ela cruzou os olhos, estufou as bochechas, e enfiou a língua para fora. Ambrose começou a rir e pegou-a como se tivesse cinco anos e jogou ela na cama dele. Ele a seguiu para baixo, rolando para que a imobilizasse parcialmente embaixo dele.

— Sempre fazendo caretas. — Ele sorriu, correndo o dedo ao longo da ponta de seu nariz, nos lábios, e abaixo do queixo. O sorriso de Fern desapareceu quando seu dedo atravessou sua boca, e o desespero que ela tinha se ocupado evitando caiu sobre ela.

— Espere... o que é essa cara? — Perguntou Ambrose suavemente, observando o sumiço de risadas em seu semblante.

— Eu estou tentando, mas realmente é difícil ser corajosa —, disse Fern silenciosamente, fechando os olhos contra a sua leitura. — Então, esta

é a minha cara triste.

— É uma cara muito triste. — Ambrose suspirou, e seus lábios encontraram os dela e brevemente acariciaram sua boca antes de se afastar novamente. E ele viu a queda do rosto triste de Fern se romper em lágrimas que vazavam por de baixo de suas pálpebras fechadas. Então Fern estava empurrando-o, lutando para sair de seus braços, lutando para sair pela porta, para que não o fizesse sentir-se mal e tornar mais difícil para ele ir.

Sabia que ele precisava ir. Tanto quanto ela precisava que ele ficasse.

— Fern! Pare. — Era a noite no lago de novo, Fern se afastando para que ele não a visse chorar. Mas ele foi mais rápido do que ela, e sua mão disparou, prendendo a porta fechada, para que ela não pudesse sair. Em seguida, seus braços estavam ao redor dela, puxando-a contra ele, de costas para o peito, quando ela abaixou a cabeça e chorou em suas palmas.

— Shhh, querida. Shhh —, disse Ambrose. — Não é para sempre.

— Eu sei —, ela chorou e Ambrose sentiu o respirar fundo diminuindo, ganhando o controle sobre si mesma, desejando que as lágrimas a diminuíssem.

— Eu queria mostrar uma coisa —, disse Fern abruptamente, enxugando o rosto rapidamente, tentando remover os resíduos de sua dor. Então se virou para ele e suas mãos subiram para a abertura de sua camisa e começou a desfazer a linha de botões brancos.

A boca de Ambrose ficou imediatamente seca. Ele tinha pensado sobre esse momento inúmeras vezes, e ainda assim com todo o tumulto e perda, ele e Fern só tinham flertado com a borda, como se temessem cair. E a privacidade era difícil passar por aqui, enquanto os dois moravam em casa separadas, o tipo de privacidade que ele queria com Fern, o tipo que ele precisava dela. Assim, a paixão tinha sido freada e os beijos roubados, embora Ambrose estivesse achando mais difícil a cada dia.

Mas ela só abriu cerca de cinco botões para baixo antes de parar,

deslizando sua camisa aberta sobre seu peito esquerdo, logo acima da renda de seu sutiã. Ambrose olhou para o nome impresso em letras muito pequenas, um tipo de letra simples em todo o coração de Fern. Bailey.

Ambrose estendeu a mão e tocou a palavra e arrepios subiram em sua pele enquanto seus dedos roçavam contra ela. A tatuagem era nova e delicada, com aros na cor rosa, ainda não em crostas. Tinha talvez uns três centímetros de comprimento, apenas uma pequena homenagem a um amigo muito especial.

Fern deve ter sido confundida por sua expressão. — Eu me senti como um bad boy fazendo uma tatuagem. Mas eu não fiz isso para ser fodona. Eu só fiz isso porque eu queria... Eu queria mantê-lo perto de mim. E pensei que eu deveria fazer... escrever-lhe em meu coração.

— Você tem uma tatuagem, um olho roxo, e eu só vi o seu sutiã. Você está começando a ser muito difícil, Fern, — Ambrose brincou suavemente, embora o olho preto desaparecendo fizesse seu sangue ferver cada vez que ele olhava para ela.

— Você deveria ter me contado. Eu teria ido com você —, disse Ambrose quando puxou sua camiseta cinza suave sobre sua cabeça, e o olhar de Fern afiou como o seu momentos antes.

— Parece que nós dois queríamos surpreender um ao outro —, acrescentou suavemente quando ela olhou para ele. Os nomes estavam uniformemente espaçados em uma linha, assim como os túmulos brancos no topo da pequena colina memorial. Bailey não chegou a ser enterrado com os soldados, mas ele estava com eles agora, seu nome de tomara uma posição no final da linha.

— O que é isso? — Perguntou Fern, os dedos pairando sobre uma planta verde longa com folhas delicadas que agora se envolvia em torno dos cinco nomes.

— É uma *fern*[{22}](#).

— Você tem uma tatuagem... de uma samambaia? — O lábio inferior de Fern começou a tremer novamente, e se Ambrose não ficasse tão tocado por sua emoção, ele teria rido de seu beicinho de menina.

— Mas... é permanente —, ela sussurrou, horrorizada.

— Sim. É. Assim como você —, disse Ambrose lentamente, deixando que as palavras submergissem nela. Seus olhos se encontraram, e tristeza, descrença e euforia lutavam pelo domínio. Estava claro que ela queria acreditar nele, mas não tinha certeza de que o faria.

— Eu não sou Bailey, Fern. E eu não vou nunca substituí-lo. Vocês dois eram inseparáveis. Isso me preocupa um pouco, porque você vai ter o buraco de Bailey em sua vida por um longo tempo... talvez para sempre. Eu entendo buracos. Este último ano eu me senti como um daqueles flocos de neve que costumávamos fazer na escola. Aqueles em que você dobra o papel de uma certa maneira e, em seguida, corta e corta até que o papel seja rasgado. Isso é o que eu pareço, um floco de neve de papel. E cada furo tem um nome. E ninguém, nem você, nem eu, pode preencher os buracos que alguém deixou. Tudo o que podemos fazer é manter-se mutuamente longe de cair nos buracos e nunca sair novamente.

— Eu preciso de você, Fern. Não vou mentir. Eu preciso de você. Mas eu não preciso de você do mesmo jeito que Bailey precisava. Preciso de você porque dói quando estamos separados. Preciso de você porque você me faz esperançoso. Você me faz feliz. Mas eu não preciso de você para me fazer a barba ou escovar o cabelo ou limpar xarope do meu nariz. — O rosto de Fern desabou com a lembrança de Bailey e do jeito que ela tinha carinhosamente cuidado dele.

Fern cobriu os olhos, cobrindo a angústia, e seus ombros tremeram quando ela gritou, incapaz de esconder a emoção de volta.

— Bailey precisava de Fern. E você deu a ele o que ele precisava, porque você o amou. Você acha que eu preciso de você. Mas você não está convencida de que eu te amo. Então você está tentando cuidar de mim.

— O que você quer de mim, Ambrose? — Fern gritou por trás suas mãos. Ele puxou-lhe os pulsos, querendo ver seu rosto quando ele colocou tudo pra fora.

— Eu quero o seu corpo. Eu quero a sua boca. Eu quero o seu cabelo vermelho em minhas mãos. Eu quero a sua risada e suas caras engraçadas. Eu quero a sua amizade e seus pensamentos inspirados. Quero Shakespeare e a Amber Rose romancista e suas memórias de Bailey. E eu quero que você venha comigo quando eu partir.

As mãos de Fern caíram de seu rosto e, apesar de seu rosto ainda estar molhado de lágrimas, ela estava sorrindo, seus dentes afundaram em seu lábio inferior. Os olhos marejados e a boca sorridente eram uma combinação particularmente agradável, Ambrose se inclinou para frente, puxou o lábio inferior livre com os dentes, beliscando suavemente, beijando suavemente. Mas então ele se afastou de novo, com a intenção de terminar o assunto em mãos.

— Mas a última vez que pedi a alguém que eu amava para vir comigo quando eles realmente não queriam ir, eu os perdi. — Ambrose enrolou um fio de cabelo vermelho de Fern em torno de seu dedo, com a testa franzida, a boca voltada para baixo em uma careta melancólica.

— Você quer que eu vá para a Universidade com você? — Perguntou Fern.

— Mais ou menos.

— Mais ou menos?

— Eu te amo Fern. E quero que você se case comigo.

—Você quer? — Fern gritou.

— Eu quero. Não tem como ficar melhor do que isso Fern Taylor.

— Não tem? — Fern chiou.

— Isso não acontece. — Ambrose não podia deixar de rir de seu pequeno rosto incrédulo. — E se você me quiser, eu vou passar o resto da

minha vida tentando fazer você feliz, e quando você se cansar de olhar para mim, eu prometo que vou cantar.

Fern riu, um som inundado de soluços.

— Sim *ou* não? — Disse Ambrose sério, pegando-lhe a mão, a última palavra *ou*^{23} da pergunta pairando no ar entre eles.

— Sim.

Se case

As estandes estavam cheias de azul e branco e Fern sentia-se um pouco perdida, sem uma cadeira de rodas para arrumar e se sentar ao lado, mas eles tinham bons lugares. Ambrose tivera a certeza disso. Seu tio Mike estava à esquerda, Elliott e a nova mulher ao lado dele, Jamie Kimball, a mãe de Paulie. Jamie tinha trabalhado no balcão na padaria durante anos, e Elliott tinha finalmente tomado a coragem de convidá-la para sair. Até agora, tudo bem. Outra medalha de prata. Eles precisavam um do outro, mas o mais importante, mereciam um ao outro.

Era o último duelo da temporada para os Penn State Nittany Lions e Fern estava tão nervosa que ela teve que se sentar em suas mãos para que ela não retomasse seu mau hábito de roer as unhas. Sentia-se dessa forma toda vez que assistia Ambrose lutar, mesmo que ele ganhasse muito mais do que perdesse. Ela se perguntou como Mike Sheen passou por esta tortura ano após ano. Se você amasse o seu lutador, e Fern o fazia, então a luta era absolutamente angustiante de assistir.

Ambrose não tinha vencido todos os jogos. Mas teve um ano impressionante, especialmente considerando sua longa ausência do esporte e as desvantagens com as quais começou na temporada. Fern fez Ambrose prometer divertir-se e ele realmente tentou. Não mais tentando ser Sr. Universo ou Hércules ou o Homem de Ferro ou nada, mas Ambrose Young, filho de Elliott Young, noivo de Fern Taylor. Ela respirou fundo e tentou seguir seu próprio conselho. Ela era a filha de Joshua e Raquel, prima de Bailey, amante de Ambrose. E ela não trocaria de lugar com ninguém.

Ela não tinha ido com ele quando ele foi para a Universidade. Ambos

sabiam que não era possível de imediato. Fern finalmente marcou um contrato de três livros com uma editora de romances respeitada e tinha prazos a cumprir. Seu primeiro romance estaria à venda na primavera. Ambrose tinha sido convencido de que ele tinha que matar seus dragões em seus próprios pés – sua própria metáfora - ou assecclas, para lhe fazer companhia.

Ambrose tinha medo e admitiu isso. O desconforto dos olhares curiosos, os sussurros por trás das mãos, as explicações que as pessoas sentiam que eram devidas a todos caíram em cima dele. Mas estava tudo bem, também. Ele afirmou que as perguntas lhe deram a oportunidade de colocar tudo para fora, e em pouco tempo os caras na equipe de luta realmente não viam as cicatrizes. Da maneira que Fern nunca vira a cadeira de rodas de Bailey. A maneira que Ambrose finalmente olhou para além de uma planície aos dezoito anos de idade e viu Fern pela primeira vez.

O treinador da Penn State aceitou Ambrose sem promessas. Não houve bolsa quando ele chegou. Ele disse à Ambrose que poderia vir trabalhar com a equipe e eles iriam ver como tudo sairia. Ambrose tinha chegado em outubro, vindo para a equipe um mês depois de todos os outros. Mas dentro de algumas semanas, os técnicos da Penn State ficaram impressionados. Assim como os seus novos companheiros de equipe.

Fern e Ambrose começaram a escrever cartas de novo, e-mails longos cheios de *ous*, um concurso um tanto bizarro, concebido para fazer a distância parecer trivial. Fern sempre fazia questão de fechar suas cartas com o seu nome em negrito e tudo em maiúsculas, só para ter certeza que Ambrose sabia exatamente quem elas eram. Os bilhetes de amor os mantiveram rindo e chorando de saudade até os fins de semana, quando um ou outro faziam a viagem entre Hannah Lake e Penn State. E às vezes eles se encontraram em algum lugar no meio, e se perdiam um no outro por um par de dias, aproveitando ao máximo cada segundo, porque segundos tornavam-se minutos, e minutos tornavam-se preciosos quando a vida poderia ser tomada em menos de um fôlego.

Quando Ambrose entrou no tatame com a sua equipe, o coração de Fern saltou e ela acenou loucamente para que ele pudesse vê-los todos lá.

Ele os encontrou rapidamente, sabendo que eles estavam sentados naquela seção, e ele sorriu aquele sorriso torto que ela amava. Então ele mostrou a língua, cruzou os olhos e fez uma careta. Fern repetiu a ação e viu-o rir.

Então Ambrose esfregou seu peito, onde os nomes foram escritos e Fern sentiu a emoção subir em sua garganta e tocou o nome sobre o seu próprio coração. Bailey teria gostado de ver isso. Se houvesse um Deus e uma vida além desta, Bailey estava aqui, não havia dúvida na mente de Fern. Ele estaria no chão patrulhando a competição, tomando notas e pegando os nomes. Paulie, Jesse, Beans e Grant estariam lá também, sentados nas esteiras, assistindo seu melhor amigo fazer o seu melhor para viver sem eles e aplaudindo, assim como eles sempre tiveram. Até Jesse.

* * *

Fern e Ambrose se casaram no verão de 2006. A pequena igreja a qual Joshua e Rachel Taylor tinham dedicado sua vida estava lotada, e Rita foi a madrinha do casamento de Fern. Ela estava indo bem, vivendo de volta em Hannah Lake agora que Becker estava na prisão aguardando julgamento, acusado de vários delitos em três casos distintos.

Rita tinha concedido o divórcio e ela atirou-se para planejar um casamento que seria lembrado para os próximos anos. E ele se superou. Foi perfeito, mágico, mais do que até mesmo Fern poderia ter imaginado.

Mas as flores, a comida, o bolo, até a beleza da noiva e da dignidade de seu noivo não eram do que as pessoas estariam falando quando tudo acabou. Havia um sentimento no ar naquele casamento. Algo doce e especial que fazia mais de um dos convidados parar e maravilhar-se: — *Você sentiu isso?*

A família de Grant estava lá e Marley e Jesse Jr. também. Com Fern ao seu lado, Ambrose tinha finalmente feito as visitas para todas as famílias de

seus amigos mortos. Não tinha sido fácil para qualquer um deles, mas o processo de cura havia começado, embora Luisa O'Toole ainda culpasse Ambrose, e se recusou a atender a porta quando ele veio, e não fez uma aparição no casamento. Cada um lidava com a dor de forma diferente, e Luisa teria que entrar em acordo com a sua dor em seu próprio tempo. Jamie Kimball estava sentado ao lado de Elliott e de suas mãos cruzadas e olhares quentes, era fácil prever que poderia haver outro casamento antes do final do ano.

Pequeno Ty estava crescendo rápido e às vezes ele ainda gostava de rastejar na cadeira de Bailey e exigir um passeio. Mas no casamento, ninguém se sentou na cadeira de Bailey. Colocaram-na no final do banco da frente, em um lugar de honra. E, quando Fern andou pelo corredor de braços com sua mãe, seus olhos se desviaram para a cadeira de rodas vazia. Em seguida, Ambrose se adiantou para pegar a mão dela, e Fern não conseguira ver nada, apenas ele. Pastor Taylor cumprimentou sua filha com um beijo e colocou a mão no rosto cheio de cicatrizes de um homem que tinha prometido amá-la e unir-se apenas a ela, enquanto vivessem.

Quando promessas foram feitas, votos falados e um beijo que fez a maravilhada plateia se perguntar se o casal iria ficar para as festividades de depois, Joshua Taylor, com lágrimas nos olhos e um nó na garganta, dirigiu-se a eles, maravilhado com a beleza do casal que tinha chegado tão longe e sofrido tanto.

— A verdadeira beleza, do tipo que não se desvanece ao lavar, leva tempo. É preciso pressão. É preciso resistência incrível. É um gotejamento lento, que faz a estalactite, o tremor da Terra que cria as montanhas, o constante bater das ondas que quebra as pedras e suaviza as arestas. E da violência, do furor, da fúria dos ventos, do rugido das águas, que surge algo melhor, algo que de outra forma nunca existiria.

— E então nós suportamos. Temos fé de que há um propósito. Esperamos pelas coisas que não podemos ver. Acreditamos que há lições na perda, poder no amor, e que temos dentro de nós o potencial de uma

beleza tão magnífica que o nosso corpo não pode contê-la.

Epílogo

— ... e Hércules, em grande dor e sofrimento, implorou a seus amigos para acender um enorme incêndio que chegasse aos céus. Em seguida, se jogou no fogo, desesperado para extinguir a agonia do veneno que tinha sido esfregado sobre a pele.

— Do alto do Monte Olimpo, o poderoso Zeus olhou para seu filho, e vendo o tormento de sua prole heroica, virou-se para sua esposa e disse vingativo. “Ele já sofreu o suficiente. Ele provou a si mesmo”.

— Hera, olhando para Hércules, teve pena dele e concordou, enviando seu carro em chamas do céu para levantar Hércules e levá-lo para o seu lugar entre os deuses, onde o herói muito querido ainda vive até hoje, — Ambrose disse suavemente, e fechou o livro com firmeza, esperando que não houvesse argumentos para mais.

Mas o silêncio saudou a chegada triunfante, e Ambrose olhou para seu filho, perguntando se, em algum lugar entre o décimo segundo trabalho e ao final dos seis anos de idade, tinha adormecido. Cachos vermelhos vívidos dançavam em volta do rosto animado de seu filho, mas os grandes olhos escuros estavam arregalados e sóbrios com pensamento.

— Papai, você é tão forte como Hércules?

Ambrose reprimiu um sorriso e mergulhou seu pequeno sonhador em seus braços e colocou-o na cama. O tempo das histórias tinha se passado, já tinha passado da hora de dormir ou melhor, e Fern estava em algum lugar na casa sonhando com sua própria história. Ambrose tinha a intenção de interrompê-la.

— Pai, você acha que eu poderia ser um herói como Hércules algum dia?

— Você não tem que ser como Hércules, amigo. — Ambrose apagou a luz e parou na porta. — Há todos os tipos de heróis.

— Sim. Eu acho que há. Boa noite, pai!

— Boa noite, Bailey.



Sobre a Autora



Amy Harmon sabia desde cedo que escrever era algo que ela queria fazer, e ela divide seu tempo entre escrever canções e histórias como ela cresceu. Tendo crescido no meio de campos de trigo sem uma televisão, com apenas seus livros e seus irmãos para entretê-la, ela desenvolveu um forte sentimento de que fez uma boa história. Amy Harmon tem sido um palestrante motivacional, uma professora de escola primária, um alto professor júnior, uma mãe da escola para casa, e um membro do Prêmio Grammy Award winning Saints Unified Voices Choir, dirigido por Gladys Knight. Ela lançou um CD blues cristão em 2007 chamado "What I Know" (O que eu sei) -também disponível na Amazon. Seus dois primeiros livros, "Running Barefoot" e "Slow Dance in Purgatory" são ricos em humor, coração e rápido contação de histórias.

Para mais informações sobre Amy e seus livros, acesse:

[Website](#)

[Facebook](#)

[Goodreads](#)

- [\[1\]](#) Luta
- [\[2\]](#) Universidade Estadual da Pensilvânia
- [\[3\]](#) Justin Timberlake, foi líder da boyband N'Sync nos anos de 1995 a 2002.
- [\[4\]](#) Personagem de Vila Sésamo
- [\[5\]](#) A expressão *au pair*, em francês significa "a par" ou "igual" e tem sua origem na ideia de paridade econômica entre serviços trocados. Originalmente referia-se ao trabalho fornecido em troca de alojamento e comida, com ou sem remuneração.
- [\[6\]](#) Carro do exército.
- [\[7\]](#) Os Munchkins são estranhos seres pequeninos, como anões, que eram governados pela bruxa má do leste, antes dela ser esmagada pela casa de Dorothy. Eles são personagens do livro O Mágico de Oz.
- [\[8\]](#) Cachorrinho da Dorothy em O mágico de Oz.
- [\[9\]](#) Avelãs caramelizadas
- [\[10\]](#) Do original Maple Bars, são barrinhas de cereais cobertas com xarope de bordo.
- [\[11\]](#) Um par de bastões de madeira unidos por uma corrente ou cabo e usado como uma arma.
- [\[12\]](#) Isso é amor?
- [\[13\]](#) Aquele cinema americano onde as pessoas ficam no carro ou sentadas na grama.
- [\[14\]](#) High Crotch é um tipo de golpe nas lutas onde o atacante se coloca entre as pernas do adversário, tomando o controle da luta para derrubá-lo.
- [\[15\]](#) A expressão Suh Damn faz um trocadilho com o nome Saddam, e “suh damn” soa como “so damn” que significa: tão malditamente, foda etc.
- [\[16\]](#) Foda
- [\[17\]](#) Muito
- [\[18\]](#) Fern significa samambaia.
- [\[19\]](#) Maço de cigarro.
- [\[20\]](#) **BS** – Beautiful Spider (Bonita Aranha), deixei em inglês por que não faria sentido com a analogia Bonito Sheen.
- [\[21\]](#) O nosso famoso *Veja*.
- [\[22\]](#) Samambaia
- [\[23\]](#) Lembra da brincadeira de “ous” deles?